

ISSN (Versão Impressa): 1519-9894

ISSN (Versão Online): 2179-2194

# fragmentum

- 56 -

ÉMILE BENVENISTE HOJE: RETROSPECTIVAS E  
PERSPECTIVAS DE UMA TEORIA DA LINGUAGEM

ÉMILE BENVENISTE AUJOURD'HUI:  
RÉTROSPECTIVES ET PERSPECTIVES D'UNE  
THÉORIE DU LANGAGE

Valdir do Nascimento Flores (UFRGS/CNPq)  
Irène Fenoglio (ITEM-CNRS/ENS)  
Organizadores



Fragmentum / Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Artes e Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. Laboratório Corpus. N. 1 (set 2001) - . Santa Maria, 2001- .

Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum>

Semestral

ISSN 1519-9894 (versão impressa)

e-ISSN 2179-2194 (versão online)

N. 56 (jul./dez. 2020). “Émile Benveniste hoje: retrospectivas e perspectivas de uma teoria da linguagem”, organizado por Valdir do Nascimento Flores (UFRGS/CNPq), Irène Fenoglio (ITEM-CNRS/ENS).

1. Émile Benveniste 2. Língua 3. Linguagem 4. Significação 5. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) 6. Centro de Artes e Letras (CAL)

Ficha catalográfica elaborada por Luciano Rapetti – CRB 10/2031  
Biblioteca Central da UFSM

### **Editora do Programa de Pós-Graduação em Letras**

Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal de Santa Maria  
Prédio 16, CE, sala 3222 – Bloco A2  
Campus Universitário - Bairro Camobi  
CEP 97105-900 – Santa Maria, RS – Brasil  
Fones: 55 3220 8359 – 55 3220 8025  
Email: [ppglettras@ufsm.br](mailto:ppglettras@ufsm.br)  
Site: [www.ufsm.br/ppglettras](http://www.ufsm.br/ppglettras)

### **Fragmentum**

[www.ufsm.br/fragmentum](http://www.ufsm.br/fragmentum) – [fragmentum.corpus@gmail.com](mailto:fragmentum.corpus@gmail.com)

### **Data da Efetiva Circulação**

Novembro de 2020

Impresso na Imprensa Universitária da UFSM  
Avenida Roraima, 1000 – Prédio 6  
Campus Universitário - Bairro Camobi  
CEP 97119-900 - Santa Maria – RS  
Fone: (55) 3220-8249

### **Apoio**

Centro de Artes e Letras - CAL/UFSM  
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa – PRPGP/UFSM – Edital Pró-Revistas  
Pró-Reitoria de Extensão – PRE/UFSM



## ANO DA PRIMEIRA PUBLICAÇÃO

2001

### POLÍTICA EDITORIAL

*Fragmentum* é um periódico científico publicado trimestralmente nas versões impressa (ISSN 1519-9894) e on-line (ISSN 2179-2194) e destinado a pesquisadores e estudantes em nível de pós-graduação. O periódico divulga textos produzidos por pesquisadores que desenvolvem, como escopo e/ou resultado de pesquisas, as seguintes problemáticas:

a) Na Linguística, questões enunciativas e/ou discursivas, tendo por eixo diretor o campo do saber sobre a história da produção do conhecimento linguístico, a partir da análise de instrumentos linguísticos bem como de outras textualidades alicerçadas pela História das Ideias Linguística em sua relação com a Análise de Discurso de linha francesa;

b) Na Literatura, estudos comparados que têm evidenciado a relação do texto literário não apenas com seu contexto de produção como também com outras artes, mídias, saberes e formas, aproximação esta que articula artes e conhecimentos em suas especificidades, demonstrando processos de leitura, compreensão, interpretação e análise envolvidos no acesso a obras de arte e à recepção de um público especializado.

Admitem-se textos em português, francês, inglês ou espanhol. Não são aceitos textos de pesquisadores que não tenham a formação mínima de doutor. Acadêmicos de doutorado podem submeter textos à avaliação, desde que em coautoria com o professor orientador.

Com periodicidade semestral, cada novo dossiê temático será organizado por dois pesquisadores e constituído de um conjunto de artigos somados a uma resenha e à divulgação, em formato de resumo, de duas teses já defendidas, que apresentem relevância para a temática em foco. Afora essa estrutura preestabelecida, *Fragmentum* se reservará o direito de publicar entrevistas e outras textualidades inéditas, de caráter artístico e ensaístico, quando convier. Originais em francês, português e espanhol deverão apresentar título, resumo e palavras-chave na língua em que foi escrito o texto e em inglês. Para originais em inglês, título, resumo e palavras-chave deverão ser apresentados em inglês e em português.

## **Reitor da Universidade Federal de Santa Maria**

Paulo Afonso Burmann

## **Diretor do Centro de Artes e Letras**

Cláudio Antônio Esteves

## **Vice-Diretora do Centro de Artes e Letras**

Cristiane Fuzer

## **Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras**

Eliana Rosa Sturza

## **Coordenadora Geral do Laboratório Corpus**

Taís da Silva Martins

Larissa Cervo Montagner

## **Comitê Editorial**

### **Comissão Editorial**

Amanda Eloina Scherer, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil

Pedro Brum Santos, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil

Verli Petri, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil

### **Editora-Chefe**

Amanda Eloina Scherer, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil

### **Editora-Gerente**

Maria Iraci Sousa Costa, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil

### **Editores de Língua Estrangeira**

Francês - Amanda Eloina Scherer, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil

Inglês - Enéias Farias Tavares, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil

Espanhol - Germán García Bermúdez, Universidad de la República, Montevideo, Uruguay

### **Conselho Editorial**

Alcides Cardoso dos Santos, UNESP, Araraquara, SP, Brasil

Ana Paula El-Jaick, UFJF, São Pedro, MG, Brasil

Ana Zandwais, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil

Anne-Gaëlle Toutain, Université de Berne, Suisse

Beatriz Maria Eckert-Hoff, UDF, Brasília, DF, Brasil

Bethania Mariani, UFF, Niterói, RJ, Brasil

Caciane Souza de Medeiros, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil

† Carme Regina Schons, UPF, Passo Fundo, RS, Brasil

Caroline Mallmann Schneiders, UFFS, Campus Cerro Largo, RS, Brasil

Célia Marques Telles, UFBA, Salvador, BA, Brasil

Chloé Laplantine, Laboratoire Histoire des Théories Linguistiques, France

Christian Puech, Université de la Sorbonne Nouvelle Paris 3, France

Cristiane Dias, Unicamp, Campinas, SP, Brasil  
Eduardo Guimarães, Unicamp, Campinas, SP, Brasil  
Enéias Farias Tavares, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil  
Eni Puccinelli Orlandi, Unicamp, Campinas, SP; UNIVAS, Pouso Alegre, MG, Brasil  
Estanislao Sofia, Fonds Wetenschappelijk Onderzoek – Vlaanderen (FWO) à la KU Leuven, Belgique  
Evandra Grigoletto, UFPE, Recife, PE, Brasil  
Flavio Felício Botton, UFABC, Santo André, SP, Brasil  
Flávio Loureiro Chaves, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil  
Gema Sanz Espinar, Universidad de Madrid, España  
Gerson Luiz Roani, UFV, Viçosa, SP, Brasil  
Gesualda Rasia, UFPR, Curitiba, PR, Brasil  
Gisela Biancalana, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil  
Giuseppe D’Ottavi, Institut des Textes et Manuscrits Modernes, Paris (ENS/CNRS), France  
Gladys B. Morales, Universidad Nacional de Río Cuarto, Argentina  
Héliane Kohler, Université de Franche-Comté, France  
Irène Fenoglio, Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), France  
Isabel Cristina Ferreira Teixeira, Unipampa, Bagé, RS, Brasil  
José Edicarlo de Aquino, UFT, Palmas, TO, Brasil  
José Horta Nunes, Unicamp, Campinas, SP, Brasil  
José Luís Jobim de Salles Fonseca, UERJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil  
Juan Manuel López Muñoz, Universidad de Cadiz, España  
Juliana Steil, UFPEL, Pelotas, RS, Brasil  
Larissa Montagner Cervo, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil  
Lucília Maria Sousa Romão, USP, Ribeirão Preto, SP, Brasil  
Mara Ruth Glözman, Universidad de Buenos Aires, Argentina  
Márcia Helena Saldanha Barbosa, UPF, Passo Fundo, RS, Brasil  
Maria Cleci Venturini, UNIOESTE, Guarapuava, PR, Brasil  
Maria da Glória Bordini, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil  
Maria da Glória Corrêa Di Fanti, PUCRS, Porto Alegre, RS, Brasil  
Maria José R. Faria Coracini, Unicamp, Campinas, SP, Brasil  
Marianne Rossi Stumpf, UFSC, Florianópolis, SC, Brasil  
Mariasaria Zinzi, Università degli Studi di Firenze, Italia  
Marilene Weinhardt, UFPR, Curitiba, PR, Brasil  
Marluza da Rosa, UFSM, Frederico Westphalen, RS, Brasil  
Mary Neiva Surdi da Luz, UFFS, Chapecó, SC, Brasil  
Nádia Régia Maffi Neckel, UNISUL, Palhoça, SC, Brasil  
Najara Ferrari Pinheiro, UCS, Caxias do Sul, RS, Brasil  
Orna Messer Levin, Unicamp, Campinas, SP, Brasil  
Paola Capponi, Università di Torino, Italia  
Paulo Ricardo Kralik Angelini, PUCRS, Porto Alegre, RS, Brasil  
Regina Zilberman, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil  
Rejane Pivetta de Oliveira, UPF, Passo Fundo, RS, Brasil  
Silmara Dela Silva, UFF, Niterói, RJ, Brasil  
Taís da Silva Martins, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil

Valdir do Nascimento Flores, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil  
Valdir Prigol, UFFS, Chapecó, SC, Brasil  
Vanise Gomes de Medeiros, UFF, Niterói, RJ, Brasil  
Véronique Daleth, USP, São Paulo, SP, Brasil

### **Produção Editorial**

#### **Capa e Projeto Gráfico Originais**

Mirian Rose Brum-de-Paula, UFPEL, Pelotas, RS, Brasil  
Simone de Mello de Oliveira, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil

#### **Produção Gráfica**

Natália Sarzi Ledur, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil

#### **Editoração Eletrônica**

Maria Iraci Sousa Costa, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil

#### **Revisão**

Andressa Brenner, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil  
Bruna Cielo Cabrera, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil  
Denise Machado Pinto, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil  
Elivélton Assis Krümmel, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil  
Janys Kerolyn Ballejos Cruz, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil  
Kelly Guasso, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil  
Mirela Schröpfer Klein, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil

#### **Indexadores**

Rede Cariniana (IBICT)  
Portal de Periódicos da UFSM  
Latindex - Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal  
Diadorim - Diretório de Políticas Editoriais das Revistas Científicas Brasileiras  
Google Acadêmico  
ZHDK - Zürcher Hochschule der Künste  
EZB - Elektronische Zeitschriftenbibliothek  
TIB - Leibniz Information Centre for Science and Technology University Library  
WorldCat® (OCLC)

## APRESENTAÇÃO

### RETORNO A ÉMILE BENVENISTE: RETROSPECTIVAS E PERSPECTIVAS DE UMA TEORIA DA LINGUAGEM

Irène Fenoglio (ITEM- CNRS/ENS)

Valdir do Nascimento Flores (UFRGS/CNPq)

O grande psicanalista Jacques Lacan, em um importante texto publicado em 1956<sup>1</sup> e republicado em 1966, declara a propósito da urgência de a psicanálise *retornar* a Freud: “o sentido de um retorno a Freud é um retorno ao sentido de Freud” (LACAN, 1998 [1966], p. 406). Com isso, Lacan lembrava a necessidade de rever noções, textos e conceitos enfraquecidos pelo uso rotineiro para que se voltasse a ver neles a reflexão sobre os fundamentos da psicanálise. Anos mais tarde, o linguista Jean-Claude Milner faz uso da mesma ideia de *retorno*, desta vez em relação a Saussure. Em um texto intitulado “Retour à Saussure” [Retorno a Saussure]<sup>2</sup>, Milner argumenta que a linguística de Saussure “obriga os linguistas a não tomar nada como evidente; mesmo aqueles que se afastaram dela deveriam retomar, etapa a etapa, o itinerário teórico do *Curso* e enfrentar as objeções, explícitas ou implícitas, que dele decorrem” (MILNER, 2008 [2002], p. 48, grifo do autor, tradução minha).

O que o gesto do psicanalista e o do linguista – cada um a seu modo – nos ensinam? Que um retorno nunca é apenas a reiteração do mesmo; ele sempre se faz acompanhar da instauração do novo. Quer dizer, na verdade, não há um ponto de vista “neutro” a partir do qual possamos simplesmente retornar a algo; isso sempre é feito a partir de uma perspectiva outra. É essa inclusive a condição da enunciação.

De nossa parte, gostaríamos de anunciar que é tempo de retornar a

<sup>1</sup>Trata-se de “A coisa freudiana ou o sentido do retorno a Freud em psicanálise”, republicado nos *Escritos* (LACAN, 1998 [1966]). Na verdade, o texto é a ampliação de uma conferência proferida por Lacan e em 1955.

<sup>2</sup>O texto é originalmente publicado em *Lettres sur tous les sujets*, nº 12, em abril de 1994, e republicado em *Le périple structural* (MILNER, 2008 [2002]).

Benveniste. É urgente que a pesquisa linguística volte ao grande linguista francês que, como declara Agamben (2007, p. 246), “realizou uma nova ‘situação’ da linguística”. E quais seriam os termos desse retorno?

Ora, seria demasiado impor condições de leitura a um autor que escapa a qualquer possibilidade apriorística de classificação – *vis-à-vis* a amplitude de sua obra – em rótulos estanques. No entanto, cabe advertir: há, em Benveniste, muito mais do que nos acostumamos a ver.

A linguística, em geral, muito apressadamente impingiu a Benveniste o rótulo de “linguista da enunciação”; é verdade que, para outros, ele é “o linguista da gramática comparada do século XX”; para outros, ainda, ele é apenas um “generalista”. E quem é Benveniste?

Talvez o mais correto fosse responder a essa pergunta com outra: o que não é Benveniste? Para nós, Benveniste não é apenas uma qualificação simplista. Roland Barthes (1984, p. 208, tradução minha), a quem fazemos coro, é um dos primeiros a propagar essa impressão: “o lugar de Benveniste, no concerto dos grandes linguistas que marcam por sua influência todo o trabalho intelectual de nossa época, é completamente original – a ponto de ser, por vezes, me parece, subestimado”. E acrescenta: “sua obra é ainda hoje em dia duas vezes paradoxal: no que diz respeito à tradição e no que diz respeito ao que eu chamaria de a vanguarda fácil, aquela que repete ao invés de buscar” (BARTHES, 1984, p. 208, tradução minha).

É essa paradoxalidade que este número da Revista *Fragmentum* tenta recolocar na ordem do dia. E temos excelentes motivos para fazê-lo. Nos últimos anos, a divulgação de trabalhos do linguista Émile Benveniste até então desconhecidos do público em geral – especialmente o livro *Dernières leçons: Collège de France 1968-1969*, publicado na França em 2012, sob a direção de Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio, e traduzido no Brasil em 2014 – aliada a um crescente interesse pelo pensamento do autor em diversas áreas do conhecimento (antropologia, filosofia etc.) fazem crer que estamos vivendo um tempo de renovação de leitura da obra de Benveniste.

Com efeito, o autor tem suas ideias redimensionadas e o alcance de seu pensamento alargado. Essa “nova” realidade está, de certa forma, contemplada neste número da Revista *Fragmentum*. Nele, encontramos artigos que reconhecem haver uma teoria da linguagem em Émile Benveniste e não apenas uma teoria da enunciação ou uma teoria comparativa. Os temas abordados nos diferentes artigos – inclusive os ligados à chamada teoria da enunciação e à gramática comparada – não ignoram a articulação que têm com um conjunto maior de proposições, o que configura uma teoria geral

da linguagem.

Os textos, a seguir, revisam e discutem o pensamento de Benveniste sob diferentes enfoques. Assim, Gabriela Barboza, em “Até o fim de sua vida: *designação* e *significação* em Benveniste”, busca avaliar o papel ocupado pela dupla *designação-significação* na teoria da linguagem de Émile Benveniste. A análise, baseada nas ocorrências das palavras pesquisadas, mostra que *designação* e *significação* assumem papel operador no processo de análise semântica, quando empregados por Benveniste em textos relativos a estudos de comparação de línguas.

Outros textos, por sua vez, retomam o pensamento semiológico de Benveniste. É o caso do artigo de Heloisa Monteiro Rosário, “O Benveniste semiólogo: do labirinto da semiologia à noção de interpretância”, que busca mostrar como Benveniste encaminha uma discussão própria no campo da semiologia, o que envolve a noção de interpretância da língua, elaborada e proposta pelo linguista no final dos anos 1960. Em direção semelhante está o trabalho de Renata Trindade Severo e Nathália Müller Camozzato, “Questões sobre uma leitura pós-humanista de ‘Semiologia da língua’”, que analisa a leitura do artigo de Benveniste “Semiologia da língua” operada pela socióloga Vicki Kirby, a fim de evidenciar os conceitos de signo e sistema de significação que estão em jogo tanto na perspectiva pós-humanista de Kirby quanto na perspectiva linguística que privilegia o sentido de Benveniste.

O campo dos estudos benvenistianos em torno da escrita é abordado pelo artigo de Eduardo Alves Rodrigues, Cármen Lúcia Hernandez e Érica Daniela de Araújo, “A teorização de Émile Benveniste sobre escrita: (d) o ponto de vista da vida social”. Sob a perspectiva da História das Ideias Linguísticas estabelecida pela prática teórico-metodológica da Análise de Discurso, os autores analisam a teorização sobre escrita empreendida na linguística de Benveniste. Para tanto, buscam reunir condições de compreensão da escrita como *forma secundária de fala*, a partir de estudo detalhado do recente *Últimas aulas no Collège de France* (cf. supra). O tema da escrita volta a ser tratado em “O estudo da língua e sua relação com a escrita: projeções teóricas de Émile Benveniste”, de Aline Wiczikowski Rocha e Claudia Stumpf Toldo. Nele, aborda-se a relação semiológica entre o sistema da língua e o sistema da escrita. O artigo, entre outras contribuições, dá destaque à propriedade semiótica, que reveste o sistema de signos da língua, e à propriedade semântica, que reveste a produção do discurso.

A abordagem de Benveniste sobre o discurso poético é objeto de discussão por significativa quantidade de trabalhos aqui publicados.

Carolina Knack, em “O discurso poético como um ‘problema linguístico’ nas notas de Benveniste: percursos metodológicos para a abordagem da significação”, apresenta uma possibilidade de leitura das notas manuscritas de Émile Benveniste a respeito do discurso poético presentes no dossiê *Baudelaire*, publicado em 2011, na França. O objetivo é explorar percursos metodológicos delineados pelo linguista para a abordagem do mecanismo da significação desse discurso. Para tanto, a autora identifica categorias de análise e procedimentos metodológicos programaticamente delineados por Benveniste. Em “Dossiê *Baudelaire*: o encontro da poética de Benveniste com a poética de Meschonnic”, Daiane Neumann, com base no mesmo dossiê, busca refletir acerca da relação entre a poética de Émile Benveniste e a poética de Henri Meschonnic. A autora se dedica, também, a estudar os dois volumes de *Problemas de linguística geral*, enfatizando, nos livros, o que importa à literatura. Por fim, o trabalho tece considerações sobre o encontro da poética de Benveniste com a poética de Meschonnic, via análise de texto literário. Finalmente, Sabrina Vier, em “Dossiê *Baudelaire* e a natureza da linguagem poética”, por meio do estudo de fólios do dossiê *Baudelaire*, objetiva problematizar a natureza da linguagem poética. Os resultados apontam que o material do poeta é a palavra-escrita e a palavra-ícone, a unidade do poema. Assim, o poeta dá a emoção e não diz a emoção: a palavra-ícone (imagem e emoção) instaura correspondências suscitadas pela emoção e pela experiência.

Aspectos mais ligados à reflexão da linguística geral de Benveniste são contemplados pelos textos “Linguística da enunciação e distanciamento social: uma reflexão sobre presença e ausência a partir do sistema pronominal”, de Charlies Uilian de Campos Silva, “O tempo dos verbos como categoria de análise textual”, de Alena Ciulla, e “O que ainda tem a nos dizer Benveniste sobre *língua*, *linguagem* e *linguística* em ‘Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística?’”, de Jomson Teixeira da Silva Filho. O primeiro busca compreender como o cenário de distanciamento social está relacionado às reflexões que formam a teoria enunciativa de Émile Benveniste. Assim, partindo das reflexões sobre pronomes e discutindo noções de pessoa, tempo, espaço e subjetividade, é proposta uma perspectiva teórica capaz de instaurar uma dimensão ética na teoria enunciativa. O segundo se dedica a reavaliar, sob a perspectiva benvenistiana, o tempo verbal, tradicionalmente classificado em presente, pretérito e futuro. Com base na proposta do autor de distinguir os tempos dos verbos de acordo com a relação que estabelecem com a instância do discurso de quem fala, a autora apresenta uma abordagem inicial de análise do sistema de tempos verbais

do português, investigando como os planos de enunciação podem estar associados a diferentes modos de conduzir o *processus* textual. O terceiro artigo, por sua vez, como sugere seu título, pretende apresentar uma (re) leitura do texto “Vistas d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística” de Benveniste, com o intuito de discutir os conceitos de “língua”, “linguagem” e “linguística” ali presentes. Para tanto, elege-se, como chave de leitura, o princípio epistemológico segundo o qual, para Benveniste, há uma relação constitutiva entre homem e linguagem, o que configura uma reflexão antropológica.

Vários outros ângulos da teoria benvenistiana são enfocados nos demais trabalhos que integram este número da revista *Fragmentum*. O artigo “Literatura e enunciação: o eu e o duplo, entre narrador-protagonista e interlocutor, em *Grande sertão: veredas*”, de Fabrício Magalhães de Souza e Juciane dos Santos Cavalheiro, faz uma análise do duplo a partir da relação entre narrador-protagonista e o seu interlocutor em *Grande sertão: veredas*. O trabalho se baseia em Nicole Bravo – que analisa o duplo como um mito literário característico da literatura ocidental e defende seu surgimento atrelado à experiência subjetiva – e no estudo do sistema pronominal promovido por Émile Benveniste.

Em “A teoria da linguagem de Émile Benveniste: uma abertura para os estudos em aquisição da linguagem”, Carmem Luci da Costa Silva, Giovane Fernandes Oliveira e Marlete Sandra Diedrich defendem que a teoria da linguagem de Émile Benveniste abre possibilidades para os estudos em aquisição da linguagem. Para provar isso, os autores realizam um movimento *retrospectivo* de retorno às reflexões benvenistianas sobre a relação da criança com sua língua materna e a escrita dessa língua e um movimento *prospectivo* com a análise de recortes enunciativos de experiências da criança na linguagem.

Os distúrbios de linguagem são tratados à luz da teoria da linguagem de Benveniste em “Epistemologia enunciativa na clínica fonoaudiológica do autismo”, da autoria de Isabela Barbosa do Rêgo Barros e Lorena Grace Alves do Vale. Nesse estudo, as autoras discutem os princípios epistemológicos da teoria enunciativa de Benveniste que podem se fazer presentes na clínica fonoaudiológica que trata o autismo.

Lilian Castelo Branco de Lima, Emanuel César Pires de Assis e Wemylla de Jesus Almeida, em “Émile Benveniste: ‘o homem na língua’ entre a linguística, literatura e a antropologia – uma revisão integrativa em pesquisas na pós-graduação do Brasil”, procedem a uma interessante revisão

integrativa da literatura em dissertações e teses que abordem as ideias de Émile Benveniste e à identificação dos programas de pós-graduação no Brasil aos quais elas são vinculadas. O objetivo é investigar a incidência com que as obras do autor serviram de fundamentação para as análises desenvolvidas por pesquisadores brasileiros e os diálogos estabelecidos para dar suporte aos estudos dos objetos de pesquisa.

Por último, em “O tradutor Benveniste: uma reflexão a partir de ‘La traduction, la langue et l’intelligence’”, Sara Luiza Hoff e Valdir do Nascimento Flores discorrem sobre a relação de Émile Benveniste com a tradução, tanto enquanto objeto teórico quanto como prática. Para isso, apresentam o manuscrito inédito “La traduction, la langue et l’intelligence”, publicado em 2016, em que a tradução tem papel de destaque, para, em seguida, considerar as escolhas feitas por Benveniste em uma tradução de um trecho de *Moby Dick* no texto “L’eau virile”, de 1945.

Finalmente, esse conjunto bastante expressivo de artigos se encerra com a resenha da autoria de Giovane Fernandes Oliveira a respeito do livro “Émile Benveniste, 50 ans après les *Problèmes de linguistique générale*”, organizado por Giuseppe D’Ottavi e Irène Fenoglio e publicado em 2019.

Como se pode ver, a revista *Fragmentum* entrega à comunidade científica da linguística brasileira um conjunto de trabalhos que reflete a potencialidade e a atualidade do pensamento de Benveniste. Teríamos cumprido nosso papel ao organizá-lo se o seu conteúdo servisse não apenas para manter, mas também para renovar a presença de Benveniste entre nós.

Uma última palavra de agradecimento gostaríamos de dirigir à equipe da revista *Fragmentum*, cujos esforços foram incansáveis para viabilizar que este projeto viesse a público.

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **Estâncias**: a palavra e o fantasma na cultura ocidental. Tradução de Selvino José Assmann. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- BARTHES, Roland. **Le bruissement de la langue** - Essais critiques IV. Paris: Seuil, 1984.
- BENVENISTE, Émile. **Dernières leçons** - Collège de France 1968-1969. Paris : EHSS; Gallimard; Seuil, 2012.
- \_\_\_\_\_. Últimas aulas no Collège de France 1968 e 1969. Tradução de

---

Daniel Costa da Silva *et al.* São Paulo: Editora Unesp, 2014.

LACAN, Jacques. A coisa freudiana ou o sentido do retorno a Freud em psicanálise. In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998 [1966]. p. 402-437.

MILNER, Jean-Claude. **Le périple structural**: Figures et paradigme. Paris: Verdier, 2008 [2002].

## “ATÉ O FIM DE SUA VIDA”: *DESIGNAÇÃO* E *SIGNIFICAÇÃO* EM BENVENISTE<sup>1</sup>

### “UNTIL THE END OF HIS LIFE”: *DESIGNATION* AND *MEANING* IN BENVENISTE

Gabriela Barboza

Colégio Militar de Porto Alegre, CMPA, RS, Brasil

*Resumo:* Este artigo tem por objetivo geral o de verificar e discutir o papel ocupado pela dupla *designação-significação* na teoria da linguagem de Émile Benveniste. Para atingir nosso objetivo, sistematizamos um aparato metodológico que permitisse a observação e a discussão das ocorrências das palavras pesquisadas. Seleccionados os contextos discursivos, operou-se com os movimentos de compreensão *lato e stricto sensu* para a discussão do valor do par em cada contexto. Com isso, chegamos à compreensão de que *designação* e *significação* assumem papel operador no processo de análise semântica, quando empregados em textos relativos a estudos de comparação de línguas.

*Palavras-chave:* designação; significação; teoria da linguagem; Benveniste.

*Abstract:* This article has the general objective of verifying and discussing the role played by the pair *designation-meaning* in Emile Benveniste's language theory. In order to achieve our goal, we systematized a methodological apparatus that allowed the observation and discussion of the occurrences of the words searched. Once the discursive contexts were selected, the *lato* and *stricto sensu* comprehension movements were used to discuss the value of the pair in each context. With that, we come to the understanding that *designation* and *meaning* assume an operator role in the process of semantic analysis, when used in texts related to language comparison studies.

*Keywords:* designation; meaning; language theory; Benveniste.

### Considerações iniciais

*Benveniste é, sem dúvida, o linguista do século XX que mais se dedicou tanto à descrição das complexidades da língua e das línguas quanto à análise*

---

<sup>1</sup>Agradeço aos avaliadores e à editora pela leitura qualificada do texto. Sem o diálogo com eles estabelecido, sem seu olhar aguçado, este trabalho não teria sido possível.

---

*metalinguística e epistemológica, levando muito seriamente a tarefa de Saussure em "mostrar ao linguista o que ele faz"* (FENOGLIO, 2019b, p.184.)

Desde a publicação de seu livro *Problemas de Linguística Geral* (PLG) até muito recentemente, as pesquisas que se filiavam a Émile Benveniste eram, de modo geral, voltadas ao campo da Enunciação e seus efeitos/desdobramentos. Com a publicação, em 2012, de *Dernières Leçons au Collège de France – 1968 et 1969*<sup>3</sup>, obra organizada por Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio, parece-me, entretanto, ocorrer uma reconfiguração no campo dos estudos benvenistianos. Explico-me.

Com a publicação das últimas aulas de Benveniste, houve uma renovação das possibilidades de estudos aventadas pela sua obra. Vislumbraram-se outros caminhos, novas entradas, muitos deles presentes em outros escritos seus, afinal esse texto póstumo foi estabelecido a partir de notas preparatórias para as aulas e de apontamentos feitos por alunos que assistiram aos seminários. Como o lançamento dessa obra é ainda recente, todo seu impacto está por ser avaliado; por ora, o que se pode afirmar é que ela teve grande reverberação, tanto na Europa como no Brasil: a obra, publicada em 2012 na França, “provocou uma verdadeira avalanche de reações. Muitas foram as manifestações que comemoraram a oportunidade de saber mais sobre o que pensava o maior linguista da França. Entre nós, no Brasil, julgo, não será diferente.” (FLORES, 2014, p. 09).

E, de fato, não foi: tendo em vista as possibilidades abertas com a publicação de manuscritos selecionados, criaram-se novas perspectivas de estudos com, sobre e a partir de Benveniste, como pesquisas sobre a escrita, sobre a semiologia e suas implicações, dentre tantas outras que têm sido publicadas.

A publicação de um livro de suas últimas aulas lembrou-nos que, mais do que possível, é necessário ter outros olhares sobre Benveniste que vão além dos estudos enunciativos. “Ir além” não significa aqui criar novos caminhos, além dos já irretocavelmente traçados por estudiosos como Normand (1996, 2009), Fiorin (2008), Flores (2013, 2015, 2016a, 2016b, 2019), Flores e Teixeira (2005, 2011), Teixeira (2012) dentre outros.

---

<sup>2</sup>Tradução livre. No original: “Benveniste est sans doute le linguiste du XX<sup>e</sup> siècle qui s’est le plus engagé à la fois dans la description des complexités de la langue et des langues et dans l’analyse métalinguistique et épistémologique, prenant très au sérieux l’engagement de Saussure de « montrer au linguiste ce qu’il fait ».”

<sup>3</sup>A tradução para o português do Brasil se chama *Últimas Aulas no Collège de France – 1968-1969*. Neste trabalho, a obra será referida como *Últimas Aulas*.

Significa dar apenas um ou dois passos em direção a aspectos ainda não explorados, cuja existência só foi lembrada com o lançamento de *Últimas Aulas* (2012). Significa olhar para sua obra buscando questões sobre a linguagem como um todo, e não apenas para seus elementos enunciativos, para o sujeito e para as “categorias” que evidenciam a subjetividade.

O surgimento de *Dernières Leçons* foi tão impactante que, atualmente, é possível observar que houve um movimento de pesquisadores que se detêm sobre a escrita como objeto de pesquisa passaram a considerar Benveniste como um autor de referência para seus estudos; além disso, os investigadores que já se alinhavam a Benveniste passaram a dirigir seus olhares também para esse fenômeno, o que, antes da publicação dessa obra póstuma, era menos comum.. De modo geral, a nova visada apresentada na obra de 2012 nos deixou mais à vontade para empreender investigações que não estivessem necessariamente ligadas à Enunciação, o que tornou possível que nos colocássemos mais fortemente como estudiosos da linguagem. Ouso dizer que está em curso uma reconfiguração do campo de estudos benvenistianos, em que a Enunciação deixa de ser o centro e passa a integrar uma reflexão maior a respeito da linguagem<sup>4</sup>. Isso significa que há uma alteração nas reflexões *sobre e a partir* de Benveniste, mas não nas reflexões *do* linguista; o que se alterou foi nosso modo de olhar, perspectivamente, para sua obra.

Esse “novo retorno” a Benveniste trouxe à luz questões anteriormente deixadas à margem/não demarcadas por exegetas do mestre. Parece-me ter sido isso o que aconteceu com o par *designação-significação*. A notável relevância adquirida por essa dupla conceitual se dá a partir de seu (re) aparecimento na aula 14, publicada em *Últimas Aulas*, quando Benveniste se detém a considerar a “escrita enquanto *operação* e em suas *denominações*” (BENVENISTE, 2014, p. 167, grifos do original).

No início de sua 14<sup>a</sup> aula, Benveniste informa que vai operar um redirecionamento do olhar que estava lançando para *a escrita*:

Até aqui estudamos a escrita enquanto *fenômeno* e na perspectiva da língua para analisar o seu funcionamento. Hoje, gostaria de considerar a escrita enquanto *operação* e em suas *denominações*. A operação só existe se denominada. Há, portanto, aqui, um processo linguístico: como uma língua nomeia o ato que lhe dá expressão escrita. Que significam os termos empregados, e não o que designam, o que já sabemos. É uma análise de

<sup>4</sup>A afirmação de Benveniste como um teórico da linguagem (e não somente da Enunciação) não surgiu com a publicação de *Últimas Aulas*: autores como Claudine Normand, Valdir Flores, Jean-Claude Coquet, Irène Fenoglio e Gérard Dessons já o afirmavam reiteradamente. Entretanto, com tal publicação, ganhou mais força esse argumento.

terminologia que é instrutiva se, e na medida em que, podemos distinguir entre a designação e a significação. (BENVENISTE, 2014, p. 167, grifos do original).

Para além da reflexão gerada a partir de uma visada terminológica sobre como diferentes línguas e diferentes culturas nomeiam o ato de escrever<sup>5</sup>, há, também, no excerto apresentado, o aparecimento do par *designação-significação*. Sem nos fornecer muita explicação sobre tais termos, Benveniste considera que será esclarecedor, para conceber a escrita como operação, observar os diferentes modos com que as línguas representam o ato de escrever, na medida em que seja possível fazer diferença entre *designação* e *significação*<sup>6</sup>. Entretanto, não somos capazes de compreender, com o que nos é fornecido no texto, a que se refere o mestre quando coloca essa dupla no rol de seus termos. Considero que é a partir desse trecho de Últimas Aulas que a designação e a significação passam a ser (re)consideradas, por leitores de Benveniste na contemporaneidade, relevantes para a compreensão do pensamento do semanticista.

Certamente, Benveniste já se valia do par *designação-significação* ao longo de seus estudos<sup>7</sup>, sobretudo em seus trabalhos sobre o léxico; porém é somente com a publicação de Últimas Aulas (2014) que se alteram o estatuto e a relevância do par conjuntamente, uma vez que a significação, apesar de ser objeto de constantes reflexões na obra do linguista, não era colocada, até então, em relação com a designação.

Diante do ressurgimento, na fortuna crítica, de designação e significação na obra de Benveniste, autores como Normand (2009), D'Ottavi

<sup>5</sup>A título de exemplo, Benveniste, em sua *Aula 14*, do livro *Últimas Aulas* (2012/2014, p. 170), examina o latim (*scribō* - “arranhar”, raspar”), o gótico (*meljan* - “pintar”, “escurecer”), o nórdico antigo (*rita* - “talhar”), o persa antigo (*dipi-*, “inscrição”), além de outras línguas, para demonstrar como diferentes sociedades nomeavam o ato de escrever.

<sup>6</sup>O movimento, que coloca em relação línguas particulares para pensar uma questão mais geral sobre as línguas e a língua, é bastante característico de Benveniste e pode ser encontrado em boa parte de seus textos, independentemente do campo de estudos da Linguística a que se filiam.

<sup>7</sup>Devido ao número bastante elevado do uso de *designação-significação* ao longo da obra de Benveniste – entre os livros utilizados em minha pesquisa, há 2131 ocorrências –, é inviável fazer referência a todos os textos em que o par figura, de modo que opto por listar as principais obras em que se pode encontrar o par conceitual em funcionamento/em teorização. São eles PLG I e II, *Vocabulário das Instituições Indoeuropeias I e II*, *Últimas Aulas no Collège de France, Langues, Cultures, Religions, La traduction, la langue et l'intelligence*. O leitor encontrará o par em funcionamento também em outras obras do linguista, como em *Noms d'agent et noms d'action en indo-européen* e *Origine de la formation des noms en indo-européen*, entretanto, estas não fazem parte de meu *corpus* de análise.

(2014), Fenoglio (2016b, 2019a), Malamoud (2016), estabeleceram, cada qual a seu modo, relações entre o par *designação-significação* e as reflexões benvenistianas. A tematização do par *designação-significação*, entretanto, é desenvolvida, pelos linguistas citados, de modo secundário em suas leituras, uma vez que estes procuram, em seus textos, demonstrar outro ponto de vista maior sobre a teoria da linguagem de Benveniste. Dito de outro modo, a dupla *designação-significação* é utilizada como meio para encaminhar/sustentar o argumento dos autores para seus objetivos e não como fim/objeto de estudo. Em síntese, temos a designação e a significação sendo utilizadas como: a) meio para se chegar à construção do campo da palavra *savoir* em *Vocabulário das Instituições Indo-europeias (Vocabulário)* (D'OTTAVI, 2014); b) dispositivo método-epistemológico para construir uma noção de civilização laica ancorada no conceito de escrita (FENOGLIO, 2016b, 2019a); c) uma das provas da abordagem antropológica da linguagem em Benveniste (MALAMOUD, 2016); d) reflexão que propicia a proposição do par semiótico/semântico, essenciais para a compreensão da referência em Benveniste (NORMAND, 2009). Contudo, nenhuma das quatro pesquisas encontradas se dedica a explorar, em profundidade, na obra de Benveniste, do que se fala quando nos referimos ao par *designação-significação*.

Há, portanto, uma demanda que se apresenta: percorrer os caminhos de Benveniste para compreender a designação e a significação - eis o objetivo deste trabalho. Fenoglio (2016b, p. 209) afirma que o par *designar-significar* ocupou boa parte dos estudos de Benveniste e são conceitos que “continua a explorar até o fim de sua vida”. A autora também nomeia o par como “prática metodológica designar-significar” (tradução livre<sup>8</sup>) (FENOGLIO, 2019a, p. 31). Os conceitos, de modo geral, não são nem evidentes nem uniformes nas obras de Benveniste, como já se sabe (FLORES, 2013), de modo que se impõe como necessidade refazer os caminhos percorridos pelo linguista e os traços por ele deixados sobre o par *designação-significação*.

### **Designação e significação nas obras e nos textos - os contextos discursivos e suas ocorrências**

Verificada a necessidade de se realizarem estudos que tomem *designação-significação* como tema de pesquisa, empreendi<sup>9</sup> uma investigação detalhada

<sup>8</sup>Tradução livre. No original: “pratique méthodologique désigner-signifier” (FENOGLIO, 2019a, p. 31).

<sup>9</sup>Para a pesquisa detalhada, ver Barboza (2018).

em torno desse par conceitual e de seus rastros na obra de Benveniste<sup>10</sup>; dessa pesquisa, apresento uma parte neste artigo. Seus resultados apontam para o comparecimento do par de distintos modos: 1) operador no processo de análise semântica, quando empregado em textos relativos a estudos de comparação de línguas; 2) elemento central para a emergência da (inter) subjetividade, quando os textos estão mais ligados aos estudos enunciativos; e, 3) função primordial de toda e qualquer língua, quando figuram em textos com pontos de vista mais próximos à perspectiva semiológica. De onde quer que se olhe para a obra benvenistiana, em todos os planos estão a designação e a significação, desempenhando diferentes papéis; em todos eles, sua relevância é inegavelmente fundamental, porque tocam em aspectos sensíveis a cada ponto de vista de estudo da língua abordado pelo autor. Neste artigo, entretanto, serão apresentados e discutidos dados que dizem respeito principalmente ao primeiro modo de comparecimento do par *designação-significação*.

Para iniciar a seleção do *corpus* teórico a ser utilizado na pesquisa, foram realizadas buscas simples em torno de *design-* e *signific-*, chegando a 846 ocorrências do primeiro e 1285 do segundo. Pelos dados coletados, é possível afirmar que há uma presença relativamente grande das palavras pesquisadas nas obras selecionadas de Benveniste. Insisto no caráter “relativamente grande”, pois, em comparação com a presença de *design-* e *signific-* com o termo “enunciação”<sup>11</sup>, termo que dá nome à principal teoria da linguagem atribuída a Benveniste, teremos uma grande diferença, em termos quantitativos: 38 ocorrências em PLG I; 16 em *Vocabulário I e II*; 72 em PLG II; 42 nas Últimas Aulas; 08 em *Langues, Cultures, Religions*; zero em *La traduction, la langue et l'intelligence*<sup>12</sup>.

Apesar de expressivos, os dados arrolados pouco nos informam a respeito do papel desempenhado por cada uma das ocorrências de *design-* e *signific-*, tanto na sincronia do texto a que pertence quanto na diacronia do

<sup>10</sup>Diante da impossibilidade de dar conta da totalidade de publicações do linguista, tendo em vista a abundância de sua produção em vida (MOÏNFAR, 1975), as obras consideradas para este estudo foram *Problemas de Linguística Geral I e II* (1966, 1974), *Vocabulário das Instituições Indo-europeias I e II* (1969), *Últimas aulas no Collège de France* (2014), *Langues, Cultures, Religions* (2015) e *La traduction, la langue et l'intelligence* (2016).

<sup>11</sup>Sob nenhuma hipótese, a comparação entre as palavras ora pesquisadas e “enunciação” pretende sugerir que, por haver mais frequência de ocorrências de *design-* e *signific-*, estas ocupem papel mais ou menos relevante na reflexão de Benveniste. Não é disso que se trata aqui. Almejo apenas, na quantificação empreendida na busca de palavras, uma possibilidade de vislumbrar caminhos que orientem esta pesquisa.

<sup>12</sup>Doravante, *La traduction*.

conjunto das obras. Os dados, em si, não atestam nada além da presença da palavra – sequer é possível afirmar a existência de conceitos ou noções, apenas baseando-se no quantitativo de surgimentos das palavras: é necessário observar pormenorizadamente cada obra e cada texto em sua particularidade.

Nesse sentido, tornou-se necessário afunilar mais o critério de seleção dos textos; por isso, para estabelecer minha abordagem, inspirei-me nos caminhos metodológicos propostos por: a) Ono (2007), sobre a diferenciação entre termo teórico e não teórico, e b) Benveniste (1995a)<sup>13</sup>, sobre a compreensão global e a compreensão analítica. Ancorada nas duas metodologias, realizei um deslocamento teórico aplicado à seleção e aos contextos discursivos com movimentos que nomeei compreensão *lato* e *stricto sensu*. Parece-me produtivo, em termos qualitativos, valer-me dessa estratégia de seleção que difere os textos (compreensão *lato sensu* – ligada à compreensão global de Benveniste) e agrupa os contextos discursivos em teóricos e não teóricos (compreensão *stricto sensu* – ligada à compreensão analítica), tendo em vista que, ao realizar uma leitura inicial dos trechos em que se encontram as 2131 ocorrências, muitas delas aparentavam referir-se a usos não teóricos, de modo que visualizar análises excessivamente detalhadas de toda ocorrência não seria viável para a pesquisa que ora proponho.

Em todo e cada um dos quatro textos aqui selecionados, estarão em funcionamento os movimentos de compreensão mobilizados. Embora nem sempre facilmente distintivos entre si, os movimentos de compreensão *lato sensu* e compreensão *stricto sensu* entrarão em funcionamento, respectivamente, sempre e quando se tratar de a) localizar, no âmbito das reflexões linguísticas de Benveniste, o texto a que pertence o contexto discursivo em que está(ão) inserida(s) a(s) ocorrência(s) de *design-* e *signific-*; b) interpretar o valor/papel assumido por *design-* e *signific-* nas ocorrências encontradas em cada contexto discursivo aqui destacado.

Esclarecidos os caminhos e as decisões adotados para a pesquisa, passo, de imediato, à observação das obras e de seus respectivos contextos discursivos, em ordem cronológica de publicação da obra em que se encontra cada texto.

---

<sup>13</sup>Essa sugestão metodológica de Benveniste está presente em *A forma e o sentido na linguagem*, texto que integra os PLG I.

## Problemas semânticos da reconstrução<sup>14</sup>

É preciso continuar e denunciar um vício de método na argumentação inteira. As relações morfológicas e a distribuição das formas não indicam, entre os termos que denotam a “árvore” e os termos para “fidelidade”, uma relação tal que os segundos derivem dos primeiros. Distribuem-se igualmente em cada língua e dependem uns e outros de uma mesma **significação**, que se deixa reconstituir com a ajuda do conjunto das formas atestadas. Deve-se propor a base formal como 1. *\*der-w-*, 2. *\*dr-eu-*, com o sentido de “estar firme, sólido, são”. Cf. sânscr. *dhrwa-* (para *\*druwa-* contaminado por *dhar-*), av. *drva*, ant. persa *duruwa*, “firme, são”, gr. *dro(w)ón-iskhurón* (Hes.), ant. esl. *\*su-dorwa>sūdravū*, russo *zdórov*, “são”, irl. *derb* (*\*derwo-*), “seguro”, ant. pr. *druwis*, “fé” (< “segurança”), lit. *driūtas*, “firme, poderoso”, etc. Aqui se colocam naturalmente os membros germânicos desse grupo, como o gót. *trauan*, *trausti*, etc., que dele derivam diretamente e fixaram em germânico a terminologia da “confiança”. Daí, é dessa **significação** comum que participa igualmente a **designação** da “árvore”. Ao inverso do raciocínio de Osthoff, consideramos que o *\*derwo-*, *\*<drwo-*, *\*dreu-* no sentido de “árvore” é apenas um emprego particular do sentido geral de “firme, sólido”. Não é o nome “primitivo” do carvalho que criou a noção de solidez, foi ao contrário pela expressão da solidez que se **designou** a árvore em geral e o carvalho em particular: o gr. *drūs*(gal. *Derwen*) **significa** literalmente “o sólido, o firme”. Temos um paralelo no irânico, em que “árvore” se diz *draxt* (médio persa), *diraxt* (persa moderno) que remonta ao av. *draxta-*, adjetivo de *drang-*, “ficar firme”. A concepção romântica do carvalho inspirador da fidelidade dá lugar a uma representação menos singular e provavelmente mais exata: o nome *\*drū-* da árvore nada tem de “primitivo”; é uma qualificação que, uma vez ligada ao seu objeto, se tomou na sua **designação**, e se encontrou separada da sua família semântica; daí a coexistência de dois morfemas que se tornaram distintos, como *tere* e *true* [= “árvore” e “verdadeiro”] em inglês. Vê-se aqui o quanto é falacioso o critério do “concreto” e do “abstrato”, aplicado a uma reconstrução, e quão importante é a distinção necessária entre a **significação** e a **designação**. (BENVENISTE, 1995a, p. 331-332, aspas e itálicos do autor, negritos meus).

Nesse texto, Benveniste direciona sua atenção às questões que dizem respeito a reconstrução de morfemas. Em outras palavras, ele investiga a reconstrução de sentidos de morfemas idênticos na forma, mas distintos no sentido, o que geraria, em princípio, famílias semânticas diversas.

Tomando como *a priori* o fato de que “o ‘sentido’ de uma forma linguística se define pela totalidade dos seus empregos, pela sua distribuição e pelos tipos de ligações resultantes” (BENVENISTE, 1995a, p. 320), Benveniste se põe a arrolar e descrever nove exemplos de morfemas

<sup>14</sup>Esse texto integra a parte “Léxico e Cultura” da obra PLG I de Benveniste.

formalmente idênticos, a partir de reconstruções propostas por outros estudiosos e, por fim, sua solução para a questão semântica da reconstrução. Ao tomar como único princípio anterior à análise aquele que fala do “sentido”, o sírio-francês, de alguma forma, indica-nos que, em última forma, o trabalho com reconstrução, com vocabulário, é um trabalho semântico por excelência.

No oitavo caso apresentado no texto, o mestre coloca em discussão um critério utilizado com certa frequência nos casos de reconstrução: trata-se da diferenciação entre o caráter concreto e o caráter abstrato do sentido para “comprovar” que sentido “original” gerou os demais. Benveniste claramente discorda da utilização desse critério por considerá-lo pouco preciso linguisticamente, mas, de todo modo, oferece aos leitores o exemplo da família etimológica que se refere à palavra “fidelidade” (*trust*).

Ao realizar uma reconstrução comparativa dessa família, o autor menciona a pesquisa empreendida por Hermann Osthoff (1847-1909) – em que este coloca como origem do sentido aquilo que é concreto, a árvore/carvalho, e que, posterior e supostamente, teria gerado o sentido de fidelidade, aquilo que é abstrato –, na medida em que tal pesquisa o auxilia a refutar a validade dos resultados obtidos pelo alemão. Como parte de seu modo de construção de textos<sup>15</sup>, Benveniste desconstrói, assim, o argumento de Osthoff para comprovar o seu em seguida.

Com o desenvolvimento de sua argumentação sobre as possíveis origens e relações entre “carvalho” e “fidelidade”, o semanticista chega ao par *designação-significação*. A compreensão da diferença entre um e outro é fundamental para a contra-argumentação de Benveniste sobre os critérios de “concreto” e “abstrato”, com este sendo sempre originado por aquele, como se fosse uma espécie de “evolução”. O par de termos figura, neste contexto, em 4 ocorrências de *design-* e 3 de *signific-*, ora juntos, ora separados. Nas ocorrências, *design-* assume valor de “nomeação”, “denominação”, “descrição”; em relação a *signific-*, suas ocorrências estão próximas semanticamente de “sentido”, “sentido comum/compartilhado”, “querer dizer”. Ou seja, apesar de haver vários momentos, no excerto, em que figura o par, todas as ocorrências parecem apontar mais ou menos para o mesmo sentido, qual seja: o semanticista parece atribuir um valor mais geral de *sentido* à *significação* – “Daí, é dessa significação comum que participa igualmente a designação da ‘árvore’” (BENVENISTE, 1995a, p. 332) –

<sup>15</sup>Em Flores (2019), há a apresentação em detalhe do método utilizado por Benveniste para fazer análise de vocabulário das línguas indo-europeias.

e valor de *uso/emprego específico* à designação “[...] uma vez ligada ao seu objeto, se tornou na sua designação, e se encontrou separada da sua família semântica [...]” (BENVENISTE, 1995a, p. 332, grifos meus).

### O gado e o dinheiro: pecū e pecūnia<sup>16</sup>

[...]Em todos os exemplos, *pecūnia* **significa** exclusivamente “fortuna, dinheiro” e se define por “copia nummorum”. Deve-se, então, proceder por inferência metódica, sem levar em conta as opiniões tradicionais: Se o derivado *pecūnia*, desde seus primeiros usos, tem exclusivamente o sentido de “dinheiro, fortuna, xpfiara”, é porque o termo de base *pecū* se remete exclusivamente a um valor econômico e **significa** “posse móvel”. Apenas assim se justificará o sentido constante de *pecūnia*, que, como abstrato-coletivo, generaliza o sentido próprio de *pecū*.

É em virtude de um processo distinto, inteiramente pragmático e secundário, que *\*peku*, cujo sentido era “posse móvel”, foi aplicado especificamente à realidade dita “gado”. Cumpre distinguir nesta análise os dois planos teóricos: o da **significação** e o da **designação**. Cumpre distinguir, por conseguinte, o sentido próprio de *\*peku*, revelado por seus derivados antigos, e o emprego histórico da palavra para designar o “gado”. Uma vez realizada a junção semântica entre este termo *\*peku* e esta realidade, o gado, a **designação** se fixa por um certo tempo. Mas a história não para e novas especificações ainda podem surgir: é o caso das diferenciações operadas em latim entre *pecū*, *pecus*, *-oris*, *pecus*, *-udis*. Elas dependem da história lexical do latim e não se referem mais às relações fundamentais que trouxemos à luz.

São essas relações que foram ignoradas. O resultado é que se interpreta inexatamente tanto *pecū* quanto *pecūnia*. E essas noções inexatas foram transpostas primeiro pelos latinos, depois pelos modernos, para a tradução ingênua de *pecūnia* por “riqueza em gado”, que tudo leva a refutar. Deve-se assentar, pelo contrário, que a natureza real do *pecū* primitivo se esclarece a partir do sentido real do *pecūnia* histórico. (BENVENISTE, 1995b, p. 51, aspas e itálicos do autor, negritos meus).

Esta será nossa segunda conclusão: num processo, lexical de tal natureza, é um termo de sentido geral que se encontra “aplicado a uma realidade específica e que vem a se tornar sua **designação**, e não o inverso. Tomamos aqui o lado diametralmente oposto da relação que, desde os etimologistas latinos até nossos dicionários recentes, foi estabelecida entre *pecū* e *pecūnia*.

Pode-se supor, de fato, que os termos que se remetem a formas diversas de posse são termos gerais, denotando sua relação com o possuidor, mas sem nada indicar acerca da natureza-própria da coisa possuída. A **significação** geral permite, assim, **designações** específicas que, ao longo da história, terminam por se vincular tão estreitamente a seus fica obliterado. (BENVENISTE, 1995b, p. 57, aspas e itálicos do autor, negritos meus).

<sup>16</sup>Esse texto integra o livro I – *A economia*, seção 1 – *Gado e riqueza*, da obra *Vocabulário I*.

O capítulo *O gado e o dinheiro: pecû e pecûnia* ressignifica a relação entre os termos em torno de *\*peku*. Benveniste decide retomar a análise de *\*peku* por entender que a explicação até então apresentada pelos comparatistas era insustentável em uma análise pormenorizada. Para ele, as relações estabelecidas para encontrar a raiz de *\*peku* careciam de comprovações no uso da língua, e, portanto, é o que ele faz, de modo a apontar falhas na reconstrução da família do termo.

Para dar andamento ao seu raciocínio, Benveniste seleciona três grandes grupos linguísticos – indo-iraniano, latim e germânico – e revisa as relações apresentadas em textos de diversas línguas pertencentes a esses ramos. Sua maior preocupação está centrada na relação entre os termos *pecû* e *pecûnia*.

O semanticista sírio-francês, ao contrário do que afirmavam os comparatistas, demonstra que esses termos somente estão ligados a “gado” por especificidade dos povos, mas que este nunca foi seu sentido primeiro. Nessa perspectiva, Benveniste julga pertinente que se faça a diferença entre os planos teóricos da significação e da designação, primeiras ocorrências de *design-* e *signific-* nesse contexto discursivo.

Embora denomine designação e significação como planos teóricos, não é possível afirmar que haja uma teorização de fato a respeito do que seja um e outro, pelo menos não no texto de que faz a ocorrência que ora discuto. Contudo, é possível estabelecer relações com base no que o próprio Benveniste escreve na sequência das ocorrências de *design-* e *signific-*. Vamos ao texto.

Cumpra distinguir nesta análise os dois planos teóricos: o da **significação** e o da **designação**. Cumpra distinguir, por conseguinte, o sentido próprio de *\*peku*, revelado por seus derivados antigos, e o emprego histórico da palavra para designar o “gado”. Uma vez realizada a junção semântica entre *este* termo *\*peku* e *esta* realidade, o gado, a **designação** se fixa por um certo tempo. (BENVENISTE, 1995b, p. 51, aspas e itálicos do autor, negritos meus).

Destaco, aqui, a locução “por conseguinte”, que poderia ser substituída por “em consequência, portanto, em vista disso” etc., ou seja, encaminha o enunciado para uma conclusão de algo que o antecede. Diante disso, e também pela disposição em que figuram no enunciado, é lícito se colocar em relação de sinonímia, de um lado, “significação” e “sentido próprio”, e, de outro, “designação” e “emprego histórico”. Estes me parecem ser os

valores assumidos por *design-* e *signific-* nesse trecho. Essa ocorrência, então, orienta-nos para um valor de significação como algo geral e um valor de designação como algo específico, histórico, datado.

Cabe, ainda, destacar o fato de que, nesse contexto, Benveniste especifica ainda mais o valor de *design-*: a designação parece ser o elo que liga a palavra do aparato semântico, do qual faz parte todo o léxico de uma língua, à realidade daquele léxico. É o que parece afirmar Benveniste em “uma vez realizada a junção semântica entre [...] termo e *esta* realidade”. Compreendo que seja bastante relevante destacar que a designação, nesse caso, é o que faz com que se possa pensar na relação língua-realidade, desde e sempre que se entenda que a designação não é a realidade, mas está em relação com ela.

Esses valores de significação e designação são reforçados, no mesmo artigo, no contexto da página 57, em que Benveniste sintetiza a argumentação desenvolvida em todo o texto: pontua o linguista que, ao contrário do que muitos de seus colegas afirmavam, é a aplicação da significação (termo geral) a uma realidade específica que faz surgir a designação, e não o contrário: “A significação geral permite, assim, designações específicas que, ao longo da história, terminam por se vincular tão estreitamente a seus objetos particulares que o sentido literal fica obliterado” (BENVENISTE, 1995b, p. 57). Em síntese, em todas as ocorrências de designação e significação, nesse texto, temos sentidos próximos entre si, todos situando a significação num âmbito mais geral e a designação, num âmbito mais específico, ligada a *emprego histórico*. Embora cada uma tenha uma dimensão própria, mais ampla ou mais restrita, ambas estão ligadas ao aparato semântico, cada qual à sua maneira.

### A fidelidade pessoal<sup>17</sup>

Podemos agora reconstruir o desenvolvimento das formas indo-europeias numa outra perspectiva. Dessa raiz \**dreu-* vêm os adjetivos scr. *dhruva-* (o *dh* é secundário, analógico; ocupa o lugar de um *d* antigo), ir. *druva-* “sólido, firme, em boa saúde”; com *su-* inicial, eslavo *sūdravū* “saluus, saudável”; em báltico, lit. *drutas* “forte, sólido” (cf. pruss. *druwis* “fé, garantia”, *druwit* “crer, ter fé”); em grego mesmo (fala argiva) *dro(w)ón* traduzido por *iskburón* “forte”, segundo uma glosa de Hesíquio. E um desenvolvimento em que se insere naturalmente toda a família de *Treue* (gótico *triggus* “fiel”).

Mas, de outro lado, \**dreu-* fornece também um adjetivo \* *drū* “forte,

<sup>17</sup>Esse texto integra o livro I – *A economia*, seção 2 – *Dar e tomar*, da obra *Vocabulário I*.

resistente, duro”, que se tomou o nome de “a árvore”. Daí resulta que esses desenvolvimentos lexicais se colocam em níveis diversos: o sentido de “fidelidade”, próprio do germânico, se liga diretamente ao da raiz indo-europeia, enquanto o de “árvore” logo se particularizou, por vezes, como no grego, subsistindo sozinho.

Aqui se constata plenamente a diferença entre a *significação* e a *designação*, e a distância que pode separá-las, a tal ponto que, não se dispondo de referências lexicais, muitas vezes a *designação* não permite presumir nada a respeito da *significação*. (BENVENISTE, 1995b, p. 108, aspas e itálicos do autor, negritos meus).

Em uma discussão mais ampliada do que a que se encontra em *Problemas semânticos da reconstrução*, Benveniste, nesse capítulo de *Vocabulário*, refaz os caminhos do campo de “fidelidade pessoal”, entendida pelo autor como “a ligação que se estabelece entre um homem que detém a autoridade e aquele que lhe é submisso por um compromisso pessoal” (BENVENISTE, 1995b, p. 104). Para tanto, novamente, dedica-se a desconstruir o ponto de vista estabelecido por Osthoff, o qual estudou grupo de palavras e construções ligadas a “fidelidade” em *Etymologica Parerga*.

Para Osthoff, o grego *drūs* (“carvalho”) é o símbolo concreto das qualidades que condensam sua expressão mais abstrata marcada no grupo de palavras relativo a “fidelidade”. No entanto, Benveniste falseia com facilidade tal proposição, afirmando que o carvalho é uma árvore de área específica, não estando ela na região de língua grega. Nas palavras do linguista, “os indo-europeus não podiam conhecê-lo e designá-lo [o carvalho] com um nome comum, pois ele não existe em todos os lugares” (BENVENISTE, 1995b, p. 105). Diante disso, desfaz-se rapidamente o argumento de que o sentido primeiro de fidelidade estaria ligado à firmeza do carvalho. De acordo com o linguista, de sentido primeiro, “carvalho” passa a sentido último, “restrito ao grego, de uma evolução em que ‘árvore’ é a etapa intermediária, e que deve partir de uma noção inicial como a de ‘ser firme, sólido’” (BENVENISTE, 1995b, p. 107). Assim, partindo do sentido inicial como “sólido, forte, firme”, são apontados caminhos para possíveis reconstruções do campo semântico dessa palavra.

No momento de sua reflexão em que nos perguntamos como se passou de “fidelidade” a “carvalho” – aparentemente distantes – em um mesmo campo semântico, Benveniste “constata plenamente” a diferença entre *significação* e *designação* e a distância que pode separar uma da outra. Ele vai além e afirma que, se não se dispõe de referências de uso, torna-se quase impossível ligar a designação à sua significação “original”. Os termos

*designação* e *significação* parecem adquirir valores de “sentido estabilizado”, “comum”, para *significação* e “uso específico” para *designação*.

### A tradução, a língua e a inteligência<sup>18</sup>

O que se traduz é a relação do signo com a realidade, ou seja, o valor de designação.

Aristóteles forjou o termo ἔντομα [*éntoma*] “comportando cortes”, para **designar** uma classe de seres.

Ora, é essa **designação** que é ‘traduzida’ pelo latim *insecta*.

Há aqui, portanto, dois processos independentes: um consiste em aplicar a um elemento de realidade (extralinguística) uma certa **designação**; o outro consiste em utilizar para esta **designação** um signo linguístico forjado tal qual o modelo estrangeiro (aqui, o grego).

O resultado é que se tem, em latim, **designado** os pequenos seres em questão como “insetos divididos em segmentos”, criando ou utilizando a mesma relação entre o signo e a coisa.

Naturalmente o fato de escolher *in-secta* para traduzir ἔντομα [*én-toma*] é o fenômeno material e literal de “tradução”. Ele supõe, por seu turno, uma equivalência constatada entre ἔν[en] e *in*, entre τομα[*toma*] e *-secta*.

Mas aqui o problema é diferente: quando se traduz ἔντομα[*éntoma*] por *insecta*, não se traduz o verbo τέμνω[*témnō*] em todos seus valores, mas contenta-se em utilizar uma equivalência constatada entre τέμνω e *secō* para criar um signo simétrico de ἔντομα[*éntoma*].

Traduzir é instituir, entre sua própria língua e o mundo, a mesma relação que na língua de origem, seja por equivalências literais entre os signos, se eles podem compor o mesmo “**sentido**”, seja por equivalências globais obtidas através de relações outras, que não ocorrem mais entre signos<sup>19</sup>.

<sup>18</sup>Tradução livre. No original: *La traduction, la langue et l'intelligence*. Esse texto integra a obra *Autour d'Émile Benveniste sur l'écriture*, organizado por Fenoglio et al. (2016), e faz parte dos manuscritos benvenistianos postumamente publicados.

<sup>19</sup>Tradução livre. No original: Ce qu'on traduit est le rapport du signe à la réalité, c'est-à-dire la valeur de désignation.

Aristote forge le terme ἔντομα [*éntoma*] “comportant des coupures”, pour **désigner** une classe d'êtres.

Or c'est cette **désignation** qui est ‘traduite’ par le latin *insecta*.

Il y a donc ici deux procès indépendants, l'un consiste à appliquer à un élément de réalité (extra-linguistique) une certaine **désignation**, l'autre consiste à utiliser pour cette **désignation** un signe linguistique forgé à l'imitation du modèle étranger (ici grec).

Le résultat est qu'on a en latin **désigné** les petits êtres en question comme «insectes, divisés en segments», en créant ou en utilisant le même rapport entre le signe et la chose.

Naturellement le fait de choisir *in-secta* pour traduire ἔντομα [*én-toma*] est le phénomène matériel et littéral de ‘traduction’. Il suppose pour son compte une équivalence constatée entre

---

(BENVENISTE, 2016, p. 38-39, aspas, itálicos e sublinhados do original, negritos meus).

Inacabada, densa e concisa: essas são características de *La traduction*, nota manuscrita de Benveniste cuja marcação a lápis no lado esquerdo superior da folha indica que ela se trataria de parte de um texto para alguma conferência em Genebra.

De grande valor tanto para os estudiosos da tradução quanto para intérpretes de Benveniste, o que se pode verificar, na nota, é que Benveniste esboça uma reflexão sobre a relação entre o fenômeno da tradução, a língua e a inteligência, como o título do manuscrito já anuncia. Por ser próprio de notas manuscritas, há, nesse caso, mais do que em outros textos, forte presença da incompletude, o que torna sua leitura algo a ser deslindado. Ainda que incompletas, rasuradas, refeitas, abandonadas, as notas de trabalho de Benveniste, como a que me dedico a interpretar agora, possibilitam observar a gênese de um pensamento, a construção de um discurso teórico-linguístico. Isso não é pouca coisa, sobretudo se compreendemos que a intrincada rede de relações estabelecida pelo mestre merece ser mais lida, interpretada e debatida.

Ao associar e discutir dois dos termos destacados no título do texto – a língua e a inteligência –, o semanticista responde, na nota, a uma das grandes questões da ciência: a linguagem é da ordem da natureza ou da cultura? – é assim que encaminha seu texto. Em outras palavras, o que Benveniste propõe como solução para a questão sobre ser a linguagem biológica ou cultural é o fato de que há uma relação entre natureza e cultura na constituição mesma da linguagem: “A linguagem tem esse caráter particular, irrecuperavelmente particular, que cria uma dificuldade específica com relação a toda teoria unitária: sempre se desenvolve na junção entre a natureza e a cultura” (BENVENISTE, 2016, p. 38). Como afirmam Dufour (2000), Moïnfar (1975) e Pinault (2019), Benveniste não é um autor de dicotomias, da linguística do binário, mas alguém que vislumbra

---

*év[en] et in, entre τόμα[toma] et -secta.*

Mais ici le problème est différent: quand on traduit ἔντομα[*éntoma*] par *insecta*, on ne traduit pas le verbe τέμνω[*témnō*] dans toutes ses valeurs, on se contente d'utiliser une équivalence constatée entre τέμνωet *sectō*pour créer un signe symétrique de ἔντομα[*éntoma*].

Traduire c'est instituer, entre sa propre langue et le monde, le même rapport que dans la langue source, soit par des équivalences littérales entre signes, s'ils peuvent composer le même '**sens**', soit par des équivalences globales obtenues au moyen de relations tout autres, qui ne sont plus entre signes. (BENVENISTE, 2016, p. 38-39, aspas, itálicos e sublinhados do original, negritos meus).

na língua seu caráter duplo, e que vê, em vários de seus pontos, a “terceira via”, o trinitário, o caminho do meio, como ele próprio nos demonstra na solução para a querela entre cultura e natureza: nem somente de uma, nem somente de outra, mas da junção de ambas se constitui a linguagem, como um terceiro, que existe exatamente por essa junção.

Da discussão entre natureza, cultura e linguagem, resulta a conclusão de Benveniste sobre o caráter duplo da linguagem: ela reflete a natureza em relação ao sistema de referências, porém a relação entre os dados é fornecida pela cultura, de modo que não há uma sem a outra, estando todas imbricadas, mas não hierarquizadas. Na esteira desse raciocínio, o linguista direciona-se para a discussão sobre o que fazemos quando traduzimos – que parece ser onde o autor demonstra a relação entre natureza e cultura na/da linguagem, questão valorosa não apenas para os estudiosos da tradução, mas também para todos os linguistas que entendem esse fenômeno como profundamente revelador da relação linguagem-homem. Ainda que não me sinta teoricamente autorizada para tecer comentários relativos à área da tradução, é imperativo, para este estudo, abordar esse texto de Benveniste em que ele trata de tal questão. Nesse sentido, insiro-me, aqui, com o cuidado de quem sabe que está adentrando terras alheias, mas com a necessidade de quem precisa pisar nelas para conhecer sua própria área.

Ao desenvolver sua questão (o que fazemos quando traduzimos?), o semanticista compreende que “se traduz” o “valor de designação” e, para demonstrar seu argumento, menciona a tradução de grego *ἔντομα* (éntoma – “com cortes”) para o latim *insecta*. Benveniste parece produzir um desdobramento da noção de *designação* quando o objeto é a tradução: de um lado, temos a designação da língua materna, a partir da qual os elementos da realidade são nomeados/designados; de outro, temos o *valor de designação* na tradução, uma vez que seria impossível realizar uma tradução perfeita, na medida em que não dispomos dos mesmos elementos para nomear as realidades em diferentes línguas.

Nessa perspectiva, a tradução de *ἔντομα* por *insecta*, para o semanticista, é, no mínimo, problemática, já que, no lugar de traduzir o valor de designação, pretendeu-se traduzir a designação mesma, que é desde sempre intraduzível de uma língua a outra. Quando Benveniste afirma que o que se traduz é o valor de designação, a relação do signo com a realidade, quer dizer que não é a designação em si que é traduzida, mas seu uso, seu sentido, sua significação. A designação é intraduzível, pois as realidades concretas também o são: o que se traduz são os valores de designação, as

significações, em uma **relação** entre a língua e o *seu* real.

Na ilustração de tradução utilizada na nota, Benveniste aponta um problema teórico de tradução, cuja exemplificação se dá no exame da tradução do grego para o latim de termos específicos: ao tentar traduzir ἔντομα por *insecta*, perderam-se todos os demais valores (significações) contidos em τέμνω para conservar uma suposta equivalência entre τέμνω e *secô*, ou seja, os tradutores supõem uma equivalência entre um e outro que parece ser impraticável. Isso é, para Benveniste, uma confusão, pois não se trata de traduzir realidades, mas instituir, em sua própria língua “a mesma **relação** que há na língua fonte” entre língua e realidade para gerar os mesmos efeitos de sentido (BENVENISTE, 2016, p. 38, negrito meu).

### O que dizem as ocorrências? Breves apontamentos

A despeito do que nos faz supor no prefácio de *Vocabulário* – no qual afirma que outros estudiosos que não o linguista se encarregarão da designação –, Benveniste se vale largamente do uso do par *designação-significação* ao longo de suas análises, não só, mas principalmente do léxico de línguas do tronco indo-europeu<sup>20</sup>.

Ao colocar as mais diversas línguas em comparação, seja para demonstrar que pertencem ao mesmo grupo linguístico, seja para comprovar seu argumento sobre determinada reconstrução, ou até mesmo para demonstrar a diversidade de sentidos que uma mesma forma pode adquirir em diferentes línguas, Benveniste coloca frequentemente em relação ao que designam e o que significam tais formas em determinada língua. Vejamos como isso se manifesta em exemplos dos contextos discursivos apresentados anteriormente.

Em algumas ocorrências, *design-* e *signific-* são empregados em substantivos como “designação” e “significação”, momentos em que parece haver um reconhecimento da necessidade de definição e/ou teorização sobre o que significam tais termos. É o que acontece, a título de exemplo, em *Problemas semânticos da reconstrução*, em que Benveniste entende ser fortemente “importante a distinção necessária entre a **significação** e a **designação**” (BENVENISTE, 1995a, p. 332, negritos meus). Também em *O gado e o dinheiro*, há a necessidade de “distinguir [na] análise os dois

<sup>20</sup>A explicitação das outras abordagens feitas por Benveniste a respeito do par *designação-significação* está disponível em Barboza (2018).

planos teóricos: o da **significação** e o da **designação**” (BENVENISTE, 1995b, p. 51, itálicos do autor, negritos meus).

Já em outras ocorrências, *design-* e *signific-* são utilizados para compor verbos de distintos tempos e modos, o que, por sua vez, parece apontar para o fato de que a designação e significação – elevadas ao *status* de conceitos em alguns momentos – desempenham papel de ferramentas/operadores da análise linguística para Benveniste; dito de outro modo, é como se os conceitos de designação e significação estivessem sendo colocados em funcionamento.

Cabe destacar, entretanto, que um modo de funcionamento do par, presente em determinado texto, não inviabiliza o outro, antes o contrário: um necessita de e dá vida ao outro, como é o caso de *Problemas semânticos da reconstrução*, em que co-ocorrem ambos os funcionamentos de *design-* e *signific-*: “[...] Foi pela expressão da solidez que se **designou** a árvore em geral e o carvalho em particular: o gr. *Drús* (gal. *Derwen*) **significa** literalmente ‘o sólido, o firme’”; e “quão importante a distinção necessária entre a **significação** e a **designação**” (BENVENISTE, 1995a p. 332, itálicos do autor, negritos meus).

Em *O gado e o dinheiro: pecu e pecúnia*, Benveniste afirma:

É em virtude de um processo distinto, inteiramente pragmático e secundário, que *\*peku*, cujo sentido era “posse móvel”, foi aplicado especificamente à realidade dita “gado”. Cumpre distinguir nesta análise os dois planos teóricos: o da significação e o da designação. Cumpre distinguir, por conseguinte, o sentido próprio de *\*peku*, revelado por seus derivados antigos, e o emprego histórico da palavra para designar o “gado”. (BENVENISTE, 1995b, p. 51, grifos do autor)<sup>21</sup>.

O que vemos, nessa citação, é, além da ratificação de *designação* e *significação* em seu aspecto teórico, as consequências de diferenciá-las: com a distinção entre *significação* e *designação*, temos também a diferenciação entre sentido próprio de *\*peku* e empregos históricos para designar “gado”. Podemos associar, aqui, significação a “sentido” e “sentido próprio”, que parecem funcionar como sinônimos; à designação, é possível relacionar “aplicado especificamente à realidade” e “emprego histórico”. Há, na

<sup>21</sup>Ainda que esta citação, e as duas outras que a sucedem, já tenha figurado no texto anteriormente, considero pertinente repeti-las neste momento da escrita para facilitar a leitura, de modo que o leitor não precise voltar algumas páginas em que se encontra o primeiro momento da citação para retomar a referência.

citação, um duplo movimento de *designar-significar*, operando teórica e analiticamente, uma vez que Benveniste coloca o par em funcionamento para diferenciar aspectos sincrônicos e diacrônicos de “gado” como decorrências ou resultados da necessidade de distinção entre significação e designação.

Como no caso anterior, em *A fidelidade pessoal*, Benveniste coloca em funcionamento os aspectos teórico e analítico do par conceitual em um mesmo texto:

Aqui se constata plenamente a diferença entre a *significação* e a *designação*, e a distância que pode separá-las, a tal ponto que, não se dispondo de referências lexicais, muitas vezes a designação não permite presumir nada a respeito da significação. [...] Desse mesmo abstrato *drauhti-* saem o presente denominativo *drauhtinon* “σπαρεῖσθαί” e o composto *drauhtiwitop* “σπαρεῖλα, combate”, em que o segundo elemento **significa** “regra, lei”. Fora do gótico, o abstrato assume em germânico uma **significação** um pouco diferente: isl. ant. *dröt* e as formas correspondentes nos outros dialetos **designam** o “séquito guerreiro”, a “tropa”; é o caso do inglês antigo *dryht*, anglo-saxão *druht*, alto-alemão antigo *trubt*. (BENVENISTE, 1995b, p. 108, aspas e itálicos do autor, negritos meus).

Cabe recapitular que, apesar de a análise do léxico ser significativamente mais abundante em *Vocabulário*, esse não é o único lugar em que se pode encontrar o comparecimento de *designação-significação* como elementos constituintes das análises benvenistianas. Tome-se como exemplo o caso de *Problemas semânticos da reconstrução*, de PLG I: “Não é o nome primitivo do carvalho que criou a noção de solidez, foi ao contrário pela expressão da solidez que se **designou** a árvore em geral e o carvalho em particular: o gr. *drús* (gal. *derwen*) **significa** literalmente ‘o sólido, firme’” (BENVENISTE, 1995a, p. 332, aspas e itálicos do autor, negritos meus). Também é possível encontrar análises comparativas de vocábulos de diferentes línguas em *La traduction*:

Aristóteles cunha o termo ἔντομα [*éntoma*] “com cortes”, para **designar** uma classe de seres. É essa **désignation** que é ‘traduzida’ pelo latim *insecta*. Portanto, existem aqui dois processos independentes, um consiste em aplicar uma determinada designação a um elemento da realidade (extra-linguística), o outro consiste em usar para essa designação um signo linguístico forjado na imitação do modelo estrangeiro (aqui grego). (Tradução livre). (BENVENISTE, 2016, p. 38-39, aspas, itálicos e sublinhados do original, negritos meus.)

Em todos os exemplos explicitados até agora, encontramos,

evidentemente, a presença de *designação-significação*. Ao se observar o modo como se apresentam os contextos discursivos explicitados, o par parece contribuir fortemente para as análises e comparações de línguas. Ao observar a dupla em funcionamento, acompanhamos o desenvolvimento e a fixação de sentido de termos ao longo da história. Com o funcionamento do par *designação-significação*, vemos as palavras em sua sincronia e em sua diacronia ao mesmo tempo, pois reconstruímos as designações ao longo da história que tornaram possível a estabilização da significação de determinado termo. Testemunhamos, ao ler o que designam e o que significam os termos estudados por Benveniste em seus textos, o acontecimento de sua análise.

No caso das comparações entre línguas e culturas, o par *designação-significação* parece integrar o método com o qual Benveniste costuma proceder às suas análises, motivo pelo qual entendo *designar-significar*, aqui, como uma espécie de instrumento através do qual se pode realizar reconstruções e comparações de termos, ferramenta vinculada ao programa histórico-comparatista em que teve toda sua formação e ao qual se filia. Em outras palavras, o par *designação-significação* é o que leva a termo a análise: trata-se de um operador analítico de que dispõe Benveniste e que compõe o seu método quando se trata de estudos de vocábulos e de línguas em comparação.

### Considerações finais

*Os vocábulos, portanto. No semantismo de uma palavra, Benveniste opera uma cisão entre a significação e a designação. Esta é uma distinção a qual ele dá uma grande importância teórica*<sup>22</sup>. (MALAMOUD, 1971, p. 660)

Ainda que a discussão sobre o par *designação-significação* seja bastante inicial em termos de produção de um saber sobre os conceitos, é preciso finalizar o texto. A dificuldade em vê-lo finalizado se dá por, pelo menos, dois motivos: 1) o debate sobre essa temática está apenas começando – de modo que há muito a ser dito e discutido –; 2) em relação às possibilidades de leitura da obra de Benveniste, a tarefa nunca tem fim – tamanha é a genialidade de seu pensamento. De todo modo, é necessário que se coloque, por ora, um ponto final na discussão aqui iniciada.

---

<sup>22</sup>Tradução livre. No original: « Les vocables, donc. Dans le sémantisme d'un mot, Benveniste opère une scission entre la signification et la désignation. C'est là une distinction à laquelle il attache une grande importance théorique. »

Procurei evidenciar, através do percurso demonstrado neste artigo, parte dos resultados disponíveis em Barboza (2018) sobre a presença, na obra de Benveniste, do par *designação-significação* e os papéis por ele desempenhado. Após o trabalho de investigação, leitura e interpretação do *corpus* teórico selecionado para esta pesquisa, é possível observar que há usos diversos das palavras selecionadas, alguns dos quais coincidentes, outros não. Aqueles que são pertinentes a este trabalho apontam, em diferentes textos, o funcionamento do par *designação-significação* com estatuto teórico; além disso, alguns usos estavam ligados, de certo modo, à reflexão do linguista sobre estudos comparativos de línguas e, por conseguinte, culturas. Por sua vez, as ocorrências descartadas neste estudo foram aquelas apontam para usos ordinários de designação e significação.

Não restam dúvidas de que a *designação* e a *significação* são noções bastante consolidadas para Benveniste, ainda que sua presença tenha sido apenas recentemente atestada por seus leitores. De fato, o semanticista ocupou-se e valeu-se desse par conceitual “jusqu’à la fin de sa vie”, de diferentes maneiras, conforme o ponto de vista da linguagem enfatizado no texto. Parafraçando Benveniste, já que cada um fala a partir de si com relação a outro ou a outros, não posso senão oferecer meu ponto de vista sobre o modo de funcionamento dessas noções naquilo que chamo de teoria da linguagem de Benveniste. Diante disso, para encerrar, por ora, o trabalho, almejo que a discussão nele estabelecida sirva como contribuição para o debate em torno dos estudos benvenistianos e enseje novas pesquisas e diálogos no campo.

## Referências

BARBOZA, Gabriela. **Entre designar e significar, o que há?** Em busca de uma semântica em Benveniste. 141f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Letras - Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Instituto de Letras, Porto Alegre, 2018.

\_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral I.** Campinas, SP: Pontes, 1995a .

BENVENISTE, Émile. **O vocabulário das instituições indo-europeias** – economia, parentesco, sociedade. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995b.

\_\_\_\_\_. **O vocabulário das instituições indo-europeias** – poder, direito, religião. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995c.

- 
- \_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral II**. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Últimas aulas no Collège de France – 1968 e 1969**. Trad. Daniel Costa da Silva. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Langues, cultures, religions**. Limoges : Lambert-Lucas, 2015.
- \_\_\_\_\_. La traduction, la langue et l'intelligence. In: FENOGLIO, Irène (org.) et al. **Autour d'Émile Benveniste sur l'écriture**. Paris: Éditions du Seuil, 2016. p. 37–44.
- COQUET, Jean Claude. Note sur Benveniste et la phénoménologie, **Linx**, n. 26, p. 4-48, 1992.
- D'OTTAVI, Giuseppe. Designer et signifier le “savoir”: pour une nouvelle entrée du *Vocabulaires des institutions indo-européennes* d'Émile Benveniste. **Fragmentum**, n. 41, p.31-50, abr./jun. 2014.
- DUFOUR, Dany-Robert. **Os mistérios da trindade**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
- FENOGLIO, Irène. Introduction. In : FENOGLIO, Irène et al. (orgs.). **Autour d'Émile Benveniste** : sur l'écriture. Paris: Éditions du Seuil, 2016a, p.11-34.
- \_\_\_\_\_. L'écriture au fondement d'une « civilisation laïque ». In : \_\_\_\_\_. **Autour d'Émile Benveniste** : sur l'écriture. Paris: Éditions du Seuil, 2016b, p.153-236.
- \_\_\_\_\_. La linguistique générale d'Émile Benveniste : une épistémologie méthodique et continue. In: D'OTTAVI, Giuseppe & FENOGLIO, Irène. (orgs.). **Émile Benveniste, 50 ans après les Problèmes de Linguistique Générale**. Paris: Éd. Rue d'Ulm, 2019a, p. 17-51.
- \_\_\_\_\_. Proposition, phrase, énoncé chez Émile Benveniste. In: NEVEU, Franck. **Proposition, phrase, énoncé – linguistique et philosophie**. London: ISTE Editions, 2019b, p. 183–204.
- FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 2008.
- FLORES, Valdir do Nascimento. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.
- FLORES, Valdir do Nascimento. Apresentação à edição brasileira. In: BENVENISTE, Émile. **Últimas aulas no Collège de France – 1968 e 1969**. Trad. Daniel Costa da Silva. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- \_\_\_\_\_. O falante como etnógrafo da própria língua: uma antropologia da enunciação. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 50, n. esp. (supl.), p. 90-95,

dez. 2015.

\_\_\_\_\_. L'anthropologie d'Émile Benveniste. Remarques d'un indianiste. In : FENOGLIO, Irène. **Autour d'Émile Benveniste** : sur l'écriture. Paris: Éditions du Seuil, 2016a, p.237-266.

\_\_\_\_\_. **Saussure e Benveniste no Brasil**: quatro aulas na École Normale Supérieure. São Paulo: Parábola Editorial, 2016b.

\_\_\_\_\_. **Problemas gerais de linguística**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Linguística da Enunciação: uma entrevista com Marlene Teixeira e Valdir Flores. In: **ReVEL**, v. 9, n. 16, 2011. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

MALAMOUD, Charles. L'oeuvre d'Émile Benveniste : une analyse linguistique des institutions indo-européennes. **Annales. Économies, Sociétés, Civilisations**, 26, n. 3-4, 1971, p. 653-663.

\_\_\_\_\_. L'anthropologie d'Émile Benveniste-Remarques d'un indianiste. In : FENOGLIO, Irène et al. (orgs.). **Autour d'Émile Benveniste** : sur l'écriture. Paris: Éditions du Seuil, 2016, p.237-266.

MOÏNFAR, Mohammad Djafar. Bibliographie des travaux d'Émile Benveniste. In:BADER, Françoise ; MOÏNFAR, Mohammad Djafar. **Mélanges linguistiques offerts à Émile Benveniste**, Paris-Louvain, Société de linguistique de Paris et Peeters, 1975, p. VII-LII.

NORMAND, Claudine. Émile Benveniste: quelle sémantique? **Linx**, n. 8, p. 221-240, 1996.

\_\_\_\_\_. Leituras de Émile Benveniste: algumas variantes sobre um itinerário demarcado. **Letras de hoje**. Porto Alegre, PUCRS, v. 44, p. 12-19, jan./mar. 2009.

ONO, Aya. **La notion d'énonciation chez Émile Benveniste**. Limoges: Lambert Lucas, 2007.

PINAULT, Georges-Jean. Benveniste et les études indo-européennes. In: D'OTTAVI, Giuseppe & FENOGLIO, Irène. (orgs.). **Émile Benveniste, 50 ans après les Problèmes de Linguistique Générale**. Paris: Éd. Rue d'Ulm, 2019, p. 63-88.

---

TEIXEIRA, T. L. M. O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem. **Desenredo**, Passo Fundo, v. 8, n. 1, p. 71-83, jan./jun. 2012.

## O BENVENISTE SEMIÓLOGO: DO LABIRINTO DA SEMIOLOGIA À NOÇÃO DE INTERPRETÂNCIA

### BENVENISTE THE SEMIOLOGIST: FROM THE LABYRINTH OF SEMIOLOGY TO THE NOTION OF INTERPRETANCE

Heloisa Monteiro Rosário

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil

*Resumo:* Este estudo se interessa pela reflexão semiológica de Benveniste. Considerando-se duas de suas obras, *Problemas de linguística geral* e *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*, retoma-se a discussão que o linguista faz a respeito da noção de signo e da questão semiológica a partir das ideias de Peirce e de Saussure. Objetiva-se, com isso, mostrar não apenas seu posicionamento teórico em relação a esses dois pensadores, mas também como Benveniste encaminha sua própria discussão no campo da semiologia, o que envolve a noção de interpretância da língua, elaborada e proposta pelo linguista no final dos anos 1960.

*Palavras-chave:* Benveniste; semiologia; interpretância; língua.

*Abstract:* This study is interested in the reflection on semiology by Benveniste. Considering two of his works, *Problems in General Linguistics* and *Last Lectures: College de France 1968 and 1969*, we resume the discussion the linguist held about the notion of sign and about the semiological issue based on ideas by Pierce and Saussure. Therefore, we aim to not only show his theoretical position about these two thinkers but also demonstrate how Benveniste leads his own discussion in the field of semiology, which involves the notion of interpretance of language, developed and proposed by him at the end of the 1960s.

*Keywords:* Benveniste; semiology; interpretance; language.

#### O Benveniste semiólogo e seu fio de Ariadne

Na Mitologia Grega, Teseu é o herói de muitas aventuras. Em uma delas, porém, deve seu êxito à astúcia e à coragem de Ariadne, que, apaixonada, lhe dá um novelo de fios antes de ele ser lançado no Labirinto do Minotauro. É graças a esse novelo que, depois de derrotar o terrível mostro, Teseu consegue encontrar a saída e se salvar da morte.

O fio de Ariadne funciona, para o herói, portanto, como um fio

condutor que o orienta e guia para fora do Labirinto. Ou seja, é o fio que impede que Teseu se perca, interminavelmente, nos meandros e armadilhas do Labirinto, um perigo tão grande quanto aquele que o próprio Minotauro representa<sup>1</sup>.

Dessons (2006) se vale dessa ideia em “Le fil d’Ariane de la sémantique” [“O fio de Ariadne da semântica”] quando, preocupado em situar o pensamento de Benveniste, mostra seu percurso, salientando, através de suas relações com Michel Bréal, Ferdinand de Saussure e Antoine Meillet, assim como com a École Pratique des Hautes Études (EPHE) e o Collège de France, a construção de “um paradigma teórico que faz da questão da significação o componente maior da filiação intelectual de Benveniste” (DESSONS, 2006, p. 27, tradução minha). Conforme sugere o autor (Ibidem), como um fio condutor, essas referências todas permitem que Benveniste encontre seu caminho em uma reflexão a respeito da linguagem, centrada na significação, saindo, a seu modo, metaforicamente do Labirinto da semântica. Não se trata, aqui, é claro, da disciplina semântica, mas de um campo de estudos que pensa a significação, o sentido, na linguagem, assim como não se trata, literalmente, da saída desse campo, mas da resolução de um problema: a definição do modo particular como Benveniste pensa a questão da significação em meio a um emaranhado de pontos de vista<sup>2</sup>.

No presente estudo, que recupera uma parte da reflexão desenvolvida em Rosário (2018), influenciada por Dessons, considero um outro Labirinto – o da semiologia – e mais um novelo de fios que, agora, o Benveniste semiólogo desenrola em sua reflexão semiológica.

Nessa perspectiva, apresento a análise que Benveniste faz das ideias de Charles Peirce e de Ferdinand de Saussure a propósito da noção de signo e da questão semiológica, a fim de mostrar, de um lado, seu posicionamento teórico em relação a esses dois pensadores e, de outro, como o linguista encaminha sua própria discussão. Ou seja, mostro qual desses fios – como o fio de Ariadne – o conduz para fora do Labirinto, permitindo não sua saída literal do campo, mas a resolução de um outro problema: a definição do modo particular como Benveniste pensa a questão semiológica em meio a um emaranhado de pontos de vista. E é, acredito, aquilo que o Benveniste semiólogo propõe em sua problematização da questão que possibilita sua

---

<sup>1</sup>Para mais detalhes sobre a aventura de Teseu no Labirinto e o papel de Ariadne, conferir, por exemplo, Brandão (1987/2007).

<sup>2</sup>O que, para Dessons (2006), está ligado à “invenção do discurso”, como aponta o título de seu livro, Émile Benveniste, *l’invention du discours*.

verdadeira saída do Labirinto da semiologia.

Por outro lado, para mim, esses dois pensadores não são, de modo algum, retomados à toa pelo linguista. Se, para o professor, é importante que um amplo balanço do campo seja apresentado a seus alunos, o pesquisador também se vale desse balanço para avançar na discussão (e, no caso de Benveniste, para avançar com suas próprias proposições). Assim, compõem o corpus deste estudo duas de suas obras: tanto os dois volumes de seus *Problemas de linguística geral*<sup>3</sup> (com os textos do pesquisador) quanto suas Últimas aulas no *Collège de France (1968 e 1969)*<sup>4</sup> (com as aulas do professor). Sua reflexão semiológica atravessa esses dois espaços (o do professor e o do pesquisador) e, neles, vai se constituindo.

Em relação aos textos trabalhados, nas duas primeiras seções deste estudo, trato especificamente da primeira parte do artigo “Semiologia da língua”, do *PLGII*, em contraponto com a Primeira aula e as Aulas 2, 3, 4 e 6 do primeiro capítulo das Últimas aulas de Benveniste. Também são referidos os artigos “Tendências recentes em linguística geral”, “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística” e “Saussure após meio século”, do *PLGI*. Por sua vez, na última seção, que concerne à apresentação e à discussão da noção de interpretância do linguista, mobilizo a segunda parte de “Semiologia da língua”, assim como os textos “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” e “Estruturalismo e linguística” do *PLGII*, além das Aulas 3, 4, 5 e 6 do primeiro capítulo e a Primeira aula do terceiro capítulo de suas Últimas aulas.

## 1. No Labirinto da semiologia: com quem Benveniste encontra seu fio?

Apresento, a seguir, a análise que Benveniste faz das ideias de Peirce e de Saussure a respeito da noção de signo e de uma ciência dos signos, mostrando como o Benveniste semiólogo se posiciona teoricamente em relação a esses dois pensadores, assim como seu modo particular de pensar a questão semiológica.

A primeira parte de “Semiologia da língua”<sup>5</sup> inicia com uma pergunta – “qual é o lugar da língua entre os sistemas de signos?” (BENVENISTE,

<sup>3</sup>Daqui em diante, também, *PLGI* e *PLGII*.

<sup>4</sup>Daqui em diante, também, Últimas *aulas*.

<sup>5</sup>Ressalto que esse texto não teve sua primeira publicação no *PLGII*, em 1974, mas na Revista *Semiotica*, em 1969.

1969/1989, p. 43). Essa pergunta, para Benveniste (1969/1989, p. 43), traduz “um grande problema” que surge a partir do momento em que Peirce e Saussure, “em completa ignorância um do outro e quase ao mesmo tempo, conceberam a possibilidade de uma ciência dos signos e trabalharam para instaurá-la”.

Benveniste (1969/1989, p. 43), considerando a “confusão que reina neste domínio”, procura (ou, ao menos, parece procurar) uma resposta para esse problema através das ideias dos dois pensadores que propuseram, cada um a seu modo, uma ciência dos signos, configurando-se, desse modo, à época, nas referências principais do campo: Peirce no que se estabeleceu como semiótica; Saussure no que se estabeleceu como semiologia. Daí por que são incontornáveis na discussão do linguista, tanto em suas aulas quanto no artigo.

Esse movimento com o qual Benveniste introduz a questão em “Semiologia da língua” é muito próximo do apresentado na Primeira aula do primeiro capítulo das Últimas aulas (datada de 2 de dezembro de 1968). A diferença está no fato de o linguista começar sua explanação, na aula, por uma discussão a respeito da linguística geral, da língua e sua natureza significante<sup>6</sup> e das noções de signo, de sistema e, finalmente, de semiologia. Em seguida, Benveniste (1968/2014, p. 92) afirma que a “teoria geral dos signos foi vislumbrada por John Locke, mas o verdadeiro nascimento dessa teoria ocorreu em dois lugares diferentes”: na América, com Peirce, e na Europa, com Saussure.

Nessa mesma aula, por outro lado, Benveniste já aponta o que diferencia essencialmente esses pensadores – o lugar conferido à língua na reflexão de cada um. Segundo o linguista, em Peirce, a “língua como tal está presente em todos os lugares, como uma evidência ou uma necessidade, mas não como uma atividade específica: ele nunca se interessou pelo funcionamento da língua” (BENVENISTE, 1968/2014, p. 93); em Saussure, pelo contrário, toda a reflexão gira em torno do funcionamento da língua. Sobre Saussure, Benveniste ainda acrescenta:

Ele fundamentou toda a linguística sobre uma teoria do signo linguístico.

---

<sup>6</sup>Aliás, nesse momento, Benveniste já traz uma importante definição – a língua é “*informada de significância*”, mesmo considerada fora de qualquer emprego, de qualquer utilização particular ou geral. Essa propriedade, se ela nos parece – e ela nos parece de fato – transcender todas as outras, comandará nosso discurso sobre a língua: será um discurso sobre a característica que colocamos em primeiro plano: a língua *significa*” (BENVENISTE, 1968/2014, p. 90, grifos do autor).

---

Ele também formulou esta noção fundamental de uma teoria geral dos signos, a semiologia, da qual a linguística seria um dos ramos. Porém, ele não foi mais longe na reflexão sobre a noção geral de signo (BENVENISTE, 1968/2014, p. 93).

No artigo, entretanto, antes de mostrar que a questão da língua os separa radicalmente, Benveniste se debruça primeiro sobre Peirce, referindo-se a noções importantes de seu arcabouço teórico. São mencionadas as noções de ícone, índice e símbolo, assim como as de qualisigno, sinsigno e legisigno, todas relativas ao signo; o que, aliás, corresponde à discussão da Aula 2 (datada de 9 de dezembro de 1968), com uma única diferença: ao contrário do que ocorre em “Semiologia da língua”, na aula, essas noções são um pouco mais explicadas na parte composta pelas notas dos ouvintes.

Nessa discussão, Benveniste demonstra não apenas seu conhecimento de Peirce (que cita em inglês), mas também seu respeito pelo trabalho e pela complexidade do pensamento do filósofo. É importante que se registre isso.

Para o linguista, no entanto, o fio de Ariadne da semiologia não está com Peirce. E isso, acredito, por dois aspectos que caracterizam sua reflexão. De um lado, se os signos são classificados por Peirce, essa classificação produz somente “denominações isoladas, mas não um sistema de conjunto” (BENVENISTE, 1968/2014, p. 98). Ou seja, essa classificação não implica nenhuma articulação entre signos de um mesmo tipo, impossibilitando a ideia de sistema; além do que, ainda, tudo é signo, e um mesmo signo pode ser diferentemente classificado. De outro lado, como referido, a língua não se constitui em um objeto particular da reflexão de Peirce. Essa questão desenvolvida no artigo também aparece na Aula 3 (de 16 de dezembro de 1968), quando Benveniste mostra que, para Peirce, os signos se organizam conforme uma estrutura lógica e não um princípio interno (o próprio sistema) e que, em sua reflexão, tudo é signo.

Seguindo com Peirce, assim, Benveniste (1969/1989, p. 43) não tem como responder à pergunta – “qual é o lugar da língua entre os sistemas de signos?” –, o que envolve uma reflexão tanto sobre a língua em si quanto sobre a ideia de sistema (aspecto não menos importante).

Por isso, de fato, acredito que o linguista não procura (nem em “Semiologia da língua” nem em suas aulas no Collège de France) uma resposta com Peirce. Certamente, nesse campo, Peirce é uma figura que não se pode contornar. Trazê-lo, porém, para a discussão não se deve apenas a isso, uma vez que, de certo modo, trazê-lo também reforça a ideia de que

o fio que conduz à resposta está, na verdade, com Saussure. É com ele que Benveniste encontra, portanto, seu fio, como fica logo claro na sequência de sua argumentação.

Nesse momento, o autor introduz, pela primeira vez no artigo, a noção de significância, estabelecendo que

Para que a noção de signo não se anule nesta multiplicação ao infinito<sup>7</sup>, é necessário que em alguma parte o universo admita uma DIFERENÇA entre o signo e o significado. É necessário então que todo signo seja tomado e compreendido em um SISTEMA de signos. Esta é a condição da SIGNIFICÂNCIA. Resulta daí, ao contrário do que pensa Peirce, que todos os signos não podem funcionar identicamente nem pertencer a um sistema único. Dever-se-ão constituir inúmeros sistemas de signos, e entre estes sistemas, explicitar uma relação de diferença e de analogia (BENVENISTE, 1969/1989, p. 45, grifos do autor).

Nas palavras de Benveniste (1969/1989, p. 45): “É aqui que se apresenta Saussure”, cuja reflexão considera a língua por ela mesma. A partir daí, o linguista se debruça sobre o programa saussuriano formulado no *Curso de linguística geral*<sup>8</sup>, apresentando não apenas a discussão de Saussure a respeito da definição do objeto da linguística, mas ainda sua proposição de uma nova ciência, a semiologia, discussão que se desenvolve igualmente na Aula 3.

Benveniste aponta que, separando a língua da linguagem e a definindo como um sistema de signos, Saussure coloca a língua como princípio de unidade entre os fatos de linguagem e como princípio de classificação entre os fatos humanos, o que – em um só movimento – funda a linguística como ciência e possibilita o surgimento da semiologia. Eis aqui o fio de Ariadne da semiologia que Benveniste encontra com Saussure; fio que conduz o Benveniste semiólogo em sua reflexão a propósito da língua e de seu lugar entre os sistemas de signos.

Saliento, contudo, que essa “condução” significa tão somente o apontamento de um caminho, pois, na ponta do fio, são as novas questões colocadas pelo Benveniste semiólogo que o conduzem metaforicamente para fora do Labirinto, permitindo, repito, a resolução de um problema: a definição do modo particular como Benveniste pensa a questão semiológica em meio a um emaranhado de pontos de vista.

---

<sup>7</sup>Multiplicação ao infinito que, conforme o linguista, ocorre em Peirce.

<sup>8</sup>Daqui em diante, também, *Curso*.

## 2. Na ponta do fio: Benveniste propõe novas questões para a semiologia

Na primeira parte de “Semiologia da língua” e, também, na Aula 3, Benveniste recupera a discussão em torno da noção de semiologia apresentada no *Curso*; afinal, é com Saussure, e não com Peirce, que Benveniste segue em sua reflexão semiológica. Essa discussão marca, todavia, apenas a ponta do fio. A saída do Labirinto, por enquanto, ainda não se vislumbra.

Desejando promover a análise semiológica e consolidar as bases da semiologia, Benveniste (1969/1989, p. 50) retoma então “este grande problema no ponto em que Saussure o deixou” e formula novas questões que a reflexão da segunda parte do artigo pretende responder.

Essas questões, que também aparecem nas Aulas 4 e 6 (de 6 e 20 de janeiro de 1969, respectivamente), envolvem não apenas os sistemas de signos (seu número, suas diferenças e semelhanças), mas sobretudo as relações existentes entre os sistemas, ou seja, se envolvem sistemas que são ou não autônomos. Com essa problematização, Benveniste estabelece, de seu ponto de vista, o problema central da semiologia – “o estatuto da língua em meio aos sistemas de signos” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 51) –, definindo, conseqüentemente, seu modo particular de pensar a questão semiológica.

Nessa perspectiva, para o linguista, é preciso determinar “a noção e o valor do signo” nos conjuntos nos quais se pode estudá-lo; exame esse que “deve começar pelos sistemas não linguísticos” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 51).

É importante salientar, aliás, que Benveniste menciona Peirce e sua reflexão sobre o signo no artigo “Tendências recentes em linguística geral” (1954), mas – nesse texto, assim como em “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística” (1963) e “Saussure após meio século” (1963) (todos igualmente republicados, em 1966, no *PLGI*) –, quando traz, de fato, para a discussão a questão de uma ciência dos signos, o linguista sempre trata das ideias de Saussure e de sua proposição de uma semiologia geral apresentadas no *Curso*, deixando de lado a perspectiva semiótica. Ou seja, se Peirce e Saussure são referências incontornáveis nessa discussão a propósito de uma teoria ou ciência geral dos signos, o fio que conduz à saída desse Labirinto, desde sempre, Benveniste encontra com Saussure.

Nesses textos, contudo, Benveniste ainda não problematiza a reflexão de Saussure como faz em “Semiologia da língua” e nas aulas do Collège de

---

France. Essa problematização somente é apresentada no final dos anos 1960. Daí a importância da indicação, além da primeira publicação de “Semiologia da língua” na Revista *Semiotica*, das datas das aulas aqui referidas. Tudo se passa, como mencionado, paralelamente e no entrelaçamento desses dois espaços (artigo e aulas) entre os anos de 1968 e 1969, mais especificamente.

### 3. Deixando o Labirinto: Benveniste e a noção de interpretância

A noção de interpretância é formulada e apresentada por Benveniste na segunda parte de “Semiologia da língua”, que inicia com uma observação do linguista:

O papel do signo é o de representar, o de tomar o lugar de outra coisa evocando-a a título de substituto. Toda definição mais precisa, que distinguiria notadamente muitas variedades de signos, supõe uma reflexão sobre o princípio de uma ciência dos signos, de uma semiologia, e um esforço para elaborá-la (BENVENISTE, 1969/1989, p. 51).

Em seguida, o autor mostra como utilizamos simultaneamente e a cada instante vários sistemas de signos e pergunta: “Nas numerosas e bastante diversas maneiras que têm os signos de se configurar, que princípio introduzir que possa ordenar as relações e delimitar os conjuntos?” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 52).

Conforme Benveniste, o traço comum a todos os sistemas e o critério de seu pertencimento à semiologia consiste em sua propriedade de significar (ou significância) e em sua composição em unidades de significância (ou signos). Por outro lado, acrescenta ele, também é preciso descrever como esses sistemas se distinguem entre si, o que envolve os quatro aspectos que caracterizam um sistema semiológico – seu modo operatório, seu domínio de validade, sua natureza e número de signos, assim como seu tipo de funcionamento.

O linguista indica que os dois primeiros aspectos se relacionam às condições externas, empíricas, do sistema (admitindo variações); ao passo que os dois últimos se relacionam às condições internas, semióticas, do sistema, ou seja, a sua estrutura e a seu funcionamento (não admitindo variações)<sup>9</sup>.

---

9 A esse respeito, Benveniste (1969/1989) afirma, por exemplo, que o domínio de validade do sistema de sinais de tráfego rodoviário pode ser estendido ou transferido à

Considerando, então, as condições internas do sistema, Benveniste estabelece que “não se pode ‘dizer a mesma coisa’ pela fala e pela música”, por exemplo, na medida em que são sistemas de base diferente (BENVENISTE, 1969/1989, p. 53). Em outras palavras, a fala e a música envolvem sistemas de natureza e funcionamento distintos, fazendo com que não sejam mutuamente conversíveis. Trata-se do “PRINCÍPIO DE NÃO REDUNDÂNCIA entre sistemas”, baseado na ideia de que o “homem não dispõe de vários sistemas distintos para a MESMA relação de significação” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 53-54, grifos do autor). O linguista acrescenta, porém, que são mutuamente conversíveis os sistemas que apresentam uma mesma base, como “o alfabeto gráfico e o alfabeto Braile ou Morse ou o dos surdos-mudos” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 54).

Benveniste aponta ainda um segundo princípio que decorre do primeiro (o da não redundância) e o completa. Trata-se da ideia de que não há signo transsistemático, ou seja, da ideia de que não é a identidade substancial de um signo que conta, mas somente sua diferença funcional. Assim, o linguista observa, a título de exemplo, que o branco da bandeira tricolor nada tem em comum com o branco do luto na China, pois o “valor de um signo se define somente no sistema que o integra” (BENVENISTE, 1989, p. 54).

Essas considerações sobre os aspectos que caracterizam um sistema semiológico, de um lado, e sobre os princípios que envolvem as relações entre os sistemas, de outro, são apresentadas por Benveniste, ainda que de modo não tão aprofundado, na parte final da Aula 4<sup>10</sup>.

Há, nessa parte, uma observação que merece comentário: referindo-se à língua<sup>11</sup> e a seu domínio de validade, Benveniste (1969/2014, p. 106

---

navegação fluvial e que uma dificuldade externa como a neblina pode impor que sinais sonoros sejam usados no lugar de sinais visuais de tráfego. Essa substituição modificaria tanto o modo operatório desse sistema quanto a natureza de seus signos. Aliás, para o autor, a natureza dos signos de um sistema apenas pode ser modificada temporariamente e em função de questões externas (a neblina, nesse caso).

<sup>10</sup>Trata-se da parte que se encontra nas páginas 106 e 108 da edição brasileira das Últimas aulas, que é, aliás, quase que inteiramente composta por notas dos ouvintes de Benveniste (nesse caso, pelas notas de Jean-Claude Coquet e Jacqueline Authier-Revuz).

<sup>11</sup>Para mim, nesse momento, o linguista se refere à língua-idioma e não à língua como sistema de expressão; expressões que utiliza na Aula 6: “Será preciso estabelecer uma distinção entre a língua, enquanto sistema de expressão – sem a qual não há sociedade humana possível –, e a língua-idioma, que é particular. É a língua como sistema de expressão que é o interpretante de todas as instituições e de toda a cultura” (BENVENISTE, 1969/2014, p. 117). Essa distinção,

[nota de ouvinte]) afirma que esse “sistema semiológico não é, e não pode ser, universal”, reforçando, com isso, a estreita relação entre cada sistema semiológico e o meio cultural específico no qual cada sistema se inscreve e, portanto, significa. Essa relação é igualmente sustentada em um texto de 1968, “Estruturalismo e linguística”, quando Benveniste (1968/1989, p. 22) define a cultura como um sistema de valores que se imprimem na língua, e em “Semiologia da língua”, quando postula que um mesmo meio cultural produz e alimenta todos os sistemas que lhe são próprios (BENVENISTE, 1969/1989, p. 54).

É importante salientar que as considerações do final da Aula 4 surgem após a discussão que Benveniste faz das ideias de Saussure, nessa mesma aula e também na Aula 3, a respeito da configuração da língua (sua natureza signifiante: a língua é feita de signos) e de sua relação com a semiologia (os signos da língua formam um sistema, um sistema semiológico).

O *Curso* traz, desse modo, as bases para a reflexão semiológica de Benveniste, e isso possibilita que o linguista afaste uma visão de signo como representação do mundo, uma visão filosófica, na medida em que o signo não representa, mas significa. E significa, então, não por uma identidade substancial sua, mas na relação que estabelece com os outros signos do sistema do qual faz parte; sistema esse pertencente a um determinado meio cultural, ou seja, instituído pelo homem em sua relação com outro homem, o que mostra, por outro lado, a estreita relação entre o antropológico, estruturante de sua teoria da linguagem, e a reflexão semiológica de Benveniste.

No Labirinto da semiologia, o fio está, de fato, com Saussure. Em sua ponta, no entanto, o Benveniste semiólogo – interessado em uma “definição mais precisa [de signo]” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 51) e no desenvolvimento de uma reflexão semiológica – formula novas questões, especialmente sobre as relações entre os diferentes sistemas. Por isso, sua preocupação (tanto nas aulas no Collège de France quanto em “Semiologia da língua”) em determinar não apenas o que há de comum entre esses sistemas, mas ainda (e sobretudo) o que os distingue.

Seguindo essa perspectiva, o linguista estabelece duas condições a

---

aliás, já aparece no artigo “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” (1968/1970), no qual Benveniste (1970/1989, p. 96) defende que os termos “língua” e “sociedade” admitem duas diferentes acepções, dois diferentes níveis de análise – um histórico (a sociedade chinesa, francesa etc./a língua chinesa, francesa etc.) e outro fundamental (a sociedade como coletividade humana, base e condição primeira da existência dos homens/a língua como sistema de formas significantes, condição primeira da comunicação). É esse nível fundamental que interessa ao linguista.

propósito das relações entre os sistemas semióticos. A primeira condição é que a relação entre os sistemas semióticos seja, ela mesma, de natureza semiótica (ou seja, envolvendo um sistema de signos, um sistema significante). Benveniste acrescenta, ainda, que essa relação será determinada pela ação de um mesmo meio cultural, “que de uma maneira ou de outra produz e alimenta todos os sistemas que lhe são próprios” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 54). A segunda, por sua vez, define que a relação semiótica entre os sistemas será uma relação entre sistema interpretante e sistema interpretado, na medida em que se trata de “determinar se um sistema semiótico dado pode se autointerpretar ou se ele deve receber sua *interpretação* de um outro sistema” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 54, grifo meu).

Essa é, cabe observar, a única ocorrência do termo “interpretação” no artigo “Semiologia da língua”. Saliento que, nesse contexto, não se deve compreendê-lo em uma perspectiva hermenêutica – ou seja, a da atribuição de um determinado sentido ou mesmo do sentido –, mas em uma perspectiva semiológica. Desse modo, “interpretação” se refere à relação apresentada mais adiante no texto (“3º. A terceira relação entre sistemas semióticos será denominada **RELAÇÃO DE INTERPRETÂNCIA**” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 62, grifo do autor)), segundo a qual, para Benveniste, a língua (sistema interpretante), através de sua modelagem semiótica (sua estrutura e seu funcionamento particulares), significa os outros sistemas (sistemas interpretados). Ou seja, a língua se configura no sistema interpretante porque apresenta uma dupla significância, a significância do modo semiótico e a do modo semântico; por sua vez, os sistemas interpretados apresentam uma significância unidimensional, a significância do modo semiótico ou a do modo semântico. Com isso, o que está em questão aqui é, antes de tudo, *como* um sistema significa e não *o que* esse sistema significa.

Observo que Benveniste utiliza a expressão “relação de interpretância” em “Semiologia da língua” e também em sua última aula no Collège de France (a Primeira aula do terceiro capítulo (de 1º. de dezembro de 1969)): “3) Relação de ‘interpretância’ (é preciso forjar conceitos para avançar): ela se estabelece entre sistema interpretante e sistema interpretado” (BENVENISTE, 1969/2014, p. 190 [nota de ouvinte]). Por outro lado, em uma aula anterior, na Aula 5 (de 13 de janeiro de 1969), o linguista utiliza a expressão “relação de interpretação”:

É preciso agora introduzir, na análise descritiva e comparativa dos sistemas semiológicos, uma nova relação, que Saussure não mencionou, nem talvez tenha visto: a *relação de interpretação*. Trata-se de determinar se o sistema

---

semiológico considerado pode se interpretar por si mesmo ou se ele deve receber sua interpretação de outro sistema semiológico. A questão que eu coloco é a da *relação de interpretação entre sistemas* (totalmente diferente da noção de interpretante em Peirce) (BENVENISTE, 1969/2014, p. 109, grifos do autor).

Há, ao que parece, portanto, uma certa flutuação entre os termos “interpretação” e “interpretância”, mas Benveniste acaba optando pelo segundo. Vale ressaltar, de todo o modo, dois aspectos: 1) a proximidade das formulações do linguista a esse respeito tanto no artigo quanto na Aula 5; 2) o alerta de Benveniste para o fato de que sua formulação em nada corresponde à noção de interpretante formulada por Peirce.

A relação de interpretância envolve, por conseguinte, para o linguista, a língua (o sistema interpretante) em sua relação com os outros sistemas (os sistemas interpretados), compreendendo diferentes questões discutidas em textos do *PLGII* (sobretudo no artigo “Semiologia da língua”) e/ou em suas Últimas aulas.

Essa relação, por fim, está ligada a uma propriedade constitutiva da língua (sua propriedade de interpretar), na qual se fundamenta o princípio norteador, o axioma, de sua reflexão semiológica, uma vez que é a língua – e somente a língua (devido a sua dupla significância) – que “pode, em princípio, tudo categorizar e interpretar, inclusive a si mesma” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 62).

## Palavras finais

Benveniste, assim como Teseu, não se perde nos meandros do Labirinto e, graças ao fio de Ariadne, também encontra uma saída. No Labirinto da semiologia, o linguista se depara com os pontos de vista de dois grandes pensadores que já haviam, cada um a seu modo, se debruçado sobre a noção de signo e a questão semiológica – Peirce e Saussure – e, nesse emaranhado de fios, não apenas escolhe qual deles seguir, mas também formula suas próprias questões para o campo, problematizando-o.

Nessa perspectiva, considerando diferentes artigos de seus *Problemas de linguística geral*, sobretudo o artigo “Semiologia da língua”, e suas Últimas aulas no *Collège de France* (1968 e 1969), apresento a discussão de Benveniste a respeito das ideias de Peirce e de Saussure no campo da semiologia com o propósito de mostrar tanto seu posicionamento teórico em relação a

ambos quanto o modo particular como o linguista encaminha sua reflexão semiológica, ou seja, sua saída efetiva do Labirinto da semiologia. Isso se dá paralelamente e no entrelaçamento de dois diferentes espaços: o do professor, nas aulas, e o do pesquisador, nos artigos.

Como mostrado, se é com Saussure (em cuja reflexão a língua está no centro) que Benveniste encontra o fio que o guia, deixando, então, Peirce de lado, na ponta desse fio não está o fim do perigo, pois ainda é preciso determinar o que tem a língua de especial em relação aos outros sistemas semiológicos, assim como que relações existem entre esses sistemas. Não basta, desse modo, seguir com Saussure, é preciso trazer novas questões e, conseqüentemente, novas respostas para o campo, que se relacionam, afinal, com o modo como a língua e os demais sistemas semiológicos significam, assim como com a relação de significância que aí se estabelece: a língua, como interpretante, significando os sistemas interpretados.

Benveniste mostra, com isso, que a noção de interpretância engloba, de um lado, uma relação específica entre sistemas semiológicos (a relação de interpretância) e, de outro, uma propriedade específica da língua (sua propriedade de interpretar, sua interpretância). Isso não apenas porque a relação de interpretância depende dessa propriedade específica da língua, mas também porque a propriedade de interpretância da língua se mostra através dessa relação semiológica, uma relação envolvendo a língua como sistema interpretante e os sistemas interpretados (a relação de interpretância, portanto). Desse modo, essas duas ideias de interpretância – como relação entre sistemas e como propriedade intrínseca da língua –, para mim, estão absolutamente imbricadas e são elas que possibilitam que o Benveniste semiólogo complete seu caminho para fora do Labirinto.

Nesse Labirinto da semiologia, portanto, se uma das pontas do fio de Ariadne está com Saussure, aquela que aponta a saída está, sem dúvida, com o próprio Benveniste e traz, em seu centro, a noção de interpretância.

## Referências

BENVENISTE, Émile. **Problèmes de linguistique générale, 1**. Paris: Éditions Gallimard, 1966.

\_\_\_\_\_. **Problèmes de linguistique générale, 2**. Paris: Éditions Gallimard, 1974.

- 
- \_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, [1974] 1989.
- \_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes/Editora da Unicamp, [1966] 1995.
- \_\_\_\_\_. **Dernières leçons**: Collège de France (1968 et 1969) (Orgs. Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio). Paris: EHESS/Gallimard/Seuil, 2012.
- \_\_\_\_\_. Últimas aulas no **Collège de France (1968 e 1969)** (Orgs. Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio). São Paulo: Editora Unesp, [2012] 2014.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Vol. III. Petrópolis: Vozes, [1987] 2007.
- DESSONS, Gérard. Émile **Benveniste, l'invention du discours**. Paris: Éditions IN PRESS, 2006.
- ROSÁRIO, Heloisa Monteiro. **Um périplo benvenistiano: o semiólogo e a semiologia da língua**. 2018. 174 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de linguistique générale**. Edição crítica preparada por Tullio de Mauro. Paris: Éditions Payot (Payothèque), [1916] 1976.
- \_\_\_\_\_. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Editora Cultrix, [1916] 2006.

## QUESTÕES SOBRE UMA LEITURA PÓS-HUMANISTA DE “SEMIOLOGIA DA LÍNGUA”<sup>1</sup>

## ISSUES FROM A POST-HUMANIST READING OF “THE SEMIOLOGY OF LANGUAGE”

Renata Trindade Severo<sup>2</sup>

Instituto Federal do Rio Grande do Sul, IFRS, RS, Brasil

Nathália Müller Camozzato

Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, SC, Brasil

*Resumo:* Desde sua publicação em 1969, “Semiologia da língua” tem sido objeto de variadas análises devido ao seu potencial de revolucionar os estudos do sentido. Analisaremos aqui uma leitura desse artigo de Émile Benveniste, operada pela socióloga Vicki Kirby, a fim de evidenciar os conceitos de signo e sistema de significação que estão em jogo tanto na perspectiva pós-humanista de Kirby quanto na perspectiva linguística que privilegia o sentido de Benveniste. Após explorar alguns pontos de divergência com a autora, propomos, ao final do texto, a inserção de um conceito estranho à semiologia benvenistiana como exercício de autorreflexão teórica.

*Palavras-chave:* Benveniste; Novos Materialismos; Feminismos; Signo; Sistemas de significação.

*Abstract:* Since it was published, in 1969, “The semiology of language” has been made the object of different analyses due to its potential to revolutionize the studies of meaning. The current paper analyzes Vicki Kirby’s reading of Émile Benveniste’s article in order to highlight the concepts of sign and semiotic systems at play in Kirby’s post-humanist perspective as well as in Benveniste’s linguistics perspective, which privileges meaning. After exploring a few points of disagreement from Kirby’s point of view, at the end of this paper, the insertion of a foreign concept into Benveniste’s semiology is proposed as a theoretical self-reflection exercise.

*Key-words:* Benveniste; New materialisms; Feminisms; Sign; Semiotic systems.

---

<sup>1</sup>As autoras agradecem ao prof. Dr. Atilio Butturi Jr. pela sugestão do tema deste artigo.

<sup>2</sup>Professora em estágio de pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (PPG em Linguística - UFSC) com fomento do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Processo nº 23368.002516/2019-43.

---

## Introdução

O pensamento de Émile Benveniste nunca esteve confinado aos limites da linguística. Nos textos que compõem os dois volumes dos Problemas de Linguística Geral (PLG), testemunham essa abertura debates com filósofos, artigos que dialogam com áreas tão dissemelhantes como a Biologia – “Comunicação animal e linguagem humana”, de 1952, publicado no Problemas de Linguística Geral I (2005) – e a Psicanálise – “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana”, de 1956, também publicado no Problemas de Linguística Geral I (2005) – e publicações em periódicos de áreas como a Psicologia, a Filosofia e a Sociologia, para citar apenas alguns exemplos. Se, por um lado, Benveniste não se ocupa apenas de questões que pertencem a um âmbito estritamente linguístico, por outro lado, pesquisadores das ciências vizinhas também dialogaram com o pensamento benvenistiano. Exemplo famoso de apreço ao pensamento do linguista sírio é a famosa afirmação de Roland Barthes, segundo a qual, apesar de ler outros linguistas, ele gostaria mesmo de Benveniste.

O diálogo pode se dar nessas duas direções, alternadamente: assim como as ideias de Benveniste têm comparecido em trabalhos de pesquisadores e pesquisadoras de diversas áreas, esses trabalhos, por sua vez, têm repercutido no caminho de volta, ou seja, essas reelaborações têm retornado ao campo da teoria da linguagem derivada do pensamento benvenistiano nos trabalhos de pesquisadores contemporâneos. Ao abordar a recepção do trabalho de Benveniste no Brasil, o linguista Valdir Flores (2017b) aponta a forte influência do trabalho de dois filósofos, o francês Dany-Robert Dufour (2010) e o italiano Giorgio Agamben (2012), que, ao recorrerem a Benveniste em suas reflexões, acabaram por reavivar o interesse pela obra do linguista sírio no quadro atual da linguística brasileira<sup>3</sup>.

Neste artigo, abordaremos um trabalho mais recente, em que o recurso ao pensamento benvenistiano tem o potencial de fomentar uma discussão sobre as relações entre os sistemas de significação que não são língua no âmbito de um debate acerca da persistência de binarismos da ordem “natureza x cultura”, “essência x materialidade”, “masculino x feminino”, “essencialismo x anti-essencialismo”, nem mesmo em escopos teóricos que propõem leituras mais sofisticadas de tais fenômenos, notadamente em

---

<sup>3</sup>Por questão de espaço e de foco, não abordaremos aqui como esses filósofos articulam o pensamento benvenistiano às suas pesquisas e a extensão de sua influência nos trabalhos recentes da linguística no Brasil, tal estudo, no entanto, pode ser encontrado em Flores (2017b).

determinados estudos derridianos e em certos estudos feministas. Trata-se do artigo “*Telling flesh – the body as the scene of writing*”, publicado pela socióloga australiana Vicki Kirby (2018), em que a autora, a partir de uma leitura de “Semiologia da língua” (BENVENISTE, [1969] 2006), questiona, dentre outros pontos, a afirmação benvenistiana de que não há signos trans-sistemáticos.

Certamente, o que se dá nesses encontros – neste caso, da sociologia de aspiração pós-humanista e feminista de Vicki Kirby com a linguística baseada no pensamento de Émile Benveniste – tende mais à formação de opacidades e descontinuidades do que de transparências e contiguidades entre dois campos teóricos. Isso, por sua vez, produz afetações que incidem reciprocamente em ambos os arcabouços conceituais. O diálogo que Kirby (2018) estabelece com Benveniste, concernente às relações entre materialidade e língua(gem), exemplifica posições inversamente proporcionais: Kirby (2018) parte de um olhar atento à materialidade dos corpos e suas relações orgânicas com a representação para, depois, perfazer uma teoria do signo, propondo o conceito de holograma; já a teoria benvenistiana faz o caminho inverso, visto que é a partir do signo e de sua sistematicidade que chega a diferentes materialidades ou a diferentes sistemas de significação.

Nosso objetivo é aceitar o desafio que se propõe quando a socióloga australiana recorre ao pensamento benvenistiano, tal como está formulado em “Semiologia da língua” (BENVENISTE, [1969] 2006), e coloca em relação duas maneiras quase antitéticas de ver o signo e os sistemas de significação. Especificamente, visamos a: a) produzir uma análise crítica da leitura do texto benvenistiano feita pela autora, sem deixar de considerar o quadro teórico em que a socióloga se move e suas implicâncias – que será abordado na seção um –, de forma a contrastar os arcabouços mobilizados por Kirby e por Benveniste e, assim, ressaltar nuances dos dois pensamentos; e b) a partir dos resultados dessa análise crítica, propor um exercício de pensar que provoque um abalo da semiologia tal como vem sendo pensada a partir do artigo de Benveniste a fim de fazê-la se reorganizar e pensar.

Com esses objetivos no horizonte, na primeira seção, apresentaremos o pós-humanismo, corrente de pensamento a que se vincula Kirby, além de um panorama sobre seu trabalho. Consideramos importante essa breve imersão no tema, ainda que destoe da linha argumentativa proposta, para trazer às leitoras de Benveniste o contexto do pensamento de onde parte a autora. A seguir, na segunda seção, traremos um pequeno resumo do artigo analisado, com ênfase nos momentos em que a autora recorre ao pensamento

benvenistiano, sem nos determos em aspectos que, embora importantes para o artigo da autora, pouco ou nada interferem em nossa análise. Na terceira seção, apresentaremos a análise crítica em relação à leitura de Benveniste proposta pela socióloga. A partir daí, procuraremos desenvolver uma reflexão sobre os questionamentos que emergem. Nas considerações finais, traremos uma proposta de reflexão com vistas menos a uma construção definitiva do que a certo experimentalismo teórico que, modelado sobre um “e se?”, busca confundir as respostas já encontradas para que novas perguntas se configurem a fim de manter viva aquela chama de Émile Benveniste que se vê brilhar quando em seus artigos mais revolucionários lemos algo como “amplas perspectivas se abrem” (BENVENISTE, [1969] 2006, p. 90) – frase que evoca um senso de aventura intelectual que desejamos revisitar.

### **Primeira seção – Repensando os contornos do humano, da linguagem e das materialidades: o pós-humanismo**

Nesta seção, tecemos uma breve descrição de alguns conceitos do pós-humanismo, especificando o solo discursivo em que tais conceitos são praticados, entendendo que é pertinente situar quais operações são efetuadas pelo pós-humanismo e pelos novos materialismos de forma a inscrevê-las no debate sobre signos trans-sistemáticos, feito a seguir.

Em um artigo esquemático, Francesca Ferrando (2019, p.959) qualifica “Pós-humano” como um termo guarda-chuva a englobar diferentes movimentos teóricos, tais como aquilo que a autora chama de “pós-humanismo filosófico, cultural e crítico”; transumanismo; “novos materialismos” feministas e um panorama heterogêneo de anti-humanismo; meta-humanismo; e pós-humanismo. Tal sorte de vértices açambarcadas pelo termo pós-humano, para Ferrando (2019), pode gerar confusões metodológicas, dado que as abordagens incidem sobre diferentes enquadramentos, mas compartilham a “urgência da redefinição integral da noção de humano, seguindo a onto-epistemologia, bem como os desenvolvimentos científicos e biotecnológicos dos séculos XX e XXI” (FERRANDO, 2019, p. 959).

Ademais, Ferrando (2019) identifica dois eixos que, a despeito de questionarem a estabilidade dos contornos do humano, apontam para direções distintas e seriam costumeiramente confundidos nas interpretações dos conceitos pós-humanistas. Trata-se do pós-humanismo em sua crítica pós-antropocêntrica e pós-dualista e do transumanismo. O primeiro seria

para a autora mais abrangente em sua ressignificação radical da noção de humano, e o segundo seria caracterizado por um tecnorreduccionismo (FERRANDO, 2019, p. 962), dado seu exclusivo enquadramento nas possibilidades evolutivas biotecnológicas, tendo no melhoramento humano um conceito e um programa-chaves.

Uma noção importante ao pós-humanismo é o antropoceno como tempo geológico, o que marca o impacto destrutivo das atividades humanas em nível planetário e solicita novos pressupostos políticos e éticos. Salienta-se, nesse sentido, o humano como o topo de uma escala hierárquica que tem em sua base os menos que humanos – ou seja, pessoas genericadas, racializadas e excluídas do estatuto da humanidade – e os não-humanos – as outras formas de vida com quais partilhamos este planeta –, o que é calcado em um suposto excepcionalismo. “Humano” aqui não é assinalado como espécie, mas como sujeito do antropocentrismo resultante da constituição histórica e ocidental do humanismo. A pedra de toque é a superação de antíteses ou falsos binarismos ontológicos como os correlatos “corpo x mente”, “natureza x cultura”, “objeto x sujeito”, o que solicita modos pós-dualistas e pós-hierárquicos de reflexão.

Os chamados novos materialismos emergem no bojo dos estudos feministas reinscrevendo a materialidade e a corporeidade (humanas ou não) nos debates como uma resposta ao excesso de representacionismos e aos construtivismos radicais que tomavam qualquer retorno à materialidade como “essencialistas” (FERRANDO, 2019). Duas considerações: a primeira é que, a despeito do termo “materialista”, o trajeto de pensamento seguido pelos novos materialismos perfaz uma linha entre Espinosa e Deleuze, atravessados pelos estudos de gênero, e não entre Hegel e Marx – dos feminismos radicais, socialistas e marxistas norte-americanos. O que temos é um distanciamento da economia política assentada na agência humana sobre a materialidade e um pensamento da interdependência ética entre o humano e o mundo material. A segunda consideração é que os novos materialismos não configuram um rompimento dos estudos feministas pós-humanos com outros estudos “pós”, como, por exemplo, o pós-modernismo e o pós-estruturalismo, uma vez que os conceitos de autoria de Michel Foucault, Judith Butler, Giles Deleuze, Félix Guattari e Jacques Derrida seguem ressoando nesses estudos, que, por sua vez, oferecem uma atenção à materialidade não como passiva, inerte, estável e objeto da cultura ou do discurso, mas como agentiva, performativa e instável.

A primeira publicação do texto de “*Telling Flesh the body as the scene*”

*of writing*”, feita originalmente em 1992, como parte da tese de doutorado de Vicki Kirby<sup>4</sup>, é um dos marcos dos novos materialismos nos estudos feministas. Como veremos na terceira seção, os procedimentos adotados pelo texto colocam em xeque as polarizações ontológicas entre representações e corporeidades, masculino e feminino como binários de uma dicotomia entre essência e substância. É importante resgatar aqui que, na republicação do texto como artigo, Kirby menciona Karen Barad como uma das referências teóricas que pautaram sua reescrita. Dada a relevância para este artigo, gostaríamos de introduzir brevemente os conceitos trabalhados por Barad.

A partir de uma concepção filosófica de que não há, de um lado, representações e, de outro, entidades ontologicamente separadas à espera de materialização, Barad ([2003] 2017), pensa o devir do mundo (não é demais lembrar que humano e não-humano) como um emaranhado (*entanglement*) material-discursivo<sup>5</sup>, sem que haja exterioridade entre um e outro. Diz: “Nem as práticas discursivas nem os fenômenos materiais são ontológica ou epistemologicamente prévios. Nenhum pode ser explicado nos termos do outro. Nenhum tem status privilegiado para delimitar o outro” (BARAD, [2003] 2017, p. 26). Essa base material-discursiva é o que permite à física e filósofa feminista praticar o conceito de agência não como um atributo da intencionalidade humana, mas como um contínuo refigurar do mundo em seu devir e diferenciação e o conceito de “intra-ação”, esse último, entendido como a inseparabilidade constitutiva das práticas discursivas corporificadas e de fenômenos materiais específicos.

Os conceitos formulados por Barad também estão confrontando os postulados assumidos por certos feminismos ultraconstrucionistas e certas teorias do discurso que, sobretudo após uma leitura tendenciosa de Judith Butler, assumem metodologicamente um protagonismo da linguagem e da cultura no processo de materialização dos corpos. Quando, nesses estudos, se torna difícil tratar da materialidade corpórea sem que recaia a pecha do essencialismo, Barad questiona como a cultura pode produzir algo (a natureza, a materialidade) do qual é ontologicamente diferente e a partir de que mecanismo tal produção se dá. Explicamos: se linguagem (língua, discurso) está em outra ontologia e não emaranhada com a matéria, como

---

<sup>4</sup>A tese foi publicada em 1997 sob o título *Telling Flesh - The Substance of the Corporeal*.

<sup>5</sup>Nesse mesmo artigo, Barad faz uma crítica a uma concepção representacionista da língua, tomada como o relata entre palavras e coisas, e de uma noção de discursividade entendida como anterior e incidente na matéria, por sua vez, passiva. Para tanto, formula uma noção não antropomórfica de “práticas discursivas” como configurações materiais específicas pelas quais determinações locais de fronteiras, propriedades e significados são diferencialmente operadas.

é possível que a linguagem produza corpos? No caso da dermatografia, fenômeno que Kirby descreve, como a linguagem produz efeitos na pele?

Para finalizar esta seção, demarcamos que, enquanto em outros campos teóricos os chamados estudos pós-humanos, em suas diferentes vertentes, têm proliferado desde há pelo menos três décadas, sua vinculação aos estudos da linguagem é relativamente recente e se dá sobretudo no campo da Linguística Aplicada (PENNYCOOK, 2018; BUZATTO, 2019<sup>6</sup>). Não se trata aqui de especular causas para essa aproximação tardia, mas, de perceber que, de fato, há muitas zonas de fricção por serem elaboradas nessa aproximação, visto que determinadas concepções de língua e de linguagem, tomadas como índices de racionalidade, são, segundo o pós-humanismo (BARAD, [2003] 2017; BENNETT, 2010; PENNYCOOK, 2018), determinantes naquilo que conta como a especificidade do humano em sua relação assimétrica e exploratória tanto com o “menos que humano” quanto com o “não-humano”.

Nesse sentido, como têm sido praticados na linguística, os estudos pós-humanos oferecem a possibilidade de contaminação das chamadas concepções antropocêntricas de língua com materialidades excessivas demais para o sujeito cartesiano. Em *Posthumanist Applied Linguistics*, Pennycook (2018) investiga o pós-humanismo e a linguística de forma a questionar os limites entre dentro e fora, entre exterior e interior da língua. O linguista também confronta o que chama de “mito linguístico da história humana” (PENNYCOOK, 2018, p. 88), isto é, a narrativa supostamente universal da passagem teleológica das línguas orais para as línguas escritas. Pennycook propõe, então, noções de língua que considerem de maneira ética os agenciamentos (*assemblages*) em que a língua se acopla e a maneira como tais agenciamentos arremontam elementos humanos e não-humanos.

## Segunda seção – “*Telling flesh – the body as the scene of writing*”<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup>Salientamos, no Brasil, a publicação, em 2019, de uma edição do periódico “Trabalhos em Linguística Aplicada” organizado por Marcelo E. K. Buzato, com publicações de Inês Signorini, Atílio Butturi Júnior e Nara Hiroko Takaki, entre outras.

<sup>7</sup>Há aqui um jogo com a palavra “telling” que se perde na tradução para o português: “*telling flesh*” pode ser traduzido como “dizendo à carne” ou “carne que diz”, dentre outras possibilidades que esse verbo polissêmico encerra. Outra perda diz respeito à palavra “*writing*”, que pode referir-se a “escrita” ou ao termo derridiano “escritura”. Assim, optamos por manter o título em sua língua original. Uma das traduções possíveis para ele seria: “Dizendo à carne que diz: o corpo como cena da escrit(ur)a”.

No início do artigo em análise, a socióloga australiana Vicki Kirby (2018) lança a pergunta: “a mesma plasticidade transformativa que identifica a cultura poderia ser igualmente atribuída à natureza?” (KIRBY, 2018, p. 64, tradução nossa). Para responder a tal questionamento, a autora explora um capítulo, no mínimo, curioso da história da saúde mental: na Paris de 1870, no Salpêtrière Hospital, o médico Jean-Martin Charcot examina pacientes diagnosticados com histeria. As cenas observadas dizem respeito aos estudos de Charcot sobre um intrigante sintoma associado à histeria, o dermatografismo, a capacidade autográfica da pele, uma sintomatologia que, além de ser espetacularizada na mistura de clínica e teatro de curiosidade que envolveu o fenômeno da histeria, também acabava por borrar as fronteiras de sujeito e objeto, médico/psiquiatra – paciente/histérica. Trata-se de um sintoma-performance encorajado pelo médico francês: após hipnotizar a paciente, o médico escreve sobre a pele de um de seus braços com um instrumento de borracha ao mesmo tempo em que instrui que, em tal dia e horário, após dormir, o paciente sangue pelas linhas desenhadas: “No momento indicado pelo médico, o paciente obedece. Os caracteres aparecem em brilhante relevo sobre sua pele e gotículas de sangue emergem em vários pontos. As palavras persistem por mais de três meses” (DIDI-HUBERMAN, 1984, apud KIRBY, 2018, p. 65, tradução nossa).

A partir do conceito derridiano<sup>8</sup> de “escritura”, Kirby examina o fenômeno do dermatografismo em termos de dentro e fora, natureza e cultura. A autora percebe o corpo como “instável – uma cena inconstante de inscrição que tanto escreve quanto é escrita” (2018, p. 69, tradução nossa); para ela, o dermatografismo revelaria o “de fora” tornando-se um “de dentro” e desafiaria a separação binária entre natureza e cultura ao expor “o

---

<sup>8</sup>Estamos cientes das tensões – e mesmo polêmicas – envolvendo o diálogo nada fácil entre o pensamento de Benveniste no âmbito das ciências da linguagem e a perspectiva de escritura derridiana – como pode ser visto em Derrida (2017 [1967]) e no artigo *Le supplément de copule. La philosophie devant la linguistique* (DERRIDA, 1971). Optamos, neste artigo, por trabalharmos nessa mesma tensão: entre o arcabouço derridiano utilizado por Kirby em seu texto neomaterialista e o impacto que uma leitura mais aprofundada dos signos trans-sistemáticos teria nas considerações da autora.

<sup>9</sup>Em diversas passagens do texto, Kirby assinala a possibilidade de reinvestir potência nos conceitos derridianos de escritura e arquescritura naquilo que apontam para o corporal como uma tessitura sensível, resgatando-os de um confinamento nos estudos literários. Kirby trabalha particularmente com a seguinte asserção de Derrida: “os processos mais elementares [...] de uma célula viva são também uma ‘escritura’ cujo ‘sistema’ de envoltimentos nunca é fechado” (DERRIDA, 1967, apud KIRBY, 2018, p. 69, tradução nossa) (Do original: “*the most elementary processes [...] within the living cell are also a ‘writing’ and one whose ‘system’ of involvements is never closed*”).

corpo *como* seu próprio contexto histórico e cultural” (KIRBY, 2018, p. 70, grifo da autora, tradução nossa), ou seja, o gesto de Kirby é de demonstrar uma desestabilização da oposicionalidade dos termos binários herdados de uma tradição cartesiana; no caso, como a materialidade não é um fora da representação e como a “representação se materializa/importa”<sup>10</sup> (KIRBY, 2018, p. 70, tradução nossa) nos corpos.

Caracterizando o dermografismo como um fenômeno que abarca os sentidos visual, auditivo e tátil, Kirby sonda as delimitações do que chama de “signo perceptivo”: para a autora, a “integridade” do signo estaria delimitada pelo universo sensorial mobilizado, se determinado signo mobiliza mais de um sentido sensorial<sup>11</sup>, isso significaria uma quebra dessa integridade. Ao mesmo tempo em que afirma que o fenômeno observado combina os três universos sensoriais, a autora retém certa separação denunciada pela expressão “estranho a ele”, que delimita cada “modo ou signo perceptivo” a um sentido – visual, auditivo ou tátil.

É interessante retomar aqui que uma das prioridades da agenda pós-humanista é a suspensão e a desestabilização de fronteiras, o que reverbera em reflexões não dualistas e não hierárquicas. Nesse sentido, a perspectiva praticada, por exemplo, por Karen Barad ([2003] 2017) aponta as fronteiras – inclusive aquelas que contornam o que é o humano – como em constante devir, o que quer dizer móveis e mutuamente constitutivas em processos intra-ativos e material-discursivos. Apontamos isso para compreendermos como, nesse arcabouço teórico interessado no “devir do mundo” (“*world’s worlding*”, expressão compartilhada por Barad e Kirby), as supostas fronteiras entre diferentes dimensões sensoriais são abaladas. Os sentidos (sensoriais), os corpos, as representações, as materialidades, as linguagens se constituem reciprocamente e os limites que separam uns dos outros são estabelecidos localmente e de maneira contingente.

A fim de ilustrar a complexidade do fenômeno do dermografismo, um novo exemplo é apresentado. Trata-se da história da percussionista escocesa Evelyn Glennie, uma musicista surda desde a adolescência que, no entanto, relata uma relação, inclusive de afinção com os sons, mantida com seu corpo – mandíbula, face, pés – a ponto de a autora afirmar que “todo o

---

<sup>10</sup>“representation matters” (KIRBY, 2018, p.70). Traduzimos de maneira a indicar a polissemia do termo “matters”, tão importante para as reflexões de Vicki Kirby, Karen Barad e Judith Butler.

<sup>11</sup>Empregamos essa estranha expressão, “sentido sensorial”, não como termo, mas para diferenciá-la de “sentido” enquanto significação.

corpo de Glennie se tornou um instrumento sonoro” (KIRBY, 2018, p. 71, tradução nossa).

De acordo com Kirby (2018), essa relação tátil com o som provocaria um questionamento da afirmação de Émile Benveniste ([1969] 2006) em “Semiologia da língua”, segundo a qual não haveria signo trans-sistemático. Na terceira seção deste artigo, retomaremos o trecho citado neste ponto a fim de problematizar esse questionamento da autora. Por ora, nos ateremos a notar que, no artigo em questão, tal observação é seguida por questionamentos a respeito da noção de signo como “autossuficiente” (KIRBY, 2018, p. 72, tradução nossa) tanto no trabalho de Benveniste, quanto nos de Christian Metz (1968; 1971) e Peter Wollen (1972); nesses trabalhos, segundo a autora, “a identidade do signo, como uma unidade com uma integridade circunscrita, está realmente confinada à linguística” (KIRBY, 2018, p. 72, tradução nossa). Para Kirby, a noção saussuriana de signo já nasce problemática uma vez que, “a noção saussuriana de significante, por exemplo, une o visual e o auditivo em sua *image acoustique*, não como em um modo *com* o outro, mas como intermodalidade da percepção em si mesma” (KIRBY, 2018, p. 72, tradução nossa, grifos da autora).

Não é nosso objetivo apresentar a totalidade do artigo analisado. Nosso recorte se dá justamente no recurso ao pensamento benvenistiano revelado no texto. Contudo, é importante ambientarmos as discussões. Ao questionar um dualismo – qualificado no texto como falocêntrico – existente entre signo e matéria, Kirby (2018), enquanto neomaterialista, está solicitando um entendimento de materialidade não como uma pedra sólida, exterioridade absoluta, que qualifica ou limita a eficácia de práticas representacionais, mas como algo tão móvel, instável e plástico quanto a própria representação, uma escritura. A autora estende a mesma analogia binária matéria-representação para a diferença sexual na sociedade ocidental: a mulher como a substância – o corpo, a matéria bruta, a natureza – que ofereceria o substrato material a permitir ao seu oposto, o homem, erigir-se como a essência – a cultura, a linguagem, a representação.

Dialogando com a escritura derridiana, o acúmulo dos estudos de gênero, as discussões pós-coloniais da racialização e pós-humanistas da materialidade, Kirby (2018) propõe o conceito de holograma de forma a elaborar o entrecruzamento entre aquilo que chama de significação e realidade. A proposta de significação e materialização como um holograma, ou seja, como não descontínuos, como não binários e como não oposicionais permitiria uma concepção de diferença não calcada na falta, ausência ou

descontinuidade entre entidades, mas em processos transformativos, que dizem respeito aos fluxos e às mutabilidades dos signos e aos fluxos e às mutabilidades das matérias e dos corpos. A respeito da produção de conceitos neomaterialistas no âmbito dos feminismos, a autora conclui que as reflexões de gênero poderiam, para manutenção de sua tenacidade crítica no contemporâneo em suas urgências históricas, refazer o caminho traçado, por exemplo, por Simone de Beauvoir (a mulher como um artifício cultural por excelência), de forma a suplantar a discussão – também binária – entre essencialismo e antiessencialismo, reexplorando a instabilidade da divisão natureza/cultura.

### **Terceira seção – análise crítica de uma leitura pós-humanista de “Semiologia da língua”**

Nesta seção, retomaremos o artigo “*Telling flesh – the body as the scene of writing*” (2018) a fim de pontuar questões que nele emergem a partir da interpretação da autora de ideias benvenistianas veiculadas em “Semiologia da língua” – um artigo que tem rendido incontáveis análises dentre as leituras de Émile Benveniste ([1969] 2006). A partir dele, Henri Meschonnic, por exemplo, escreve o importante texto “Semântico sem semiótico” (1997)<sup>12</sup>. No Brasil, especialmente a partir da publicação das notas de Benveniste para as aulas que deram origem ao artigo (BENVENISTE, [2012] 2014<sup>13</sup>), multiplicaram-se os trabalhos que se baseiam nesse texto uma vez que a abertura proporcionada por ele tem permitido não apenas investigar-se a relação da língua com os sistemas de significação ditos não linguísticos, como também fixarmos nossos olhares sobre um ou mais desses sistemas, mobilizando ferramentas ora criadas por Benveniste, ora a partir de seu pensamento. Esses trabalhos têm constituído um campo diferenciado dentro dos estudos benvenistianos em que se torna possível pensar não apenas uma semiologia da língua, mas também uma semiologia da linguagem<sup>14</sup>. Assim, é instigante revisitarmos esse texto a partir de um olhar externo ao campo dos estudos benvenistianos, principalmente, quando sua utilização se dá em vista de um objeto que desafia os contornos já desenhados das teorias advindas desse pensamento.

---

<sup>12</sup>Nós mesmas já analisamos esse texto em repetidas ocasiões (SEVERO, 2015; 2016; 2020).

<sup>13</sup> Publicação em francês e publicação da tradução brasileira, respectivamente.

<sup>14</sup>Flores organiza esses trabalhos no que considera um “segundo eixo da recepção atual da teoria de Benveniste no Brasil” (FLORES, 2017b, p. 79, grifos do autor).

Há, em “*Telling flesh*”, alguns pontos importantes em que divergimos do que é apontado por Kirby (2018). Abordaremos apenas dois deles neste artigo: a) a contestação de que não há signo trans-sistemático baseada na análise do fenômeno do dermografismo e no fato de que é possível se relacionar com a música de forma tátil (caso de Evelyn Glennie); e b) a conclusão de que Benveniste assume que a noção de signo é suficiente em si mesma. Há, ainda, um terceiro ponto que gostaríamos de considerar. Em que pesem as divergências de leitura do artigo “Semiologia da língua” (BENVENISTE, [1969] 2006), acreditamos que o questionamento do pensamento benvenistiano – como também do conceito saussuriano de signo, essencial ao pensamento benvenistiano – proposto por Kirby (2018) pode, se aceito como um desafio, tensionar a semiologia e a provocar a se repensar.

Nesta seção, desenvolveremos uma reflexão que se concentra sobre o primeiro desses pontos (a) e absorve o segundo (b). Além de explorar os pontos de divergência citados, ao final do artigo, retornaremos a algo da reflexão de Kirby (2018) que questiona a noção benvenistianiana de signo para aceitá-la provisoriamente dentro da possibilidade de um exercício que provoque a semiologia a se pensar.

Ao afirmarmos que divergimos da leitura da autora sobre o artigo de Émile Benveniste, não é o fato de que Kirby problematiza o que é proposto por Benveniste que está em questão, obviamente. Não se trata de tomar o texto benvenistiano como sagrado e inquestionável. O que está em jogo aqui é escrutinar o que está sob o texto de Kirby e sob o texto benvenistiano, que premissas sustentam um e outro posicionamento – o de Émile Benveniste, que afirma não haver signo trans-sistemático, e o de Vicki Kirby, que sugere que esse posicionamento talvez não seja sustentável em vista de fenômenos específicos que apresenta – para revelar que outras questões estariam implicadas nesse debate.

O dermografismo e a percepção tátil da música são os dois fenômenos que levam Kirby a questionar a pertinência da afirmação de Benveniste sobre a impossibilidade de signos trans-sistemáticos:

Essa noção do corpo lúdico como o jogo do signo, esse átomo de significado supostamente elementar, não se reconcilia confortavelmente com a afirmação do linguísta Émile Benveniste de que “não há signo que atravesse vários sistemas, que seja trans-sistemático” (KIRBY, 2018, p. 71, tradução nossa).

Antes de partirmos para a análise, gostaríamos de fazer um pequeno

*detour* para observar uma questão de tradução. Obtivemos acesso limitado<sup>15</sup> à versão em inglês de “Semiologia da língua”, citada pela autora<sup>16</sup>, mas pudemos verificar que, no texto originalmente publicado em francês, não há um trecho que pudesse ser traduzido como “[t]here is no sign that bridges several systems, that is transsystemic” (BENVENISTE, 1969, apud KIRBY, 2018, p. 71), cuja tradução para o português seria: “não há signo que atravesse vários sistemas, que seja trans-sistemático” (tradução nossa). Na página 53 do “*Problèmes de linguistique générale 2*” – coletânea de artigos de Émile Benveniste publicada em 1974, na qual o artigo “Semiologia da língua” foi publicado –, no trecho em que Benveniste afirma que não há signo trans-sistemático, lê-se apenas: “*La valeur d’un signe se définit seulement dans le système qui l’intègre. Il n’y a pas de signe trans-systématique*” (BENVENISTE, 1974, p. 53), o que é traduzido na versão brasileira como: “O valor de um signo se define somente no sistema que o integra. Não há signo trans-sistemático” (BENVENISTE, [1969] 2006, p. 54). Ainda que o trecho introduzido pela versão anglófona não altere o significado global do excerto, consideramos a tradução a que a autora teve acesso, no mínimo, curiosa e, no limite, pouco confiável, daí a relevância de mencionarmos tal desacordo.

Retornemos à questão em debate e vejamos, então, o que diz Benveniste sobre a impossibilidade de um signo ser trans-sistemático. Trata-se do segundo princípio expresso pelo autor:

Dois sistemas podem ter um signo em comum, sem que daí resulte sinonímia ou redundância, quer dizer que **a identidade substancial de um signo não conta, mas somente sua diferença funcional**. O vermelho do sistema binário de sinalização rodoviária não tem nada em comum com o vermelho da bandeira tricolor, nem o branco desta bandeira com o branco do luto na China. O valor de um signo se define somente no sistema que o integra. Não há signo trans-sistemático (BENVENISTE, [1969] 2006, p. 54, grifos nossos).

Atentemos para o trecho grafado em negrito. O exemplo que o segue auxilia-nos a compreendê-lo: não é o ser vermelho – **a identidade**

<sup>15</sup>Acessamos o trecho do livro citado pela autora, na página referenciada por ela, disponível on-line, via Google Books: [https://books.google.com.br/books?id=Wu2Ld0cQmyIC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=snippet&q=transsystemic&f=false](https://books.google.com.br/books?id=Wu2Ld0cQmyIC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=snippet&q=transsystemic&f=false).

<sup>16</sup>É importante informar que a fonte citada pela autora não é a versão em inglês do “Problemas de Linguística Geral II”, mas o livro “Semiotics: An Introductory Anthology”, editado por Robert E. Innis.

**substancial** –, mas sua **diferença funcional** no sistema em que é empregado – a sinalização rodoviária ou a bandeira francesa – que constitui o **valor** do signo, aquilo que ele significa. Segundo Benveniste, esse princípio dimana do anterior, o princípio da **não redundância entre sistemas**: “Não há ‘sinonímia’ entre sistemas semióticos, não se pode ‘**dizer a mesma coisa**’ pela fala e pela música, que são dois elementos de base diferente” (BENVENISTE, [1969] 2006, p. 53, grifos nossos), “O homem não dispõe de vários sistemas distintos para a MESMA relação de significação” (BENVENISTE, [1969] 2006, p. 54, grifo do autor).

Um signo só faz sentido no interior do sistema do qual faz parte. Se tomamos algo que **parece** o mesmo signo em outro sistema, estamos apenas confundindo sua identidade substancial com sua diferença funcional. Analisemos o que Kirby (2018) considera que desafia o princípio benvenistiano: o fato de que a musicista escocesa Evelyn Glennie se relaciona com sons musicais por meio do tato, da percepção da vibração musical em seu corpo todo. Uma vez que não especifica claramente em seu texto, podemos apenas especular sobre o que seria o signo em questão aqui: as unidades sonoras? O que leva a autora a dizer que, porque essas unidades podem ser percebidas de forma tátil por Glennie isso as transforma em signos trans-sistemáticos? Aparentemente, para a autora, o signo musical faz parte de um sistema quando é percebido auditivamente e de outro, quando absorvido de forma tátil.

A fim de analisarmos esse trecho e procurarmos responder às questões que propomos, recorreremos a um excerto em que a autora parece confundir “modo operatório” (BENVENISTE, [1969] 2006, p. 52) com signo:

O dermatofismo encarna como vanguarda o jogo de representação que envolve o tecido do visual, do auditivo e do tátil. Aqui, a integridade semiótica de um determinado **modo ou signo perceptivo** já é habitada pelo que é considerado estranho a ele, ou seja, informações provenientes de outro sistema sensorial. Essa inscrição reconfigura a aritmética que compreende os dados dos sentidos como um agregado de universos separáveis. (KIRBY, 2018, p.72, tradução nossa, grifos nossos)

Primeiramente, vejamos o que nos diz sobre modo operatório o texto benvenistiano: “é a maneira como o sistema age, notadamente o sentido (vista, ouvido, etc.) ao qual ele se dirige” (BENVENISTE, [1969] 2006, p. 52). Talvez aqui resida a semente da confusão: “o sentido [...] ao qual ele se dirige”. Porque a palavra “sentido” se encontra no singular, é possível inferir

daí que cada sistema deva dirigir-se a um sentido apenas. No entanto, se continuarmos lendo o artigo de 1969, veremos, algumas páginas adiante, o seguinte trecho:

[...] dois sistemas de tipos diferentes não podem ser mutuamente conversíveis. No caso citado, a fala e a música têm certamente este traço comum, a produção de sons e o fato de se dirigirem ao ouvido; mas esta relação não prevalece contra a diferença de natureza entre suas unidades respectivas [...] (BENVENISTE, 2006, p. 54).

O fato de que ambas se dirigem ao mesmo sentido, a audição, não faz com que fala e música sejam consideradas sistemas de tipos/bases iguais, não as torna mutuamente conversíveis, ou seja, “não se pode ‘**dizer a mesma coisa**’ pela fala e pela música, que são dois elementos de base diferente” (BENVENISTE, [1969] 2006, p. 53, grifos nossos). Vemos aqui que não é o sentido sensorial que determina a base ou o tipo do sistema. Outro exemplo ratifica essa observação: “Em compensação, o alfabeto gráfico e o alfabeto Braille ou Morse ou o dos surdos-mudos são mutuamente conversíveis, sendo sistemas de mesmas bases fundadas sobre o princípio alfabético: uma letra, um som” (BENVENISTE, [1969] 2006, p. 54). Aqui, percebemos algo diferente: sistemas considerados de mesma base que se dirigem a mais de um sentido sensorial, a visão (uma letra) e a audição (um som). Assim, podemos ver que, para Benveniste, tanto se dirigir a mais de um sentido é possível para um sistema quanto se dirigir ao mesmo sentido não torna dois sistemas “de mesma base”.

Retornamos ao que havíamos observado sobre a percepção de Kirby no início deste texto: para a autora, a “integridade semiótica” está relacionada ao sentido a que o signo/sistema de significação se dirige. Para a socióloga, se o dermatofismo desperta a visão, é mobilizado oralmente e também pode ser sentido tatilmente, isso faz dele um signo que funciona em três sistemas diferentes, portanto, trans-sistemático.

Retornemos ao comentário da autora sobre o signo saussuriano, por meio de um trecho já citado aqui: “a noção saussuriana de significante, por exemplo, une o visual e o auditivo em sua *image acoustique*, não como em um modo *com* o outro, mas como intermodalidade da percepção em si mesma” (KIRBY, 2018, p. 72, tradução nossa, grifos da autora). Kirby (2018) traz o CLG para a discussão, por meio da noção de signo, que a autora considera contraditória e confusa; para ela, a questão da “intermodalidade de percepção” perturba a integridade do signo.

A fim de entendermos por que Kirby (2018) considera que pode haver signos trans-sistemáticos, é necessário compreender que, para ela, “modalidade” e “signo perceptivo” remetem a universo sensorial: uma modalidade ou signo perceptivo para cada sentido. Assim, a própria noção de signo, confundida com a adjetivação “perceptivo”, é restrita pelo único sentido a que deveria dirigir-se. Dessa forma, um fenômeno como o dermatofismo, que é desperto oralmente e se realiza tátil e visualmente, confundiria as bordas do signo, uma vez que um sentido sensorial invadiria os limites do outro – confusão que também ocorreria no caso da percepção tátil da música por Evelyn Glennie. A questão se dá, então, não tanto em relação ao sistema de significação de que o signo faz parte, mas em relação à natureza do signo em si, embora, obviamente, uma influencie a outra.

Quanto à percepção da música tátil e não auditivamente, podemos questionar se a maneira como se percebem as unidades sonoras que compõem a música faz alguma diferença. Lembremos que, para o Benveniste ([1969] 2006) de “Semiologia da língua”, essas unidades sequer são signos, pois não remetem a um repertório finito, não simbolizam algo. O caráter semiótico da música só pode ser atribuído na obra em si. Rememorado esse que não é um pequeno detalhe, nos permitamos, por um segundo, considerar que as unidades sonoras possam ser um signo – levando em conta o caráter semiótico que podem adquirir, segundo Benveniste, no interior de uma obra ou da obra completa de um artista. A unidade sonora sempre tem uma vibração. Não é apenas quando alguém como Evelyn Glennie percebe a música que ela passa a ter vibração, ela está sempre lá: quando escutamos música, quando a dançamos, quando, em volume elevado, ela sacode objetos etc. A vibração e o som constituem o signo sonoro, não a vibração **ou** o som, mas ambos, inseparavelmente.

Algo importante que se perde de Benveniste nessa discussão é a relevância do sentido – o sentido enquanto significação, não enquanto universo sensorial. Esse é o centro do pensamento benvenistiano como um todo e ponto fulcral em “Semiologia da língua” (BENVENISTE, [1969] 2006). Aqui, podemos retornar a outra afirmação de Kirby, a de que, para Benveniste, a noção de signo seria autossuficiente. É o próprio Benveniste quem afirma que o signo não é sequer suficiente: “é necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único [...]” (BENVENISTE, [1969] 2006, p. 67). Para o linguista, a noção de signo não dá conta de todo sentido da língua – apenas do semiótico. Existe outra maneira de ser língua, de significar: o semântico. No caso da música e das artes plásticas, analisadas por Benveniste no artigo em questão, o sentido é semântico e não semiótico.

A língua é o único sistema que possui semântico e semiótico, todos os outros sistemas seriam descritos pelo sintagma “semântico sem semiótico”.

Como se sabe, semiótico e semântico – modos de ser língua dotados, ambos, de forma e sentido – são definidos inicialmente como as duas formas de ser língua: o semiótico é o universo dos signos, é o sistema linguístico em suas características saussurianas: é social, por isso, compartilhado no universo dos locutores, é possibilidade; o semântico diz respeito ao universo da enunciação: é a língua-discurso, língua em uso, o domínio da frase, espaço da troca de sentidos – a passagem de um universo a outro se dá no mesmo ato em que o locutor, ao apropriar-se da língua, enuncia(-se), tornando-se sujeito. Em “Semiologia da língua” (BENVENISTE, [1969] 2006), há um deslocamento dessas noções para a descrição de sistemas não linguísticos. O que permanece de cada um é a forma como significam – por meio de unidades significativas, no semiótico; na instância de uso, no semântico: “o semiótico (o signo) deve ser RECONHECIDO; o semântico (o discurso) deve ser COMPREENDIDO” (BENVENISTE, [1969] 2006, p. 66, grifo do autor). Tais funcionamentos, de reconhecimento e de compreensão, se aplicam aos sistemas semiológicos não linguísticos nas análises apresentadas pelo autor no artigo de 1969<sup>17</sup>.

Vemos que, para Benveniste, o signo não dá conta dos sistemas de significação que não são língua. Concordamos com Kirby quando ela afirma que, para esse linguista, “a identidade do signo, como uma unidade com uma integridade circunscrita, está realmente confinada à linguística” (KIRBY, 2018, p. 72, tradução nossa). Embora a palavra “signo” seja empregada, tanto por Benveniste ([1969] 2006), em “Semiologia da língua”, quanto por Saussure no CLG<sup>18</sup>, para se referir a unidades de sistemas de significação da sociedade – “os signos da escrita; os ‘signos de cortesia’, de reconhecimento, de reunião, em todas as suas variedades e hierarquias; os signos reguladores dos movimentos de veículos; os ‘signos exteriores’ que indicam as condições sociais; [...]” (BENVENISTE, [1969] 2006, p. 51), “ritos simbólicos, [...] formas de polidez, [...] sinais militares etc.” (SAUSSURE, [1916] 2004, p. 24) –, uma leitura atenta desse artigo não deixa dúvidas de que só a língua possui semiótico justamente porque só ela possui signos, logo, o signo só pode ser linguístico<sup>19</sup>. Os outros sistemas são informados da relação de

<sup>17</sup>Esse parágrafo é uma reelaboração de um trecho de Severo (2020).

<sup>18</sup>Segundo Flores (2017a), a noção de signo de Émile Benveniste se constrói sobre aquela do CLG, mas não se limita a ela.

<sup>19</sup>Por razão de tempo e espaço não nos aprofundaremos sobre os diferentes significados que a palavra “signo” assume neste artigo de Émile Benveniste, mas esperamos ter deixado claro que,

signo pela língua, que, assim, os “confere efetivamente [...] a qualidade de sistemas significantes” (BENVENISTE, [1969] 2006, p. 64) por meio das relações semiológicas<sup>20</sup> que ela estabelece com esses sistemas. O objetivo do artigo citado por Kirby (2018) é justamente estabelecer o lugar da língua dentre todos esses sistemas. A conclusão do artigo é que a língua é o sistema que interpreta a todos os outros exatamente porque é o único dotado de semiótico e de semântico, portanto, o único capaz de “sustentar propósitos significantes sobre a significância” (BENVENISTE, [1969] 2006, p. 66). Kirby (2018, p. 71, tradução nossa) é visivelmente irônica ao referir-se à língua como “a grande matriz semiótica”, mas, para Benveniste, é exatamente disso que se trata.

### **Considerações finais**

Neste artigo, procuramos seguir o caminho iniciado por Vicki Kirby (2018) na relação que ela estabelece ao citar e refutar trechos do artigo “Semiologia da língua”, de Émile Benveniste ([1969] 2006). Procuramos fazer justiça a ambas as formas de perceber signo e sistemas de significação ao ressaltar o que elas propõem de dissemelhante. Estabelecemos uma análise crítica do artigo da socióloga australiana a fim de desenrolar concepções que nos pareceram embaralhadas justamente porque não buscam compreender cada uma dessas linhas de pensamento em seu arcabouço teórico e campo de domínio.

O que temos aqui são duas percepções afinadas em sintonias muito diferentes. Para Vicki Kirby (2018), é a perspectiva pós-humanista que está em jogo, com sua ênfase na materialidade, nos universos não-humanos ou menos-que-humanos e nas concepções de linguagem que asseguram um suposto excepcionalismo humano no devir do mundo. Do outro lado da questão, temos a ênfase no sentido que caracterizou todo pensamento de Émile Benveniste. Trata-se, aparentemente, de dois pontos de vista irreconciliáveis, que nos conduziriam a um impasse: ou se considera a perspectiva sensorial que releva da priorização da materialidade ou se considera o sentido, a significação, enquanto orientação principal. Nessa visão dicotômica, no universo dos estudos da linguagem, se aderirmos à primeira perspectiva, entenderemos o dermografismo como produção de

---

para esse linguista, os signos que compõem um sistema semiótico são apenas aqueles da língua.

<sup>20</sup>São elas: de engendramento, de homologia e de interpretação. Essa última é a relação que a língua mantém com todos os outros sistemas, com a sociedade e com ela mesma.

signos trans-sistemáticos porque compreendidos em diferentes sistemas de significação determinados pelo sentido sensorial a que se dirigem. No outro extremo, se aderirmos à perspectiva semiológica benvenistiana, entenderemos esse fenômeno como produtor de uma unidade de significado que só faz sentido dentro de seu próprio sistema, o qual se dirige a e opera em diferentes universos sensoriais.

Pode-se, no entanto, encarar a questão de uma forma menos polarizada. Acreditamos que é interessante – nem que apenas para fazer o pensamento pensar (WALKERDINE, 1995) – considerarmos por um momento um sistema de significação que se refrata, como a luz que passa pelo cristal, mas em direção ao interior desse, distribuindo os raios coloridos dentro de si mesmo. Nesse interior, a multiplicação desse sistema se dá em virtude do sentido ativado. O que define um sistema em relação aos outros é seu sentido enquanto significação, mas o que define cada uma de suas manifestações internas é o sentido sensorial ativado, sua materialidade. Mais do que ativar uma colorida metáfora, com essa imagem, procuramos ilustrar o que acreditamos ser uma ferramenta para reflexão que possibilita o tensionamento da semiologia como ela vem se construindo. A ideia é introduzir um conceito bomba na teoria para que, ao explodir, esse conceito obrigue a teoria a se pensar, se reorganizar e, conseqüentemente, se desenvolver.

O que seria esse conceito bomba aqui? Um signo que não se limita ao linguístico, um signo que se organiza segundo o sentido sensorial a que se dirige, um signo cujo significante e significado estejam no corpo, em sua materialidade e não em seu simbolismo. Como pensar esse signo dentro do quadro do pensamento benvenistiano – em que todos os caminhos levam ao sentido enquanto significado, partem da linguagem enquanto capacidade de simbolizar e pensam o humano enquanto ser de linguagem? Como conciliar esse dentro e fora da linguagem simultâneos? Esperamos que essas perguntas, para as quais ainda não aventamos respostas, ao tensionar a semiologia, levem-na a se pensar, explodir, se desenvolver.

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.
- BARAD, Karen. Performatividade pós-humanista: para entender como a

matéria chega à matéria. Trad. Thereza Rocha. **Vazantes**. v.1, n.1, [2003] 2017.

BENNETT, Jane. **Vibrant Matter – A Political Ecology of Things**. Londres: Duke University Press, 2010.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas, SP: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Problèmes de Linguistique Générale II**. Paris: Gallimard, 1974.

\_\_\_\_\_. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas, SP: Pontes, [1969] 2006.

\_\_\_\_\_. **Dernières Leçons**. Paris: Seuil/ Gallimard, 2012.

\_\_\_\_\_. **Últimas aulas no Collège de France 1968 e 1969**. Tradução de Daniel Costa da Silva [et al.]. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

BUZATO, Marcelo El Khouri. O pós-humano é agora – uma apresentação. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. v. 52, n. 2. p. 478-495. maio/ago. 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/issue/view/1590>. Acesso em: 16 jul. 2020

DERRIDA, Jacques. Le supplément de copule. La philosophie devant la linguistique . In: **Langages**, 6<sup>e</sup> année, n° 24, 1971. Épistémologie de la linguistique [Hommage à E. Benveniste] sous la direction de Julia Kristeva. pp. 14-39. Disponível em [www.persee.fr/doc/lgge\\_0458-726x\\_1971\\_num\\_6\\_24\\_2604](http://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1971_num_6_24_2604). Acesso em 11 set. 2020.

\_\_\_\_\_. **Gramatologia**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017 [1967].

DUFOUR, Dany-Robert. **Os mistérios da trindade**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2010.

FERRANDO, Francesca. Pós-Humanismo, Transumanismo, Anti-Humanismo, Meta-Humanismo e novos materialismo – Diferenças e Relações. **Rev. Filos. Aurora**, v.31, n.54, p. 958-971, set./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/aurora/article/view/24707>. Acesso em: 15 jul. 2020

FLORES, Valdir do Nascimento. O que há para ultrapassar na noção saussuriana de signo? De Saussure a Benveniste. **Gragoatá**, [S.l.], v. 22, n. 44, p. 1005-1026, dec. 2017a. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33546>. Acesso em: 17 jul. 2020.

\_\_\_\_\_. **Saussure e Benveniste no Brasil**: quatro aulas na École Normale Supérieure. São Paulo: Parábola, 2017b.

KIRBY, Vicki. **Telling flesh**: The Substance of the Corporeal. New York:

Routledge, 1997.

\_\_\_\_\_. “Telling flesh – the body *as* the scene of writing”. **Figurationen**. Vol 19, Issue 2, p. 64–62. Dec 2018. Disponível em: <https://www.vr-elibrary.de/doi/abs/10.7788/figu.2018.19.2.64>. Acesso em 08 jul. 2020.

METZ, Christian. **Language and Cinema**. Trans. Donna Jean Umiker-Sebeok. The Hague: Mouton Press, 1974. French Orig.: Langage et Cinéma. Paris: Larousse, 1971.

\_\_\_\_\_. **Film Language: A Semiotics of the Cinema**. Trans. Michael Taylor. New York: Oxford UP, 1974. French Orig.: Essais sur la signification au cinéma. Paris: Klincksieck, 1968.

PENNYCOOK, Alastair. **Posthumanist Applied Linguistics**. London/ New York: Routledge, 2018.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, [1916] 2004.

SEVERO, Renata T. Língua e corpo: enunciação e afetividade. In: 4º Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade 2º Simpósio Internacional Discurso, Identidade e Sociedade, 2015, Fortaleza. **Anais...**. Fortaleza: Uece/ufc/unilab/fa7, 2015. v. 1, p. 420-432. Disponível em: <https://eventos.uece.br/siseventos/processaEvento/evento/exibeDocumentosEvento.jsf?id=163&contexto=sidis2015>. Acesso em: 17 jul. 2020.

\_\_\_\_\_. **Semiologia da linguagem: a enunciação do sagrado e o corpo afroreligioso**. 2016. 156 f. Tese (Doutorado) - Curso de Estudos da Linguagem, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/143595>. Acesso em: 17 jul. 2020.

\_\_\_\_\_. “O corpo como lugar do sentido: uma análise semiológica inspirada em Audre Lorde”. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura Letra Magna**. Ano 16, n. 26, 2º semestre de 2020. [[www.letramagna.com](http://www.letramagna.com)]. No prelo.

WALKERDINE, Valerie. O raciocínio em tempos pós-modernos. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 2, n. 20, p. 207-226, jul-dez/ 1995. Semestral.

WOLLEN, Peter. **Signs and Meaning in the Cinema**. Bloomington: Indiana UP, 1972.

## A TEORIZAÇÃO DE ÉMILE BENVENISTE SOBRE ESCRITA: (D)O PONTO DE VISTA DA VIDA SOCIAL

### THE THEORY OF EMILE BENVENISTE ON WRITING: (FROM) THE POINT OF VIEW OF SOCIAL LIFE

Eduardo Alves Rodrigues

Universidade Virtual do Estado de São Paulo, UNIVESP, São Paulo, SP, Brasil

Cármem Lúcia Hernandes Agustini

Universidade Federal de Uberlândia, UFU, Uberlândia, MG, Brasil

Érica Daniela de Araújo

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, CEFET-MG, Araxá, MG, Brasil

*Resumo:* Neste artigo, sob a perspectiva da História das Ideias Linguísticas estabelecida pela prática teórico-metodológica da Análise de Discurso, analisamos a teorização sobre escrita empreendida na linguística de Benveniste, que circula e ganha relevância no espaço das Ciências da Linguagem, a partir do ponto de vista da Semiologia. Assim, almejamos produzir um gesto de (re)leitura específico que restitui à sua teorização condições de compreensão da escrita como forma secundária de fala, ao assumir a língua como modelo de estrutura e de funcionamento. Empreendemos, dessa maneira, uma experimentação teórica sobre o Últimas aulas e sobre o enunciado “Não consigo respirar”, em circulação na sociedade.

*Palavras-chave:* Benveniste; escrita; Semiologia; Análise de Discurso; História das Ideias Linguísticas.

*Abstract:* In this article, from the perspective of the History of Linguistic Ideas established by the theoretical-methodological practice of Discourse Analysis, we analyze the theorization about writing undertaken in Benveniste's linguistics, which circulates and gains relevance in the space of Language Sciences, from the point of view of semiology. Thus, we aim to produce a specific gesture of (re)interpretation that restores to its theorization conditions for understanding writing as a secondary form of speech, by assuming language as a model of its structure and functioning. Thus, we undertook a theoretical experimentation on Benveniste's *Últimas Aulas* and on the statement “I can't breathe”, in circulation in society.

*Keywords:* Benveniste; writing; semiology; Discourse Analysis; History of Linguistic Ideas.

---

## A escrita do ponto de vista da semiologia

Ao preconizar a Semiologia como ciência geral no conjunto dos fatos humanos, Saussure ([1916] 2006) coloca a Linguística como uma parte dessa ciência, atribuindo à Semiologia a tarefa de estudar a vida dos signos no seio da vida social. Afirma ele:

[...] pode-se, então, conceber *uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social*; [...] chamá-la-emos de *Semiologia* [...]. Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem. Como tal ciência não existe ainda, não se pode dizer o que será; ela tem direito, porém, à existência; seu lugar está determinado de antemão. A Linguística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que a Semiologia descobrir serão aplicáveis à Linguística e esta se achará destarte vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos (SAUSSURE, [1916] 2006, p. 24, grifos do autor).

Nessa conjuntura, a Linguística assumiria, para Saussure, a perspectiva da Semiologia, decorrendo de tal posição a tomada da linguagem como fato humano, o que a afasta irrevogavelmente da perspectiva naturalista, haja vista não existir, segundo o teórico, ligação natural e direta entre signo, homem e realidade. Assim sendo, a linguagem não seria externa ao homem tampouco mero produto da natureza.

Saussure definiu a língua como objeto da Linguística e instituiu o signo como sua unidade, “entidade psíquica de duas faces” (SAUSSURE, [1916] 2006, p. 80), fundando, assim, o que se passou a denominar Linguística moderna, e estabelecendo, conforme Benveniste ([1969] 2006, p. 66), “o fundamento da semiologia linguística”, uma vez que Saussure concebeu a língua como a parte sistematizável da linguagem. De nossa perspectiva, uma semiologia linguística estabelece para a língua uma territorialidade que é a própria linguagem, isto é, remete a língua ao seu horizonte próprio, a linguagem.

Essa (re)leitura do modo como a semiologia linguística se constituiu traz à tona a radicalidade da posição saussuriana ao definir a linguagem como fato humano e eleger o ponto de vista histórico como aquele que seria capaz de explicitar sua natureza, suas propriedades, sua estrutura e seu funcionamento. Decorre daí a compreensão de que uma posição semiológica é necessariamente uma perspectiva histórica. Isso permite afirmar e explicitar a relação indissociável entre a vida dos signos e a vida social dos sujeitos: o

que costura essa relação é o processo de significação, compreendido, com Benveniste, como uma relação entre sintagmatização e semantização da língua no e pelo homem.

Benveniste reconhece essa posição radical em Saussure e a partir dela empreende sua (re)leitura do projeto saussuriano, marcando com esse gesto sua filiação reivindicada a esse teórico (GUIMARÃES, 2018). Para ele, “a semiologia como ciência dos signos permanece em Saussure como uma visão prospectiva, que em seus trabalhos mais precisos se modela sobre a linguística” (BENVENISTE, [1969] 2006, p. 50). Ao (re)ler Saussure, Benveniste assume essa radicalidade como base de sua Linguística geral e dá um passo adiante ao conceber que a linguagem define o homem.

Com Normand (2006), compreendemos esse gesto situando Benveniste como “o mais saussuriano dos linguistas, uma vez que permitiu resgatar a partir de Saussure uma linguística da significação” (NORMAND, 2006, p. 14). E significação, a partir de Benveniste, implica ter em vista sempre “a linguagem no seio da sociedade, no seio de uma cultura” (BENVENISTE, [1968a] 2006, p. 23), circunscrevendo o processo de assunção do homem como sujeito. Ainda considerando o autor, “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como ‘sujeito’” (BENVENISTE, [1958] 2005, p. 286).

Portanto, pensar a significação com Benveniste implica pensar a constituição da subjetividade, especialmente, porque a significação seria produzida a partir de dois modos de funcionamento indissociáveis: o modo semiótico e o modo semântico. Pensar a significação dessa forma faz Benveniste desdobrar a perspectiva semiológica, porque a (re)inscreve em seu duplo funcionamento constitutivo: funciona na e pela língua, e funciona na e pela história. Dessa maneira, pensar assim a significação faz desdobrar da linguagem a língua, sem que esta prescindia de sua relação dominante com outros sistemas semiológicos.

Ao fundar sua Linguística sobre o processo de produção da significação, Benveniste procura descrever o funcionamento da linguagem, explorando a relação entre língua, homem e sociedade e os efeitos daí decorrentes. É dessa forma que compreendemos que, ao colocar no centro dos problemas da linguagem a significação, Benveniste sai, portanto, da visão prospectiva anunciada por Saussure e passa a teorizar a partir da perspectiva da Semiologia.

Com efeito, a posição semiológica de Benveniste, ao colocar-se a tarefa de compreender a vida dos signos no seio da vida social, estabelece, pela

perspectiva da história, condições inéditas de articulação do trinômio língua, homem e sociedade ao desenvolvimento de um estudo da significação que rompe com o paradigma temporal-cronológico. Nessa perspectiva histórica, compreender a significação implica compreender a construção semântica da realidade social, o que só é possível pela compreensão da realidade dos signos, na relação indissociável entre língua, cultura e personalidade (cf. BENVENISTE, [1954] 2005, p. 17).

Benveniste ([1954] 2005, p. 17) refere-se ao trinômio língua, cultura e personalidade como o termo de fundação de sua Linguística geral. Araújo (2019) mostra que esses conceitos são concebidos sobre a distinção entre dois níveis: o histórico e o fundamental. O conceito língua, no nível histórico, funciona como sinônimo de idioma, e, no nível fundamental, como sistema de formas significantes (língua-sistema) e atividade manifestada na instância de discurso (língua-discurso); o conceito cultura, no nível histórico, refere-se a culturas específicas, e, no nível fundamental, ao conjunto complexo de representações organizadas por/em um sistema de valores; o conceito personalidade, no nível histórico, corresponde ao locutor, e, no nível fundamental, à posição de sujeito assumida no discurso.

Assim, a Linguística geral de Benveniste, concebida nessa perspectiva, comporta não só o estudo do modo como os signos se estruturam e funcionam na sociedade, mas também o estudo da vida social dos sujeitos nos e pelos signos. Formulado de outro modo, pelo próprio teórico:

[...] nossa vida inteira está presa em redes de signos que nos condicionam a ponto de não se poder suprimir apenas um sem colocar em perigo o equilíbrio da sociedade e do indivíduo. [...] O caráter comum a todos os sistemas e o critério de sua ligação à semiologia é sua propriedade de significar ou SIGNIFICÂNCIA, e sua composição em unidades de significância, ou SIGNOS (BENVENISTE, [1969] 2006, p. 52).

A leitura de possíveis relações decorrentes do modo como os dizeres nessa formulação se reportam uns aos outros e a outras formulações benvenistianas permite depreender que a condição para que a significação aconteça é dada pelo fato de que sua base material é uma rede de signos, uma rede de sistemas em relação. Essa base material tem a língua como seu fundamento dominante, como seu sistema semiótico interpretante, aquele que sobredetermina, portanto, como a significação funciona produzindo seus objetos ao sobredeterminar os outros sistemas semiológicos.

Nessa perspectiva, Benveniste explicita porque a língua não pode ser

concebida como mera nomenclatura, uma vez que é na e pela língua que as unidades assumem relações. É por essa razão que, para esse teórico, “a língua constitui o que mantém juntos os homens, o fundamento de todas as relações que por seu turno fundamentam a sociedade [...] é a língua que contém a sociedade” (BENVENISTE, [1969] 2006, p. 63), fazendo significar a relação indissociável que une o trinômio língua, cultura e personalidade.

Essa posição permite compreender que, se algo afeta essa rede de relações materiais estabelecida na e pela língua, coloca-se em perigo o equilíbrio da sociedade e do próprio indivíduo. Isto posto, Benveniste reconhece a língua como condição interpretante que funda o horizonte da significação, pois, para ele, a língua deve ser tomada “como fundamento de toda vida de relação” (BENVENISTE, [1968a] 2006, p. 26). Por isso, diz esse autor: “é a língua como sistema de expressão que é o interpretante de todas as instituições e de toda a cultura” (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 117).

No horizonte da significação, Benveniste perscruta, discute e teoriza sobre a relação de interpretância possível entre língua e escrita, de modo a tornar visível como a escrita toma a língua como modelo (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 141), estruturando-se e funcionando ao modo da língua. Embora, em termos de significância, a língua sobredetermine a escrita, língua e escrita constituem sistemas semiológicos distintos e independentes, a ponto de termos refutada a interpretação de que a escrita seria tão-somente uma representação da fala. Daí Benveniste deslocar-se dessa interpretação e conceber a escrita como uma forma secundária da fala (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 177), ou seja, como outra forma de falar ao outro sem fazer uso da voz: trata-se, portanto, de outra forma de converter o discurso em forma linguística (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 152, anotação de aluno), de enunciar na e pela escrita. Benveniste lembra, a esse respeito, que a escrita é uma forma secundária da fala por ter sido inventada pelo homem, enquanto a fala constitui o homem.

A partir do exposto, é possível compreendermos, com Benveniste, que o ponto de vista semiológico sobre a relação entre língua e escrita impõe à escrita uma vocação social porque, ao produzir uma escrita, o sujeito intenta, na e pela significância, influenciar de alguma forma o outro. Noutras palavras, a concretude material da escrita, o grafema, permite a ela funcionar como instrumento social de relação, produzindo, por meio de um sistema concorrente com a língua, possíveis relações para a vida dos signos no seio da vida social, isto é, modos específicos de significar.

É nessa medida que a escrita assume um funcionamento semiológico, não estando, com efeito, “subordinada” à língua, tal qual propôs Saussure (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 132). De nossa perspectiva, não é, portanto, gratuito Benveniste derivar a escrita da relação com a língua, já que esse outro modo de significar a partir da escrita corresponde a uma prospecção relativa à rede de relações entre signos que funciona articuladamente no trinômio língua, cultura e personalidade.

### **A escrita como instrumento (de relação) social ou... não há escrita zero**

A escrita, concebida como outro modo de exercício da necessidade histórica da significação para o homem, instrumentaliza para ele possíveis relações sociais, fornecendo condições específicas e inéditas de enunciação. Inéditas porque há um trabalho necessário, devido às abstrações de alto grau que o afastam da relação automatizada com a fala, e que é (im)posto ao sujeito no e pelo processo de escrita. Assim, a escrita (com)porta uma experimentação inédita e contínua com a língua.

A escrita instrumentaliza relações sociais quando, por exemplo, suporta a invenção de produções escritas, as mais diversas, destinadas à leitura do outro. Podemos pensar aí desde a escrita de um bilhete até os textos literários e, mais recentemente, as diferentes formas de escrita possíveis de serem realizadas no e pelo funcionamento das mídias digitais e das redes sociais. A escrita permite, assim, pela leitura, projetar um sujeito-autor e um sujeito-leitor. Trata-se, pois, de um dispositivo por meio do qual o sujeito, retomando e retransmitindo o conjunto de signos recebidos, diz de si e da sua relação com o outro, com o mundo e com a linguagem. Por isso, dizemos que a escrita instrumentaliza relações sociais, haja vista ser um ato de linguagem que, no processo de troca e diálogo - pensados, com Benveniste, como fundamentos da relação discursiva, das relações de produção e de troca de efeitos de sentido – remete à experiência de linguagem desses sujeitos e entre sujeitos.

Dessa maneira, a escrita, ao instrumentalizar a representação e a (re)criação da realidade, dado que ela toma a língua como modelo de constituição e funcionamento, para o leitor, (im)põe ao sujeito-leitor que a atualize em enunciação. Assim,

[...] a linguagem *re-produz*<sup>1</sup> a realidade. Isso deve entender-se da maneira mais literal: a realidade é produzida novamente por intermédio da linguagem. Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e sua experiência do acontecimento. Aquele que o ouve apreende primeiro o discurso e através desse discurso, o acontecimento reproduzido. Assim a situação inerente ao exercício da linguagem, que é a da troca e do diálogo, confere ao ato de discurso dupla função: para o locutor, representa a realidade; para o ouvinte, recria a realidade. Isso faz da linguagem o próprio instrumento da comunicação intersubjetiva (BENVENISTE, [1963] 2005, p. 26, grifo do autor).

Ao considerarmos, pela relação com a língua, que a escrita também se constitui como forma de mediação da representação e da (re)criação da realidade, ela também funciona englobando “a sociedade de todos os lados”, mediando, portanto, configurações possíveis da e para a sociedade. Estabelecer uma configuração para a sociedade significa, segundo Benveniste, instaurar o semantismo social, o que ele concebe como sendo uma propriedade inerente à língua, ou seja, como algo que somente a língua poderia realizar. Para ele, “a língua engloba a sociedade de todos os lados e a contém em seu aparelho conceitual, mas ao mesmo tempo, em virtude de um poder distintivo, ela configura a sociedade instaurando aquilo que se poderia chamar de semantismo social” (BENVENISTE, [1968b] 2006, p. 100).

Também com base no autor, podemos dizer que, ao tomar a língua como modelo, a escrita é efeito da transposição do semantismo social da língua (cf. BENVENISTE, [1966] 2006, p. 233), operando também uma relação de engendramento com a linguagem. É possível afirmarmos ainda que o semantismo social fundamenta a conversibilidade entre língua e escrita, uma vez que pode ser compreendido como efeito da própria conversibilidade da sociedade em efeito(s) de sentido.

---

<sup>1</sup>Na reprodução do texto traduzido para o português brasileiro ([1963] 2005, p. 26), restituímos a grafia do original francês *re-produit* (BENVENISTE, [1963] 1966, p. 25). Araújo (2019, p. 181) nos lembra que Dessons (2006, p. 13), ao analisar o valor do prefixo “re-”, na teorização de Benveniste, afirma que tal prefixo comporta dois valores: o valor de “iteração”, significando aquilo que é recorrente, que ocorre novamente, que é repetível; e o valor de “invenção”, significando aquilo que é novo, que é irrepitível. Segundo Dessons (2006), o valor de “iteração” está relacionado à língua, que impõe, a partir de seu sistema, determinados limites ao sujeito. O valor de “invenção”, por sua vez, relaciona-se à atualização da língua em discurso em uma situação específica, a qual leva em consideração a reconstrução referencial dos índices de pessoa-tempo-espaço-discurso, ou seja, das coordenadas referenciais da instância de discurso, e, por isso, seria sempre um acontecimento novo.

[...] colocamos, entre a linguagem e os ditos sistemas semióticos, uma *relação de engendramento*, atualizada em uma *relação de denominação*. Assim também é a relação língua-sociedade. Pode-se “dizer a mesma coisa” pela fala e pela escrita, que são dois sistemas conversíveis um no outro, porque são do mesmo tipo. [...] É uma relação de *não conversibilidade* mútua que se estabelece entre a *língua* e a *sociedade* (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 110-111, grifo do autor).

Nessa formulação, Benveniste faz duas advertências ao leitor: a primeira diz respeito ao fato de que a relação de engendramento entre a linguagem e os sistemas semióticos determina a existência da linguagem mediada pelos sistemas semióticos; o que explicita, por analogia, a determinação da existência da sociedade pela mediação da língua. A segunda advertência esclarece que, uma vez que língua e sociedade não são sistemas de mesmo tipo, portanto, não conversíveis um ao outro, a sociedade resulta de uma construção mediada pelos sistemas semióticos. Em decorrência do exposto, podemos considerar que a escrita, assim como a língua e a seu modo, instaura e faz funcionar o semantismo social.

O semantismo social, como efeito da representação e da (re)criação da realidade, é produzido e se sustenta, segundo Benveniste, na relação indissociável entre língua e sociedade (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 110), o que faz com que a escrita inscreva a possibilidade de dizermos/significarmos “o mesmo” que poderia ser dito/significado na e pela fala. Daí esse autor definir a escrita como “fala secundária”, isto é, uma forma de dizer/significar que (com)porta as propriedades semióticas e semânticas próprias da língua; forma esta que expressa sentidos por meios distintos da fala, preservando, porém, um paralelismo com ela.

Com efeito, ao tomar a estrutura e o funcionamento da língua como modelo, a escrita constitui, conforme Benveniste, a realização de uma forma secundária do discurso. Na formulação dele, nas Últimas aulas,

[...] a escrita é, portanto, um revezamento (*relais*) da fala, é a *própria fala fixada em um sistema secundário de signos*. Mas ainda que secundário, esse sistema continua sendo o da própria fala, sempre apto a se tornar fala de novo.

A escrita é a fala convertida pela mão em signos falantes. A mão e a fala se sustentam na invenção da escrita. A mão prolonga a fala.

O sistema primário voz (a boca) -orelha é revezado (*relayé*) pelo sistema secundário mão (a inscrição) -olho. A mão tem o papel de emissor traçando as letras, e o olho se torna receptor coletando os traços escritos.

Entre a boca e a orelha, o elo é a *fonía* emitida-ouvida; entre a mão (a

---

inscrição) e o olho, o elo é a *grafia* traçada-lida (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 179, grifo do autor).

Nessa perspectiva, podemos dizer que o sujeito, ao apropriar-se da língua e convertê-la em escrita, uma imagem da língua, transmuta sua experiência de linguagem em signos escritos, socialmente (com)partilhados entre os membros de uma determinada sociedade, de uma determinada cultura, de tal modo a enunciar-se na e pela escrita. Essas relações de sentido que compõem a formulação teórica de Benveniste ganham visibilidade quando ele afirma que:

[...] toda aquisição da escrita supõe uma série de abstrações. Há uma súbita conversão da língua em imagem da língua. Para o homem em estado de natureza, é algo prodigioso e extremamente difícil. A língua, de fato, é uma atividade, um comportamento no qual se está sempre em situação de diálogo. A passagem à escrita é uma reviravolta total, muito demorada para se realizar. O locutor deve se desprender dessa representação da língua falada enquanto exteriorização e comunicação (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 130, anotação de aluno).

Do nosso ponto de vista, a escrita, ao ser mobilizada no exercício da linguagem, no exercício da significação, projeta o sujeito que diz – que exercita a linguagem, que enuncia –, constituindo-se como um modo de testemunho de sua identidade. Nessa medida, a escrita, como uma imagem da língua, não só se constitui como sua abstração, como também é um lugar em que o problema do sentido pode ser perscrutado, já que, como ensina Benveniste,

[...] o problema do sentido é o problema da própria língua, e, como a língua aparece para mim como uma paisagem que se move (ela é o lugar de *transformações*) e como se compõe de elementos diferentes (verbos, nomes etc.), o sentido se resume a procurar o modo de significar próprio a cada um dos elementos em questão (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 194, grifo do autor).

Como dito pelo autor, a escrita, assim como a língua, (com)porta os dois modos de significância, o modo semiótico e o modo semântico, isso porque cabe ao sujeito, no exercício dessa forma linguística, “reconhecer” os grafemas escritos e socialmente postos e “compreender” a significância por eles evocada.

Esses dois sistemas se superpõem assim na língua tal como a utilizamos. Na base, há o sistema semiótico, organização de signos, segundo o critério da significação, tendo cada um destes signos uma denotação conceptual e incluindo numa sub-unidade o conjunto de seus substitutos paradigmáticos. Sobre este fundamento semiótico, a língua-discurso constrói uma semântica própria, uma significação intencionada [intentada], produzida pela sintagmatização das palavras em que cada palavra não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo [...]. Este é o duplo sistema, constantemente em ação na língua, e que funciona tão velozmente, de um modo tão sutil [...]. Mas no fundo de tudo está o poder significante da língua, que é anterior ao dizer qualquer coisa. No final desta reflexão somos reconduzidos a nosso ponto de partida, à noção de significação. E eis que se reanima em nossa memória a fala límpida e misteriosa de Heráclito, que conferia ao Senhor do oráculo de Delfos o atributo que nós colocamos no âmago mais profundo da linguagem: [...] “Ela não diz nem oculta, mas ela significa” (BENVENISTE, [1966] 2006, p. 233-234).

Uma vez inscrita na relação forjada sobre esse duplo funcionamento, devemos compreender a escrita, da perspectiva da Semiologia, como um sistema sem marco zero, ou seja, tomar como fundamento que *não há escrita zero*. Se a escrita é um sistema que engloba a instauração e o funcionamento do semantismo social, engloba necessariamente a sua inscrição na estrutura e no funcionamento da significação. Portanto, a escrita deve ser compreendida como invenção humana, cuja fundação está no sempre já-dado duplo funcionamento da língua, da sua significância. Por isso, a escrita é desde sempre-já social, dado que o sentido, para Benveniste, é histórico e é social.

De nossa perspectiva, esse autor aponta essa questão ao tomar para si a tarefa de compreender o problema da escrita, não questionando a sua origem (ou sua genética), mas questionando aquilo que seria definitivo desse sistema de “representação gráfica”, conforme a leitura da formulação a seguir permite observar.

Não estou fazendo genética das escritas, nem procurando a origem da escrita. Quero apenas ver quais soluções o homem deu ao problema da “representação gráfica”. Minha constatação é que, tanto na antiguidade mais distante que possamos alcançar quanto nos tempos modernos, **o homem começa sempre representando graficamente o objeto do discurso ou do pensamento, ou seja, o referente**. A tendência “natural” é comunicar por um meio gráfico as *coisas* de que se fala, e não o discurso que fala das coisas. Não é, portanto, exato, para quem abraça o conjunto das manifestações da escrita, que a escrita seja signo da língua, que, por sua vez, seria “signo” do “pensamento”. Não se pode dizer, da escrita, que ela é signo de signo. Ela se tornou somente uma transcrição da fala (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 139, grifo em itálico do autor, grifo em negrito nosso).

A (re)leitura da afirmação de que “o homem começa sempre representando graficamente o *objeto* do discurso ou do pensamento, ou seja, o referente” restitui ao leitor uma condição fundadora da escrita, designada ali como “representação gráfica”. Assim, como representação gráfica, ela representa, necessariamente, algo. Quanto à condição fundadora da escrita, esta corresponde à territorialidade da qual a escrita não pode prescindir justamente porque lhe restitui o modelo – as condições – de sua existência: a historicidade do duplo funcionamento que articula o semiótico e o semântico e que funda a significação como constitutiva da condição humana.

Na territorialidade da escrita, há inscrita a decalagem entre língua e escrita, o que possibilita ao sujeito, pela escrita, outro modo de viver a experiência da linguagem, a experiência da subjetividade, a experiência do semantismo social. Esse modo de viver mediado – seja na e pela língua, seja na e pela escrita – acontece por “herança”. Nesse sentido, a escrita é herdada como prolongamento da fala, o que produz, pela escrita, o efeito de permanência da fala no espaço-tempo.

Essa herança permite ler a escrita como produto de relações de produção e de trocas históricas e sociais. Essas relações herdadas não oferecem condições que suportem uma escrita do “discurso que fala das *coisas*”; ao contrário, condicionam a existência do sentido das coisas à alguma base material de representação e de significação, dentre as quais a escrita. Daí Benveniste aspear o termo “natural”, no sintagma nominal “a tendência natural”, como uma forma de marcar a natureza histórico-social da comunicação na e pela escrita. A escrita resulta das condições sócio-históricas da semiologia da língua, que coloca em relação inalienável língua, cultura e personalidade.

É por essa herança que Benveniste pode afirmar que a escrita se “tornou” somente transcrição da fala. *Tornou-se* porque é assim que ela é apresentada, historicamente, aos escritores/leitores, pois, como vimos, para ele, a escrita, embora aparente transcrever a fala, a prolonga. Em outra formulação, essa teorização é dada da seguinte forma: “pode-se dizer que a escrita foi e que ela é, em princípio, um meio paralelo à fala de contar as coisas ou de dizê-las à distância e que, progressivamente, a escrita se literalizou, conformando-se a uma imagem cada vez mais formal da língua” (BENVENISTE, [2012], 2014 p. 156).

## **A escrita é sempre a escrita de um sujeito**

Para Benveniste, é impensável olhar a linguagem e o homem no mundo sem que ambos estejam inalienável e mutuamente se constituindo. Sua afirmação de que “única é a condição do homem na linguagem” é retomada parafrasticamente em outra afirmação, na qual ele assevera que “de fato, a linguagem corresponde a isso em todas as suas partes. É tão profundamente marcada pela expressão da subjetividade que nós nos perguntamos se, construída de outro modo, poderia ainda funcionar e chamar-se linguagem” (BENVENISTE, [1958] 2005, p. 287). Ou seja, não há transmutação da experiência da linguagem – nem escrita, nem falada – em signos que não responda a uma demanda de constituição da subjetividade.

Se tomada essa transmutação em face do processo de significação, podemos dizer que todo ato individual de conversão da língua em discurso – todo ato individual de utilização da língua – é um ato de instauração do “sujeito” como uma posição de língua-discurso. Em decorrência disso, a escrita, modelo da língua, é sempre, ela, também, um ato de instauração da subjetividade. Em palavras mais precisas, a escrita é sempre a escrita de um sujeito. Isso significa que, na e pela escrita, torna-se também possível explicitar o efeito da transmutação do locutor em sujeito. Assim, a escrita também testemunha a constituição da identidade desse sujeito (BENVENISTE, [1958] 2005, p. 288).

Na e pela escrita, o homem não escapa ao assujeitamento da língua, uma vez que a escrita não se reduz a mero encadeamento de frases; ela funciona como um modo de o homem estar na língua que o subjetiva. Subjetivar o homem, em primeira e em última instância, significa inscrevê-lo na relação constitutiva entre língua, cultura e personalidade, porque é nessa relação que ele é projetado como ser social. É por essa inscrição que, no campo do discurso, o sujeito, ao apropriar-se da língua e convertê-la em escrita, transmuta sua experiência da linguagem em signos escritos. É também por essa inscrição que a significação se engendra, condição necessária para que o sujeito exerça a experiência da atribuição de sentidos a si, ao(s) outro(s) e ao mundo. É nessa experiência/experimentação que no sujeito (re)atualiza-se o semantismo social, expondo sua condição única na linguagem, sua condição única em um mundo desde sempre já simbolizado. Podemos concluir, portanto, que a condição única do homem é ser ao mesmo tempo individualizado e socializado na e pela linguagem.

A condição única do sujeito na linguagem, é preciso esclarecermos,

também expõe o fato de que a experiência da linguagem é uma experiência necessariamente, segundo Benveniste, de inscrição em um diálogo, no qual o homem ocupa, ao mesmo tempo, um lugar na língua – lugar de locutor, no plano da língua – e uma posição na língua-discurso – posição de sujeito, aquele que significa ao se apropriar da língua e ao realizar um ato individual de (re)produção de discurso. Nessa condição, o locutor dialoga com o sujeito, isto é, estabelece-se um diálogo do locutor consigo e com o outro, sua projeção no campo do sentido.

Para explicitarmos esse funcionamento, tomemos o seguinte enunciado: “Não consigo respirar.”, escrito num tuíte que recupera uma enunciação falada. Esse enunciado inscreve um diálogo entre locutor e sujeito no discurso. Nesse diálogo, a significância mantém uma relação de dependência às coordenadas referenciais da enunciação (*pessoa-tempo-espaço-discurso* ou *eu-tu-ele-aqui-agora*), uma vez que, se essas coordenadas são alteradas, o sentido também pode ser alterado. É também nesse diálogo que locutor e sujeito falam. Diferentemente. Restituamos as coordenadas referenciais que se (re)atualizam nele, direcionando a produção de sentidos a partir do enunciado em questão.

O enunciado “Não consigo respirar.” pressupõe um locutor “eu” que, a depender da instância de discurso, pode significar um pedido de socorro, cuja enunciação (re)produz um efeito de particularização da referência de/ sobre quem o enuncia: esse lugar de locutor poderia ser (e, efetivamente, é) ocupado por George Floyd, um homem negro, de 46 anos, vítima fatal do racismo e da brutalidade policial, que o enunciou, na noite de 25 de maio de 2020, em Minnesota/Estados Unidos, minutos antes de morrer asfixiado. Esse locutor, assim particularizado, dialoga com o sujeito que a instância de discurso projeta como posição na língua-discurso. Assim, (re) produz-se sentidos que alçam Floyd à condição do sujeito-negro, vítima de racismo, e, ao mesmo tempo, uma vez que esse enunciado é endereçado a um policial, instaura-se um outro marcado pela violência e pela brutalidade, pelo preconceito e pela autoridade “aparentemente autorizada” a matá-lo, a asfixiá-lo.

É nessa relação que o sujeito, como entidade social, é envelopado por discursos em circulação que o colocam na ordem do social. Isso significa que, toda vez que a enunciação acontece, uma entidade social é projetada como posição significativa na e pela língua-discurso. Essa projeção marca uma decalagem entre sujeito e locutor, estando este responsável pela particularização da referência, enquanto aquele pelo efeito de sentido (re)

produzido. Por meio dessa relação de diálogo entre locutor e sujeito, cujo funcionamento encontra-se inscrito na linguagem, é que Floyd representa outros sujeitos, especialmente sujeitos-negros, que poderiam ocupar esse lugar, como se ele fosse locutor de outros sujeitos passíveis de se colocarem na «mesma» posição social, e, nesse caso, como vítimas da violência e da brutalidade policial.

Isso posto, jamais, em Benveniste, poderíamos reduzir a questão do sujeito à mera posição sintática, gramatical. Ao contrário, a partir da relação enunciado-enunciação em “Não consigo respirar.”, foi possível mostrarmos que, pelo funcionamento do diálogo entre locutor e sujeito, a escrita é sempre a escrita de um sujeito, uma vez que esse diálogo, embora representativo de uma situação no semantismo social, jamais se replica a partir das mesmas coordenadas referenciais da enunciação.

Veremos a seguir, em outro tuíte (@monicabergamo), como a significância do enunciado “Não consigo respirar.”, instaurado a partir de outras coordenadas referenciais, (re)inscreve, na e pela escrita, o sujeito em outro mo(vi)mento de abstração de alto grau, (re)produzindo a decalagem relativa à fala. É o próprio Benveniste quem afirma: “a escrita é um sistema que supõe uma abstração de alto grau” (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 128). E ele teoriza essa questão da seguinte forma:

[...] o ato de escrever não procede da fala pronunciada, da linguagem em ação, mas da linguagem interior, memorizada. A escrita é uma transposição da linguagem interior, e é preciso primeiramente aceder a essa consciência da linguagem interior ou da “língua” para assimilar o mecanismo da conversão em escrito. [...] A linguagem interior é rápida, incoerente, pois sempre se compreende a si mesmo. É sempre uma língua *situada*, em um contexto presente, que faz parte da condição de linguagem, portanto, inteligível para o falante e apenas para ele. Porém, transferir essa linguagem interior - condicionada pela relação do locutor consigo mesmo em uma experiência e uma circunstância únicas, mutáveis - em uma forma inteligível a outros, e que perde, sob seu aspecto escrito, toda relação *natural* com a ocasião que foi a da linguagem interior, é uma tarefa considerável e que exige uma atitude inteiramente diferente da que adquirimos por meio do hábito de transferir o pensamento à escrita (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 132, grifos do autor).

Compreendemos, assim, que a escrita, uma vez estabelecida, perde “toda relação natural” com a linguagem interior, apresentando-se já como social (“língua *situada*”), efeito da conversão em língua-discurso. Além disso, devemos considerar que a escrita, uma vez estabelecida, não é apenas signo,

mas interpretância – a escrita põe em movimento sentidos. Por isso, ela demanda abstrações de alto grau, porque, ao escrever, já se mobiliza um jogo de interpretações que coloca já em relação linguagem interior, pensamento e coordenadas referenciais.

Vale destacarmos que, pela transversalidade discursiva da (re)leitura aqui formulada, torna-se possível mostrar que Benveniste, ao afirmar que:

[...] a língua é o interpretante de todos os sistemas semióticos. Nenhum outro sistema dispõe de uma “língua” na qual possa se categorizar e se interpretar segundo suas distinções semióticas, enquanto que a língua pode, em princípio, tudo categorizar e interpretar, inclusive ela mesma. [...] A língua nos fornece o único modelo de um sistema que seja semiótico simultaneamente na sua estrutura formal e no seu funcionamento [...]. A língua é o único sistema em que a significação se articula assim em duas dimensões. [...]. O privilégio da língua é de comportar simultaneamente a significância dos signos [o semiótico] e a significância da enunciação [o semântico]. Daí provém seu poder maior, o de criar um segundo nível de enunciação, em que se torna possível sustentar propósitos significantes sobre a significância. É nesta faculdade metalinguística que encontramos a origem da relação de interpretância pela qual a língua engloba os outros sistemas (BENVENISTE, [1969] 2006, p. 62, 63 e 66).

permite afirmar, por decorrência, que a escrita, estruturando-se e funcionando como a língua, assume a condição necessária de engendrar interpretância. Se a língua tem o privilégio suprarreferido, a escrita o assume ao tomá-la como modelo, comportando tanto o semiótico quanto o semântico. Essa condição só é possível pela relação que a escrita mantém com a língua, pelo modo como esta a sobredetermina.

Conforme dissemos, a língua sobredetermina todos os demais sistemas semiológicos, inclusive, a própria escrita. Entretanto, embora isso se dê, a relação estabelecida entre a língua e a escrita instrumentaliza a escrita a engendrar interpretância. Sobre isso, (re)lemos em Benveniste:

[...] todos [os sistemas semiológicos] estão em relação com a língua: a língua desempenha, diante de todos os outros, o papel de interpretante semiológico, isto é, **de modelo que serve para definir os termos e suas relações**. Ora, a própria língua é um sistema semiológico. Ela é, hierarquicamente, o primeiro dentre eles (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 112; grifo nosso).

É nessa medida que compreendemos como única a relação entre a língua e a escrita, diferente das relações que a língua mantém com outros

sistemas semiológicos. A língua dá, assim, condições à escrita para que ela funcione como interpretante de segundo grau (cf. BENVENISTE, [2012] 2014, p. 121, anotação de aluno).



Recorte 1 – Tuíte de Mônica Bergamo.

Fonte: Perfil de Mônica Bergamo no Twitter. Disponível em: <[https://twitter.com/search?q=%40monicaberga%20eu%20n%C3%A3o%20consigo%20respirar&src=typeahead\\_click](https://twitter.com/search?q=%40monicaberga%20eu%20n%C3%A3o%20consigo%20respirar&src=typeahead_click)>. Acesso em: 14 jul. 2020.

No tuíte reproduzido no Recorte 1, quando a jornalista escreve “Eu não consigo respirar”, aspeando o enunciado, seu lugar de locutor projeta a representação de um sujeito social, aquele que parafraseia, a partir dessas coordenadas referenciais, o referido enunciado como sendo “eu não tolero (mais)”. E, nessa instância de discurso, o suposto “pedido de socorro”, implicado em “Não consigo respirar.”, converte-se em um efeito de denúncia. Por esse mecanismo, a interpretação é encaixada em outra instância de discurso.

De nossa perspectiva, a análise do enunciado “Não consigo respirar.”, na enunciação que o tuíte (re)atualiza, mostra que é todo um modo de vida que se deve alterar em vista da escrita, já que inscreve outro modo possível de engendrar o jogo de interpretação. A significância na e pela escrita exige

“objetivar” o dado linguístico” (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 131), isto é, discursivizar a “riqueza ‘contextual’ que, para o falante, é essencial” (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 131, anotação de aluno). Assim, na e pela escrita, abstrai-se o modo de vida conhecido/significado na e pela língua falada. Ao analisarmos esse mecanismo, podemos vislumbrar o fato de que a escrita tem uma vida na sociedade, e o homem, por meio dela, também vive.

Vejamos, a seguir, outros mo(vi)mentos de experimentação teórica que explicitam outros aspectos da vida da escrita na sociedade.

### **Experimentação teórica da vida da escrita na sociedade**

E, antes de mais nada, de *qual escrita se fala?* (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 127, grifo do autor)

A pergunta que epigrafa esta sessão parafraseia o seguinte questionamento: como compreender *a escrita ter uma vida na sociedade* sendo aquilo que se “*tornou* somente uma transcrição da fala” (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 139, grifo do autor)? Benveniste nos direciona a pensar essas questões a partir da afirmação de que “a escrita e, mais particularmente a escrita alfabética, é o *instrumento da autosemiotização da língua*” (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 155; grifo do autor). Nas palavras de um de seus alunos, “a escrita foi sempre e por toda parte o instrumento que permitiu à língua semiotizar a si mesma” (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 155, anotação de aluno).

De nossa perspectiva, isso significa dizer que a escrita registra a língua, que ela constitui um registro semiótico da língua – ela “revela uma semiótica da língua [...]” (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 150, anotação de aluno). A consequência disso é que é, na e pela escrita, que temos acesso ao modo como a língua se estrutura e funciona. A escrita é, assim, a língua “convertida [...] em uma imagem da língua” (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 129), uma “imagem simbólica do falar” (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 131). Benveniste esclarece ainda que “para que a língua se semiotize, ela deve *proceder a uma objetivação de sua própria substância*. A escrita *torna-se* progressivamente o instrumento dessa objetivação formal” (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 156, grifo do autor). A escrita como forma secundária da fala constitui uma forma secundária de simbolização, uma vez que simboliza o próprio discurso e seus elementos.

Em decorrência do exposto, podemos dizer que, sem a escrita, não

teríamos como compreender a significância da língua, sua estrutura e funcionamento. Não teríamos como teorizar sobre a língua sem recorrermos à escrita. Uma consequência dessa perspectiva é a vinculação inalienável entre a invenção da escrita e a emergência das Ciências da Linguagem (bem como a de todas as demais Ciências). Nessa medida é que podemos considerar que a invenção da escrita revolucionou a história humana.

A autossemiotização da língua implica, na formulação de Benveniste, o movimento a partir do qual “a língua opera uma redução sobre si mesma”, ou seja,

[...] de sua função instrumental desprende-se sua função representativa, cujo instrumento é a escrita. Ora, a escrita muda de função: de instrumento para iconizar o real, ou seja, o *referente*, a partir do discurso, ela se torna, pouco a pouco, o meio de representar o próprio discurso, logo os elementos do discurso, logo os elementos desses elementos (sons/letras) (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 157, grifo do autor).

Sobre essa questão, o autor explica, ainda, que “a língua é, ela própria, criação. Pode-se, então, dizer que a ‘escrita’ começa a ser ‘signo da realidade’ ou da ‘ideia’, sendo *paralela* à língua, mas não seu *decalque*” (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 137;], grifo do autor). Isto decorre do fato de que “a escrita não poderia curto-circuitar a fala (a saber, expressar por meios inteiramente distintos, não homólogos à fala); ela deve ‘seguir’ a fala [...] já que não é mais do que uma forma da fala” (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 178).

Assim fica descrito, pela formulação teórica de Benveniste nas Últimas Aulas, o mecanismo pelo qual a vida da escrita se desdobra – se espacializa – como vida social, implicando a constituição de subjetividades. E isso só é possível pelo fato de a escrita se constituir como sistema semiológico paralelo e homólogo à língua, e, ao mesmo tempo, dela derivado. É assim que podemos, com Benveniste, constatar que “a língua e a escrita significam exatamente da mesma maneira” (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 173).

Fica, dessa forma, teorizado o paradoxo da escrita em função de ser concebida como forma secundária da fala, funcionando como um dispositivo semiológico de “retomada” e “retransmissão” de signos e de efeitos de sentido que se tornam visíveis. Esse mecanismo explicita “em suma, [...] a relação entre o sistema primário (fala) e o sistema secundário (escrita)” (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 181), como sendo uma relação de “*revezamento (relais)*” permanente, contínuo. Portanto, constituir-se como forma secundária da fala é o modo pelo qual a escrita ganha existência

como forma de (mediar a) vida no seio da vida social. Isso permite à escrita instrumentalizar relações sociais. De nossa perspectiva, esse é o modo pelo qual a escrita estabelece seu *dis-curso* na sociedade.

Dito isto, podemos explorar outros aspectos da vida social da escrita, mostrando como o enunciado “Não consigo respirar.”, convertido em forma secundária da fala, instrumentaliza outras relações sociais, a partir do diálogo semiológico entre nível histórico (de representação) e nível fundamental (de constituição), entre locutor e sujeito, forma e sentido, dando a ver a relação inalienável entre essas formas complexas de discurso (fala e escrita) (cf. BENVENISTE, [1970] 2006, p. 90). Para tanto, remeteremos o enunciado em questão a outras escritas em circulação no seio da vida social.

Foram as últimas palavras de George Floyd: “Não posso respirar”. Eu também. Não consigo respirar neste Brasil (des)governado por militares que ameaçam as instituições democráticas e exaltam o golpe de Estado de 1964, que implantou 21 anos de ditadura; elogiam torturadores e milicianos; acertam o “toma lá, dá cá” com notórios corruptos do Centrão; plagam ostensivamente os nazistas; manipulam símbolos judaicos; tramam, em reuniões ministeriais, agir ao arrepio da lei; proferem palavões em reuniões oficiais, como se estivessem num antro de facínoras; debocham de quem observa os protocolos de prevenção à pandemia e saem às ruas, indiferentes aos 30 mil mortos e suas famílias, como a celebrar tamanha letalidade. [...]

Recorte 2 - “Não posso respirar”, por Frei Betto

Fonte: Adaptado de Revista Fórum. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/politica/nao-posso-respirar-por-frei-betto/>>. Acesso em: 06 jun. 2020



Recorte 3. – Manifestação contra o Governo Bolsonaro.

Fonte: RBS Direct. Disponível em: <<https://www.rbsdirect.com.br/imagesrc/25675343.jpg?w=580&h=326>>. Acesso em: 01 jul. 2020.



Recorte 4 – Vereadores de Goiânia contra o racismo.

Fonte: Câmara Municipal de Goiânia (Sala de Imprensa). Disponível em: <<https://www.goiania.go.leg.br/sala-de-imprensa/noticias/durante-sessao-ordinaria-camara-de-goiania-se-une-ao-mundo-em-protesto-contr-racismo>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

### PMs de SP aplicam gravata em motoboy, que diz 'não consigo respirar'

O Globo  
Gustavo Schmitt  
O Globo 14 de julho de 2020



Policiais militares fazem abordagem agressiva a motoboy na Avenida Rebouças, em São Paulo

Recorte 5 – Abordagem policial agressiva.

Fonte: O Globo. Disponível em: <<https://br.noticias.yahoo.com/pms-sp-aplicam-gravata-em-001248499.html>>. Acesso em: 14 jul. 2020.

Da perspectiva da retomada e da retransmissão do enunciado “Não consigo respirar.”, nos recortes 2, 3, 4 e 5, destacamos como o mecanismo da repetição desse enunciado é inscrito em diferentes instâncias de discurso. Ressaltamos, assim, como nos recortes a escrita do enunciado (re)produz o efeito de prolongamento da fala de Floyd, de tal modo que os sentidos (re)produzidos naquela instância primária de discurso vão sendo evocados nas instâncias secundárias delineadas nos recortes, mas não sem sofrerem deslocamentos no campo da significância. Descrevermos e interpretarmos essas marcas de repetição nos colocam diante de marcas na enunciação pelos quais podemos vislumbrar a (re)atualização do funcionamento semiológico

e dialógico do dizer produzindo efeitos de sentido.

Ainda a esse respeito, Benveniste (apud COQUET; FENOGLIO, [2012] 2014, p. 75) esclarece que “a repetição frequente é um fato de funcionamento”. Do modo como interpretamos essa formulação, o mecanismo da repetição não produz necessariamente apenas o mesmo sentido; ao contrário, é na e pela repetição que a variação se torna possível, que o sentido se movimenta. Ela expõe o sentido a outro(s) sentido(s), isto é, expõe o engendramento de relações de sentido, configurando-se, portanto, como um mecanismo fundador para o processo de significação. É por esse mecanismo fundador da repetição que os limites dos sistemas semiológicos, tanto da língua quanto da escrita, ganham visibilidade e que a sintaxe toma corpo, isto é, a sintagmatização acontece, (re)produzindo a semantização. A sintagmatização, para Benveniste, é o cerne da “operação constitutiva do ‘sentido’” (COQUET; FENOGLIO, [2012] 2014, p. 75), porque configura-se como base da (re)produção da semantização.

Nessa direção, o enunciado falado por Floyd – “Não consigo respirar.” – remete ao modo como os recortes o sintagmatizam-semantizam pela escrita. No Recorte 2, é estabelecida uma posição de sujeito no discurso que retoma o referido enunciado falado para constituir outra significância, na qual outros efeitos ganham corpo e, portanto, visibilidade: “não consigo respirar neste Brasil (des)governado por militares que ameaçam as instituições democráticas e exaltam o golpe de Estado de 1964. [...]”. O que se repete nessa instância é o efeito de sufocamento engendrado a partir de outras coordenadas referenciais: um locutor (*eu-Frei Betto*) que assume uma posição de oposição (*eu-posição de sujeito*) àquilo que é descrito no discurso (*ele-objeto de discurso-o que é dito*) como Estado brasileiro (*espaço*) cujo governo atual, desde 2019 (*tempo*) sendo presidido por Jair Bolsonaro, ameaça a democracia (*ele-objeto de discurso-o que é dito*). São essas outras coordenadas que expõem o “mesmo” efeito de sufocamento produzido na fala (primária) a variações na e da significação. Significa-se, assim, na escrita (secundária), o efeito de “não ser mais possível” viver em uma sociedade como ali descrita.

No enunciado “Não consigo respirar.”, Floyd é apresentado já como objeto de linguagem, assim constituído pela relação dialógica entre locutor e posição de sujeito materializada na linguagem. Essa experiência possível apenas na e pela linguagem, a de significar e (d)enunciar seu sufocamento, é, nos recortes anteriores, transmutada em fala secundária, em escrita. Nos recortes em análise, a escrita transmuta a referida experiência ao (re)atualizar

a enunciação primária em enunciações secundárias de modo a significar protesto e homenagem, por exemplo. No que se refere aos recortes 2, 3 e 4, escreve-se, (re)atualiza-se o referido enunciado na situação de luta social contra o fascismo, contra o racismo, contra o feminicídio, contra a violência policial, contra o Governo e por (melhores) condições de vida.

Podemos dizer com isso que, nos recortes em análise, (re)atualiza-se a posição de discurso de Floyd, que é uma posição social, constituída na e pela significância. É justamente nesse lugar, o da significação, o da interpretância, que se (re)produz esse retorno a uma instância (outra) de discurso, neste caso, ao acontecimento social vivido por Floyd, que é/pode ser (re)interpretado, retomado e retransmitido. Esse é o mecanismo pelo qual o outro pode se identificar com o *eu-sujeito* e, assim, (com)partilhar experiências na/da/pela linguagem. Ao (com)partilhá-las, as referências dos índices de pessoa-tempo-espaco-discurso são reconstruídas.

No Recorte 5, o processo de (re)atualização das coordenadas referenciais inclui a inscrição do locutor “motoboy” na posição de sujeito, antes assumida por Floyd, produzindo o efeito de sentido de que o acontecimento da ação policial violenta é um acontecimento recorrente: há recorrência da violência policial contra negros, contra trabalhadores, contra motoboys, contra mulheres, contra homossexuais, contra pobres etc.

A análise dos recortes mostra como a escrita ganha vida no seio da vida social. Isso ocorre porque ela instrumentaliza o homem a significar sua vida no seio da vida social. Tal se dá porque ela possibilita a (re)atualização de enunciações, isto é, permite inscrever a sintagmatização-semantização de um “mesmo” enunciado no seio da vida social, o que produz as condições para que esse enunciado seja engendrado por outras instâncias de discurso, por outras enunciações. A escrita, dessa maneira, medeia a articulação entre repetição e variação. E medeia também a articulação entre semiótico e semântico. Essa é a condição de funcionamento da semiologia, que tanto a língua quanto a escrita operam/engendam.

### **Uma linguística da escrita**

A partir do exposto, torna-se legível, para nós, uma transversalidade discursiva funcionando na obra de Benveniste que sustenta, na teorização de sua Linguística geral, a formulação de uma linguística da escrita. Uma linguística da escrita não prescinde de falar da língua, já que, com ele,

aprendemos que “falar da ‘linguística’ é falar da língua” (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 90). Em decorrência, falar da escrita é falar da língua.

Benveniste aponta esse caminho ao afirmar que “a linguística se ocupa do fenômeno que constitui a linguagem e, naturalmente, sem negligenciar a parte da linguagem que se transforma em escrita” (BENVENISTE, [1968c] 2006, p. 29-30) e considera esse caminho também a partir da perspectiva da Semiologia, que toma a enunciação como objeto de estudo e de investigação:

[...] muitos outros desdobramentos deveriam ser estudados no contexto da enunciação. [...] Seria preciso também distinguir a enunciação falada da enunciação escrita. Esta se situa em dois planos: o que escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem. Amplas perspectivas se abrem para a análise das formas complexas do discurso, a partir do quadro formal esboçado aqui (BENVENISTE, [1970] 2006, p. 90).

Segundo essa perspectiva que destaca a análise das formas complexas do discurso, uma tal linguística da escrita assume a tarefa de compreender como, a partir da escrita, podemos ampliar o conhecimento da semiótica da língua (“a escrita revela uma semiótica da língua” (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 150, anotação de aluno) ou, ainda, ampliar o conhecimento do mecanismo pelo qual a escrita permite a “língua semiotizar a si mesma” (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 155, anotação de aluno). Dessa maneira, a linguística da escrita se dedica a compreender como, a partir da estrutura e do funcionamento da escrita, os signos ganham vida no seio da vida social, em outras palavras, como a significação se (re)atualiza na e pela escrita.

A linguística da escrita, portanto, dedica-se a compreender os efeitos das transmutações – das conversões semiológicas – possíveis entre língua/fala e escrita, já que é próprio da linguagem permitir essas transmutações entre níveis de interpretância. Dessa maneira, uma linguística da escrita assim concebida e remetida ao projeto de Linguística geral de Benveniste toma como objeto a estrutura-funcionamento da escrita – como ela pode significar – sempre analisada da perspectiva da língua. Isso se funda sobre o princípio de que “um sistema semiológico é sempre, em princípio, capaz de gerar um ou vários outros sistemas semiológicos” (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 108), considerando a relação de sobredeterminação da língua sobre a escrita, ou, como diz o próprio Benveniste, tendo em conta o fato de que nessa relação é a escrita que toma a língua como modelo.

A linguística da escrita apresentaria como resultados respostas à

seguinte questão: se o sistema de escrita só existe em relação à língua, como “um sistema que utiliza a mão, deixando um traço escrito, representa a língua” (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 121, anotação de aluno)? Que efeitos decorrem da relação de decalagem entre “uma significância de primeiro grau, [e] outra de segundo grau” (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 121, anotação de aluno), dado que “uma conversão relativa é possível tanto da língua para a escrita quanto o inverso” (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 121, anotação de aluno)?

Com efeito, a linguística da escrita explicita o funcionamento da escrita como sistema formal de utilização da língua (cf. BENVENISTE, [2012] 2014, p. 152; anotação de aluno), expondo como a escrita constrói uma realidade visível significativa para os signos linguísticos. A esse respeito, lembramos que o próprio Benveniste afirma que a escrita estabelece “uma relação reversível biunívoca entre dois termos e apenas dois: *graphê* ↔ *phônê*” (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 129). Ou, em outras palavras, estudar a escrita é distinguir “os *signos* da língua que o falar confunde, mostrando quais são seus discriminadores” (BENVENISTE, [2012] 2014, p. 182, grifo do autor).

Dessa maneira, a teorização benvenistiana permite (re)pensar o estudo da escrita em sua ordem própria, isto é, sob a perspectiva semiológica. Benveniste ([2012] 2014) possibilita (re)significar o lugar da escrita na linguística. Como forma complexa de discurso, a escrita engendra processos de significância próprios; daí ela requerer uma teorização específica: uma linguística da escrita.

## Referências

ARAÚJO, Érica Daniela de. **A Linguística Geral de Émile Benveniste como um acontecimento no espaço político-simbólico da Linguística: língua, cultura, personalidade**. Tese. Doutorado em Estudos Linguísticos, Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14393/ufu.te.2019.2395>>. Acesso em 12 jul. 2020.

BENVENISTE, Émile. **Problèmes de Linguistique Générale I**. Paris: Gallimard, 1966.

\_\_\_\_\_. Tendências recentes em Linguística Geral. In: \_\_\_\_\_. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes, [1954] 2005. p. 3-18.

---

\_\_\_\_\_. Da subjetividade na linguagem. In: \_\_\_\_\_. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes, [1958] 2005. p. 284-293.

\_\_\_\_\_. Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística. In: \_\_\_\_\_. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes, [1963] 2005. p. 19-33.

\_\_\_\_\_. A forma e o sentido na linguagem. In: \_\_\_\_\_. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, [1966] 2006. p. 220-242.

\_\_\_\_\_. Estruturalismo e linguística. In: \_\_\_\_\_. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, [1968a] 2006. p. 11-28.

\_\_\_\_\_. Estrutura da língua e estrutura da sociedade. In: \_\_\_\_\_. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, [1968b] 2006. p. 93-104.

\_\_\_\_\_. Esta linguagem que faz a história. In: \_\_\_\_\_. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, [1968c] 2006. p. 29-40.

\_\_\_\_\_. Semiologia da língua. In: \_\_\_\_\_. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, [1969] 2006. p. 43-67.

\_\_\_\_\_. O aparelho formal da enunciação. In: \_\_\_\_\_. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, [1970] 2006. p. 81-90.

\_\_\_\_\_. **Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)**. São Paulo: Editora Unesp, [2012] 2014.

COQUET, Jean-Claude; FENOGLIO, Irène. Introdução. In: BENVENISTE, Émile. **Últimas aulas no Collège de France**. São Paulo: Editora Unesp, [2012] 2014. p. 67-86.

DESSONS, Gérard. **Émile Benveniste: l'invention du discours**. Paris: Éd. in Press, 2006.

GUIMARÃES, Eduardo. O interesse de Benveniste. In: AGUSTINI, Cármen; RODRIGUES, Eduardo A. (Org.). **Uma vida pela linguagem**. Homenagem a Émile Benveniste. Campinas: Pontes, 2018. p. 23-55.

NORMAND, Claudine. Saussure-Benveniste. **Letras**, Santa Maria, n. 33, p. 13-21, dez. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/download/11920/7341>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, [1916] 2006.

## O ESTUDO DA LÍNGUA E SUA RELAÇÃO COM A ESCRITA: PROJEÇÕES TEÓRICAS DE ÉMILE BENVENISTE

### THE STUDY OF LANGUAGE AND ITS RELATIONSHIP WITH WRITING: THEORETICAL PROJECTIONS OF ÉMILE BENVENISTE

Aline Wiczikovski Rocha

Universidade de Passo Fundo, UPF, Passo Fundo, RS, Brasil

Claudia Stumpf Toldo

Universidade de Passo Fundo, UPF, Passo Fundo, RS, Brasil

*Resumo:* Este estudo objetiva apresentarmos algumas das considerações teóricas do linguista Émile Benveniste, na obra *Últimas aulas no Collège de France 1968-1969* (2014), a respeito do tema da escrita, especialmente os argumentos que desenvolve para refletir acerca da relação semiológica entre o sistema da língua e o sistema da escrita. Sob esse viés, trazemos para este debate a análise de Benveniste sobre a escrita e sua capacidade de significar a língua. Para tanto, observamos a produção intelectual de Benveniste, vinculada às Últimas aulas, estabelecer um passo teórico (re)configurador da análise linguística, já que o caminho é orientado sobre estes dois determinantes: o da propriedade semiótica, que reveste o sistema de signos da língua, e o da propriedade semântica, que reveste a produção do discurso; e dimensionador da própria língua, dado o seu caráter de interpretância.

*Palavras-chave:* língua; escrita; relação semiológica.

*Abstract:* This study aims to present some of the theoretical considerations of linguist Émile Benveniste, in the book *Last Lectures: Collège de France 1968 and 1969* (2014), regarding the subject of writing, specially the arguments he develops to reflect on the semiological relationship between the language system and the writing system. Under this bias, we bring to this debate Benveniste's analysis on writing and its capacity of meaning the language. Therefore, we observe the intellectual production of Benveniste, linked to the *Last lectures*, to establish a theoretical step re-configurator of linguistic analysis, since the path is oriented on these two determinants: the semiotic property, which coats the system of signs of the language, and the semantic property, which coats the production of discourse; and dimensioner of the language itself, given its character of interpretance.

*Key words:* language; written/writing; semiological relationship.

### Considerações iniciais: o lugar teórico das lições benvenistianas

*Últimas aulas no Collège de France 1968-1969* (2014), doravante UA, traz à luz as ideias do linguista Émile Benveniste sobre a semiologia e a escrita. Situado no contexto efervescente do movimento estruturalista, o linguista, em suas *aulas*, assegura um novo tom, tanto para o caráter teórico de suas reflexões, quanto para o conteúdo que decide expor. Mostrando-se um “herdeiro confirmado de Saussure e fiel ao termo semiologia [...] compartilha com seus contemporâneos semioticistas a ambição de descrever a globalidade do mundo social em termos de sistemas de signos” (NORMAND, 2009a, p. 160). É dessa maneira que a semiologia, que tanto empenho desencadeou nas frentes de pensamento do estruturalismo, recebe o trato intelectual de Benveniste nas *Últimas aulas*. Vale lembrar que esse nobre linguista presidiu em 1969 a Associação Internacional de Semiótica, fato que corrobora sua inserção nessas bases de discussão.

Nesse enquadre, acessar a leitura dessa obra benvenistiana significa ingressar em um cenário de proposições centrado nestes pontos: o primeiro trata da abordagem sobre a compreensão do que circunscreve a linguística geral e a função do linguista face ao objeto; o segundo marca a materialidade do fundamento semiológico pelo olhar de Benveniste; e o terceiro concerne à análise do princípio de relações entre o sistema da língua e o sistema da escrita.

Dessa forma, o estudo proposto na exposição de Benveniste reflete, conforme a percepção de Normand (1996, p. 137), sua “vontade de continuar Saussure, ultrapassando-o”, pois o movimento teórico de Benveniste parte ora da certificação, ora do confronto com o que se projeta no *Curso* saussuriano, daí a justificativa de traçar a perspectiva de que “Saussure deve ser ultrapassado pelo desenvolvimento do que é no *Curso* um elemento central mas insuficientemente elaborado, a questão da significação” (NORMAND, 1996, p. 137). É, pois, munido dessa presença de uma *língua informada de significação*, que compreendemos os passos iniciais do alargamento da visão projetada por Benveniste ao anunciar que “compete-nos tentar ir além do ponto a que Saussure chegou na análise da língua como sistema significante” (BENVENISTE, 2006, p. 224). Desenvolver, portanto, as questões que envolvem a semiologia saussuriana, enquanto ciência piloto, oportuniza a Benveniste prolongar os princípios saussurianos e *ultrapassá-los* pela análise do funcionamento da língua, isto é, pelas dimensões de *forma e sentido*.

Para acompanhar a linha racional das aulas de Benveniste, devemos considerar, também, a conjuntura projetada em outras lições, aquelas formalizadas em seus *Problemas de linguística geral*<sup>1</sup>. Isso porque o revestimento semiótico e semântico da língua é basilar da apresentação de uma semiologia distinta da que Saussure enunciou, a proposta de Benveniste não está fundada “exclusivamente sobre a noção de *signo*, tal como em Saussure, mas sobre o discurso e, principalmente, sobre o aspecto próprio da língua de ser interpretante de si e dos outros sistemas semiológicos” (FLORES, 2013, p. 158). Assim, se, na apresentação saussuriana, a semiologia é *sígnica*, na benvenistiana, a semiologia é a *da língua*, porque é discursiva, porque sua interpretância parte do engendramento dos domínios do semiótico e do semântico da língua. O *ultrapassar* Saussure, como propõe Normand (1996), não se constitui pelo gesto de negação do fazer saussuriano, diremos que se constitui muito mais pelo que Benveniste herda de Saussure e consegue projetar sobre ele e sobre sua – inicial – percepção da língua enquanto sistema. Isso inclui a elaboração de uma *ciência das relações* (BENVENISTE I, 2005, p. 18), e dessa ciência fazer nascer um novo domínio, o da *semiologia da língua*.

Surge, dessa maneira, a tarefa central deste estudo, inscrita no objetivo de entendermos como Benveniste insere o tema da escrita no debate de uma relação semiológica com a língua. Para isso, percorreremos, primeiro, as *lições* sobre a semiologia somadas ao conteúdo de *Problemas de Linguística Geral*; segundo, as *lições* sobre a língua e a escrita, que representam o novo capítulo dos pressupostos teóricos do fazer linguístico benvenistiano. Passemos, então, a esse empreendimento.

## A língua e o seu papel de interpretante semiológico

Nas *Últimas aulas no Collège de France 1968-1969* (2014), o linguista Émile Benveniste conserva uma postura delimitadora da visão que prospecta, pois, habilmente, propõe falar sobre, ao mesmo tempo em que define, a sua compreensão de uma linguística geral, ou seja, para ele, é importante esclarecer o empenho sobre “a linguística que se interroga sobre si mesma, sobre sua definição, sobre seu objeto, sobre seu estatuto e sobre seus métodos” (BENVENISTE, 2014, p. 90). Trata-se de produzir “uma interrogação incessante, que se desenvolve, que se renova na medida em

<sup>1</sup>Os dois tomos de *Problemas de linguística geral* de Émile Benveniste serão referidos, aqui, com sistema de sigla (PLG) e indicação do volume (I ou II).

que a experiência do linguista se aprofunda e seu olhar se amplia. Falar de ‘linguística’ é falar da língua” (BENVENISTE, 2014, p. 90). No âmbito dessa questão, a experiência do linguista é constitutiva do saber dizer “onde se encontra a língua” e “como falar dela”. (BENVENISTE, 2014, p. 90). Essa abordagem de Benveniste encaminha e recupera, como já observamos, a propriedade elementar da natureza significante da língua, que orienta todo seu discurso, a saber: “será um discurso sobre a característica que colocamos em primeiro plano: a língua *significa*” (BENVENISTE, 2014, p. 90, grifo do autor).

A partir disso, o leitor do *curso* de Benveniste depara-se com as notas que encaminham a construção pedagógica e organizacional da trajetória das intenções desse linguista para introduzir aos seus ouvintes uma linguística que verse o plano da significância, “a ideia de que os signos podem formar conjuntos coerentes, sistemas de signos, e que eles propiciam o aparecimento de uma nova ciência, a ciência dos signos, a *semiologia*” (BENVENISTE, 2014, p. 91, grifos do autor). O salto teórico do linguista começa a se delinear quando se lança ao alcance da compreensão de outros sistemas em relação ao sistema da língua. Nessa análise, Benveniste designa que “a língua é não apenas feita de signos, mas também produtora de signos, que o sistema que a compõe engendra, ele próprio, novos sistemas, dos quais a língua é o interpretante” (BENVENISTE, 2014, p. 101). Isso a coloca num lugar diferenciado ao olharmos para os sistemas *signícos*. A língua é um sistema único e diferenciado em relação aos outros. Sem dúvida, o mais importante. No exame dessa proposição, impressiona a robustez da língua. Em sua dinâmica processual, a língua é tecida em signos e fabricante de signos, o sistema dessa língua engendra a existência de novos sistemas; e, por fim, a língua interpreta, dá sentido a esses sistemas. Essa engrenagem faz da língua um sistema de excelência ao passo que amplia e impulsiona a visão de sua essência.

Dado esse passo, Benveniste estabelece as condições viabilizadoras para pensar na língua revestida da competência interpretante e, com isso, pode investir no *objeto da semiologia*, fundamentado nas “RELAÇÕES entre estes sistemas” (BENVENISTE, 2006, p. 51, grifos do autor) de signos. A explanação das *lições* de Benveniste marca, dessa maneira, “uma nova relação, que Saussure não mencionou, nem talvez tenha visto: a *relação de interpretação*” (BENVENISTE, 2014, p. 109, grifos do autor). Logo, a espessura dessa proposição benvenistiana reencaminha o funcionamento do sistema da língua enquanto matriz semiótica.

Nesse modo de ver, Benveniste salienta que “os sistemas semióticos diferentes da língua *não se bastam* a eles mesmos e todos têm necessidade de verbalização; por essa razão primordial, apenas é significante o que é denominado pela linguagem” (BENVENISTE, 2014, p. 109). Ofertada a notoriedade da língua, Benveniste traça um rumo distinto do que se propõe em termos de semiologia, pois “a língua como sistema de expressão [...] é o interpretante de todas as instituições e de toda a cultura” (BENVENISTE, 2014, p. 117). Nesses termos, Benveniste certifica que “toda semiologia de um sistema não linguístico deve pedir emprestada a interpretação da língua, não pode existir senão pela e na semiologia da língua” (BENVENISTE, 2006, p. 61). Dizendo isso, o linguista reitera a condição da língua de interpretante de todos os sistemas, razão pela qual a semiologia, segundo sua perspectiva, deve ser a de uma *semiologia da língua*.

Vale destacar, ainda, os elementos que identificam a singularidade da língua em matéria de sistema. Benveniste pontua estes:

- 1º ela se manifesta pela enunciação, que contém referência a uma situação dada; falar, é sempre falar-de;
- 2º ela consiste formalmente de unidades distintas, sendo que cada uma é um signo;
- 3º ela é produzida e recebida nos mesmos valores de referência por todos os membros de uma comunidade;
- 4º ela é a única atualização da comunicação intersubjetiva (BENVENISTE, 2006, p. 63).

Para expressar a ideia de sistema autointerpretante, Benveniste exemplifica a relação entre dois sistemas: o da língua e o da sociedade. Embora se estabeleçam como dois sistemas, língua e sociedade não apresentam “correlação estrutural”. Por isso, “a relação só pode ser semiológica, isto é uma relação de interpretante com interpretado, que exclui toda relação genética. A língua contém a sociedade” (BENVENISTE, 2014, p. 111). Dizer que *a língua contém a sociedade* é dizer que “somente é social aquilo que a língua denomina” (BENVENISTE, 2014, p. 112). É nesse sentido que a língua se estabelece com a propriedade de sistema interpretante.

O ponto de vista de Benveniste esclarece que “a principal diferença entre a língua e os ‘sistemas semióticos’ é que *nenhum sistema semiótico é capaz de se tomar, ele próprio, como objeto* nem de se descrever em seus termos” (BENVENISTE, 2014, p. 120, grifos do autor). Essa evidência norteará os desdobramentos da relação de interpretância entre o sistema da língua e o sistema da escrita, a questão é, entendermos adiante, a partir das

*aulas* de Benveniste, como, em seu raciocínio linguístico, a língua categoriza e interpreta ela mesma.

Por ora, reteremos, desse conjunto de noções, que o ponto teórico fundamental é o de que a língua “está investida de propriedades semânticas [...], ela funciona como uma máquina de produzir sentido” (BENVENISTE, 2006, p. 99). A propriedade estrutural da língua permite sua propriedade funcional da produção do sentido o qual é convocado à relação de interpretância da língua. O valor da língua como *máquina de produzir sentido* insere-se no contexto do que o linguista propõe ser as “duas maneiras de ser língua, no sentido e na forma” (BENVENISTE, 2006, p. 229), isto é, “a língua como *semiótica* [...] língua como semântica” (BENVENISTE, 2006, p. 229, grifos do autor). Por isso, ser reconhecido é uma incumbência destinada ao semiótico/signo e ser compreendido ao semântico/discurso. Este, na acepção benvenistiana, é o privilégio da língua, “comportar simultaneamente a significância dos signos e a significância da enunciação” (BENVENISTE, 2006, p. 66). Para o linguista, “daí provém seu poder maior, o de criar um segundo nível de enunciação, em que se torna possível sustentar propósitos significantes sobre a significância” (BENVENISTE, 2006, p. 66). Eis a essência interpretante da língua.

Isso posto, tomemos, na seção seguinte, os desdobramentos explicativos de Benveniste para esse fundamento da interpretância.

### **O fundamento da autosemiotização da língua**

A análise da relação de interpretação entre o sistema da língua e o sistema da escrita é a oportunidade para o que Benveniste propõe ser a semiotização da língua. A análise de Benveniste desloca-se ao exame da *função semiótica da escrita*, anunciado na constatação de que há um processo de *autosemiotização da língua*. Seguindo as motivações de Benveniste, a escrita é um “*instrumento* que permite à *língua* semiotizar a si mesma” (BENVENISTE, 2014, p. 155, grifo do autor). A escrita figura, nesse sentido, como o *instrumento da autosemiotização* da língua, uma vez que detém propriedades muito particulares, como a metalinguística.

Retomando o princípio do poder significante da língua, Benveniste demonstra como a língua “pode e pode sozinha – dar a um objeto ou a um processo qualquer o poder de *representar*” (BENVENISTE, 2014, p. 157, grifo do autor). Então, a língua pode dar ao processo da escrita o poder de

representar, de significar. Assim, se “a língua opera uma redução sobre si mesma” (BENVENISTE, 2014, p. 157), cabe à escrita ser o instrumento dessa representação semiótica. A noção de representação, posta dessa maneira, é de uma relação semiológica,

uma *relação de interpretação entre sistemas*, o sistema da língua e o sistema da escrita.

As *lições* de Benveniste protagonizando a escrita, com o objetivo de “estudar a língua, depois sua relação com a escrita, para ver como uma e outra *significavam*” (BENVENISTE, 2014, p. 173, grifos do autor), comportam formulações singulares de seu pensamento, bem como o delinear de uma visão teórica nova para reconstruir a escrita como objeto de análise e enunciar que o resultado de sua investigação é o de que “a língua e a escrita significam exatamente da mesma maneira” (BENVENISTE, 2014, p. 173). A novidade do programa das *lições* de Benveniste remove a escrita do lugar comum de representação subordinada da língua, demonstrando que ela é a possibilidade de refletirmos sobre a semiotização da língua, ensinando-nos a construir, linguisticamente, o lugar da própria significação.

Com essa proposição, Benveniste alça a escrita a um status extremamente singular. Esse linguísta convoca a excelência da língua como sistema significante na prova da escrita, ela é a face semiotizável da língua, a memória semiótica do corpo da língua, a materialização metalinguística.

Desse modo, falar de escrita, a partir de um ponto de vista linguístico, implica ultrapassar a presença de uma escrita *literalizada*, conformada. É preciso fundar o semiótico da língua, *realizar graficamente o semiótico*, para passar a sua dimensão semântica, pois o encontro entre a língua e a escrita se dá nesse domínio de proposições. Nisso, Benveniste faz ver a *dupla significância da língua* e tal condição faz da língua um *organismo significante*. A exposição de Benveniste torna-se distinta, porque não consiste em escamotear a escrita do estudo linguístico, ele trabalha esse sistema a partir da significância da escrita, ou seja, a capacidade desse sistema de operar a significância da própria língua. Passemos à próxima seção para melhor entendermos a questão.

## **Os movimentos de significância da língua pela escrita**

Ao apresentar como objeto e problema de linguística geral a língua e a escrita, Benveniste observa dois princípios: 1) *a língua semiotiza tudo*;

2) *a língua semiotiza a si mesma*. A visão desse linguista diz que esses dois princípios pertencem à elaboração da escrita, porque “a língua opera uma redução sobre si mesma” (BENVENISTE, 2014, p. 157).

Para o linguista, a denominação dessa operação está reservada ao processo linguístico, ou seja, compreender “como uma língua nomeia o ato que lhe dá expressão escrita” (BENVENISTE, 2014, p. 167). Trata-se, então, de poder “distinguir entre a designação e a significação” (BENVENISTE, 2014, p. 167). Sobre a designação, os apontamentos de Benveniste encaminham à compreensão do modo como se designam os atos de ler e de escrever: “Há uma ordem imposta pela experiência e pela pedagogia: primeiro ler, depois escrever. Mas essa não é a ordem da invenção” (BENVENISTE, 2014, p. 167). Para preencher o sentido da escrita enquanto operação, é necessário conceber, no entanto, que “É o *escrever* que foi o ato fundador” (BENVENISTE, 2014, p. 167). Assim, na inferência de Benveniste, a operação da escrita funda o ato da leitura, delineando nova reflexão destinada à questão da significação.

O exame de relações entre o sistema da escrita e o sistema da língua está argumentado nesta realização do processo de *autossemiotização* da língua, uma vez que imprime, pois, as formas da língua. Além disso, a escrita se constitui também por este “princípio fundamental: *a escrita é uma forma secundária da fala*” (BENVENISTE, 2014, p. 177, grifos do autor). Entendemos, assim, que essa manifestação como uma forma secundária da fala se deve ao fato de a escrita comportar “as duas propriedades, semiótica e semântica, características do discurso, e apenas do discurso, ou só da expressão linguística, em face dos outros sistemas semiológicos” (BENVENISTE, 2014, p. 178). Isso se sustenta no adiantado da explicação de Benveniste que reconhece “‘essa linguagem visível’ que é a escrita” como “realização de uma *forma secundária do discurso*” (BENVENISTE, 2014, p. 179, grifos nossos). Então, se a língua remete à língua-discurso de igual modo à fala, a escrita, em sua forma secundária, também deve remeter ao discurso.

Nessas formulações de Benveniste, é perceptível que sua maneira de conceber o estudo da escrita foge às práticas de fazê-la proceder da oralidade. É importante lembrar que, à época de suas *aulas*, a reflexão linguística caracteristicamente concebia a escrita como a clausura da fala, a impossibilidade da linguagem viva. Essa assimetria da fala e da escrita é, como se pode constatar no percurso da leitura das *Últimas aulas*, gradativamente reinterpretada por Benveniste, porque dar manutenção a

oposições como essa inviabiliza o próprio fazer da linguística, pois, segundo o linguista, seria difícil a “análise da linguagem falada se não se dispusesse dessa ‘linguagem visível’” (BENVENISTE, 2014, p. 179). Benveniste apoia essa possibilidade da linguística, apontando que “Só essa realização de uma forma secundária do discurso permitiu tomar consciência do discurso em seus elementos formais e analisar todos os seus aspectos” (BENVENISTE, 2014, p. 179). A escrita estabelece relação com a língua na medida em que permite ver a língua, “é, portanto, um revezamento (*relais*) da fala, é a própria fala fixada em um sistema secundário de signos. Mas ainda que secundário, esse sistema continua sendo o da própria fala, sempre apto a se tornar fala de novo” (BENVENISTE, 2014, p. 179, grifo do autor). Mais uma das razões linguísticas benvenistianas para que língua e escrita não sejam concebidas em separado.

Dessa maneira, o ponto de vista benvenistiano destaca que, “a partir do momento em que se coloca a escrita no prolongamento da fala e sempre como uma forma de fala, parece que a escrita é não um signo, mas um *revezamento* da fala” (BENVENISTE, 2014, p. 181). Isso significa transformarmos a escrita em “um dispositivo que retoma e retransmite o conjunto dos signos recebidos”. (BENVENISTE, 2014, p. 181). Embora Benveniste não discorra detalhadamente por que *a escrita não é um signo* ou o que podemos propor nesse *revezamento* da fala, algumas proposições convergentes com a linha teórica de Benveniste permitem-nos o ensaio de uma apresentação.

As percepções de Coquet (2016) sobre tomar a escrita como *signo* ou como *traço* demonstram uma particularidade que nos parece produtiva na projeção do universo teórico benvenistiano. Segundo a apresentação de Coquet (2016, p. 66, tradução nossa), “Em fenomenologia da linguagem, a escrita realizou-se por um ‘traço’, em filosofia da linguagem, por um ‘signo’”. Isso equivale a dizer que, “de um lado, o traço deixado pela enunciação oral (a fala) ou escrita; o signo como elemento de um sistema, de outro” (COQUET, 2016, p. 66, tradução nossa). Devemos, desse modo, considerar que “nós temos do lado da fenomenologia da linguagem: traço, enunciação, o dizer, e do lado da filosofia da linguagem, signo, enunciado, o dito” (COQUET, 2016, p. 67, tradução nossa).

A colaboração de Coquet coloca-nos no intermitente da linguagem, apresentando como ponto de vista o da fenomenologia com aplicações à linguística, cuja “tarefa é colocar em evidência ‘a atividade do falante’, como dizem os linguistas, atividade que não pode ser dissociada da realidade do

discurso e de suas instâncias” (COQUET, 2013, p. 1). E para quem tem por horizonte o discurso, Benveniste é reconhecidamente “o fundador da linguística do discurso” (COQUET, 2013, p. 1). Queremos nos deter nisso, para dizer que *a escrita não é um signo* porque, estando em condição de *revezamento* da fala, ela reclama viver a vida do discurso. A escrita se lança, então, à vida de *traço*, este em correlação à *enunciação*, ao *dizer*.

Para construirmos os resultados desta nova incursão, antes, somos convidados a notar uma *lição* dedicada à relação entre a escrita e a leitura. Esclarecendo a fronteira entre o que é “escrita” e o que é “pictografia”, Benveniste traz à luz da discussão o papel da leitura. Isso porque “a pictografia pode ser compreendida, não *lida*, enquanto uma escrita só é escrita se pode ser *lida*” (BENVENISTE, 2014, p. 180, grifo do autor). A leitura surge, nesse prisma, como critério da escrita, pois “‘Ler’ e ‘escrever’ são o mesmo processo no homem; um não ocorre jamais sem o outro” (BENVENISTE, 2014, p. 180). A leitura e a escrita são, dessa forma, “duas operações complementares tão estreitas e necessariamente associadas que uma é como o avesso da outra” (BENVENISTE, 2014, p. 180). Diante dessa visão da leitura como componente operacional da escrita, apresenta-se uma outra forma de significar a escrita, muito distinta dos trabalhos documentais disponíveis sobre escrita e pictografia.

Essa relação “simétrica à da fala ouvida com a fala enunciada” (BENVENISTE, 2014, p. 181) é destinada à presença do homem na linguagem, já que “‘Ler’ é ‘ouvir’; ‘escrever’ é ‘enunciar’” (BENVENISTE, 2014, p. 181). Pela leitura do curso de Benveniste, em 1968-1969, consolidamos a originalidade de sua visão, porque sua perspectiva da escrita remonta à significação. Assim, se a língua se revela como um sistema complexo, Benveniste trata de estabelecer o lugar da escrita em relação com a língua, sem abandonar o grau de complexidade presente na língua em si. E, partindo do que entendemos ser uma contestação dos territórios teóricos que concebem à escrita um lugar estático, presenciamos, nestas nobres *lições*, Benveniste abordar a escrita inserida no mundo dos homens, ou seja, na sociedade. Além de uma relação semiológica entre sistemas, que deriva a noção de autosssemiotização, Benveniste vincula a escrita ao homem da fala, à vida do discurso.

Dessa maneira, o diálogo das *lições* de Benveniste, em que língua não é apenas *um* sistema de signos, mas, sim, que ela é *o* sistema que interpreta os demais e engendra a possibilidade de novos sistemas, redimensiona a própria noção de língua, que “deve compreender mais noções do que aquelas que

lhe foram atribuídas” (BENVENISTE, 2014, p. 182). Quando “somos levados à língua”, modifica-se “a própria natureza da semiologia”, pois, no nível da análise semiótica, o sistema deve ser reconhecido; enquanto, no nível da análise semântica, deve ser compreendido. Por isso, “‘reconhecer’ e ‘compreender’ dirigem-se a centros fisiológicos absolutamente diferentes” (BENVENISTE, 2014, p. 182). A semiologia não pode mais estar restrita ao signo, precisa ser da língua, elaborada no semiótico e semântico, porque, para ser interpretante, é preciso conseguir ver e refletir toda a língua.

A competência ou a capacidade de interpretância é, por isso, compreendida em seu aspecto funcional como mecanismo técnico operacional da língua. Dotada dessa capacidade de semiotizar outros sistemas, “A língua é posta na medida em que permite articular uma interpretação” (BENVENISTE, 2014, p. 190), assim, com a língua, podemos descrever tudo, inclusive a língua mesma. A escrita desempenha, aqui, um importante papel, o de viabilizar a interpretância da língua. É dizer: quem interpreta a língua? Ela mesma. Como isso é possível?

Ora, por intermédio de um sistema de signos que trabalha, engendrando a língua, semiotizando-a, a língua procede sua *autossemiotização* e sua *própria interpretância na e pela* escrita. E, se “Nenhum outro sistema dispõe de uma ‘língua’ na qual possa formular suas próprias interpretações” (BENVENISTE, 2014, p. 190), essa propriedade singular da língua reitera, com as Últimas aulas, um limite instituído por Benveniste: tudo passa pela língua para ter sua interpretância, e a escrita passa pela língua, que passa pela escrita para ter, enfim, também sua interpretância. Esse é o laço fundamental entre a língua e a escrita. Mais uma vez a dimensão da “relação”, colocando-se no processo de construção de uma semiologia **da língua**.

Normand (2009a, p. 164) define que, em *Semiologia da língua*, Benveniste expõe uma teoria da linguagem, “em que se resume o *processo de apropriação da língua* pelo sujeito, graças ao *aparelho formal da enunciação*” Ao acompanharmos o itinerário teórico de Benveniste, estamos situados no seu empreendimento do duplo programa da linguística, pois a linguística de Benveniste desenvolve esta especificidade da língua, a de ser *investida de uma dupla significância*. Essa sua disposição de trabalhar com dois mundos que se encontram na significância do semiótico e do semântico é, definitivamente, o traço marcante de Benveniste. Ademais, outra de suas marcas fundamentais é a sua capacidade de renovar as questões, tratando-as pelos olhos da linguística geral.

Então, quando Normand (2009a) vê, em *Semiologia da língua*, uma

*teoria da linguagem*, somos tentadas a dizer que Benveniste submete aos seus fundamentos essenciais, na elaboração das últimas aulas, um objeto como a escrita não apenas para modificá-lo, mas, uma vez tocado pela linguagem, para torná-lo outro, para agir sobre a sua integridade e integração, que, queiramos ou não, desde suas *lições*, faz parte de um sistema complexo de relações de ordem semiológica e que envolve a própria interpretação da língua. Com isso, Benveniste já diz mais do que muitos disseram sobre a escrita.

As possibilidades que Benveniste abre renovam o fôlego da pesquisa linguística. Nesse novo horizonte, precisamos, ainda, pensar como essa *teoria da linguagem*, versada na semântica da enunciação, pode contribuir para o exame das relações entre linguagem, homem, sociedade, e cultura, ambientadas na escrita. Esse arranjo investigativo possivelmente sustentará, em objetos futuros, outra face do problema do sentido.

### **Considerações finais: as lições renascem o problema do sentido**

A constituição das Últimas aulas, *Semiologia e A língua e a escrita* não são apenas a representação capitular de uma obra, é um conjunto de *lições* que nos coloca em posição de retorno ao todo teórico do linguista Émile Benveniste. Isto é, suas últimas aulas despertam não só um acervo “adormecido”, como lembram Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio, na Introdução dessa publicação; as lições também demonstram a intensidade da sua atuação teórico-acadêmica no período do *Collège de France*.

A leitura das *lições* de 1968 e 1969 permite-nos ver Benveniste reunir, em sua experiência investigativa, os argumentos para pensar no sistema da língua, na medida em que pensa em suas possíveis relações. Desse ângulo, Benveniste decide apresentar uma relação particular, e ela repercutirá, na sua ordem, a maneira de ver o sistema de relações, pois o linguista, enfim, estreia o debate sobre o sistema da escrita. No curso dessa reflexão, a escrita surge como *verdadeira revolução*. Isso porque ela se revela, em princípio, como ferramenta técnica às sociedades, mas, principalmente, porque ela é, no corpo linguístico, *segunda fala*, *sistema paralelo* ao sistema da língua. Uma formulação dessa envergadura, aos olhos das *lições* benvenistianas, precisa ser reconhecida pelo linguista e trabalhada pela linguística. É, então, a perspicácia semiológica de Benveniste que conduz a retirada da escrita de um lugar estático e comodamente definido em sua realidade externa

da língua, para pensá-la como um elemento de relações com o sistema da língua.

Partindo, então, da abordagem relacional entre os sistemas da língua e da escrita, o linguista consegue conceber um novo posicionamento, para entender a dimensão do próprio sistema da língua. É desse modo que Benveniste explicita, em seu intento, que a escrita é um sistema que não ocupa a mera posição de representação da língua, mas que, na verdade, uma é *paralela* à outra. Pelo raciocínio de Benveniste, somos convidados a notar que, submetendo a escrita à prova, é possível desdobrar sua propriedade fundamental, ela veste a própria língua, para significá-la como sistema, em um processo que esse célebre linguista determina ser a autossemiotização da língua. A argumentação central de Benveniste demonstra a experiência e o testemunho do poder de interpretância da língua. Nesse enquadre, a escrita assume outro *status*, está inserida no aspecto semiológico da língua, na medida em que um laço une essas duas partes envolvidas.

Não menos formidável, em nosso percurso, é pensar que, à moda benvenistiana, as relações estabelecidas com a língua estão ancoradas na perspectiva do semântico. O estudo do sentido da atividade linguística é, assim, uma das fortunas que herdamos do pensamento benvenistiano. Essa tessitura reticular e reflexiva de Benveniste é apresentada por Normand (2009a), por meio da percepção de que há uma “dificuldade ligada ao duplo papel da língua”, a saber: “nomear o mundo (designação arbitrária em relação à realidade) e dizê-lo no interior de um sistema, em relações pelas quais as formas se motivam reciprocamente (significação)” (NORMAND, 2009a, p. 156-157). Essa evidência da estudiosa de Benveniste parte do texto *Problemas semânticos da reconstrução* (BENVENISTE I, 1954-2005).

Assim como o que Normand pontua chama atenção, de igual maneira, a percepção antecipada por Benveniste de que é possível abordar os problemas a partir de sua relação, já que “é pelas relações que se define uma estrutura semântica” (BENVENISTE I, 2005, p. 339). O princípio das *relações* representa um *modus operandi* na linguística benvenistiana, pois “Benveniste quer dar conta [...] da mediação aos objetos operada pela língua [...] a semântica que Benveniste anuncia é uma semântica da pessoa em sua relação com o mundo” (NORMAND, 2009b, p. 167-168).

Na operação de uma *Semiologia da língua*, Benveniste determina a *dupla significância da língua* e, dessa imagem, constrói um traço fundamental para o funcionamento da língua, porque dela decorre não só uma nova visão sobre a língua, mas também uma visão do próprio homem, que arranja e

manuseia essa língua em busca da produção de seu sentido. Então, quando chegamos às *aulas* do mestre e nos deparamos com o *sentido*, invadindo e tensionando a reflexão de Benveniste, entendemos que ele é o seu norte, é a pedra angular de todo o seu pensamento.

Para Benveniste, há necessidade do estudo do sentido na língua como maior abertura para propor a questão, visto que “esse estudo encontra circunstâncias objetivas mais favoráveis do que no passado” (BENVENISTE, 2014, p. 185). Isso evidencia a falibilidade da percepção e do estudo do sentido, porque “Sabemos que, durante muito tempo, algumas escolas linguísticas refutaram qualquer validade ou mesmo qualquer interesse aos problemas do sentido” (BENVENISTE, 2014, p. 185).

Antes de chegar ao que pretende, Benveniste reconhece que o seu lugar de fala não opera a redução ou a omissão do sentido na língua. Por isso, a problematização deve fazer entender “Como definir e onde estudar a significação?” (BENVENISTE, 2014, p. 188). De fato, o linguista lembra que a significação pertence à língua, logo, “ela se distribui em cada uma das unidades da língua e se incorpora a cada uma delas, fazendo com que se tornem unidades significantes, signos” (BENVENISTE, 2014, p. 188). Outra razão para o interesse pelo estudo do sentido é “o fato de tal estudo nos fazer, no mínimo, formular novos problemas” (BENVENISTE, 2014, p. 188). Dada a importância ao estudo do sentido, é compreensível a necessidade de uma renovação das percepções teóricas que o sustentam.

Nesse cenário, Benveniste representa não só um nome em potencial, para elaborar novas apresentações, mas, pela maneira de conduzir suas discussões, é reconhecidamente o linguista da significação, como bem o qualifica Claudine Normand em suas diversas reflexões. Podemos dizer, então, que o sentido é a chave que preside a leitura do texto benvenistiano, incluindo aí o tema da escrita.

Isso em pauta, podemos afirmar: Benveniste defende que a língua inteira é “informada e articulada pela significação” (BENVENISTE, 2014, p. 188), seu funcionamento só se dá dessa maneira, ela funda a própria ideia de ser, de sociedade, “quero dizer que não podemos enfrentar uma tal representação: uma humanidade que ignoraria a linguagem e que, no entanto, seria posta na existência” (BENVENISTE, 2014, p. 188). De tudo o que, até aqui, presenciamos nas *lições* de Benveniste, chegamos ao ponto em que ele declara a nossa dependência existencial da língua, e a dependência da língua em relação à significação. O argumento de que se vale é demonstrativo disto: “Na realidade, sem a significação, a *língua* não é mais

nada, nem mesmo uma série de ruídos, pois por que o homem abriria a sua boca a não ser para formar sons que tenham um sentido?” (BENVENISTE, 2014, p. 188). A relação homem e língua fica, assim, instituída.

A atenção que Benveniste dedica, para dialogar sobre o signo saussuriano, quer resguardar que signo e sistema de signos formalizam a estrutura semiótica. Por conseguinte, “Se a língua pode ser um interpretante geral, é porque não é apenas um sistema em que manejamos signos. Trata-se do único sistema no qual podemos formar frases” (BENVENISTE, 2014, p. 191). Chegar ao nível da frase é chegar à dimensão da língua viva. Nesse nível da análise, uma nova relação deve ser instituída, vinculada ao elemento do sentido, porque a frase está ligada ao discurso. Desse modo, para Benveniste, é preciso saber como o linguista pode olhar e compreender esse fato.

A *lição* consiste em articular, na escrita ou pela escrita, duas dimensões da língua: o reconhecimento do semiótico e a compreensão do semântico, eis aí outro diferencial da reflexão do linguista. Paralelamente, compreender que o trabalho fundamental de Saussure quer classificar “a língua nos sistemas, articulando-a pelo signo, Saussure – paradoxalmente – a classificou entre os sistemas não significantes, aqueles cujos elementos nada significam sozinhos.” (BENVENISTE, 2014, p. 191). A partir disso, Benveniste demonstra que há um outro domínio dessa língua, “este do querer-dizer que está ligado à *produção* e à enunciação das frases, o *semântico*” (BENVENISTE, 2014, p. 191, grifo do autor). Revelam-se, assim, duas maneiras de analisar a língua, “dois mundos e duas linguísticas”: o mundo da enunciação, forjado pela dupla significância da língua; a linguística no ponto em que Saussure a deixou e a linguística desenvolvida por Benveniste.

Para Benveniste, de um lado, está “o mundo das formas de oposição e de distinção, o semiótico, que se aplica a inventários fechados, e se apoia em critérios de distintividade, mais ou menos elaborados” (BENVENISTE, 2014, p. 191). De outro, o “mundo é o do *sentido produzido* pela enunciação: o semântico” (BENVENISTE, 2014, p. 192, grifo do autor). Em consonância com esses delineamentos, Benveniste faz questão de frisar que Saussure se ocupa da *parte semiotizável da língua*, sem se ocupar da sua aplicação à *língua como produção*. Isso exhibe as credenciais para enfrentar o *problema do sentido* que, *na realidade*, é o problema da própria língua, como nos diz Benveniste.

Embora não tenha havido tempo suficiente para que Benveniste divulgasse suas considerações sobre a escrita, nem mesmo recebesse a réplica de seus contemporâneos também dedicados ao tema, ele contribuiu com uma

exposição crítica em defesa da escrita, sem tratar de tentar dizer tudo sobre ela, mas tentar nos dizer o que a escrita pode ser, se vista pelo que ela tem de particular. Em um gesto um tanto subversivo, Benveniste coloca a escrita na veia da semiologia, discussão de vanguarda e da língua. Audaciosamente, sentencia a língua a significar *exatamente da mesma maneira* que a escrita. Exige, ainda, que a língua semiotize a si mesma e acresce, ao conjunto argumentativo, a evidência de que *a escrita é segunda fala*, portanto, *uma forma secundária do discurso* cujo *avesso* funda o ato de leitura.

Poderíamos dizer que, com isso, a escrita deixa de ser um corpo estranho na esteira do debate linguístico. Contudo, devemos reconhecer que Benveniste não simplifica os fatos, ele intensifica o valor da escrita, pois, de um lado, reconhece uma relação semiológica intensa com a língua, de outro, faz a escrita ingressar na língua como forma secundária do discurso, uma forma que constrói sua própria complexidade. Nesse modo de ver, Benveniste nos convida a voltar ao problema do sentido e, por isso, voltar à língua. Ela que aparece *como uma paisagem que se move, ela que é*, para o linguista, *o lugar de transformações*.

## Referências

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Tradução Maria da Glória Novak, Maria Luisa Neri. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

\_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral II**. Tradução Eduardo Guimarães [et al.]. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

\_\_\_\_\_. **Últimas aulas no Collège de France – 1968-1969**. Tradução Daniel Costa da Silva [et.al.]. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

COQUET, Jean-Claude. **A busca do sentido: a linguagem em questão**. Tradução Dilson Ferreira Cruz. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

\_\_\_\_\_. À propôs de l'écriture dans la phénoménologie du langage: Benveniste et Merleau-Ponty et quelques autres. In: FENOGLIO, Irène et al. **Autour d'Émile Benveniste – sur l'écriture**. Paris: Éditions du Seuil, 2016.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.

NORMAND, Claudine. Emile Benveniste: quelle sémantique? In: **Linx**.

---

Du dire et du discours. *Hommage à Denise Maldidier*. 1996, p. 221-238.

\_\_\_\_\_. **Convite à linguística**. Tradução Cristina de Campos Velho Birk [et al.]. São Paulo: Contexto, 2009a.

\_\_\_\_\_. Leituras de Benveniste: algumas variantes sobre um itinerário demarcado. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 12-19, jan./mar. 2009b.

ROCHA, A.W. **Émile Benveniste em suas Últimas aulas no Collège de France**: a escrita em questão. 2019. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo.

## O DISCURSO POÉTICO COMO UM “PROBLEMA LINGUÍSTICO” NAS NOTAS DE BENVENISTE: PERCURSOS METODOLÓGICOS PARA A ABORDAGEM DA SIGNIFICAÇÃO

### THE POETIC DISCOURSE AS A “LINGUISTIC PROBLEM” IN BENVENISTE’S NOTES: METHODOLOGICAL GUIDELINES FOR APPROACHING MEANING

Carolina Knack

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil

*Resumo:* Este estudo apresenta uma possibilidade de leitura das notas manuscritas de Émile Benveniste a respeito do discurso poético, notas estas que tomam a poesia de Baudelaire como *corpus* analítico. Resguardando a natureza inacabada e instável das reflexões nelas inscritas, objetivamos explorar possíveis percursos metodológicos delineados pelo linguista para a abordagem do mecanismo da significação do discurso poético. A leitura do conjunto das notas permite identificar apontamentos programáticos que delineiam não só categorias de análise, como também procedimentos metodológicos a serem empreendidos pelo linguista-analista, no cerne dos quais parece residir o exame das relações referentes à escolha e à combinação de palavras pelo poeta, o que leva Benveniste a postular que o linguista deve estudar uma “sintagmática particular” e “as relações significantes assim obtidas”.

*Palavras-chave:* discurso poético; sintagmatização; Baudelaire.

*Abstract:* This study presents a reading possibility of Émile Benveniste’s handwritten notes regarding the poetic discourse, which take Baudelaire’s poetry as an analytical corpus. Safeguarding the unfinished and unstable nature of the notes’ reflections, we aim at exploring possible methodological guidelines designed by the linguist to approach the meaning mechanism of the poetic discourse. The reading of the set of notes allows to identify programmatic remarks which not only delineate categories of analysis, but also indicate methodological procedures to be undertaken by linguists-analysts, whose core seems to include the examination of the relations referring to the choice and the combination of words by the poet, which leads Benveniste to claim that linguists must study a “particular syntagmatic” and the “meaning relations obtained this way”.

*Keywords:* poetic discourse; syntagmatization; Baudelaire.

## Introdução

Émile Benveniste, em seus já conhecidos textos publicados em *Problemas de linguística geral I e II* (PLG I e PLG II), situa a significação na natureza da linguagem. De fato, é esse o ponto de vista a partir do qual o linguista interroga o funcionamento da linguagem, poeticamente anunciando que, “bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para *viver*”, como escreve o autor em *A forma e o sentido na linguagem* (BENVENISTE, 2006a, p. 222).

Nesse artigo, Benveniste destaca a centralidade do “problema da significação”, propondo a discussão das “noções gêmeas de sentido e de forma” no domínio da “linguagem dita ordinária, a linguagem comum, com exclusão expressa da linguagem poética, que tem suas próprias leis e suas funções próprias” (BENVENISTE, 2006a, p. 221). Porém, o linguista ressalva que tudo o que se esclarecer a respeito da linguagem ordinária poderá, de algum modo, contribuir para compreender a linguagem poética. Percorrendo outros escritos de Benveniste, constatamos que esta última recebe foco nas suas notas manuscritas sobre a “língua de Baudelaire”. São essas notas que elegemos como objeto de investigação no presente estudo.

O conjunto dessas notas foi apresentado e transcrito por Chloé Laplantine, primeiramente em sua tese de doutorado (2008) e, em seguida, publicadas por ela no livro *Baudelaire* (2011)<sup>1</sup>. Essas notas, de acordo com a pesquisadora, estão relacionadas a um artigo supostamente prometido por Benveniste – mas não publicado ou encontrado na condição de rascunho – para o número 12 da *Revista Langages*, de dezembro de 1968, número dirigido por Roland Barthes<sup>2</sup>.

Tais notas, sem dúvida, despertam a curiosidade de todos os que se interessam pela reflexão de Émile Benveniste. Elas estão depositadas

---

<sup>1</sup>A respeito dessa edição em formato de livro, cujo título é *Baudelaire*, Fenoglio (2019c) aponta “contradições”, notadamente entre os arquivos e o ato editorial, dentre as quais o próprio fato de dar forma de livro (com autoria imputada à Benveniste, conforme se vê na capa) a um conjunto fragmentado de 386 fôlios, pressupondo lisibilidade e coerência, sem anunciar tratar-se de notas manuscritas de trabalho.

<sup>2</sup>Tal suposição está relacionada à existência de um manuscrito, aparentemente de 1967, segundo Laplantine (2008, p.140), em que Benveniste lista “artigos prometidos” e, dentre os tópicos, está “Linguagens (a língua de Baudelaire)”. Porém, para Fenoglio (2019c, p. 208), apesar desse elo, a existência de tal lista não permite tratar as notas de trabalho como rascunhos de um texto publicável, tampouco considerar que esse registro em lista seja o título de Benveniste a seu possível texto.

no Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França, em uma caixa<sup>3</sup> com uma pasta azul com elástico, dentro da qual há outra pasta, de papelão cinza esverdeado, em cuja parte superior, à direita, está escrito “Baudelaire” – segundo Fenoglio (2019c), trata-se da caligrafia de Benveniste. Dentro desta, há outras 23 pastas menores, de cor cinza, nas quais foram organizadas as folhas manuscritas de Benveniste, “sem nenhum critério aparente”, como constata Fenoglio (2019c, p. 204). Na sequência de tais pastas, há outra, laranja, vazia, em que está escrito (mas não por Benveniste) “Linguagem poética”, e mais duas pastas vazias (uma vermelha e uma amarela).

Por que essas informações descritivas são importantes e precisam ser pontuadas? Ora, elas indicam que “o dossiê arquivístico atual não representa certamente a organização inicial de Benveniste” (FENOGLIO, 2019c, p. 205), de tal modo que mergulhar nessas notas requer a adoção de um ponto de vista para a formulação de um percurso próprio de leitura e, conseqüentemente, de estudo, a partir dos caminhos abertos pelas pistas da escrita benvenistianiana. O estudo que propomos deriva, justamente, da problemática – central para Benveniste – da *significação*, aqui relacionada a percursos metodológicos que possibilitam abordá-la.

Obviamente, não é como geneticistas<sup>4</sup> que lemos as notas, mas como pesquisadores interessados na teorização benvenistianiana, interesse que conjuga, de certa maneira, uma “curiosidade aleatória” – *afinal, o que escreve Benveniste nas notas sobre o discurso poético a partir de seu olhar para a poesia de Baudelaire?* – e uma “curiosidade orientada”<sup>5</sup> – *o que descobre*

<sup>3</sup>A caixa está identificada como: BNF PAP, OR., DON 0429. Leia-se: Biblioteca Nacional da França, Papéis Orientais, Doação 0429.

<sup>4</sup>Fenoglio (2019a) explica que “o que interessa ao linguista-geneticista é enxergar um pouco melhor como se elabora a enunciação escrita dentro de um processo de textualização”. O campo da *genética textual* busca, metodologicamente, constituir um “dossiê genético” de manuscritos, o qual passa a inventariar e classificar, a fim de analisar a (re)formulação textual no processo de escrita, percurso que pode receber diferentes ênfases a depender da orientação disciplinar do pesquisador. Para o geneticista-linguista, há um foco nas formas linguísticas de reformulação, contemplando operações de acréscimo, supressão, substituição e deslocamento de formas. Quanto a esse último foco, Fenoglio destaca que ele assume uma dupla dimensão, pois envolve um “olhar linguístico sobre os vestígios do processo de escrita = recomposição enunciativa” e um “olhar do linguista sobre a elaboração do discurso linguístico e a formulação em ato de conceitos no qual se conjugam, de certa forma, genética textual, análise linguística enunciativa e análise do discurso” (FENOGLIO, 2019a, p. 33). Embora não com propósito genético, valemo-nos deste último ponto relativo à formulação de conceitos para explorar as notas manuscritas benvenistianianas.

<sup>5</sup>As expressões “curiosidade aleatória” e “curiosidade orientada” são tomadas de empréstimo

---

*Benveniste acerca do mecanismo de significação do discurso poético? Ou, mais especificamente, que caminhos metodológicos Benveniste delinea para dar a ver o mecanismo da significação no discurso poético?*

Ainda que não tenhamos um propósito genético, voltamos nosso olhar para “a elaboração do discurso e a formulação em ato de conceitos” (FENOGLIO, 2019a, p. 33), a fim de responder à última questão acima formulada. Trata-se, portanto, de uma reconstrução pessoal dos possíveis sentidos das notas, evidentemente lidas na sua imanência, com suas particularidades na condição de notas manuscritas, mas buscando-se pontos de contato com outros estudos de Émile Benveniste. Afinal, como orienta Fenoglio (2019c, p. 254), “Essas notas de trabalho podem ser citadas, cruzadas com outros escritos definitivos ou pré-textuais de Benveniste, mas não podem ser interpretadas fora de sua relação com os escritos do linguista”.

Quanto a essa relação com outros escritos do linguista, Adam (2012, tradução nossa) considera que “o estudo consagrado ao discurso poético é inseparável dos dois últimos grandes artigos de Benveniste: ‘Semiologia da língua’ (1969) e ‘O aparelho formal da enunciação’ (1970)”. Outros autores já exploraram essas relações<sup>6</sup>.

Em nosso estudo, a partir da consideração da centralidade da significação, aventamos estabelecer relações das notas sobre o discurso poético com outro artigo publicado em PLG II, aquele do qual partimos: *A forma e o sentido na linguagem*. Embora Benveniste delimite, nesse artigo, sua reflexão ao domínio da linguagem ordinária, ele também registra que “tudo o que se pode esclarecer no estudo da linguagem ordinária será de proveito, diretamente ou não, para a compreensão da linguagem poética também” (BENVENISTE, 2006a, p. 221-222). Assim, levando em conta nossa “curiosidade orientada”, buscamos ver em que termos esse “proveito” pode se dar no que se refere aos possíveis caminhos metodológicos que Benveniste delinea para desvelar o mecanismo da significação no discurso poético.

Para isso, dividimos o presente texto em mais três partes. Primeiro, apresentamos critérios para um ponto de partida de pesquisa em relação às notas; em seguida, considerando a questão central deste trabalho, exploramos pontos que julgamos salientes em alguns fólios, para, por fim, traçarmos algumas considerações provisoriamente finais.

---

de Fenoglio (2019a, p. 33).

<sup>6</sup>No Brasil, destaca-se a tese de Vier (2016).

## As notas manuscritas sobre o discurso poético: critérios para um ponto de partida

A pesquisa com ou a partir de manuscritos requer uma série de considerações preliminares, as quais dizem respeito tanto ao estatuto dos manuscritos sob análise quanto ao modo de abordá-los.

Fenoglio, renomada pesquisadora dos manuscritos benvenistianos, discute profundamente o *habitus* de escrita de Benveniste e o papel das diferentes etapas de elaboração dos textos do linguista. Essa experiência da autora permite-lhe afirmar que a materialidade transcrita e apresentada por Laplantine, o “dossiê Baudelaire”, não configura um texto que possa ser lido de maneira linear e contínua. Segundo Fenoglio (2019c, p. 210-211), boa parte dos fólios “só trazem notas sem nenhuma redação ou com fragmentos de frases muito parciais”, ou ainda “apenas algumas palavras”; “somente 35 folhas [das 386, conforme levantamento de Fenoglio] trazem fragmentos redigidos que podem, eventualmente, ter papel de rascunho, mas nós não encontramos nenhum rascunho passado a limpo”, com exceção de um fólio datilografado<sup>7</sup> cuja sequência está faltando.

Por isso, o dossiê sobre o discurso poético, conforme Fenoglio (2019c, p. 215), tem estatuto de notas de trabalho – “um conjunto de notas mais ou menos redigidas” –, as quais funcionam, para Benveniste, como um lugar não de esboço de pensamento, mas da própria inscrição de pensamento, que se cria à medida que é enunciado. O espaço-tempo das notas é, segundo a autora, uma instância inventiva:

Nas notas, Benveniste pensa-escreve: ele cria, inova ou se documenta, abre seu “problema” para o mundo e apresenta suas observações e suas surpresas. No rascunho, ele formula, teoriza. Em outras palavras, nas notas, ele pensa e ruma para circunscrever seu objeto e encontrar a expressão de seus conceitos; no rascunho, ele está no objetivo direto da escrita teórica, expondo seu objeto para os outros linguistas e teóricos da linguagem. [...] Benveniste procura, então, a expressão mais apropriada em função do leitor de seu artigo. No espaço-tempo das notas, ele *pensa*; no espaço-tempo do rascunho, ele *escreve* para a leitura dos outros (FENOGLIO, 2019a, p. 51, grifos da autora).

A investigação de diferentes conjuntos de papéis de Benveniste relativos aos artigos dos PLG permitiu Fenoglio (2019a) categorizar as

---

<sup>7</sup>Trata-se do fólio 71 do envelope 22.

notas de trabalho, as quais podem configurar-se, de acordo com a autora, como (i) suporte de interrogação metodológica, (ii) suporte de memória, (iii) espaço de testagem de noções e, ainda, (iv) lugar de formação do pensamento teórico. Essa tipologia pode ser admitida também para o caso do dossiê sobre o discurso poético, mas com uma particularidade: não há “texto definitivo (nem rascunho, nem cópia passada a limpo, *a fortiori* nenhum texto publicado) que nos permitiria dizer o estado exato do avanço em relação ao que o escrupuloso Benveniste teria redigido” (FENOGLIO, 2019c, p. 93).

Debruçando-se sobre esse dossiê, Fenoglio (2019b, p. 93, grifo da autora) busca “ordenar a *desordem* arquivística dessas notas em duas rubricas”: notas que realizam levantamento de dados a partir dos textos de Baudelaire e notas que realizam alguma reflexão relacionada a esses textos ou ao discurso poético de modo geral. As notas relativas ao levantamento de dados apresentam uma grande quantidade de exemplos advindos da poesia de Baudelaire. Não nos ocupamos de tais notas<sup>8</sup>. Interessa-nos as *notas reflexivas* e, no interior destas, aquelas que, de algum modo, *buscam formular caminhos metodológicos para a abordagem, pelo linguista-analista, da significação no discurso poético de um modo geral*.

Da leitura de conjunto destacamos, como *ponto de partida* para o exame mais detalhado, uma das poucas notas datadas por Benveniste: trata-se do *folho 4*, integrante do *envelope 20*. Reproduzimos, a seguir, tanto o fac-símile do manuscrito quanto a sua transcrição diplomática<sup>9</sup>, ambos provenientes do fascículo anexo à tese de Laplantine (2008).

---

<sup>8</sup>Para um exemplo acerca do uso das notas que Fenoglio (2009b) refere como “levantamento de dados”, consultar Vier (2018). Nesse estudo, Vier interpreta a instauração de homologias, mostrando como “os perfumes, as cores e os sons se correspondem” em Baudelaire a partir dos elementos temáticos recortados por Benveniste.

<sup>9</sup>A transcrição diplomática reproduz datilograficamente o manuscrito, conservando, inclusive, a topografia da página.

Pourrait-on dire que, en poésie, le signe devient symbole?  
En tout cas, il m'apparaît que, en poésie, :

1°) Il n'y a pas de signe isolé qui, en soi, puisse être considéré comme propre à la langue poétique ou réalisant l'effet poétique (hormis quelques clichés « glaive » « onde » « azur »)  
2°) Tout est dans la jonction. L'œuvre du poète consiste littéralement à assembler des mots en ensembles soumis à la mesure.  
3°) Le linguiste a donc à étudier : 1°) le principe de cette syntagmatique particulière. 2°) les relations significatives ainsi obtenues.

Principes

1°) En poésie la distinction de la forme et du fond (à supposer qu'elle ait en soi un sens) est abolie. Le « fond » de la poésie, c'est la « forme ».  
2°) En poésie l'ensemble prime et détermine l'unité.  
3°) En poésie (ici s'amorce le passage le plus difficile) la relation entre signifié et désigné (fondement de la sémiotique – en fait à limiter ~~donc le~~ langage ordinaire) ne joue plus.  
4°) En effet – au point de départ de tout propos sensé sur la poésie, il faut mettre ceci : le signe est toujours conceptuel. Il est intelligible.

**BAUDELAIRE, 20, f°4**

Feuille blanche, 21x27, titre, date, début du texte et deux derniers paragraphes au stylo à bille bleu, le reste au stylo à bille noir.

Poésie

3/10/67

Pourrait-on dire que, en poésie, le signe devient symbole ?

En tout cas, il m'apparaît que, en poésie, :

- 1°) Il n'y a pas de signe isolé qui, en soi, puisse être considéré comme propre à la langue poétique ou réalisant l'effet poétique (hormis quelques clichés « glaive » « onde » « azur »)
- 2°) Tout est dans la jonction. L'œuvre du poète consiste littéralement à assembler des mots en ensembles soumis à la mesure.
- 3°) Le linguiste a donc à étudier : 1°) le principe de cette syntagmatique particulière. 2°) les relations significatives ainsi obtenues.

Principes

- 1°) En poésie la distinction de la forme et du fond (à supposer qu'elle ait en soi un sens) est abolie. Le « fond » de la poésie, c'est la « forme ».
- 2°) En poésie l'ensemble prime et détermine l'unité.
- 3°) En poésie (ici s'amorce le passage le plus difficile) la relation entre signifié et désigné (fondement de la sémiotique – en fait à limiter ~~donc le~~ langage ordinaire) ne joue plus.
- 4°) En effet – au point de départ de tout propos sensé sur la poésie, il faut mettre ceci : le signe est toujours conceptuel. Il est intelligible.

Figura 1: Fac-símile do fólio 4 do envelope 20

Fonte: Laplantine (2008)

Essa nota apresenta um pertinente encaminhamento metodológico dirigido ao *fazer* do linguista, notadamente os três primeiros itens listados por Benveniste. Por uma questão de espaço e recorte, os fólhos não serão discutidos na sua integralidade. Assim, na sequência, para facilitar a leitura, optamos por traduzir e transcrever de modo linear<sup>10</sup> o segmento em foco, utilizando marcas para sinalizar trecho sublinhado, riscado e <acrécimo na entrelinha> do manuscrito. Assinalamos com colchetes [...] os trechos suprimidos do fólho. Os segmentos traduzidos, também para facilitar a leitura, serão, quando necessário, incorporados ao nosso texto, sempre identificados com número de envelope e fólho.

**Env, 20, fº 4,**

Poesia (3/10/67)

[...]

Em todo caso, me parece que, em poesia:

1º) Não há signo isolado que, em si, possa ser considerado como próprio à língua poética ou realizando o efeito poético (exceto alguns clichês “gládio” “onda” “azul celeste”)

2º) Tudo está na junção. A obra do poeta consiste literalmente em reunir palavras em conjuntos sujeitos à medida.

3º) O linguista, portanto, tem de estudar: 1º) o princípio dessa sintagmática particular. 2º) as relações significantes assim obtidas.

[...]

(Dossê Baudelaire, Env, 20, fº 4, tradução nossa)<sup>11</sup>

É pertinente observar, nesse segmento, o terceiro item listado: considerando que “não há signo isolado” e que “tudo está na junção”, o que o linguista precisa estudar? Benveniste enumera: primeiro, o princípio da uma “sintagmática particular”; segundo, a significação assim construída pelo poeta.

Mas o que mais Benveniste nos diz a respeito disso? Há outras ponderações, nos fólhos, sobre esse possível caminho metodológico? Como bem pontua Fenoglio (2019c, p. 228), Benveniste sempre se preocupa com a metodologia, o que é “visível nos textos publicados”. Especificamente quanto à literatura, em entrevista concedida por Benveniste a Guy Damur,

<sup>10</sup>A transcrição linearizada, embora utilize recursos gráficos para assinalar operações de supressão, acréscimo etc., não segue a paginação e a translineação do manuscrito. O leitor poderá facilmente acessar o fac-símile dos manuscritos e sua transcrição diplomática no anexo à tese de Laplantine (2008), disponível em: <<https://www.bibliotheque-numerique-paris8.fr/document/159650267#:c=0&m=0&s=0&cv=1>>.

<sup>11</sup>A partir deste ponto, não mais sinalizaremos com a expressão “tradução nossa”.

a qual constitui o texto *Esta linguagem que faz história* (PLG II), o linguista manifesta o quanto a literatura interessa à Linguística: “Imensamente”, é o que afirma Benveniste. No entanto, ele pondera: “Mas este trabalho apenas começou. *Não se pode dizer que o objeto de estudo, o método a ser empregado já estejam claramente definidos*” (BENVENISTE, 2006b, p. 37, grifo nosso).

As tentativas de definir esse método comparecem nas notas manuscritas de Benveniste, cuja posição é “a do *pesquisador* que tateia” (FENOGLIO, 2019, p. 91, grifo da autora). Portanto, a partir do manuscrito anteriormente reproduzido, passamos a percorrer os demais fôlios, a fim de, inferindo possíveis sentidos neles inscritos em potencial, estabelecer relações no que se refere a esses “tateios metodológicos”.

### **O mecanismo da significação no discurso poético: o que o linguista precisa estudar?**

A leitura dos manuscritos sobre o discurso poético revela uma constante: a interrogação de Benveniste acerca da significação. Como o discurso poético significa? Ou, mais particularmente, como a língua poética, “a língua de Baudelaire”, significa?<sup>12</sup> Em diferentes fôlios, Benveniste anota que “O mecanismo de significação poética é diferente” (Env. 23, f° 35); “A língua poética deve ser considerada nela mesma e por ela mesma. Ela tem um outro modo de significação que a língua ordinária e ela deve receber um aparelho de definições distintas. Ela chamará uma linguística diferente” (Env. 22, f° 51).

Essa “linguística diferente” requer categorias outras, outro “aparelho de definições”, e é essa tomada de consciência que se apresenta como uma grande dificuldade: “A principal dificuldade – uma dificuldade muito

---

<sup>12</sup>Nas notas, Benveniste emprega não apenas as expressões *discurso poético* e *língua poética*, mas também *linguagem poética*. Essa instabilidade, de acordo com Fenoglio (2019c), é constitutiva do estado de sua pesquisa, já que se tratam de registros em notas de trabalho. Cabe, no entanto, recuperar a interpretação de Fenoglio (2019c, p. 231) acerca desses empregos: “‘Linguagem’ e ‘discurso’ aparecem sempre ao lado de ‘poética(o)’. No campo do escrito e, mais precisamente, no campo da poesia escrita, linguagem e discurso são genéricos; a língua, por sua vez, vai demandar um sistema particular: há a ‘língua de Baudelaire’, como se pode imaginar que há a ‘língua de Verlaine’ ou a ‘língua de Mallarmé’, que Benveniste opõe à de Baudelaire”. Segundo a autora, não há discurso sem a passagem por uma língua particular que é, assim, mediação para a atualização da linguagem: “Benveniste escolheu a *língua particular de Baudelaire* para compreender o *discurso poético*; material linguístico da ‘linguagem poética’” (FENOGLIO, 2019c, p. 231, grifos da autora).

grande – do estudo <linguístico> da língua poética vem de que não se toma consciência da especificidade das categorias dessa forma de linguagem” (Env. 14, fº 1).

Essa dificuldade, aparentemente, pode estar relacionada ao fato de que “A poesia consiste primeiramente em reunir palavras [...]” (Env. 22, fº 42). Mas a *palavra*, para o poeta, tal como anota Benveniste, assume um estatuto outro, sobre o qual é preciso ainda teorizar<sup>13</sup>. Está posto, desse modo, um problema relativo à *unidade* no caso do discurso poético, uma preocupação de caráter teórico-metodológico, conforme as notas abaixo permitem constatar.

**Env. 21, fº 2<sup>14</sup>**

A teoria da língua poética está ~~ainda por vir~~ <não existe ainda> Este ensaio tem como objetivo acelerar um pouco o advento disso.

**Env. 22, fº 29**

[...]

A palavra é para o poeta uma coisa bem diferente do que é para o locutor. Há uma teoria da palavra na linguagem poética que está ainda para ser elaborada, mas que só começará a existir a partir do momento que tenhamos ~~ab~~ renunciado à noção de palavra concebida pela teoria da linguagem ordinária.

[...]

**Env. 23, fº 32**

É toda uma nova teoria a constituir; aquela da língua de sentimento distinta da língua de utilidade e de comunicação sobre a qual é fundada nossa linguística atual.

Na língua de sentimento não é mais o signo que é a unidade admitida.

**Env. 22, fº 57**

[...]

E o poeta? O poeta combina palavras. As palavras são o material sobre o qual ele trabalha. É, então, evidente que, tornadas material do poeta, as palavras não podem mais ser os “signos” do uso comum. Cada poeta utiliza à sua maneira esse material. [...]

Bédouret-Larraburu e Laplantine (2015, p. 14, tradução nossa)

<sup>13</sup>A complexa reflexão a respeito da *palavra* como unidade de significação não se esgota nesses poucos fólhos aqui mencionados. Por uma questão de recorte, limitamo-nos a apontar a singularidade do estatuto que esse termo assumiria em uma programática “teoria da língua poética” (Env. 21, fº 2).

<sup>14</sup>Tradução presente em Fenoglio (2019c, p. 228).

afirmam que, de fato, a literatura “transforma a língua e desloca as categorias de sua análise”. Desse modo, ainda que Benveniste evoque, nas notas, termos assemelhados aos de sua linguística geral para ir dando forma a seu “aparelho de definições” em uma “nova linguística” – que enfoca a “língua poética” –, tais termos passam a se revestir de valores novos. Isso porque o que está em questão “[...] não é mais a linguagem ordinária, ainda que formada das mesmas unidades, mas um sistema próprio, agenciado segundo suas próprias categorias e funções” (Env.8, fº2).

É o caso do termo *palavra*: “A língua poética não reúne palavras-conceito, mas palavras-imagem. [...] Toda linguística da poesia deverá proceder da noção de imagem e a conceitualizar para daí extrair um novo sistema de significações” (Env. 19, fº 2). Mas como se constrói esse sistema de significações? A *palavra-imagem* desperta e suscita *emoção* (Env.8, fº9), pois a língua poética é a “língua de sentimento” (Env. 22, fº 57, sublinhado do autor).<sup>15</sup> E como o poeta opera para construir discursivamente a emoção? Observemos o que nos dizem os segmentos a seguir:

**Env. 22, fº 52**

[...]

O esforço do poeta repousa sobre as palavras, e as palavras são o que atrai a atenção do leitor ou do ouvinte. As palavras estão aí como um objeto em si: sobre elas convergem os olhares, é elas que o espírito interroga; as contemplamos por elas mesmas. Elas formam um discurso todo particular, rítmico sem dúvida, mas antes criador de uma significação específica. É dessa significação que nos esforçamos para extrair o princípio.

**Env. 22, fº 58**

[...]

O problema será, portanto, ver como a língua do poeta é língua, como ela efetua, sem jamais se confundir com o instrumento comum a todos, essa missão de verdade e de revelação que é sua função. Como as combinações de palavras podem produzir esse resultado?

[...]

**Env. 22, fº 2**

Como ele obtém essa “denotação de emoção”?

Por seus agenciamentos particulares de palavras, que continuam signos, mas

---

<sup>15</sup> Vier (2016) apresenta uma leitura acerca desse “novo sistema de significações”. Ao percorrer as notas, a autora compreende que a palavra funciona como ícone (termo empregado por Benveniste nas notas) para significar: de palavra-conceito (que significa a ideia) passa à palavra-imagem (que iconiza a emoção). Por isso, “a iconia – o ato de iconizar a emoção – é o princípio do funcionamento do poema. Esse funcionamento deve ser pensado, então, a partir do iconizante – a imagem – e do iconizado – a emoção” (VIER, 2016, p. 150, grifos da autora).

valorizadas de modo novo por alianças novas.

[...]

Como então se realiza essa linguagem? Pelas combinações de palavras, próprias a produzir esse efeito e a tomadas <como signos> no léxico da língua, mas ag escolhidas e agenciadas de modo novo.

[...]

Na busca pela explicação do princípio da significação específica do discurso poético, Benveniste depara-se com “a língua do poeta”, que ainda é língua, mas não se confunde com aquilo que é comum a todos os falantes – as palavras com as quais o poeta opera são, de algum modo, os signos tomados no léxico da língua; porém, escolhidas e agenciadas pelo poeta, produzem “um discurso todo particular” (Env.22, fº 52).

Reencontramos, aqui, um raciocínio de certo modo semelhante ao que vemos Benveniste expor em *A forma e o sentido na linguagem* (2006b, p. 229), quando se interroga sobre *como a língua significa* e propõe distinguir “duas espécies e dois domínios do sentido e da forma”, o semiótico e o semântico, “ainda que, eis ainda aí um dos paradoxos da linguagem, sejam os mesmos elementos que se encontrem em uma e outra parte, dotados, no entanto, de estatutos diferentes”. No semiótico, cuja função é a de significar, a unidade é o signo; no semântico, cuja função é a de comunicar, a unidade é a palavra. Do domínio semiótico ao domínio semântico, há, como diz Benveniste (2006a, p. 229), “uma mudança radical de perspectiva: todas as noções que passamos em revista retornam, mas outras e para entrar em relações novas”.

Em alguma medida, podemos dizer que esse *raciocínio paradoxal* comparece nas notas: noções teórico-metodológicas propostas quando da discussão acerca do modo *como a língua significa no uso ordinário* retornam, mas “outras” e em relações novas, porque reconfiguradas para refletir acerca do modo *como a língua significa no uso poético*.

Uma dessas noções parece estar relacionada à operação de escolha e agenciamento de palavras. Benveniste, no último fólio que anteriormente destacamos (Env. 22, fº 2), aponta que a “denotação de emoção” se dá por meio de “agenciamentos particulares de palavras”, “pelas combinações de palavras”, como reafirma na mesma nota, palavras estas que são escolhidas e “valorizadas de modo novo” em “alianças novas”.

É interessante perceber como esse procedimento ligado à escolha e ao agenciamento de palavras é reiteradamente registrado por Benveniste nas notas, como atestam os poucos segmentos reproduzidos a seguir:

**Env. 22, fº 13**

[...] palavras que ele <o poeta> escolheu, que ele elegeu entre todas, as junções que ele opera deliberadamente entre essas palavras compõem um certo retrato da visão que ele carrega consigo, da emoção que nele habita.  
[...]

**Env. 22, fº 28**

[...]  
Mais uma vez, o poeta opera com palavras. A relação entre a escolha e o agenciamento das palavras, de um lado, o ‘sentido’ da expressão, do verso, do poema, de outro, tal é o problema linguístico, um problema de relações.

**Env. 22, fº 33**

[...] Entre o ‘sentido’ <individual> dessas palavras e o ‘sentido’ que elas são encarregadas de realizar por sua junção, a distância pode ser grande.  
[...]

**Env. 23, fº 30**

[...]  
É, portanto, 1º) a escolha 2º) a junção que fazem as ‘palavras poéticas’.  
[...]

Essas formulações mostram, sem dúvida, o que Fenoglio (2019b, p. 93, grifo da autora) denomina como *ruminação* na escrita do linguista: “O conteúdo de uma nota é retomado em vários fólhos, que testam terminologias ou aproximações, que retomam incansavelmente a mesma *ideia*, sob outros enunciados”. De acordo com a pesquisadora, a *ruminação* revela tanto uma *hesitação* na busca por uma formulação adequada acerca do “problema” quanto uma *insistência* do pensamento que abre os caminhos para isso.

Nesse movimento de hesitação e insistência, vemos sobressair-se a constatação acerca do *procedimento* operado pelo poeta: ele *escolhe*, *elege* palavras; ele deliberadamente as *junta*, coloca-as em *alianças*. Logo, a significação específica do discurso poético se instancia como um “problema linguístico” porque “problema de relações”: “a relação entre a escolha e o agenciamento das palavras, de um lado, o ‘sentido’ da expressão, do verso, do poema, de outro” (Env. 22, fº 28). Por isso, conclui Benveniste: “É, portanto, 1º) a escolha 2º) a junção que fazem as ‘palavras poéticas’” (Env. 23, fº 24).

É possível propor, então, pontos de contato entre essas anotações e as reflexões relativas à linguagem ordinária presentes em *A forma e o sentido na*

*linguagem* (BENVENISTE, 2006a). Ao buscar elucidar como se constrói o “sentido” no domínio semântico, o da língua em emprego pelo locutor, Benveniste detém-se sobre “o agenciamento sintagmático”:

O sentido da frase é de fato a *idéia* que ela exprime; este sentimento se realiza formalmente na língua pela escolha, pelo agenciamento de palavras, por sua organização sintática, pela ação que elas exercem umas sobre as outras. Tudo é dominado pela condição do sintagma, pela ligação entre os elementos do enunciado destinado a transmitir um sentido dado, numa circunstância dada. Uma frase participa sempre do “aqui e agora”; algumas unidades de discurso são aí unidas para traduzir uma certa ideia interessante, um certo presente de um certo locutor. [...] Que a *idéia* só encontre forma num agenciamento sintagmático, esta é uma condição primeira, inerente à linguagem (BENVENISTE, 2006a, p. 230-231, grifo do autor).

A semelhança vocabular entre esse trecho e as notas sobre o discurso poético, à primeira vista, impressiona. Porém, é preciso estar ciente de que Benveniste emprega, por vezes, “termos que, apesar de idênticos do ponto de vista da expressão, são completamente distintos quanto a seu significado (uso homonímico)” ou, ainda, que “existem termos com expressões diferentes, mas que têm o mesmo conceito (uso sinonímico)” (FLORES, 2013, p. 34). Consequentemente, as aproximações entre as notas e o que está proposto no artigo é de nossa inteira responsabilidade.

O fato é que, se a ideia só encontra forma num agenciamento sintagmático e esta é uma “condição primeira, inerente à linguagem”, então o agenciamento sintagmático é ponto nodal para a instauração da significação tanto no discurso ordinário quanto no discurso poético.

Nessa direção, apontamentos gerais relativos a esse procedimento no âmbito do discurso ordinário são extensíveis ao discurso poético. Por exemplo, o *princípio* de que “o sentido de uma frase é outra coisa diferente do sentido das palavras que a compõem” (BENVENISTE, 2006a, p. 231). Por isso, “Ainda que se compreenda o sentido individual das palavras, pode-se muito bem, fora da circunstância, não compreender o sentido que resulta da junção das palavras [...]” (BENVENISTE, 2006a, p. 231), pois “É como consequência de sua cooptação que as palavras contraem valores que em si mesmas elas não possuíam e que são até mesmo contraditórios com aqueles que elas possuem em outros lugares” (BENVENISTE, 2006a, p. 232).

Tal é a natureza da observação de Benveniste também quanto ao discurso poético, em fólio já anteriormente reproduzido: “Entre o ‘sentido’ <individual> dessas palavras e o ‘sentido’ que elas são encarregadas de realizar pela sua junção, a distância pode ser grande” (Env. 22, fº 33). Então, há,

evidentemente, o princípio comum de que o sentido resultante da junção difere daquele individual das palavras.

No entanto, em vez da *ideia*, o que está em jogo no discurso poético é, segundo as notas de Benveniste, a *emoção*<sup>16</sup>.

**Env. 22, fº 47**

Com as palavras, que têm um “sentido”, comunicar uma emoção, traduzir uma sensação. O poeta deve, portanto, inventar associações de palavras e, antes de mais nada, escolher essas palavras de tal maneira que sua “mensagem” seja ela mesma vetor de alguma outra coisa, que a ultrapassa. [...]

**Env. 23, fº 13**

Cada experiência é necessariamente particular e única.  
Ela requer a cada vez uma invenção da escritura, um tratamento de palavras.

Se estamos, no poético, diante de uma *invenção da escritura*, há aí especificidades quanto ao agenciamento sintagmático. Em *A forma o sentido na linguagem*, Benveniste (2006, p. 232) afirma que, indo para além das palavras, “a ideia deve sofrer a restrição de leis de seu agenciamento” e que há, quanto a isso, “necessariamente uma mistura sutil de liberdade no enunciado da idéia e de restrição na forma deste enunciado, que é a condição de toda atualização da linguagem”. Sem dúvida, eis aí uma *condição de toda atualização da linguagem*. Porém, parece-nos que, quando se trata do discurso poético, não estamos mais diante de uma mistura *sutil* de liberdade e de restrição, mas de uma *extrema liberdade*. Tanto é que, como lindamente escreve Benveniste, nas notas, “a poesia é a poesia mais um certo poeta, já que cada poeta tem sua língua poética” (Env. 21, fº 2)<sup>17</sup>.

A demarcação dessa singularidade não é novidade nas reflexões de Benveniste:

---

<sup>16</sup>Em relação a isso, é pertinente observar, nas notas, a formulação de reflexões acerca de *intentado conceitual* (intentado-ideia) e de *intentado emocional* (intentado-afetivo), par conceitual em relação ao qual se pode ainda problematizar a *referência*, ponto também registrado por Benveniste nas notas. Ou seja, o recorte que aqui apresentamos não passa de um fio na trama tecida pelo linguista.

<sup>17</sup>Fenoglio (2019c, p. 219, grifo da autora) assinala que “essa nota, em sua precipitação, diz expressamente que houve escolha por Baudelaire, como de um ‘certo poeta’ desenvolvendo uma ‘língua poética’ particular, expressão singular que tem seu próprio sistema de funcionamento e que desempenha o papel de material de estudo para compreensão do discurso poético como fato linguístico.”

Ora, ele diz exatamente que a frase é um “acontecimento que desaparece” ou que “dizer bom dia todos os dias a alguém é, cada vez, uma reinvenção”. Se “todo homem inventa sua língua e a inventa durante toda sua vida”, como diz ainda, o poeta, por sua vez, leva essa faculdade ao extremo e faz seu sistema de escrita. É esse funcionamento extremo da poesia que Benveniste quer linguisticamente expor (FENOGLIO, 2019c, p. 255).

A explicação linguística desse funcionamento requer, segundo nosso entendimento, a consideração da noção de “agenciamento sintagmático”. Ono (2007) explica que essa noção, no artigo *A forma e o sentido na linguagem*, é expressa tanto pelo termo “agenciamento das palavras”, quanto pelo termo “agenciamento sintagmático” ou, ainda, pelo termo “organização sintática”. A autora destaca que Benveniste cria, inclusive, um neologismo a fim de esclarecer esse movimento: a “sintagmação”. Esse termo, traduzido por “sintagmatização”, na versão brasileira, diz respeito a uma *operação* que não só cria a forma da frase pela combinação das palavras, mas também cria o seu sentido. Ou seja, a *sintagmatização* é, de acordo com Ono (2007), uma ação que implica toda uma operação semântica e que se instaura como um “movimento negociador entre as palavras”.

Então, se cada poeta tem “sua” língua poética, isso significa que, embora haja, como “condição de toda atualização da linguagem” (BENVENISTE, 2006a, p. 232), a exigência de um agenciamento sintagmático, este não está submetido às mesmas “leis” de agenciamento da língua “comum a todos”, tal como ilustra a nota a seguir:

**Env. 22, fº 58**

[...]

O problema será, portanto, ver como a língua do poeta é língua, como ela efetua, sem jamais se confundir com o instrumento comum a todos, essa missão de verdade e de revelação que é sua função. Como as combinações de palavras podem produzir esse resultado?

A coerência sintática do discurso poético em Baudelaire não deve nos induzir a pensar que a língua poética tem as mesmas exigências de código que a língua usual. Não é nada disso. Que o vocabulário do poeta se encontre todo no seio da língua usual não significa nada, uma vez que esse vocabulário está assujeitado a fins totalmente diferentes e utilizado pelas propriedades às quais a linguagem ordinária é indiferente ou mesmo *opp* hostil [...].

A singularidade do funcionamento do discurso poético, tanto em termos sintáticos quanto lexicais – aspectos destacados na nota anterior –, parece levar Benveniste a reiterar a necessidade de considerar categorias

distintas para tratar desse discurso, dentre as quais uma “sintagmática poemática”. É o que registra na nota a seguir:

**Env. 22, fº 62**

[...]

O princípio é que cada palavra poética tem seu paradigma poético poemático; este é constituído pelo conjunto das possibilidades de rima que a palavra em questão comporta. Esse paradigma, nós o dizemos poemático porque ele é dado na estrutura do poema e porque ele é exigido por essa estrutura. Ele vale para a parte final do verso somente.

Haverá, paralelamente, uma sintagmática poemática a reconhecer: é aquela que é comandada determinada pela medida do verso (proibição de exceder um número dado de sílabas, divisões internas etc.)

[...]

O qualificador *poemática(o)* é pensado por Benveniste, primeiro, em relação a “paradigma” – haveria um “paradigma poemático” constituído por um conjunto de possibilidades – cuja descrição como *poemático* decorre de ser “dado na estrutura do poema”, “exigido por essa estrutura” (Env. 22, fº 62). O mesmo se aplica ao que nomeia como “sintagmática poemática”, que resta “a reconhecer” a cada poema particular.

Esta última exige, por isso, uma concepção distinta de *sintagma*, uma organização livre de palavras sem limites previamente dados: “[...] Em poesia, o sintagma se amplia para além de suas dimensões <limites> gramaticais; ele abrange a comparação, o entorno mais largo, às vezes a rima [...]” (Env. 12, fº 6). Benveniste, aliás, propõe renomear o sintagma, hipotetizando novos termos para isso: “*symphorie* <*sympathème?*> ou *symphonie*”. Segundo Laplantine (2009, p. 36, tradução nossa), “Benveniste propõe o conceito de ‘*sympathème*’ como crítica do conceito de sintagma, de sua limitação” para o discurso poético<sup>18</sup>. Para a autora, tal termo está em relação, nas notas, com “*pathème*”, “a emoção”, em uma analogia com outros termos próprios ao campo linguístico, como “*phonème*”, “*lexème*”.

Esse exercício de invenção terminológica denuncia que outras tantas categorias devem ser repensadas:

**Env.22, fº 67**

---

<sup>18</sup>Em sua tese, Laplantine (2008) apresenta interpretações para os termos aqui referidos, ligando-os a uma dimensão relativa à “leitura subjetivante”, à “leitura poética”, uma vez que as associações são feitas por quem lê o poema. Se, de um lado, tais termos implicam uma teoria da escritura poética, de outro, implicam uma teoria da leitura. Em que termos tal teoria da leitura se instância? Eis uma questão a se pensar.

[...]

(Eu penso, no fim das contas, que a análise da língua poética exige, em toda a extensão do domínio linguístico, categorias distintas. Não se deveria ser tão radical. Será necessário, portanto, propor: uma fonemática poética, uma sintaxe poética, uma gramática poética, uma lexicologia poética.)

[...]

A constatação de “categorias distintas” necessárias a uma “teoria da língua poética” (Env. 21, fº2) – das quais apenas algumas foram aqui retomadas – vai a par, nas notas, com o levantamento de dados oriundos da poesia de Baudelaire, ligados à “análise descritiva do poema” feita por Benveniste (Env. 23, fº 31, sublinhado do autor). O linguista, porém, registra: “O que eu tento descobrir é o modo de funcionamento da língua poética” (Env. 23, fº31, sublinhado do autor).

Assim, por meio desse duplo movimento, de teorização e de análise<sup>19</sup>, Benveniste parece constatar que os elementos situados no cerne do funcionamento do discurso poético estão ligados à invenção de palavras e sua junção ou agrupamento, do que resulta um sentido sempre a descobrir. Tal é a consideração da nota a seguir, redigida em tom “conclusivo”:

**Env. 22, fº 54**

[...]

Nós distinguimos, portanto, três planos sucessivos no discurso poético:

- 1) o primeiro – primeiro em todos os aspectos – é aquele da invenção das palavras e de seu agrupamento de modo novo;
- 2) das palavras assim juntas nasce um “sentido poético” que deve a cada vez ser descoberto, que pode ficar mesmo incerto ou obscuro, mas que não está menos lá;
- 3) ao mesmo tempo, esse “sentido poético” irradia uma emoção, patética<sup>20</sup> ou estética, ligada à forma sonora do verso.

Esses *planos sucessivos* intervêm, aparentemente, na formulação por Benveniste, em diferentes notas, de caminhos metodológicos a serem empreendidos pelo linguista-analista para desvelar o referido funcionamento de *uma* língua poética de *um* poeta. Reencontramos, enfim, o ponto do qual partimos neste estudo: o fôlio 4 do envelope 20, no qual Benveniste enumera,

<sup>19</sup>Em termos analíticos, é pertinente observar os dados que Benveniste recupera da poesia de Baudelaire, nos quais examina, por exemplo, relações de coordenação e justaposição (como fº1 e fº8 do envelope 20).

<sup>20</sup>O termo empregado por Benveniste, na nota em questão, é *pathétique*. Esse termo está em relação com outros utilizados pelo linguista, em outras notas, como *pathème* e *pathématique*, os quais se referem à dimensão emocional da linguagem (LAPLANTINE, 2008).

primeiro, que “não há signo isolado que, em si, possa ser considerado como próprio à língua poética ou realizando o efeito poético”; segundo, que “tudo está na junção”, na reunião de palavras operada pelo poeta; e terceiro, que, diante dessas constatações, “O linguista, portanto, tem que estudar: 1º) o princípio dessa sintagmática particular. 2º) as relações significantes assim obtidas” (Env. 20, fº 4).

É interessante observar que, em diferentes fólhos, há elaboração escritural que busca circunscrever, de algum modo, objeto e método quanto ao estudo do discurso poético. Essa elaboração nos permite visualizar uma espécie de trânsito entre uma *especificidade metodológica* – relativa ao caminho traçado no fólho 4 do envelope 20, focado no estudo da “sintagmática particular” – e uma *generalidade metodológica* – relativa à consideração de outros possíveis procedimentos, não delimitados de antemão, para o estudo de um discurso poético particular. Isso nos conduz a compreender que a investigação de uma “sintagmática particular” é um desses procedimentos – não o único, mas um dos mais relevantes.

**Env. 22, fº 49**

[...]

Importa, portanto, conhecer esse mundo da realidade vivida pelo poeta para apreender o mecanismo da significação na língua poética.

A primeira tarefa será, portanto, descrever o ‘universo da experiência’ em Baudelaire. [Enumerar os temas principais dessa descrição.]

Em seguida, é necessário ver de que maneira, por quais procedimentos formais as palavras do discurso poético se relacionam a esse universo. A abordagem é totalmente diferente daquela que a natureza do signo impõe no funcionamento da linguagem ordinária.

**Env. 14, fº 3<sup>21</sup>**

Articulação do estudo [...] É preciso, portanto, apreender e trazer à luz esses temas maiores, traídos ou enunciados por certos termos-chaves [...] Então vem o estudo dos procedimentos pelos quais o poeta organiza/assegura a expressão disso que ele quer comunicar, isto é, de sua emoção.

Eis, nesses fólhos, “tateios metodológicos” de Benveniste, os quais entendemos que revelam o que Fenoglio (2019a) considera “processos programáticos”, marcados por traços específicos da escrita de Benveniste. Chama a atenção, por exemplo, o emprego reiterado do operador linguístico “portanto”, seguido de verbo no infinitivo, nos dois fólhos anteriores – “Importa, portanto, conhecer [...]”; “A primeira tarefa será, portanto,

---

<sup>21</sup>Tradução presente em Fenoglio (2019c, p. 229).

descrever [...]” (Env. 22, fº 49); “É preciso, portanto, apreender [...]” (Env. 14, fº 3). A esse propósito, Fenoglio (2019a, p. 59) constatou, ao analisar a gênese do artigo *A linguagem e a experiência humana*, que “enunciar um programa de operações metodológicas para utilização de infinitivos marcando a injunção” é um traço da escrita de Benveniste. É o que vemos também nas notas. Nestas, há uma busca pela delimitação de “tarefas, métodos, pontos de vista sobre um mesmo objeto linguístico com um léxico apropriado” (FENOGLIO, 2019a, p. 59), o que vem expresso pelos substantivos “tarefa” e “abordagem”, por exemplo. De fato, trata-se de uma textualidade em elaboração.

Evidentemente, nosso objetivo não consistiu em esmiuçar os traços específicos da escrita de Benveniste, mas em explorar pontos que julgamos relevantes quanto a um possível caminho metodológico inscrito em potencial nas notas sobre o discurso poético. Nosso percurso permitiu identificar apontamentos programáticos que delineiam não só categorias de análise, como também procedimentos a serem empreendidos pelo linguista-analista, dentre os quais parece residir o exame das relações referentes à escolha e à combinação de palavras pelo poeta, o que leva Benveniste a postular que o linguista deve estudar uma “sintagmática particular” e “as relações significantes assim obtidas”. Sem dúvida, trata-se de um ponto nodal do funcionamento do discurso poético.

### Considerações finais

Tais considerações (ditas) finais, são, ao contrário, um novo ponto de partida. Como afirmam Bédouret-Larraburu e Laplantine (2015, p. 18, tradução nossa), “Os manuscritos sobre a linguagem poética, assim como as Últimas Aulas, relançaram a atualidade de Benveniste”. Enveredar por esses caminhos é, pois, necessário ao pesquisador interessado nas reflexões benvenistianas. De nossa parte, escolhemos mergulhar nas notas manuscritas sobre o discurso poético e o fizemos a partir de uma “curiosidade aleatória” – *afinal, o que escreve Benveniste nas notas sobre o discurso poético a partir de seu olhar para a poesia de Baudelaire?* – e uma “curiosidade orientada” – *o que descobre Benveniste acerca do mecanismo de significação do discurso poético?* Ou, mais especificamente, *que caminhos metodológicos Benveniste delineia para dar a ver o mecanismo da significação no discurso poético?*

Com o propósito de responder a essa última questão, voltamo-nos para o plano conceitual dessas notas e observamos “a formulação em ato

de conceitos”, para, de algum modo, “compreender a construção de um discurso teórico e a elaboração de noções e conceitos” (FENOGLIO, 2019, p. 37) quanto aos “tateios metodológicos” de Benveniste. Cabe reiterar: tal percurso considera a natureza instável e não acabada das notas de trabalho e propõe, primeiro, lê-las na sua imanência – leitura, aliás, não linear – e, em seguida, relacioná-las com outros escritos de Benveniste.

Percebemos, de fato, que “o poema questiona e torna incertas as evidências da linguagem, traz um risco teórico para seus autores” (LAPLANTINE, 2013, p. 224). No entanto, quanto ao que vemos nas notas sobre o discurso poético, concordamos com Fenoglio (2019c, p. 254): “o interesse de Benveniste pelo literário não é, ele próprio, literário”. O discurso poético instancia-se, para Benveniste, como um *problema linguístico*, cuja abordagem, ainda que especifique uma forma e um funcionamento de discurso, “não contradiz sua teoria geral do discurso” (FENOGLIO, 2019c, p. 255).

Tanto é que, em nosso percurso de leitura, visualizamos pontos de contato entre as reflexões propostas por Benveniste em *A forma o sentido na linguagem* (2006a) e aquilo que ele *pensa* nas notas. Nestas, pareceu “saltar aos nossos olhos” o ponto relativo ao *agenciamento sintagmático*, afinal, em muitas das anotações, ele registra que são os “agenciamentos particulares de palavras”, escolhidas e reunidas pelo poeta, que instauram a significação específica do discurso poético. Como cada poeta utiliza à sua maneira esse material, resta reconhecer, a cada vez, uma “sintagmática poemática”, que é também ela singular a cada poesia. Nessa direção, Benveniste propõe que o linguista precisa estudar “o princípio dessa sintagmática particular” e “as relações significantes assim obtidas” (env. 20, fº 4).

Assim, se “a ideia só encontre[a] forma num agenciamento sintagmático” e se esta é “uma condição primeira, inerente à linguagem”, como explica Benveniste em *A forma e o sentido na linguagem* (2006a, p. 230-231), então o agenciamento sintagmático é ponto nodal para a instauração da significação, seja no discurso ordinário seja no poético. Parece-nos que o mecanismo geral que caracteriza o funcionamento do agenciamento sintagmático pode ser extensível à compreensão do seu mecanismo específico no discurso poético. Nesses termos, compreendemos a afirmação de Benveniste (2006a, p. 221) de que “tudo o que se pode esclarecer no estudo da linguagem ordinária será de proveito, diretamente ou não, para a compreensão da linguagem poética também”.

Enfim, consideramos que o “agenciamento sintagmático” é apenas

um – embora um dos mais determinantes – dentre os “procedimentos pelos quais o poeta organiza/assegura a expressão disso que ele quer comunicar, isto é, de sua emoção” (Env.14, fº 3). Por isso, o estudo do discurso poético envolve o estudo da “poesia mais um certo poeta, já que cada poeta tem sua língua poética” (Env. 21, fº2). De fato, a “linguística da linguagem poética” é, sem dúvida, como nos diz Laplantine (2009, p.37), uma “linguística do específico”.

## Referências

ADAM, Jean-Michel. Les problèmes du discours poétique selon Benveniste. **Semen**, Revue de sémio-linguistique des textes et discours, n. 33, ed. temática (Les notes manuscrites de Benveniste sur la langue de Baudelaire), 2012.

BENVENISTE, Émile. A forma e o sentido na linguagem. In: \_\_\_\_\_. **Problemas de Linguística Geral II**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006a.

\_\_\_\_\_. Esta linguagem que faz história. In: \_\_\_\_\_. **Problemas de Linguística Geral II**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006b.

FENOGLIO, Irène. Manuscritos de linguistas e genética textual. Quais os desafios para as ciências da linguagem? Exemplo dos “papéis” de Benveniste. In: FLORES, Valdir do Nascimento; GALINDEZ, Verónica; ROSÁRIO, Heloísa Monteiro (Org.). **Émile Benveniste: a gênese de um pensamento**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019a.

\_\_\_\_\_. Gênese do gesto linguístico: uma complexidade heurística. In: [FLORES, Valdir do Nascimento; GALINDEZ, Verónica; ROSÁRIO, Heloísa Monteiro (Org.). **Émile Benveniste: a gênese de um pensamento**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019b.

\_\_\_\_\_. Émile Benveniste: autor de uma pesquisa inacabada sobre “O discurso poético” e não de um “Baudelaire”. In: FLORES, Valdir do Nascimento; GALINDEZ, Verónica; ROSÁRIO, Heloísa Monteiro (Org.). **Émile Benveniste: a gênese de um pensamento**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019c.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.

LAPLANTINE, Chloé. **Émile Benveniste: poétique de la théorie**.

**Publication et transcription des manuscrits inédits d’une poétique de Baudelaire.** Thèse de Doctorat sous la direction de Gérard Dessons. Université Paris 8 – Vincennes, Saint-Denis, 2008.

\_\_\_\_\_. La poétique d’Émile Benveniste. In: MARTIN, Serge. **Émile Benveniste: pour vivre langage. Essais pour la poétique.** Mont-de-Laval: L’Atelier du Grand Tétrás, 2009.

\_\_\_\_\_. Émile Benveniste: em direção a uma poética do discurso (Entrevista realizada por Valdir N. Flores e Marlene Teixeira). **Calidoscópico**, São Leopoldo, vol. 11, n. 2, p. 222-225, maio/ago. 2013.

ONO, Aya. **La notion d’énonciation chez Émile Benveniste.** Limoges: Lambert-Lucas, 2007.

VIER, Sabrina. **Quando a linguística encontra a linguagem:** da escrita de Émile Benveniste presente no Dossiê Baudelaire ao estudo semiológico de uma obra literária. 2016. 176 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2016.

\_\_\_\_\_. “Os perfumes, as cores, os sons se correspondem”: Benveniste e a busca pela imagem criativa em Baudelaire. **Desenredo**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 14, n. 3, p. 515-540, set./dez. 2018.

## DOSSIÊ *BAUDELAIRE*: O ENCONTRO DA POÉTICA DE BENVENISTE COM A POÉTICA DE MESCHONNIC

### *BAUDELAIRE'S DOSSIER: BENVENISTE AND MESCHONNIC'S POETIC CONVERGENCE*

Daiane Neumann<sup>1</sup>

Universidade Federal de Pelotas, UFPel, Pelotas, RS, Brasil

**Resumo:** Neste artigo, proponho-me a refletir acerca da relação entre a poética de Émile Benveniste, no que tange ao dossiê *Baudelaire*, publicado em 2011, na França, e a poética de Henri Meschonnic, cuja obra inicia em finais da década de 50. Para fazê-lo, considero a discussão proposta por Benveniste em *PLG I e II*, que importa à literatura, a fim de discutir acerca da reflexão que concerne à “linguagem poética”, proposta em *Baudelaire*. Por fim, é de meu interesse chegar a considerações sobre o encontro da poética de Benveniste com a poética de Meschonnic, via análise de texto literário.

**Palavras-chave:** Baudelaire; poética; Benveniste; Meschonnic.

**Abstract:** Émile Benveniste's Poetic in Baudelaire's dossier, released in France, 2011, has presented a core relation to Henri Meschonnic's Poetic from the late 1950's. This paper aims at discussing this topic and, therefore, firstly Benveniste's ideas in *Problems in General Linguistics I and II* concerning Literature have been addressed; secondly, Baudelaire's reflections concerning “Poetic Language” have been discussed as well. Finally, Benveniste and Meschonnic's Poetic convergence has been discussed through literary texts analysis since this research has been developed via Literature.

**Keywords:** Baudelaire; poetic; Benveniste; Meschonnic.

### Introdução

Em entrevista a Chloé Laplantine, Flores e Teixeira (2013, p. 223) afirmam que “a divulgação do livro *Baudelaire* e mais recentemente de *Dernières leçons* tem provocado quase que uma ‘revolução’ nos estudos

---

<sup>1</sup>Professora dos cursos de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas. Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail para contato: [daiane\\_neumann@hotmail.com](mailto:daiane_neumann@hotmail.com)

benvenistianos”. Considerando a afirmação proposta pelos dois estudiosos da obra de Benveniste, proponho-me a focar o debate, neste artigo, em torno da primeira publicação dessa “revolução”, qual seja, a do dossiê *Baudelaire*.

A publicação dessa obra, em 2011, trouxe novas reflexões e apontou caminhos de trabalho para aqueles pesquisadores que se dedicaram a estudar, propriamente, a relação entre Benveniste e a literatura. Na França, esse movimento deu-se em torno dos trabalhos<sup>2</sup> desenvolvidos a partir da *poétique* de Meschonnic, que tem como um de seus linguistas de base Benveniste. No Brasil, o movimento deu-se a partir de trabalhos<sup>3</sup> produzidos na UNISINOS, orientados pela professora e pesquisadora Marlene Teixeira, “leitora maior”<sup>4</sup> da obra de Benveniste.

O trabalho de leitura e organização dos manuscritos, por Chloé Laplantine, culminou em uma tese de doutoramento, defendida em 2008, *Émile Benveniste : poétique de la théorie*. A publicação dos manuscritos, em 2011, gerou mais algumas produções, na França, em torno da obra, *Émile Benveniste, pour vivre langage*<sup>5</sup>, *Des notes manuscrites de Benveniste sur la langue de Baudelaire*<sup>6</sup>, *Émile Benveniste: vers une poétique générale*<sup>7</sup>. No Brasil, testemunhamos também a produção de alguns trabalhos, como a tese de doutoramento de Sabrina Vier, *Quando a linguística encontra a linguagem: da escrita de Émile Benveniste presente no Dossiê Baudelaire ao estudo semiológico de uma obra literária*, e produções que decorreram de seu trabalho de tese.

Considerando esse contexto de produção, é de meu interesse, neste artigo, discutir, em um primeiro momento, sobre essa reflexão proposta na obra de Benveniste, que interessa à literatura, no sentido de que traz contribuições para compreender, propriamente, o literário, o poema<sup>8</sup>,

---

<sup>2</sup>Dentre esses trabalhos, estão aqueles desenvolvidos por Gérard Dessons, Serge Martin e Chloé Laplantine.

<sup>3</sup>Remeto, aqui, aos trabalhos de mestrado de Juciane dos Santos Cavalheiro, *O espaço ficcional e a experiência subjetiva: uma análise enunciativa de A Metamorfose*, de Sabrina Vier, *Da singularidade na linguagem poética: um estudo enunciativo em canções de Chico Buarque*, e de Luana Müller de Mello, *Em busca da representação de trabalhador em canções de Chico Buarque: um estudo enunciativo da linguagem poética*.

<sup>4</sup>FLORES, V. do N., e NEUMANN, D. Apresentação do Dossiê Leituras de Émile Benveniste. *Revista Linguagem & Ensino*. v. 23, n. 3, julho-setembro, 2020.

<sup>5</sup>MARTIN, Serge (Org.) (2009).

<sup>6</sup>ADAM, Jean-Michel e LAPLANTINE, Chloé (Org.) (2012).

<sup>7</sup>BÉDOURET-LARRABURU, Sandrine e LAPLANTINE, Chloé (Org.) (2015).

<sup>8</sup>Para Dessons (2011), o poema não deve ser necessariamente escrito em verso, pois mesmo que

---

conforme o denominam Henri Meschonnic e Gérard Dessons. Em um segundo momento, busco problematizar o encontro da poética de Benveniste com a poética de Meschonnic, a partir do dossiê *Baudelaire*, isto é, a partir da consideração do texto literário, a fim de levantar problematizações que concernem não somente aos que se dedicam a pesquisas acerca do trabalho desses dois estudiosos, mas também aos que se interessam pela discussão acerca da constituição do texto literário.

### **A arte e a literatura: dos *PLG I e II* ao dossiê Baudelaire**

Em entrevista intitulada *Émile Benveniste e a arte de pensar: uma entrevista com Gérard Dessons*<sup>9</sup>, o teórico da linguagem afirma que, com o movimento do “linguistic turn”, as ciências humanas situam a linguagem na vanguarda de seus objetos de estudo. Dessa forma, a literatura vai se encontrar em um verdadeiro problema, na medida em que é tratada à parte, como anti-ciência. A separação do que Dessons denominou “poema” e “língua” levará a uma “verdadeira dificuldade”, “de um lado, os departamentos de literatura trabalhando sobre o plano do significado; de outro, os departamentos de linguística (‘ciências da linguagem’) ocupando-se antes do significante” (DESSONS; NEUMANN; OLIVEIRA; 2020, p. 375).

Ora, uma leitura atenta dos *PLG I e II* mostra, como bem apontaram Messa e Teixeira (2015), que o ponto de convergência da multiplicidade de interesses do universo benvenistiano está na questão da significação. A questão da significação, em Benveniste, é atravessada pela reflexão acerca do que chamou, em *A forma e o sentido na linguagem*, de “noções gêmeas de sentido e de forma” (BENVENISTE 2006a, p. 221). Benveniste, o mais saussuriano dos linguistas do discurso, não fez a separação entre o plano do significante e o plano do significado, nem em sua reflexão que retoma a proposta saussuriana, por ele denominada domínio semiótico, nem mesmo quando abre suas proposições teóricas ao domínio do semântico, ou seja, ao domínio do discurso. Ademais, ao investigar questões de forma, sem desconsiderar o sentido, a significação, Benveniste é levado a tratar da questão da subjetividade na linguagem, da relação da língua com a cultura,

---

o verso tenha sido historicamente a forma do poema, durante muitos séculos, ele não o é mais desde que a ideia de poesia foi alterada no século XVII, quando houve a versificação da prosa, o que resultou no século XIX no poema em prosa.

<sup>9</sup>Dessons, Neumann, Oliveira (2020).

da língua com a sociedade, da língua com o pensamento. Assim, estabeleceu uma reflexão sobre a linguagem que se constituiu no que mais tarde foi denominado, por Henri Meschonnic e Gérard Dessons, de uma “teoria do conjunto”.

Tal constatação permite compreender por que ao escrever sobre a obra de Émile Benveniste, Henri Meschonnic intitulou um de seus textos “Seul comme Benveniste”<sup>10</sup>. Da mesma forma, Gérard Dessons (2006, p. 16) afirma que Benveniste “é um linguista à parte”. Ademais, essa teorização particular de Benveniste, muito caracterizada por uma preocupação com a significação, chamou a atenção de outros estudiosos da literatura, como Roland Barthes e Tzvetan Todorov, notadamente leitores da obra benvenistiana.

Estudiosos da literatura perceberam, desde muito cedo, que a linguística benvenistiana lançava luzes sobre problemas com que se deparavam em análises de textos literários. De forma geral, podemos apontar como propulsora desse interesse a questão que mobilizou esse linguista inquieto do início ao fim de sua teorização, a questão da significação; “o que não se tentou para evitar, ignorar ou expulsar o sentido? É inútil: essa cabeça de Medusa está sempre aí, no centro da língua, fascinando os que a contemplam” (BENVENISTE, 2005a, p. 134-135).

Vier (2016) faz um levantamento de como a literatura comparece nos *PLG I e II*. A autora mostra a presença da literatura através de excertos de textos, em análises operadas por Benveniste, bem como em citações e em algumas menções feitas à literatura em alguns capítulos. Desse universo de possibilidades, discuto aqui, por observar que se trata de questões que dialogam de forma estreita com aquelas levantas por Benveniste no dossiê *Baudelaire*, acerca do texto “Observações da função da linguagem na descoberta freudiana” e “Semiologia da língua”.

No texto “Observações da função da linguagem na descoberta freudiana”, publicado originalmente em 1956, Benveniste (2005b, p. 90), considerando a tentativa freudiana de encontrar um discurso análogo à linguagem do inconsciente e dos sonhos, com o objetivo de compreendê-los, observa que o que “Freud perguntou em vão à linguagem ‘histórica’ teria podido, em certa medida, perguntar ao mito ou à poesia”.

Tal observação é feita após uma tentativa de Benveniste de caracterizar a linguagem do inconsciente. Para o linguista sírio (2005b), além do simbolismo inerente à linguagem, o analista percebe que há um simbolismo

<sup>10</sup>MESCHONNIC (2008).

específico, que se constitui tanto a partir do que o sujeito omite quanto a partir do que enuncia, sem conhecê-lo. Ademais, Benveniste (2005b, p. 85) percebe que Freud “lançou luzes decisivas sobre a atividade verbal tal como se revela na suas fraquezas, nos seus aspectos de jogo, na sua livre divagação quando se suspende o poder de censura”, portanto, “toda a força anárquica que refreia ou sublima a linguagem normalizada, tem a sua origem no inconsciente”.

O psicanalista, de acordo com Benveniste (2005b, p. 85), observou a existência de “profunda afinidade entre essas formas da linguagem e a natureza das associações que se estabelecem no sonho - outra expressão das motivações inconscientes”. Dando seguimento à sua reflexão, Benveniste lança mão das palavras de Freud, para quem “essa linguagem simbólica” “não é específica do sonho; encontramos-la em toda a imagística inconsciente, em todas as representações coletivas, principalmente populares: no folclore, nos mitos, nas lendas, nos ditados, nos provérbios, nos trocadilhos correntes; ela é, mesmo, mais completa aí que no sonho” (BENVENISTE, 2005b, p. 93).

Nas notas manuscritas, Benveniste (2011) insiste, em diversos momentos, sobre o fato de que “o referido <em poesia> não é o mundo das / coisas, é o mundo interior do poeta, ou [...] é / o mundo das coisas refratadas na consciência do poeta, <quer / dizer uma experiência>”<sup>112</sup> (p. 130). Observando propriamente a “língua de Baudelaire”, o linguista observa que Baudelaire é o poeta da interioridade do ser, da verdade profunda dos sofrimentos do homem na natureza. Esse estilo descreve “as aspirações, os / delírios, as lembranças no / estilo que convém à exte/ rioridade”<sup>113</sup> (p. 418).

No entanto, esse “mundo interior do poeta”, de que fala Benveniste (2011), começa a se tornar um “mundo/ segundo”, um “mundo da / sensibilidade tomado nele mesmo”, o “mundo do sonho e da nostalgia”<sup>114</sup> (p. 418). A descrição, em Baudelaire, conforme observa Benveniste, vem “o sonho, tem cores oníricas”<sup>115</sup> (p. 426). É importante perceber o quanto

---

<sup>11</sup> Tradução minha. No original, lê-se: “Le référé <en poésie> n’est pas le monde des / choses, c’est le monde intérieur du poète, ou [...] c’est / le monde des choses réfracté dans la conscience du poète, <c’est à / dire une *expérience*>”

<sup>12</sup> Todas as traduções que seguem foram feitas por mim e terão os originais apresentados em nota de rodapé.

<sup>13</sup>No original: “les aspirations, les / délire, les souvenirs dans le / style qui convient à l’exté- riorité”.

<sup>14</sup>No original: “ monde / second”, “monde de la / sensibilité pris en lui-même”, “monde du rêve et de la nostalgie”.

<sup>15</sup>No original: “du rêve, a des couleurs oniriques”.

essa discussão sobre a poesia de Baudelaire vai aproximando a discussão de Benveniste sobre a linguagem poética à ideia de que ali estaria em jogo esse mundo interior do poeta. Ora, esse mundo interior significa também o delírio, o sonho, conforme o vemos teorizando no *PGL I*. Em seguida, Benveniste (2011, p. 426) lança mão de uma nota, que auxilia também na elucidação dessa questão, “Ver no Salão de 1859 (Clube do livro II p. 143) a página onde Baudelaire elogia Delacroix / por ter ‘o infinito no finito’ ... o sonho... a visão produzida pela intensa / meditação... E. D. pinta sobretudo a *alma* ... [...] Jamais esquece ‘a rainha / das faculdades’, a imaginação”.<sup>16</sup>

A discussão proposta em Benveniste (2005b) que, conforme pontuei, também se encontra em Benveniste (2011), encontra eco no texto “Semiologia da língua”. Neste texto, a discussão sobre a poesia que se constrói a partir de um mundo interior, o mundo do poeta, que alcança também seus sonhos, seus devaneios e suas aspirações, pode ser ainda compreendida a partir do que Benveniste (2006b) discute especificamente sobre a arte.

“Semiologia da língua” foi publicado originalmente em 1969. Nele, como observam Meschonnic (2008b) e Dessons (1997), Benveniste inicia uma discussão que será importante para pensar a arte e a linguagem poética. Na tentativa de definir o que é próprio da língua, comparando-a à arte, Benveniste (2006b) propõe que a língua é o único sistema de significação a ter a propriedade de congregar de uma só vez o domínio semiótico e o domínio semântico, ou seja, o sistema de signos e o discurso. Assim, os outros sistemas ou são constituídos apenas pelo semiótico, gestos de cortesia, *mudrās*, ou são constituídos apenas pelo semântico, como as expressões artísticas.

Conforme Meschonnic (2008b), Benveniste, nesse texto, faz uma dissociação entre a noção de signo e de unidade. Em “Semiologia da língua”, o signo apresenta-se como uma unidade, no entanto, uma unidade não seria necessariamente um signo. É possível, portanto, considerar, por exemplo, as obras de arte enquanto unidades produtoras de sentido, que não podem ter seus elementos discretizados, já que não são constituídas de unidades que teriam um valor dado previamente.

A reflexão proposta tanto por Meschonnic (2008b) quanto por

---

<sup>16</sup>No original: “Voir dans le Salon de 1859 (Club du livre II p. 143) la page où Baudelaire loue Delacroix / d’avoir ‘l’infini dans le fini’, ... le rêve... la vision produite par une intense / méditation.... E. D. peint surtout *l’âme*... [...] Ne jamais oublier ‘la reine / des facultés’, l’imagination”.

Dessons (1997)<sup>17</sup>, a partir do texto “Semiologia da língua”, aponta para uma nova metodologia de trabalho. Enquanto, nos estudos da linguagem, geralmente se partiu de análises em que se consideravam unidades carregadas de sentido, que poderia ser alterado, segundo as novas relações estabelecidas no discurso, os estudos de outros sistemas, aqueles de expressão artística, apontavam, em Benveniste (2006b), para que se considerasse a obra como um todo que atribuiria relação às partes. Pode-se, dessa forma, dizer que se trata de uma consideração da obra, a partir do que foi denominado “semântico sem semiótico”, em que a obra cria seu próprio semiótico.

Ao considerar o estudo da linguagem poética, Meschonnic (2009) propõe que se considere o poema como uma obra de linguagem. Dessa forma, o teórico da linguagem considera, em suas análises, o poema como uma obra de arte, como aquele que constrói o seu próprio semiótico, a partir do domínio do semântico.

Em Benveniste (2011), ao analisar os poemas de Baudelaire, o linguista, em um primeiro momento, percebe algo interessante: “a linguagem icônica não rompe com o sistema geral / da língua, ela não emprega elementos fônicos nem *signifiques* que sejam estrangeiros à língua, e Baudelaire / conserva uma sintaxe que é no conjunto aquela / da língua comum”<sup>18</sup> (p. 34, grifos meus). No entanto, parece que a organização desse sistema, tomado como “um sistema próprio”, “agenciado segundo suas / próprias categorias e funções” (p. 48), torna essa linguagem uma “linguagem especial”, que não é mais a “linguagem ordinária embora formada das mesmas unidades”<sup>19</sup> (p. 48).

Ao seguir com as análises e reflexões, Benveniste explica que “O poeta combina e / <distribui> sua matéria como o / músico seus sons e o / pintor suas cores mas / diferentemente do pintor / e do músico que / empregam os materiais, / o poeta emprega as / *palavras*, que significam. / A poesia é portanto / algo contraditório : / uma *arte de signi-ficações*.”<sup>20</sup>. Ao final de sua

---

<sup>17</sup> É importante observar que essa discussão perpassa a obra de Henri Meschonnic e Gérard Dessons. Faço menção a esses textos especificamente, neste momento, porque auxiliarão mais diretamente na reflexão conduzida aqui.

<sup>18</sup>No original: “Le langage iconique ne rompt pas avec le système général / de la langue, il n’emploie pas d’éléments phoniques ni signi-fiques qui soient étrangers à la langue, et Baudelaire / conserve une syntaxe qui est dans l’ensemble celle de / la langue commune”.

<sup>19</sup>No original: “un système propre”; “agencé selon ses / propres catégories et fonctions”; “langage spécial”; “le langage ordinaire quoique formé des mêmes unités”.

<sup>20</sup>No original: “Le poète combine et / <distribue> sa matière comme le / musicien ses sons et le / peintre ses couleurs mais / à la différence du peintre / et du musicien qui / emploient

reflexão, o linguista conclui que “seria bastante natural que a língua / poética tivesse sua semântica própria”<sup>21</sup>.

Em outro momento do dossiê, Benveniste (2011, p. 652) nos faz lembrar da discussão do texto “Semiologia da língua”, mas agora buscando explicar a língua, utilizando-se de características que observou sobre o sistema da arte e da música:

[...] As cores, a matéria, os sons são os materiais / de artistas pintores, escultores, músicos.

E o poeta? O poeta combina as *palavras*. As palavras / são o material sobre o qual ele trabalha. É por conseguinte / evidente que, tornadas material do poeta, as palavras não / podem mais ser “signos” do uso comum. / Cada poeta utiliza à sua maneira esse material. / Não há dois que tirem delas o mesmo partido.

Mas o pintor, com o auxílio de suas cores, faz um / quadro; o escultor, com sua matéria, faz uma / escultura; o músico, com os sons, faz uma / composição musical.

E o poeta? O poeta, com suas palavras, faz / um “poema”, uma criação que explora as palavras / para certos fins. *estéticos*.<sup>22</sup>

Nesse recorte, é interessante observar que o poema é concebido como a arte da linguagem, que precisa ser explicado, via movimentos e reflexões que, em Benveniste (2006b), se utilizou para discutir sobre o sistema da arte e da música. Chama, ainda, a atenção que o linguista aponta para o fato de os “signos” não serem mais aqueles do uso comum. Essa constatação se estabelece a partir da consideração de que não haveria dois poetas que tirassem de uma mesma palavra dois usos comuns. O que estaria sugerindo Benveniste aqui? Trata-se de uma construção de um semiótico próprio?

---

des matières, / le poète emploie des / *mots*, qui signifient. / La poésie est donc / qqchose de contradictoire : / un *art de signi-fications*.”

<sup>21</sup>No original: “il serait assez naturel que la langue / poétique eût sa sémantique propre”.

<sup>22</sup>No original: “[...] Les couleurs, la matière, les sons sont des matériaux / des artistes peintre, sculpteur, musicien.

Et le poète? Le poète combine des *mots*. Les mots / sont le matériau sur lequel il travaille. Il est dès lors / évident que, devenus matériau du poète, les mots ne / peuvent plus être les “signes” de l’usage commun. / Chaque poète utilise à sa manière ce matériau. Il / n’y en a pas deux qui en tirent le même parti.

Mais le peintre, à l’aide de ses couleurs, fait un / tableau ; le sculpteur, avec sa matière, fait une / sculpture ; le musicien, avec les sons, fait une / composition musicale.

Et le poète ? Le poète, avec ses mots, fait / un “poème”, une création qui exploite les mots / à certaines fins. *esthétiques*.”

Anteriormente, o linguista já fez a associação entre o poema e a arte, ao afirmar que nos poemas de Baudelaire trata-se de um semântico próprio. Estaria aqui propondo que o poema leva à construção de um semiótico próprio?

É mister também apontar, nessa nota, para a fato de que, ao mencionar a finalidade para a qual o poeta criaria o poema, extrapolando as palavras, Benveniste escreve a palavra “estético” e, em seguida, recua, rasurando-a. Podemos ler essa rasura, considerando toda a exposição das análises de Benveniste, as quais mostram, com agudeza, o quanto a forma como se organiza a língua nos textos analisados também constrói não apenas um universo do poeta, que refrata o mundo que o cerca, bem como um universo poético, no sentido de propor uma renovação na forma de pensar a poesia. Logo, o fim da criação que explora o uso das palavras não é apenas estético<sup>23</sup>.

Nessa nota, é de se observar o tato para uma análise linguística aguçada, que perpassa a obra de Benveniste. O linguista, ao considerar as relações entre a forma e o sentido, mostra ter consciência de que, adentrar o segundo domínio, o leva a considerar a relação da língua, nesse caso específico, com a literatura. Ao fazê-lo, deixa-se interrogar, demonstra estar diante de um problema. É esse movimento que faz de Benveniste, conforme já apontei acima, um linguista único.

Debruçando-se sobre o literário, sem desconsiderar as especificidades da literatura, esse linguista, numa atitude daquele que busca deixar-se interrogar pela «terra incognitae» (terras desconhecidas), acaba por observar, de forma bastante instigante, que “a língua poética é sempre aquela de *um* poeta, e ela é / reinventada por ele em cada *um* de seus poemas”<sup>24</sup> (p. 442); “A / poesia, é a poesia / mais um certo poeta. / porque cada poeta tem / sua língua poética.”<sup>25</sup> (p. 454).

## O encontro da poética de Benveniste com a poética de Meschonnic

Embora esta seção do artigo seja dedicada à discussão acerca

<sup>23</sup>Agradeço a um dos pareceristas do periódico que atentou para o fato de que essa rasura também indica que o procedimento destacado por Benveniste também pode ser levado para o uso comum da linguagem, já que também se detectam aí procedimentos semelhantes.

<sup>24</sup>No original: “La langue poétique est toujours celle d’un poète, et elle est / réinventée par lui dans chacun de ses poèmes.”

<sup>25</sup>No original: “La / poésie, c’est la poésie / plus un certain poète. / puisque chaque poète a / sa langue poétique”.

do encontro das poéticas de Benveniste e Meschonnic, uma primeira aproximação já se estabeleceu na seção anterior, na medida em que a leitura do texto “Semiologia a língua” foi apresentada, a partir daquela feita por Meschonnic (2008b) e Dessons (1997). Foi possível observar que a leitura proposta pelos dois teóricos da linguagem, qual seja, aquela que considera a reflexão de Benveniste no “Semiologia da língua” sobre as expressões artísticas como profícua para pensar a arte da linguagem, o poema, é o caminho percorrido por Benveniste (2011).

Ao discutir sobre o que denominou “linguagem poética”, Benveniste (2011) observou que o poeta se comporta diante da língua tal como o pintor diante da sua obra, como o músico diante de sua composição. O linguista chega a afirmar que o “signo” de que lança mão o poeta não é o mesmo “signo” de que lança mão o falante comum.

Interessa aqui observar que, considerando a reflexão em Benveniste (2006b), Meschonnic (2008b) se propõe a fazer a metassetântica sugerida no final programático de “Semiologia da língua”. Para fazê-lo, Meschonnic postula que sua poética se estabeleça, a partir do que denominou “semântico sem semiótico”. Dessa forma, a obra e o poema são tomados como aqueles que constroem o seu próprio semântico, mas também o seu próprio semiótico. Tal consideração altera o ponto de vista do analista que não busca mais o funcionamento das unidades do semiótico no semântico, mas como o semântico constrói as unidades que se estabelecem como seu semiótico.

O olhar se volta para o contínuo do discurso, que é tomado por Meschonnic (2009) como um sistema, resgatando a reflexão saussuriana, por meio da oposição ao fechamento estruturalista. No entanto, esse sistema não é fechado. Trata-se de um sistema aberto, cujas relações estabelecidas pelo funcionamento dos elementos que o compõem sempre estão abertas a novas possibilidade de escuta e de leitura. Escuta aqui se relaciona à leitura, na medida em que as relações se organizam a partir do ritmo<sup>26</sup>, que não é mais concebido como simétrico, regular, mas como “configurações particulares do movimento” (MESCHONNIC, 2009, p. 70, *apud* BENVENISTE, 1966, p. 330).

Esse ritmo, alçado a um verdadeiro interpretante antropológico, conforme o pontua Dessons (2006), não se trata mais de um nível. O ritmo funciona como um organizador das relações que se estabelecem no discurso e que se situam nos níveis acentual, prosódico, morfológico, sintático e lexical. Esse sistema de discurso constrói, dessa forma, sua própria sintagmática e

---

<sup>26</sup>Para maiores informações sobre a noção de *ritmo*, consultar Meschonnic (2009).

sua própria paradigmática<sup>27</sup>. É a partir das relações entre tais eixos, que se estabelece a significância do sistema e da obra.

A organização do movimento do discurso, sendo constituída pelo ritmo da linguagem, leva à consideração da escuta do texto, na atividade de análise. Essa possibilidade se estabelece, na medida em que não se desvinculam, na poética de Meschonnic, a forma e o sentido, o som e o sentido. Tal questão pode ser considerada uma primeira aproximação, dentre aquelas que busco estabelecer nesta seção, na medida em que, a partir das análises dos poemas de Baudelaire, Benveniste (2011) afirma que “1) a dicotomia forma : sentido / tem aqui ainda menos sentido que em qualquer outro lugar. / 2) o ‘sentido’ em poesia é interior à ‘forma’”<sup>28</sup> (p. 548); “Em poesia a distinção entre a forma e o fundo (supondo que ela / tenha em si um sentido) é abolida. O ‘fundo’ da poesia é a sua ‘forma’”<sup>29</sup> (p. 428).

A consideração de que o poema e a obra constroem um sistema de discurso, cujas relações se estabelecem internamente, parece estar bem presente em algumas observações de Benveniste (2011) acerca dos poemas de Baudelaire, na medida em que “não há signo isolado que, em si, possa ser considerado como / próprio à linguagem poética ou realizando o efeito poético / (exceto alguns clichês ‘glaiive’ ‘onde’ ‘azur’)<sup>30</sup>” (p. 428); “em poesia o conjunto prima e determina a unidade”<sup>31</sup> (p. 428).

Ainda a questão das relações sintagmáticas e associativas, consideradas em Benveniste (2011), nos remetem a essa discussão acerca da organização do discurso, a partir de uma paradigmática e de uma sintagmática, conforme o propõe Meschonnic (2009). No dossiê Baudelaire, lemos: “o linguista tem, portanto, que estudar: 1º) o princípio dessa sintag-/mática particular. 2º) as relações significantes assim obtidas”<sup>32</sup>.

Ademais “o princípio é que cada palavra poética tem seu / *paradigma poético poemático*; que é constituído / pelo conjunto de possibilidades de rima

<sup>27</sup>As noções de *sintagmática* e *paradigmática* também derivam do pensamento saussuriano, mais especificamente dos eixos sintagmático e associativo do sistema linguístico.

<sup>28</sup>No original: “1) la dichotomie forme : sens / a ici encore moins de sens que partout ailleurs. / 2) le ‘sens’ en poésie est intérieur à la ‘forme’”.

<sup>29</sup>No original: “En poésie la distinction de la forme et du fond (à supposer qu’elle / ait en soi un sens) est abolie. Le ‘fond’ de la poésie, c’est sa ‘forme’”.

<sup>30</sup>No original: “Il n’y a pas de signe isolé qui, en soi, puisse être considéré comme / propre à la langue poétique ou réalisant l’effet poétique / (hormis quelques clichés ‘glaiive’ ‘onde’ ‘azur’)”.

<sup>31</sup>No original: “En poésie l’ensemble prime et détermine l’unité”.

<sup>32</sup>No original: “Le linguiste a donc à étudier : 1º) le principe de cette syntag-/matique particulière. 2º) les relations significantes ainsi obtenues”.

que a palavra em / questão comporta. Esse paradigma, nós o dizemos / *poemático* porque ele é exigido por essa estrutura. Ele / vale para a parte terminal do verso somente”<sup>33</sup> (p. 662). Haverá também, paralelamente, “uma *sintagmática* / *poemática* a ser reconhecida: é aquela que é comanda-  
dada determinada pela *medida do verso* (interdição / de exceder um número dado de sílabas, divisões / internas, etc.)”<sup>34</sup> (p. 662).

Embora o eixo das associações, para Meschonnic (2009), não se reduza a rimas externas, mas compreenda relações estabelecidas através também de rimas internas e de ecos prosódicos, e o eixo sintagmático não seja determinado pelo metro, pela medida, mas sim pelo ritmo, pelo contínuo do discurso; interessante se faz notar como as observações de Benveniste e Meschonnic, a partir da análise de poemas, acabaram por levá-los a discussões bastante semelhantes e profícuas, que apontam um caminho para os linguistas que se propõem a não se colocarem como surdos à função poética da linguagem, para utilizar os termos e Jakobson (1999).

Nesse eixo de associações, denominado paradigmática por Meschonnic (2009), Benveniste (2011) também acaba por considerar essa escuta do literário ao propor que se observem as “sonoridades associativas de evocação”. O linguista atenta para o fato de que “as três palavras *urne - nocturne - taciturne* / têm ressonâncias idênticas - sonoridade <vibrante> de sino - e elas enlaçam as relações de evocação”<sup>35</sup> (p. 266); e de que “a *evocação* é uma categoria essencial em Baudelaire e talvez/ em geral em poesia”<sup>36</sup> (p. 266).

Nessa discussão é que Benveniste (2011, p. 134) percebe que “NUIT tomada como *pathème*<sup>37</sup> / ícone será distinta de *noite* como / signo, ainda que o poeta o empregue assim como / tal (“dia e noite” = sem cessar) quando tem

<sup>33</sup>No original: “Le principe est que chaque mot poétique a son / *paradigme poétique poematique*; celui est constitué / par l’*ensemble des possibilités de rime* que le mot en / question comporte. Ce paradigme, nous le disons / *poématique* parce qu’il est exigé par cette structure. Il / vaut pour la partie terminale du vers seulement”.

<sup>34</sup>No original: “une *syntaxématique* / *poématique* à reconnaître : c’est celle qui est commandée déterminée par la *mesure du vers* (interdiction / d’excéder un nombre donné de syllabes, divisions / internes, etc.)”.

<sup>35</sup>No original: “Les trois mots *urne - nocturne - taciturne* / ont des résonances identiques - sonorité <vibrante> de cloche - et ils nouent / et prolongent des relations d’évocation”.

<sup>36</sup>No original: “L’évocation est une catégorie capitale chez Baudelaire et peut être / en général en poésie”.

<sup>37</sup>Unidade semântica do domínio passional.

oportunidade / <e será cada vez particular. Por exemplo><sup>38</sup>, “<o iconisante> *nuit* será - paradoxalmente mas / de acordo com a verdade icônica distinta da verdade / significa - ligado ao iconisante *luit* (XCI *luisant* / como esses buracos onde a água dorme na *nuit*... e a rima / *reluit*) e o iconizado NUIT será então / uma extensão <onde reina> uma certa claridade distinta da/ quella diurna”<sup>39</sup>.

O que o linguista mostra nessa análise é que “se trata de estabelecer uma ligação conceitual entre as palavras que rimam”<sup>40</sup> (BENVENISTE, 2011, p. 650), assim nessas relações “essas palavras se seguem; se combinam e compõem / figuras novas.”<sup>41</sup> (BENVENISTE, 2011, p. 622); “aqui vale a observação profunda / de Saussure sobre a consecutividade como princípio fundamental / (Anagramas de F. De. S. Merc. De Fr. 1964, p. 254)”<sup>42</sup> (BENVENISTE, 2011, p. 622).

Ao considerar a relação entre a forma e o sentido, o som e o sentido, nesse eixo sintagmático e paradigmático do poema, percebendo que as rimas formam essa rede conceitual que contribui para a constituição dos valores das unidades, Benveniste (2011, p. 400), assim como Meschonnic (2009), percebe que “a *poesia* a língua poética e mais precisamente a poética / não consiste em *dizer*, mas em *fazer*. Ela persegue / um <a produção de um> certo efeito, emocional e estético. Para esse / fim são empregados meios linguísticos”<sup>43</sup>. Resulta disso, então, que “serão utilizadas / algumas propriedades da linguagem, propriedades sonoras / e propriedades de sentido. É em função dessas / propriedades que o autor (o ‘*faiseur, poète*’) / escolherá e combinará os elementos linguísticos”<sup>44</sup> (BENVENISTE, 2011, p. 400).

<sup>38</sup>No original: “NUIT pris comme *pathème* / iconie sera distinct de *nuit* comme / signe, bien que le poète l’emploie aussi comme / telle (“jour et nuit” = sans cesse) à l’occasion / <et il sera chaque fois particulier. Par exemple>”.

<sup>39</sup>No original: “<l’iconisant> *nuit* sera - paradoxalement mais / en accord avec la vérité iconique distincte de la vérité / signifie - lié à des l’iconisant *luit* (XCI *luisant* / comme ces trous où l’eau dort dans la *nuit*... et la rime / *reluit*) et l’iconisé NUIT sera alors / une étendue <où règne> d’une certaine clarté distincte de / celle diurne”.

<sup>40</sup>No original: “<Il s’agit d’établir un lien conceptuel entre les mots qui riment>”.

<sup>41</sup>No original: “Ces mots se suivent ; ils se combinent et composent / des figures neuves”.

<sup>42</sup>No original: “Ici vaut l’observation profonde / de Saussure sur la consécuitivité comme principe fondamental / (Anagrammes de F. De S. Merc. De Fr. 1964, p. 254)”.

<sup>43</sup>No original: “La *poésie* la langue poétique et plus précisément la poétique / ne consiste pas à *dire*, mais à *faire*. Elle poursuit / un <la production d’un> certain *effet*, émotionnel et esthétique. A cette / fin sont employés des moyens linguistiques”.

<sup>44</sup>No original: “Il en résulte que seules seront utilisées / certaines propriétés du langage, propriétés sonores / et propriétés de sens. C’est en fonction de ces / propriétés que l’auteur (le

---

## Considerações finais

O dossiê *Baudelaire* constitui-se como uma importante publicação, a qual, por um lado, lança luzes ao trabalho de estudiosos que, percebendo que a obra de Benveniste suscitava questionamentos importantes para quem se debruça sobre o literário, puderam compreender quais outros caminhos foram trilhados por esse grande linguista. De outro lado, essa publicação permite adentrar um pouco mais no universo de Benveniste, que, fascinado pela questão da significação, deixou-se interrogar por diferentes domínios dos estudos da linguagem, o que o levou à busca pelo desconhecido na arte e na literatura.

Benveniste é, sem dúvida, um “linguista à parte”, que elaborou um pensamento acerca da linguagem que se configura como uma verdadeira “arte de pensar”, conforme o destacou Dessons (2006). E foi nessa inquietação pelo estudo da arte da linguagem, revelada, em especial, pelo dossiê *Baudelaire*, que a sua poética encontrou, de uma forma diferente, a poética de Meschonnic<sup>45</sup>, conforme destaquei neste artigo. Apontar esse encontro me parece bastante profícuo, na medida em que novos horizontes e novas interrogações se abrem àqueles que se dedicam ao estudo da arte da linguagem. Espero que esta reflexão leve outros pesquisadores a apontar outras convergências entre os trabalhos desses dois estudiosos da linguagem, bem como outras possibilidades de questionamentos e interrogações acerca do texto literário, decorrentes desses aqui apresentados.

## Referências

ADAM, Jean-Michel; LAPLANTINE, Chloé (Org.). Les notes manuscrites de Benveniste sur la langue de Baudelaire. **Revue de sémiolinguistique des textes et discours**. França: Presses universitaires de France-Comté, 2012.

---

‘faiseur, poïètès’) / choisira et combinera les éléments linguistiques”.

<sup>45</sup>É mister destacar que Meschonnic toma Benveniste como um dos autores de base para a construção de sua poética, juntamente com Saussure e Humboldt. Por isso, é comum que se relacione o pensamento desses dois grandes estudiosos da linguagem pensando na influência de Benveniste no pensamento de Meschonnic. No entanto, neste texto, pontuo esse encontro, em especial, a partir do Dossiê *Baudelaire*, cujas notas, embora tenham sido produzidas em finais da década de sessenta, somente vieram a público depois dos anos 2000. Ou seja, em torno de 27 anos após a publicação de *Critique du rythme*, obra que fundamenta muitos dos debates levantados aqui.

BÉDOURET-LARRABURU, Sandrine; LAPLANTINE, Chloé (Org.). **Émile Benveniste: vers une poétique générale**. França: Presses de l'Université de Pau et des Pays de l'Adour, 2015.

BENVENISTE, Émile. A forma e o sentido na linguagem. In: \_\_\_\_\_. **Problemas de lingüística geral II**. Campinas: Pontes, 2006a.

\_\_\_\_\_. Semiologia da língua. In: \_\_\_\_\_. **Problemas de lingüística geral II**. Campinas: Pontes, 2006b.

\_\_\_\_\_. Os níveis de análise lingüística. In: \_\_\_\_\_. **Problemas de lingüística geral I**. Campinas: Pontes, 2005a.

\_\_\_\_\_. Observações da função da linguagem na descoberta freudiana. In: \_\_\_\_\_. **Problemas de lingüística geral I**. Campinas: Pontes, 2005b.

\_\_\_\_\_. **Baudelaire**. França: Limoges, Éditions Lambert-Lucas, 2011.

DESSONS, Gérard. Pour une sémantique de l'art. In: NORMAND, Claudine; ARRIVÉ, Michel. **Émile Benveniste vingt ans après**. Numéro Spécial de LINX. Nanterre, 1997.

\_\_\_\_\_. **Émile Benveniste, l'invention du discours**. Paris: Press, 2006.

\_\_\_\_\_. **Le poème**. Paris : Armand Colin, 2011.

\_\_\_\_\_; NEUMANN, Daiane; OLIVEIRA, Giovane F. Émile Benveniste e a arte de pensar: uma entrevista com Gérard Dessons. **REVEL**, vol. 18, n. 34, 2020. Tradução de Daiane Neumann e Giovane Fernandes de Oliveira.

FLORES, V. do N.; LAPLANTINE, C.; TEIXEIRA, M. Émile Benveniste: em direção a uma poética do discurso. In: **Caleidoscópio**. Vol. 11., n. 2, maio/agosto de 2013.

JAKOBSON, Roman. Lingüística e poética. In: \_\_\_\_\_. **Lingüística e comunicação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1999.

MARTIN, Serge. **Émile Benveniste pour vivre langage**. França: L'atelier du Grand Tétras, 2009.

MESCHONNIC, Henri. Seul comme Benveniste. In: **Dans le bois de la langue**. Paris: Editions Laurence Teper, 2008a.

\_\_\_\_\_. Benveniste: sémantique sans sémiotique. In: **Dans le bois de la langue**. Paris: Editions Laurence Teper, 2008b.

\_\_\_\_\_. **Critique du rythme: anthropologie historique du langage**. Lonrai, França: Éditions Verdier, 2009.

MESSA, Rosângela M.; TEIXEIRA, Marlene. Émile Benveniste: uma semântica do homem que fala. **Revista Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 13, n. 1, p. 97- 116, 2015.

VIER, Sabrina. Émile Benveniste e a literatura. **Revel**, edição especial, n. 11, p. 70-83, 2016.

## DOSSIÊ BAUDELAIRE E A NATUREZA DA LINGUAGEM POÉTICA

### DOSSIER BAUDELAIRE AND THE NATURE OF THE POETIC LANGUAGE

Sabrina Vier

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Unisinos, São Leopoldo, RS, Brasil

*Resumo:* Benveniste (1989) defende que todo sistema deve especificar a natureza do sentido produzido. Por meio do estudo de fôlios do Dossiê Baudelaire (LAPLANTINE, 2008), objetiva-se problematizar a natureza da linguagem poética. Os resultados apontam que o material do poeta é a palavra-escrita e a palavra-ícone, a unidade do poema. Assim, o poeta dá a emoção e não diz a emoção: a palavra-ícone (imagem e emoção) instaura correspondências suscitadas pela emoção e pela experiência.

*Palavras-chave:* Dossiê Baudelaire; linguagem poética; natureza.

*Abstract:* Benveniste (1989) defends that every system must specify the nature of the meaning produced. By means of the study of folios in the Baudelaire Dossier (LAPLANTINE, 2008), this study aims to problematize the nature and the functioning of the poetic language. The results show that the poet's material is the written word, and the icon word, the unity of the poem. Iconicity - the act of iconizing emotion - is the poem's working principle. Thus, the poet gives the emotion and does not say the emotion: the icon word (image and emotion) establishes correspondences raised by emotion and by experience.

*Key-words:* Baudelaire Dossier; poetic language; nature.

#### Considerações Iniciais

Em 1º de dezembro de 1969, Émile Benveniste conferia a primeira – e última – aula de um curso que ministraria no ano letivo de 1969-1970 no Collège de France. Cinco dias depois, Benveniste sofreria um acidente vascular cerebral que o paralisaria e o deixaria afásico (COQUET; FENOGLIO, 2014). Em 2012, após trinta e seis anos da morte de Benveniste, vêm a público, por meio da obra *Dernières leçons* (BENVENISTE, 2012), as notas preparatórias do linguista para esse curso no Collège de France – misturadas

com algumas para o simpósio em Varsóvia – junto a anotações de alunos<sup>1</sup>.

Das aulas presentes nessa obra, interessa-me, em especial, a aula do dia 1º de dezembro – que conta com anotações de dois alunos, Jean-Claude Coquet e Claudine Normand. Segundo Coquet e Fenoglio (2014, p. 84), as notas preparatórias e as anotações dos alunos deixam ver que as noções semântico-semiótico eram o foco dessa primeira aula: “[...] ela prepara e introduz essa problemática que Benveniste não terá tempo de apresentar a seu público”.

Meu interesse se dá pela referência ao poeta Charles Baudelaire na anotação de um aluno: “Baudelaire intuiu essa relação de homologia em seu poema *Correspondences*” (BENVENISTE, 2014, p. 190). Em *Problemas de Linguística Geral II*, o poeta também comparece – e somente uma vez – no artigo *Semiologia da Língua*, de 1969: “Les parfums, les couleurs et les sons se répondent”. Estas ‘correspondências’ não estão senão em Baudelaire, elas organizam seu universo poético e a imagem<sup>2</sup> que o reflete” (BENVENISTE, 2008, p. 61).

Poemas de Baudelaire de *As Flores do Mal* e o discurso poético são tema de 367 notas de Benveniste e geraram o que conhecemos hoje por Dossiê Baudelaire (doravante DB). Esse material está conservado na Biblioteca Nacional da França, vindo a público de duas maneiras: em 2008, via tese de doutorado da linguista Chloé Laplantine (LAPLANTINE, 2011a, 2011b) e, em seguida, em 2011, via publicação da editora Lambert-Lucas (BENVENISTE, 2011).

Coquet e Fenoglio (2014, p. 82) pontuam que os suportes das notas correspondentes à última aula do dia 1º de dezembro de 1969 “[...] são muito heteróclitos: diferentes papéis, diferentes formatos”. Os linguistas esclarecem que foram necessárias várias leituras do conjunto das notas e das notas dos alunos para estabelecer uma coerência e legibilidade. Conforme Vier (2016), igualmente complexa é a leitura das notas do DB: também encontramos diferentes papéis, diferentes formatos, e nenhum aluno que possa auxiliar para estabelecer alguma coerência ou legibilidade. Nem mesmo encontramos alguma sequência de reflexão do linguista entre as notas.

Fenoglio (2013, p. 27) chama atenção para o fato de que esse material

---

<sup>1</sup>Em 2014, a obra é traduzida para o português brasileiro (BENVENISTE, 2014).

<sup>2</sup>Utilizo aqui a versão em francês, “[...] et l’imagerie qui le reflète” (BENVENISTE, 2008, p. 61), pois a versão brasileira apresenta “[...] e a criação que o reflete” (BENVENISTE, 1989, p. 62).

está sem texto<sup>3</sup> e, nesse sentido, questiona: seria “[...] um projeto de arte ou de ensaio?”. Esse questionamento advém de um manuscrito do linguista e, a partir dele, a autora entende que essas folhas poderiam não gerar um artigo. Dessa forma, pouco interessa à Genética Textual esse material, pois não é possível com ele uma análise linguística visando ao processo de reconstituição genética. Laplantine (2011a, 2011b), ao contrário, defende que o DB deixa ver o estudo para a escrita de um artigo. Isso porque Benveniste tinha o hábito de fazer listas dos livros ou artigos que pretendia escrever. Dentre os manuscritos do DB, encontramos uma dessas listas com data de 1967: “[...] ‘Langages/ (A língua de Baudelaire)’” (LAPLANTINE, 2011a, p. 8). Sabemos que esse artigo foi solicitado por Roland Barthes que organizou o número 12 (publicado em dezembro de 1968) da revista *Langages*, intitulada *Linguística e literatura*. No entanto, esse artigo jamais foi publicado ou mesmo posto em rascunho (LAPLANTINE, 2011b).

Para além da discussão de as notas comporem um estudo que visava a um artigo ou não, pelas indicações presentes em *Semiologia da Língua* e nas anotações das últimas aulas, tenho por hipótese de Benveniste buscava, no DB, a homologia intuída por Baudelaire (VIER, 2016). E é por meio das relações de interpretância que Benveniste produziu, em sua escrita, ao buscar as homologias intuídas por Baudelaire, que objetivo, neste texto, problematizar a natureza da linguagem poética que a escrita de Benveniste deixa ver em notas do DB.

Para isso, organizo este texto em três etapas: primeiramente, esclarecerei de que forma busco as relações de interpretância que Benveniste produziu em sua escrita, ou seja, apresentarei uma possibilidade de leitura dos manuscritos presentes no DB. Em seguida, compartilho um percurso de leitura em busca da natureza da linguagem poética. Por fim, teço algumas considerações finais.

## 1. O poema ausente-presente em *Semiologia da Língua*

Dessons (2009) defende que o poema está ausente-presente em *Semiologia da Língua*, pois, em um fólio do DB, ao falar das artes plásticas e da música, como também ocorre no artigo, Benveniste o faz junto ao poema:

---

<sup>3</sup>Para Fenoglio (2013), não há texto porque não é possível comparar o manuscrito com o texto final.

- O pintor dispõe as cores, o escultor modela um material, o músico combina os sons.  
 As cores, o material, os sons são os materiais dos artistas pintor, escultor, músico.  
 E o poeta? O poeta combina as palavras. As palavras são o material com o qual ele trabalha. É portanto evidente que, tornando-se material do poeta, as palavras não podem mais ser os “signos” do uso comum.  
 Cada poeta utiliza à sua maneira esse material. Não existem dois que dele tirem o mesmo partido.  
 Mas o pintor, com a ajuda de suas cores, faz um quadro; o escultor, com seu material, faz uma escultura; o músico, com os sons, faz uma composição musical.  
 E o poeta? O poeta, com suas palavras, faz um ‘poema’, uma criação que explora as palavras para certos fins estéticos  
 Quais são esses fins? Antes de tudo, despertar o homem ~~o ser~~ para a verdade das coisas e dos seres, estabelecer um contato direto com a natureza verdadeira do mundo. O homem (22, fº 57/ fº 309)<sup>4</sup>.

Em *Semiologia da Língua*, Benveniste (1989, p. 51-52) apresenta alguns sistemas de signos, dentre eles “[...] os signos da arte em suas variedades (música, imagens, reproduções plásticas) [...]”. Em seguida, o linguista traz dois aspectos da música: sua unidade de base, a nota, e seu modo de funcionamento, o eixo das simultaneidades e o eixo das sequências. Depois, passa para o domínio das artes ditas plásticas, também buscando sua unidade: “Mas qual pode ser a unidade da pintura ou do desenho? É a figura, o traço, a cor?” (BENVENISTE, 1989, p. 57). Sem precisar uma resposta, pois esta constitui para o linguista matéria de discussão, destaca que é a unidade que deve se fazer presente nos estudos que tenham a problemática da linguagem em seu cerne; isso porque “[...] nenhuma teoria séria poderá se constituir se ela se esquece ou se esquiva da questão da unidade, porque todo sistema signifiante deve se definir por seu modo de significação” (BENVENISTE, 1989, p. 57-58). A partir disso, passa a tecer considerações acerca do funcionamento dos sistemas semiológicos ditos artísticos, como o da imagem e o do som, e das relações significantes da linguagem artística.

<sup>4</sup>Para apresentação dos fólhos, farei uso da transcrição diplomática (LAPLANTINE, 2008) em tradução para o português brasileiro. Nessa transcrição, conforme Laplantine (2011a), preservam-se a cor da caneta utilizada por Benveniste e os grifos por ele realizados. No final da transcrição, constam o número do envelope, a numeração do fólho no envelope e a numeração do fólho em relação ao número total de fólhos (VIER, 2016).

E a linguagem poética e o poeta apontados na nota do DB? Aparecem como traços dessa questão somente quando Benveniste esclarece que a natureza da homologia entre sistemas semióticos distintos pode variar: “[...] intuitiva ou racional, substancial ou estrutural, conceptual ou poética. ‘Les parfums, les couleurs et les sons se répondent’. Estas ‘correspondências’ não estão senão em Baudelaire, elas organizam seu universo poético e a imagem que o reflete” (BENVENISTE, 2008, p. 61).

Em várias notas presentes no DB, Benveniste pensa a unidade e o material da linguagem poética. A partir disso, acredito que o poema – e questões d/ nele cruciais – está de certa forma presente em *Semiologia da Língua* no momento em que ao pensar a semiologia da língua em relação à semiologia da arte também o faz em seus manuscritos – a exemplo do excerto do DB aqui colocado.

## 2. A natureza da linguagem poética

No fôlio 309, apresentado anteriormente, Benveniste está, a exemplo do que fez em *Semiologia da Língua*, pensando sobre o material de diferentes artistas: o pintor, o escultor, o músico e o poeta. É em comparação a outros artistas que o linguista delimita o material do poeta: a palavra.

No entanto, nos fôlios 197 e 212, um dos que apresenta data, Benveniste pontua que ter a palavra como material de uma obra de arte não a coloca no mesmo patamar do material do músico ou do pintor, pois não se trata do mesmo sistema semiológico.

1/10/67

### A língua de Baudelaire

Baudelaire é o poeta da interioridade do ser, de sua verdade profunda, dos sofrimentos do homem na natureza e na sociedade. Sua poesia visa a descrever a interioridade, as aspirações, os sonhos, os delírios, as lembranças aplicando-lhes o estilo que convém à exterioridade.

Não há nele tentativa de reduzir as palavras a um material que seria o equivalente dos sons para o músico, das cores para o pintor: será esforço de Mallarmé tratar a linguagem à maneira de um material sonoro.

[...] (20, f<sup>o</sup> 3/ f<sup>o</sup> 197).

O poeta combina e distribui

sua matéria como o  
 músico os seus sons e o  
 pintor suas cores mas  
 diferentemente do pintor  
 e do músico que  
 empregam as matérias,  
 o poeta emprega as  
palavras, que significam.  
 A poesia é então  
 algo contraditório:  
 uma arte de signi-  
ficações (21, f<sup>o</sup> 4 / f<sup>o</sup> 212).

A palavra é o material do poeta porque ele a usa *como* um material. Destaco o *como* porque a palavra presente na poesia, em um primeiro momento, é a mesma do uso ordinário, com a significação deste. No entanto, ao usá-la na poesia, é à vontade que o poeta a emprega, ou seja, a significação do uso ordinário não é um *a priori* para a produção poética. Talvez aí esteja a contradição: a arte em poesia está no obstáculo que a palavra impõe. Isso porque, repito mais uma vez, a palavra do poeta é a mesma do uso ordinário. E sobre esse uso<sup>5</sup>, Benveniste escreve:

O fato essencial é que o poeta constrói essa visão interior com palavras. Ele usa palavras como um material, ele as emprega à vontade e sem levar em conta o "uso".

Mas então duas possibilidades se oferecem teoricamente e foram ambas realizadas.

Uma é a de tratar essas palavras-materiais em vista de um efeito musical (frase-canto contínua onde a palavra perde sua individualidade), é o Mallarmé dos poemas, ou em vista de um efeito visual, por disposição e ao desafio da "gramática" as palavras sobre a página, é o Mallarmé do Jogo de dados.

A outra é a de constituir um discurso a partir dessas palavras-materiais explorando as imagens que elas suscitam em virtude do sentido ou da sonoridade.

O discurso será construído então sobre as imagens, e

<sup>5</sup>Em diálogo com Laplantine (2011b, 2008a), defendo que não há, no DB, uma oposição entre linguagem poética e linguagem ordinária. Ou seja, não há dois usos opostos que apresentem contrastes ou diferenças. (VIER, 2016).

e ele unirá essas imagens produzidas pelas palavras em  
 uma proposta coerente, que terá a **estrutura**  
 “gramática”  
 formal de um enunciado ‘ordinário’. Esta é a língua poética de  
 BAUDELAIRE  
 (22, fº 66/ fº 318).

Assim, a palavra é o material do poeta enquanto *palavra-material*. Porque material, a palavra é utilizada tendo em vista, conforme a escrita de Benveniste, pelo menos, dois efeitos: seu efeito musical no verso e no poema, e seu efeito visual na disposição da página. Ou seja, espera-se que a palavra gere *um efeito poético* porque material do poeta. Além disso, porque material, a palavra, ao explorar as imagens, constitui *um discurso*. Ou seja, “o discurso será construído então sobre as imagens /e ele unirá essas imagens produzidas em palavras em uma proposta coerente”.

E a palavra como material do poeta se relaciona com a palavra do uso ordinário. Essa relação é necessária para que a evocação e a emoção sejam possíveis. Nesse sentido, Benveniste escreve que a proposta coerente que encontramos nas palavras de Baudelaire dialoga com a gramática formal do uso ordinário. Mas não são as palavras do uso ordinário. E esta é a língua poética de Baudelaire: uma língua que evoca e emociona a partir da língua ordinária. Benveniste sublinha esse aspecto no fólho 350: “Na evocação a palavra é tratada como material”. A palavra-material não diz da emoção, ela dá a emoção a partir da evocação, por isso material.

Benveniste também escreve que a palavra como material do poeta coloca em cena a escrita:

É preciso tratar as palavras  
 como materiais para  
 suscitar a visão, pois essa  
 visão é visão de alguma  
 coisa que ainda não foi  
 vista e o único meio que se  
 tem de fazê-la ver em  
espírito é trabalhar as  
 que são  
 palavras o único intermediário  
 entre aquele que escreve e  
 aqueles que têm.  
 Mas então não se trata mais da linguagem,  
 é a escrita. (23, fº 16/ fº 339).

Porque a palavra é material do poeta, ela é o *intermediário* entre aquele

que escreve e aquele que lê. Como bem esclarece Benveniste, a linguagem não é um instrumento de comunicação; logo, não é com a linguagem que o poeta trabalha. Poeta e linguagem são indissociáveis. Ao ter a palavra como material, o poeta trabalha com a escrita<sup>6</sup>. É a partir da escrita que o poeta pode tomar a palavra como material e produzir as imagens que evocarão a experiência e suscitarão a emoção na língua poética.

E a unidade do poema? Podemos observar na escrita do linguista que esta é a *palavra* como *ícone*<sup>7</sup>.

O intentado em poesia é tudo: é o equivalente poético do ‘raciocínio’ ou da ‘situação’ que a prosa toma por objeto em geral.

O intentado poético é um estado poético, uma vibração particular da sensibilidade, a interiorização de uma sensação, de uma impressão.

É isso que governa a escolha das palavras pelo poeta: ele terá para escolher e associar as palavras mais vivas, as mais sugestivas, que suscitarão no leitor o mesmo o estado emocional cuja conversão em palavras o poeta tem como tarefa.

Isso quer dizer que a palavra é a unidade fundamental, mas uma unidade de natureza diferente daquela que é admitida para a palavra lexical. (22, fº 60/ fº 312).

O que o fólio 312 coloca em cena pela escrita de Benveniste é que a palavra poética, dada sua natureza icônica, suscita uma emoção, diferentemente da palavra lexical, cuja natureza suscita um pensamento. E é isto que governa a escolha das palavras: a vivacidade e a sugestão, pois será a partir disso que as palavras suscitarão no leitor a emoção – tarefa maior do poeta. A palavra-ícone a partir da palavra-material precisa suscitar a emoção.

Em primeiro plano vem, obsessão desde o início desta reflexão, o problema da palavra.

A palavra é para o poeta uma coisa bem diferente do que é para o locutor. Há uma teoria da palavra na linguagem poética que ainda está para ser elaborada, mas que não começará a existir senão a partir do momento em que se tiver ~~ab~~ renunciado à noção da palavra

<sup>6</sup> Importante lembrar que Benveniste está fazendo referência aos poemas escritos por Baudelaire no livro *As Flores do Mal*. O linguista não está desconsiderando que haja poemas orais.

<sup>7</sup> Remeto aqui ao que Benveniste anota na Aula 8 em Últimas Aulas no Collège de France (1968-1969): “[...] ‘signo icônico’ (ou ‘simbólico’, como se queira, a escolha dos termos independe totalmente da terminologia de Peirce [...])” (BENVENISTE, 2014, p. 132).

recebida da teoria da linguagem comum.

Isso resulta do fato de que o poeta pode escolher a palavra para dar a impressão da noção que ele quer exprimir: tulipa ou bondade ou tosão e milhares de outras podem, devidamente combinadas a outras palavras igualmente imprevisíveis, evocar poeticamente uma parte do céu ou o rosto da amada, ou qualquer outra coisa. (22, fº 29 / fº 281).

Benveniste escreve, nesse fólio, o quanto é difícil – ele chega a falar em obsessão – pensar a palavra na língua poética, pois é preciso abandonar o que se sabe sobre a palavra no uso ordinário. Vemos bem o quanto Benveniste retorna a esse tema e o quanto não é a razão que conduz a escolha das palavras em um poema, mas a emoção; não a objetividade do mundo, mas a subjetividade do homem.

2

Em que o poeta quer nos interessar? Na natureza humana. Ele quer nos mostrar essa natureza nos fazer sentir que ela é nossa também.

(isso que é próprio do poeta)

Como ele vai fazer sentir - e não

dizer σπ (o que não nos tocaria e que não é, de qualquer modo, o trabalho do poeta)? Por meio de uma linguagem especial, que não é mais a linguagem ordinária embora formada das mesmas unidades, mas um sistema próprio, organizado segundo suas próprias categorias e funções.

Essa linguagem deve referir-se a certa realidade.

e duplamente particular

Essa realidade é sempre particular, ao mesmo tempo, porque ela é a realidade da poesia e porque ela é a realidade de um poeta.

Na linguagem comum, a realidade é repres retratada pelo conjunto de signos que provê o inventário (o dicionário) da língua, com as escolhas e as frequências relevantes de cada emprego (ordinário) da língua (ordinária).

A linguagem poética tem outra realidade, que, embora coincida materialmente com tal parte do inventário

(8, fº 2/ fº 12).

Como unidade, a palavra é a mesma do uso ordinário. No entanto, quando em uso, ou seja, quando no poema, a palavra é o ícone. Entendo, então, que não há duas línguas: uma língua ordinária e uma língua poética. Ao usar “poética” após “língua”, Benveniste marca

que a língua *quando* em estado de arte<sup>8</sup> é diferente de *quando* ordinária: “língua poética” diz então que há uma realidade segunda instaurada pela língua em estado de arte: o universo poético. Da forma como leio, o universo poético é o *discurso de Baudelaire* – ou mesmo o *discurso do poeta*.

Como o que lemos em um poema é a escrita do poeta, é preciso acessar a *língua em estado de arte* para adentrar o discurso *do* poema (do poeta?) e então deixar-se tocar pela evocação e pela emoção suscitada pela arte. Para ler poeticamente, é preciso ultrapassar a noção de signo como princípio único, como bem diz Benveniste em *Semiologia da Língua*, e aventurar-se na linguagem, ou seja, na emoção e na experiência.

Em dois fólios produzidos em papel áspero verde-claro amarelado – por isso a crença de que se trata de uma continuação –, encontramos o que segue:

O poeta faz ver e sentir.

Ele não suscita o ‘sentido’ a não ser pela sensação. Tudo está na sensação comunicada pelas palavras; e a ‘ideia’ é aquela que a sensação somente pode suscitar.

Por consequência as ‘palavras poéticas’ não remetem jamais a um pensamento explícito; mas por sua junção elas “dão a entender”, elas liberam uma intuição, despertam uma impressão que (23, fº 28/ fº 351)

conduz a uma representação ou a uma ideia.

É então 1º) a escolha  
2º) a junção que torna as ‘palavras poéticas’.

Mas qual é a ‘unidade’ da língua poética, como correlato do ‘signo’ na linguagem cognitiva? (23, fº 30/ fº 353)

Esta questão que Benveniste coloca parece respondida quando ele analisa os poemas de Baudelaire: pela escolha e junção das palavras poéticas é a imagem que aparece a partir das palavras utilizadas. Nesse viés, a palavra, porque intermediária entre o poeta e o leitor, funciona no poema como um

<sup>8</sup>Inspiro-me na expressão *língua em estado de arte* criada por Klafke (2015) para enunciar que diante de uma obra de arte a língua toca a linguagem como um dispositivo que permite ao homem sentir. Relacionando ao poema, a língua e a palavra, porque em estado de arte, suscitam no homem a emoção.

ícone e não como signo. A *leitura poética* não está para o reconhecimento de algo. A *leitura poética* está para a intuição de uma emoção ou de uma experiência: “tudo está na sensação/ comunicada pelas palavras”. E se pudermos falar de uma *ideia comunicada pelas palavras*, será somente como uma sensação suscitada por elas e não como um pensamento explícito nelas.

## Considerações Finais

No primeiro contato que tive com o DB, fiquei encantada com a escrita de Benveniste presente nos fólhos 196 e 195:

“Todo corpo mergulhado na água...”

O poeta sonha:

“Todo corpo? Que corpo? E que água?  
 É o meu corpo, sim meu estimado corpo mergulhado *nas ondas*  
 no mar tépidas da Sicília? De Arquimedes?  
 no banho? Sentir seu corpo na água, existir  
 por seu corpo, acolher em seu corpo esta vida  
     *esparsa no mar*    *o movimento*  
 nova que nasce do mar, que a água  
*surdo* jorra  
 da água infunde a água viva nos membros... que  
  
 da nascente    *sim*  
 sentem “todo corpo mergulhado na água”... (20, fº 2 / fº 196).

O cientista e o poeta

O cientista enuncia um teorema brilhante:  
 “Todo corpo mergulhado na água...”

O poeta sonha com essas primeiras palavras, carregadas de uma estranha incerteza: “Todo corpo – que corpo? O corpo – tudo a ele retorna. Eu sinto meu corpo, mergulhado na água tépida da Sicília, esse doce toque da vaga em Siracusa. É lá que Arquimedes...?” (20, fº 1 / fº 195).

Benveniste escreve sobre o cientista e o poeta a partir do princípio de Arquimedes, importante sábio grego que viveu entre 287 e 212 a.C.

em Siracusa, Sicília, considerado por muitos o precursor do método experimental nas ciências exatas. Conta-se que Arquimedes, a pedido do rei de Siracusa, investigava se uma coroa, feita por um ourives, continha somente ouro – entregue pelo rei – ou se havia nela a presença de outro metal. Um dia, enquanto tomava banho, o sábio observou a água em movimento e teve a ideia de colocar uma barra de ouro exatamente igual à que o rei havia dado ao ourives em um recipiente com água. Em seguida, fez o mesmo com a coroa e coletou a sobra de água de ambos os recipientes. A sobra de água do recipiente com a coroa era menor do que com a barra de ouro. A partir disso, Arquimedes formula o princípio da impulsão: todo corpo mergulhado na água recebe deste uma impulsão vertical, de baixo para cima, de valor igual ao do peso do volume do líquido deslocado.

Acredito que não seja à toa que Benveniste escreve sobre o cientista e o poeta a partir de um corpo mergulhado na água. Um objeto afunda ou flutua na água dependendo da força de impulsão que este exerce sobre a água. Assim, proponho uma leitura para o fôlio 195: a palavra do poeta terá sua significância dependendo da impulsão que as relações semiológicas propiciarem. Se, na leitura, o peso maior for o efeito ordinário, o sentido se dará a partir do uso ordinário. Se, na leitura, o peso maior for o efeito poético, o sentido se dará a partir da emoção e da imaginação.

Assim, entendo que Benveniste escreveu sobre o material e a unidade do poema para, por meio dessa escrita, problematizar a significação poética: a língua pode ser outra coisa ao mesmo tempo, ou seja, não é a palavra do uso ordinário, mas também não difere desta. Assim como um corpo na água, a palavra em poesia adentra a água, movimenta(-se) (n)a água, transborda.

## Referências

- BENVENISTE, É. **Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)**. Edição estabelecida por Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio. Trad. Daniel Costa da Silva et al. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Dernières Leçons**. Collège de France 1968 et 1969. Édition établie par Jean-Claude Coquet et Irène Fenoglio. Seuil: Gallimard, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Baudelaire**. Présentation et transcription de Chloé Laplantine. Limoges: Lambert-Lucas, 2011.
- \_\_\_\_\_. [1969] *Sémiologie de la langue*. In: \_\_\_\_\_. [1974] **Problèmes de linguistique générale, 2**. Paris: Éditions Gallimard, 2008. p. 43-66.

---

\_\_\_\_\_. [1969] *Semiologia da língua*. In: \_\_\_\_\_. [1974] **Problemas de lingüística geral II**. Campinas: Pontes, 1989. p. 43-67.

COQUET, J.; FENOGLIO, I. Introdução. In: BENVENISTE, É. **Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)**. Edição estabelecida por Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio. Trad. Daniel Costa da Silva et al. São Paulo: Editora Unesp, 2014. p. 67-86.

DESSONS, G. La place du poème dans la théorie du discours. In: MARTIN, S. **Émile Benveniste: pour vivre langage**. Mont-de-Laval: IUFM Basse-Normandie, 2009. p. 71-81.

FENOGLIO, I. **Manuscritos de linguistas e genética textual: quais os desafios para as ciências da linguagem? Exemplo através dos “papiers” de Benveniste**. Tradução Simone de Mello de Oliveira, Verli Petri da Silveira, Zélia Maria Viana Paim. Santa Maria: UFSM, PPGL-Editores, 2013.

\_\_\_\_\_. La poétique d'Émile Benveniste. In: MARTIN, S. **Émile Benveniste: pour vivre langage**. Mont-de-Laval: IUFM Basse-Normandie, 2009. p. 25-38.

KLAFKE, S. R. **Da (re)criação enunciativa da experiência humana: a fotografia como testemunho**. 2015. 102 f. Projeto de qualificação (Doutorado em Linguística Aplicada) –Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2015.

LAPLANTINE, C. Présentation. In: BENVENISTE, É. **Baudelaire**. Edição Chloé Laplantine. Limoges: Lambert-Lucas, 2011a.

\_\_\_\_\_. **Émile Benveniste, l'inconscient et le poème**. Limoges: Lambert-Lucas, 2011b.

\_\_\_\_\_. **Annexes**. Fascicule 1 - Transcription diplomatique et reproduction des manuscrits inédits d'une poétique de Baudelaire par Emile Benveniste. Tese (Doutorado). Université Paris 8. Saint-Denis. 2008. Disponível em: <<https://hal.archives-ouvertes.fr/tel-01228022/file/annexesLAPLANTINE.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2012.

VIER, S. **Quando a linguística encontra a linguagem: da escrita de Émile Benveniste presente no Dossiê Baudelaire ao estudo semiológico de uma obra literária**. 2016. 176f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2016.

\_\_\_\_\_. “Os perfumes, as cores e os sons se correspondem”: Benveniste e a busca pela imagem criativa em Baudelaire. **Desenredo**, Passo Fundo, v. 14, n. 3, p. 515-540, set./dez., 2018.

## LINGUÍSTICA DA ENUNCIÇÃO E DISTANCIAMENTO SOCIAL: UMA REFLEXÃO SOBRE PRESENÇA E AUSÊNCIA A PARTIR DO SISTEMA PRONOMINAL

## LINGUISTICS OF ENUNCIATION AND SOCIAL DISTANCING: A REFLECTION ON PRESENCE AND ABSENCE FROM THE PRONOMINAL SYSTEM

Charlies Uilian de Campos Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, RS, Brasil

Instituto Federal do Rio Grande do Sul, IFRS Campus Restinga, RS, Brasil

*Resumo:* Neste artigo, procuramos compreender como o cenário de distanciamento social está relacionado às reflexões que formam a teoria enunciativa de Émile Benveniste. Com a suspensão de diversas atividades presenciais, incluindo as aulas, vivemos um contexto de incertezas em relação ao processo pedagógico e nossos papéis enquanto professores e estudantes. Assim, partindo das reflexões sobre pronomes e discutindo noções de pessoa, tempo, espaço e subjetividade, propomos uma perspectiva teórica capaz de instaurar uma dimensão ética na teoria enunciativa, buscando compreender como nossa relação com o outro no atual contexto de distanciamento social pode conduzir nossas palavras e atitudes nesse cenário pandêmico.

*Palavras-chave:* teoria da enunciação; sistema pronominal; distanciamento social; práticas escolares.

*Abstract:* In this article, we aim to understand how the scenario of social distancing is related to reflections that form Émile Benveniste's enunciation theory. With several activities suspended, including teaching, we live in a context of uncertainties regarding the pedagogical process and our roles as teachers and students. Thus, from the reflections on the pronouns and discussing notions of person, time, space and subjectivity, we propose a theoretical perspective to open an ethical dimension into Benveniste's theory, seeking to understand how our relationship with the other in the current context of social distancing can lead our words and attitudes in this pandemic scenario.

*Keywords:* enunciation theory; pronominal system; social distancing; school practices.

---

## Introdução

O ano é 2020 e as expectativas foram todas frustradas: com a chegada e a disseminação do vírus Sars-Cov-2, uma parcela significativa das atividades presenciais de nossa sociedade foi suspensa, tais como eventos artísticos, desportivos e culturais. Não é para menos: somamos, apenas no Brasil, mais de 100 mil mortes – e sem perspectiva de um desfecho para essa situação.

Esse cenário atípico, marcado sobretudo pelo distanciamento social e pela suspensão de uma série de atividades, força uma discussão absolutamente necessária e urgente sobre nossa relação com o outro e nossa participação na organização social. Nesse contexto, as instituições de ensino, não apenas do Brasil, mas de grande parte do planeta, tiveram suas aulas e demais atividades presenciais temporariamente suspensas. Enquanto algumas escolas buscam formas virtuais de retomar o calendário acadêmico e manter o ano letivo – tanto nas plataformas institucionais, como o Moodle, quanto em redes sociais diversas, como as *lives* do Instagram e do Facebook, além dos canais do Youtube –, outras instituições pedagógicas enfrentam um contexto de contínua espera por um tratamento eficaz ou uma vacina para assegurar a volta às aulas com saúde para todos os agentes envolvidos no contexto educacional. Há também as escolas que buscam protocolos para uma volta presencial segura, mas pouco sucesso têm obtido nessa empreitada, visto o risco de contaminação viral.

Os obstáculos são distintos em cada cenário: no contexto de suspensão das aulas, conteúdos, atividades, calendários e avaliações são postergados, o que pode influenciar de maneira negativa o processo pedagógico, acumulando e mesmo suspendendo a agenda escolar; já na hipótese de retomada presencial, há o alto risco de contágio dos agentes envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, contabilizando, também, seguranças, servidores (geralmente terceirizados) dos setores de recepção e limpeza, prestadores de serviço, incluindo reparos elétricos, hidráulicos e oferta de transporte e alimentação; e, por fim, em uma situação de retomada virtual do calendário acadêmico, há um amplo debate sobre a qualidade da educação ofertada e, acima de tudo, a surpreendente exclusão digital de estudantes em pleno ano de 2020, quando internet de alta velocidade está disponível nas regiões com maior poder aquisitivo, enquanto periferias e comunidades rurais carecem de acesso à rede virtual.

Ainda que estejamos presenciando um contexto de uso crescente das tecnologias digitais aplicadas ao ensino, é evidente que a educação remota

ou à distância (EaD) ainda enfrente muitos desafios. Segundo os dados mais recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), coletados a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNAD), 25,3% da população brasileira não possui acesso à internet – o que significa, na prática, que mais de 46 milhões de brasileiros sofrem um processo de exclusão digital e, conseqüentemente, falta de acesso a informações, plataformas, recursos, atividades, eventos e oportunidades veiculadas de forma virtual.

Também é significativo observar que a renda média das pessoas que não tem acesso à internet é de até um salário mínimo, o que implica que a exclusão digital está associada também à exclusão de renda. Dessa forma, precisamos considerar que “o nível do rendimento dos domicílios em área urbana suplanta o daqueles da área rural e essa diferença se reflete naturalmente nos indicadores desagregados por situação do domicílio” (IBGE, 2018, p. 27).

Nesse contexto de embate entre um protocolo recomendado e necessário de distanciamento social, justificado por medidas de saúde coletiva, e a desigualdade histórica e estrutural existente em nosso país, há, conseqüentemente, diversos processos de exclusão: social, tecnológica e financeira, por exemplo. Nesse sentido, a escola, o professor e o estudante se encontram em uma armadilha, em um paradoxo, pois toda alternativa possível também oferece desafios e é permeada por obstáculos e adversidades.

Além disso, precisamos considerar que escolas privadas e públicas possuem realidades distintas, com recursos e perfis estudantis absolutamente díspares. Ademais, também temos que pautar que a rede de ensino pública é tripartida: há instituições federais, estaduais e municipais. Nesse sentido, a própria rede pública de ensino pode não convergir em termos de datas e estratégias para retomada de atividades pedagógicas – tanto presencialmente, quanto no ambiente virtual.

Nesse cenário de incertezas, procuramos compreender quais relações podemos estabelecer entre o contexto de distanciamento social, decorrente da pandemia de Covid-19, e o arcabouço teórico presente na Linguística da Enunciação, ancorado no trabalho do linguista Émile Benveniste (1902 – 1976), com especial destaque às reflexões contidas nas obras *Problemas de Linguística Geral I* e *Problemas de Linguística Geral II*. Em síntese, nosso questionamento é: existe alguma contribuição teórica que os estudos enunciativos possam fazer no sentido de somar esforços para compreender o complexo contexto social, sanitário e educacional que vivemos?

Nossa hipótese é de que haja, no conjunto de textos que compõem o quadro formal da Enunciação, elementos teóricos suficientes para questionarmos as noções de presença e ausência no atual cenário; da mesma forma, acreditamos que esse paradoxo da ausência-presença possa ser objeto teórico para os estudos enunciativos, que muito têm contribuído para analisar e compreender nossa relação com o mundo e com o outro – relação constituída por meio da linguagem.

Para tanto, faremos um breve panorama teórico que evidencia como o sistema pronominal, em seu caráter universal, ocupa um espaço especial na língua e instaura, invariavelmente, em todas as línguas conhecidas, uma dimensão ética da linguagem – dimensão fundada na nossa relação com o outro. Essa análise buscará indícios e elementos basilares nos seguintes textos: *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (1946), *A natureza dos pronomes* (1956), *Da subjetividade na linguagem* (1958), *A linguagem e a experiência humana* (1965) e *O aparelho formal da enunciação* (1970).

Optamos por apresentar os textos em uma linha cronológica, respeitando a diacronia dos estudos de Émile Benveniste, tendo em vista que “não se pode ler na sincronia o que foi escrito em uma diacronia. Não cabe ler os textos de Benveniste como se fossem contemporâneos um do outro. Respeitar a cronologia dos textos é fundamental” (FLORES, 2012, p. 155). Além da própria distância temporal que separa essas reflexões, que também pode ser considerada uma evidência do pensamento em contínua construção do linguista, pois o interesse pelos pronomes atravessa diferentes épocas da produção benvenistiana. Ademais, precisamos considerar que “[...] não há, de um lado, a linguagem, e, de outro, o homem, de um lado a sociedade e, de outro, a subjetividade: a linguagem, graças à utilização de um sistema linguístico, seja qual for, é a base que faz com que todo homem seja social e subjetivo<sup>1</sup>” (FENOGLIO, 2017, p. 213).

Contudo, antes de adentrarmos na discussão benvenistiana sobre os pronomes e o sistema pronominal, também necessitamos admitir que “[...] a leitura atenta dos textos dos PLG I e II não permite, mesmo respeitada a cronologia dos textos, depreender um modelo acabado de análise, algo que, em linhas gerais, poderia ser chamado de uma metodologia” e que “[...] cada texto dos PLG encerra teorização e análise específicas” (FLORES, 2012, p. 154). Apesar de haver um diálogo e uma complementaridade entre os diferentes artigos de Benveniste e de propormos uma leitura de conjunto,

<sup>1</sup>No original: “Il n’y a pas d’un côté le langage, de l’autre l’homme, d’un côté la société, de l’autre la subjectivité: le langage, grâce à l’utilisation d’un système de langue, quel qu’il soit, est le liant qui fait que tout homme est social et subjectif”.

não podemos ignorar o fato de que cada texto tem sua discussão própria, sua terminologia específica e mesmo seu público-alvo, como é o caso, por exemplo, de *A forma e o sentido na linguagem*, que se trata, na verdade, de uma conferência proferida em um congresso de Filosofia.

Após, faremos uma análise de como nossa relação com o outro encontra, nesse período marcado pela suspensão da maioria das atividades presenciais, possibilidades e interditos para o contexto atípico de nossa rotina educacional. Em termos gerais, consideramos que, no conjunto de textos que compõem a reflexão benvenistiana sobre o sistema pronominal, podemos encontrar e realocar elementos teóricos que nos conduzam a uma dimensão ética de nossa relação com o outro, com o mundo, na e pela língua.

No atual cenário, considerando minha prática pedagógica enquanto professor de uma escola periférica, situada em um bairro historicamente marginalizado pelas políticas urbanas e pelo processo de estratificação social – mas também como linguista que se filia teoricamente ao campo dos estudos enunciativos –, preciso me questionar a respeito de como me coloco como *eu* perante um *tu* muito específico e, ao mesmo tempo, genérico: meu estudante. Esse *tu* expandido e vago, composto e pressuposto na minha relação com o outro, convoca-me a me colocar como *eu* e me apropriar do exercício sempre contínuo da língua, do diálogo, da comunicação, do ser perante e somente perante outro ser.

### **Em torno do pronome: constituição e preceitos básicos da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste**

A Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, conforme a chamamos, tem, na verdade, sua origem em discussões de natureza linguística mais estrita. Em um primeiro momento, antes de falarmos de um quadro teórico para a enunciação, discutiremos o funcionamento do sistema pronominal – observando que, mesmo em línguas de características e histórias completamente diferentes, o sistema pronominal apresenta uma estabilidade universal em seu funcionamento, tendo a noção de “pessoa” como o elemento basilar que inicia uma série de reflexões sobre a relação entre o humano e a cultura.

Nesse sentido, cumpre destacarmos que a reflexão sobre os pronomes, conforme Benveniste a propõe, fundamenta-se na proposição de signos vazios, que são “[...] expressões reflexivas, graças às quais (ou ‘pelas quais’)

corpo e língua ligam-se instantaneamente num ponto incongruente e indissociável” (DUFOUR, 2000, p. 41, grifo do autor). Se há um fio que conecta uma discussão enunciativa e ética ao mesmo tempo, esse fio se apresenta nos signos vazios, que são um elemento intermediário entre a relação do próprio humano com sua língua.

Em *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (1946), Émile Benveniste chama nossa atenção para aspectos que indicam tanto a própria existência quanto o funcionamento da noção de *pessoa*. Essa reflexão é considerada essencial para se realizar a abertura do pensamento benvenistiano em relação aos pronomes e aos signos vazios, pois a noção de pessoa, conforme é formulada no texto benvenistiano, não apenas reorganiza as noções intralinguísticas a respeito do funcionamento do sistema pronominal das diferentes línguas, assim como introduz justamente essa noção de pessoa como peça fundamental nesse sistema.

Nesse texto, Benveniste elabora uma proposição teórica ao opor as noções de *pessoa* e *não pessoa*, destacando os traços distintivos entre a primeira, a segunda e a terceira pessoas do sistema pronominal. Para isso, o linguista utiliza exemplos de diversas línguas, alternando entre línguas muito conhecidas, como o inglês, línguas clássicas, como o grego, e línguas menos populares no debate linguístico ocidental, como o semítico, o coreano e o dravídico. Mais que isso, o autor propõe e fundamenta princípios teóricos para introduzir a noção de pessoa, evidenciando aspectos formais resultantes dessa discussão. Nesse sentido, cumpre destacarmos que “uma teoria linguística da pessoa verbal só pode constituir-se sobre a base das oposições que diferenciam as pessoas, e se resumirá inteiramente na estrutura dessas oposições” (BENVENISTE, 2005, p. 250).

Dessa forma, Benveniste observa que há, no interior da língua, compreendida como sistema, outro sistema: o dos signos vazios, tomado inicialmente como os pronomes e indicadores de subjetividade. Nesse sistema, a terceira pessoa (o *ele*) é justamente o ausente, aquele que não fala e, portanto, está situado fora da atividade enunciativa. Em outras palavras, podemos dizer que *ele* não se apropria da língua: *ele* é apenas objeto, tomado na fala de *eu* e *tu*. Esse par, por sua vez, corresponde às pessoas do discurso:

[...] nas duas primeiras pessoas, há ao mesmo tempo uma pessoa implicada e um discurso sobre essa pessoa. *Eu* designa aquele que fala e implica ao mesmo tempo um enunciado sobre o “eu”: dizendo *eu*, não posso deixar de falar de mim. Na segunda pessoa, “tu” é necessariamente designado por *eu* e não pode ser pensado fora de uma situação proposta a partir do

“eu”; e, ao mesmo tempo, *eu* enuncia algo como um predicado de “tu” (BENVENISTE, 2005, p. 250, grifo do autor).

Em síntese, podemos afirmar que *eu* implica *tu*, a quem se dirige; contudo, *tu*, ao responder e se apropriar da língua, torna-se *eu*. *Eu* e *tu* são, portanto, termos intercambiáveis, alternando-se e implicando-se continuamente. Mais do que um *eu* e um *tu*, podemos afirmar que, no pensamento benvenistiano, há uma relação *eu-tu*: existe uma autonomia relativa em cada termo, pois é na sua relação mútua que se instanciam efetivamente, possibilitando a interação. Já *ele*, o ausente, não é pessoa, não se apropria da língua, não tem voz: a terceira pessoa é o espaço da ausência.

Já em *A natureza dos pronomes* (1956), integrante de um conjunto de ensaios de diferentes autores reunidos em ocasião da celebração do 60º aniversário de Roman Jakobson, além de retomar a discussão iniciada dez anos antes em *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (FLORES, 2013), Benveniste adentra o universo das relações estabelecidas entre as três pessoas do discurso. Cumpre destacar que, já no título, percebemos que há um pequeno ajuste teórico: saímos das *estruturas* do verbo e ingressamos na natureza dos pronomes.

Dito de outra forma, há uma pequena (embora significativa) mudança de perspectiva: a pessoa passa a ser observada centralmente no pronome – classe que interessa mais a Benveniste do que o verbo, pelo menos em termos de análise enunciativa –, além de as estruturas darem lugar a um termo que evoca determinado aspecto quase biológico e fisiológico de nossa condição falante, ao trazer à tona o termo natureza.

Essa natureza dos pronomes se apresenta em sua configuração triádica e opositiva, manifestando-se universalmente nas línguas. É, por isso, um aspecto de natureza linguística – e nela Benveniste (2005, p. 278, grifo do autor) situa *eu* e *tu*:

[...] qual é, portanto, a “realidade” à qual se refere *eu* ou *tu*? Unicamente uma “realidade de discurso”, que é coisa muito singular. *Eu* só pode definir-se em termos de “locução”, não em termos de objetos, como um signo nominal. *Eu* significa “a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém *eu*”. Instância única por definição, é válida somente na sua unicidade.

Por sua vez, *Da subjetividade na linguagem* (1958) tematiza não apenas a noção de pessoa, mas a própria subjetividade como um elemento linguístico. Nesse sentido, acreditamos que a subjetividade de que

Benveniste fala é, na verdade, a relação que estabelecemos com o outro por meio da linguagem. Em termos sintéticos, a subjetividade é a relação mútua entre *eu* e *tu*; configura-se, portanto, uma relação de intersubjetividade. A posição de *eu*, tomada como uma posição discursiva, implica, invariável e obrigatoriamente a presença de *tu*:

[...] eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da *peessoa*, pois implica em reciprocidade – que eu me torne *tu* na alocação daquele que por sua vez se designa por *eu* (BENVENISTE, 2005, p. 286, grifo do autor).

Compreendemos, portanto, que, bem mais do que pronomes pessoais, *eu* e *tu* são espaços vazios que a língua oferece para que o falante possa adentrar a dimensão do discurso, tornando-se sujeito. Em outras palavras, o par *eu-tu* não corresponde a uma categoria pronominal ou lexical, mas sim a uma posição na língua: posição que instaura *eu* como aquele que toma a língua toda de uma vez só e a emprega na direção de *tu*. No universo *eu-tu*, há palavra e presença, configurando, assim, a subjetividade de que fala Benveniste; na dimensão do *ele*, há silêncio e ausência.

Há, dessa forma, uma dupla perspectiva de análise: de um lado, *eu* é uma categoria única, autorreferencial, preenchível por qualquer falante de qualquer língua; de outro, só há *eu* instaurado perante a presença reversível de um *tu*, situado no *aquí* e no *agora*. Nesse sentido, são oportunas as reflexões de Ciulla (2018, p. 366): “Benveniste não se ocupa exatamente da dêixis, pelo menos não enquanto fenômeno de ostensão a objetos, mas da característica autorreferencial que está relacionada ao fenômeno”. É, portanto, em uma relação contínua e complementar que existe a subjetividade, de acordo com Émile Benveniste. Dessa maneira, é preciso questionar, ainda e uma vez mais,

[...] a que, então, se refere o *eu*? A algo de muito singular, que é exclusivamente linguístico: *eu* se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor. É um termo que não pode ser identificado a não ser dentro do que, noutro passo, chamamos uma instância de discurso, e que só tem referência atual. A realidade à qual ele remete é a realidade do discurso. É na instância de discurso na qual *eu* designa o locutor que este se enuncia como “sujeito”. É portanto verdade ao pé da letra que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua. Se quisermos refletir bem sobre isso, veremos que não há outro testemunho objetivo da identidade do sujeito que não seja o que ele dá assim, ele mesmo sobre si mesmo. A linguagem está

de tal forma organizada que permite a cada locutor *apropriar-se* da língua toda designando-se como *eu* (BENVENISTE, 2005, p. 288, grifo do autor).

Essa subjetividade, que é intersubjetividade, está relacionada ao conceito de *ego* (eu que diz *eu*), está intimamente associada ao conceito de pessoa em Benveniste e encontra na língua seu fundamento. A subjetividade benvenistiana, por assim dizer, dispõe de um sistema quádruplo (*eu-tu-aqui- agora*) para se instaurar: é no tempo (*agora*) e no espaço (*aqui*) que uma pessoa (*eu*) se dirige à outra (*tu*). A subjetividade é marcada pelo presente (tempo) e pela presença (espaço), assim como corresponde a uma relação entre pessoas (*eu e tu*). Precisamos considerar, dessa forma, que “[...] a verdadeira realidade do tempo é a do instante; a duração é apenas uma construção, desprovida de realidade absoluta” (BACHELARD, 2007, p. 29).

Benveniste, ao introduzir o tempo e o espaço em sua reflexão, ressalta a necessidade dessas categorias para o quadro teórico da enunciação, pois são condições imprescindíveis para instanciar *eu* e *tu* no mundo (discursivo). É tão somente no momento em que *eu* se propõe como sujeito – deixando de ser locutor – que o tempo e o espaço são instanciados. Em suma, o *aqui* e o *agora* são definidos em virtude do *eu*. Assim, tempo e espaço formam, junto com a pessoa, as três bases axiomáticas que possibilitam a enunciação e, conseqüentemente, nossa relação no mundo com o outro.

Por sua vez, *A linguagem e a experiência humana* (1965) é um texto presente nos *Problemas de Linguística Geral II* (PLG II), diferentemente dos textos citados anteriormente, que integravam os *Problemas de Linguística Geral I* (PLG I). Essa aparente separação, contudo, não representa um problema teórico ou metodológico para as análises benvenistianas; ao contrário de uma separação, essa é, na verdade, uma evidência, um *signal* (GINZSBURG, 1989) de como os temas são complementares e contínuos nas discussões de Émile Benveniste. Há um *continuum* teórico que atravessa diferentes reflexões e momentos da produção intelectual benvenistiana.

Em *A linguagem e a experiência humana*, temos um texto que trata explicitamente da “[...] universalidade da experiência humana na linguagem. Não há língua que possa ser concebida como tal sem apresentar a possibilidade de que nela, em seu interior, o homem possa se singularizar” (FLORES, 2013, p. 107-108). Nesse sentido,

[...] todas as línguas têm em comum certas categorias de expressão que

parecem corresponder a um modelo constante. As formas que revestem essas categorias são registradas e inventoriadas nas descrições, mas suas funções não aparecem claramente senão quando se as estuda no exercício da linguagem e na produção do discurso. São categorias elementares, independentes de toda determinação cultural e nas quais vemos a experiência subjetiva dos sujeitos que se colocam e se situam na e pela linguagem (BENVENISTE, 2006, p. 68).

Assim, os conceitos de pessoa, tempo e espaço são universais nas diferentes línguas particulares, o que significa admitir que cada língua, de forma particular, necessita comportar essa tríade. É nessa travessia entre o particular e o geral que Benveniste se situa:

[...] o que eu não esperava e que então me impressionou nessa leitura contínua, era a alternância de dois tipos de textos distintos, que dependem de dois processos e duas retóricas: por um lado, análises de fenômenos linguísticos particulares, morfossintáticos ou lexicais, aos quais era aplicado cada vez o mesmo método: uma descrição minuciosa de uma estrutura particular, em uma ou várias línguas, concluindo-se por uma generalização com objetivo de explicação; como a descrição das relações de pessoa (1946), da frase nominal (1950b), da voz média em relação à voz ativa (1950a), da frase relativa (1957) etc. Por outro, textos completamente teóricos se apresentando, conforme o caso, como análise ou programas, de tom geralmente dogmático: eles enunciam uma série de afirmações de âmbito geral, em uma argumentação que se quer estrita; tratam da linguística geral da qual fazem balanço ou traçam as tendências “atuais”, depois, cada vez mais, da semiologia, como existe e como deve ser (NORMAND, 2009, p. 15).

Quando o locutor assume a posição *eu*, há, na realidade, uma experiência humana sempre nova e única na linguagem: “[...] desde que o pronome *eu* aparece num enunciado, evocando – explicitamente ou não – o pronome *tu* para se opor conjuntamente a *ele*, uma experiência humana se instaura de novo e revela o instrumento linguístico que a funda” (BENVENISTE, 2006, p. 68, grifos do autor). Assim, a experiência humana na linguagem é sempre nova e possibilita nossas correlações de subjetividade. A trajetória que vivenciamos diariamente só é possível porque somos seres de linguagem inseridos em uma sociedade de linguagem. É a linguagem o fio condutor que nos conecta e, paradoxalmente, nos separa, ao mesmo tempo, do outro; é por meio da linguagem que *eu* busca *tu*, mas também é nela que *eu* está constituído e enclausurado enquanto *eu*.

Por fim, em *O aparelho formal da enunciação* (1970) – texto

encomendado pelo linguista Tzvetan Todorov em carta datada de 30 de setembro de 1968 –, Benveniste estabelece um quadro teórico que oferece uma síntese para as reflexões enunciativas iniciadas décadas atrás com *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (1946). Esse, que foi o último artigo publicado pelo linguista sobre a temática enunciativa, “[...] condensa os mais de quarenta anos de reflexão linguística sobre a enunciação” (FLORES, 2013, p. 161).

Para Benveniste, a enunciação converte a língua em discurso, situando pessoa, tempo e espaço; é, dessa forma, um ato que ultrapassa os limites e as possibilidades da língua sistema (também conhecida como *langue*, em Saussure). Contudo, para que o falante tome a língua inteira e se proponha como *eu*, é necessário que, nas diferentes línguas, haja o compartilhamento de categorias universais; essas categorias, nas palavras de Émile Benveniste, correspondem ao que chamamos de aparelho formal da enunciação:

[...] o que em geral caracteriza a enunciação é a acentuação da relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo. Esta característica coloca necessariamente o que se pode denominar o quadro figurativo da enunciação. Como forma de discurso, a enunciação coloca duas ‘figuras’ igualmente necessárias, uma, origem, a outra, fim da enunciação. É a estrutura do diálogo. Duas figuras na posição de parceiros são alternativamente protagonistas da enunciação. Este quadro é dado necessariamente com a definição da enunciação (BENVENISTE, 2006, p. 86, grifo do autor).

Percebemos, portanto, que a reflexão de natureza intralinguística iniciada na discussão sobre os pronomes começa a fundar uma teoria ampla sobre a linguagem, o humano e sua relação com o outro. Dessa maneira, se nossa subjetividade possui fundamentos linguísticos e se apresenta como uma intersubjetividade, é evidente que as reflexões de Benveniste ultrapassam o escopo estritamente linguístico; merecem, por assim dizer, considerações éticas, que fundamentem a perspectiva como o linguista situa a pessoa no mundo (tempo e espaço), isto é, como um ser em relação. Nesse sentido, relembramos a reflexão de Teixeira (2012): os pronomes abrem uma porta de entrada para uma teoria geral do humano na linguagem – não são apenas uma reflexão de natureza estritamente linguística. Há, na análise benvenistiana sobre o sistema pronominal, desdobramentos teóricos que nos conduzem a questões sociais, éticas e antropológicas.

## **Distanciamento social e enunciação: quais são as implicações éticas?**

Antes de conduzirmos o quadro teórico enunciativo para as questões relativas ao distanciamento social e à suspensão das atividades acadêmicas, é preciso admitir que as reflexões que propomos baseiam-se, além dos próprios estudos linguísticos, sobretudo no escopo da Linguística da Enunciação, em minha prática pedagógica, que é também um elemento de subjetividade que perpassa minhas reflexões como linguista. É, portanto, como professor e como linguista que me situo nesse debate; nesse sentido, minha trajetória em uma escola situada na periferia urbana é um elemento inerente às proposições teóricas aqui apresentadas, pois vivencio em meu fazer pedagógico e testemunho como pesquisador o processo de exclusão digital existente em nossa sociedade.

Dessa forma, enquanto *eu* professor-pesquisador, preciso me questionar: quem é meu *tu* em sala de aula? Essa questão, justamente por situar minha interlocução, é também uma questão ética: para quem me dirijo? A pessoa com quem falo é parte de minha constituição intersubjetiva; em suma, o outro é parte de mim. A ética que propomos em Benveniste é, em síntese, uma ética da intersubjetividade, demarcada pela relação que *eu* e *tu* estabelecem por meio da linguagem, situadas no tempo (*agora*) e no espaço (*aqui*).

Em nosso entendimento, a enunciação é uma atividade sempre nova, que engloba a língua toda; Benveniste (2006, p. 82) afirma que a enunciação é “[...] este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. Ressaltamos que, embora esse ato seja realizado por um indivíduo, não é um ato meramente individual, egóico e egocentrado, pois pressupõe sempre e invariavelmente o outro indivíduo (o *tu*) em sua alocação. Essa enunciação, entendida como uma atividade sempre nova, enfrenta, hoje, um cenário desconhecido, marcado tanto por expectativas quanto por desafios que se apresentam a professores e estudantes.

Se partirmos do pressuposto de que a enunciação estabelece uma relação intersubjetiva entre *eu* e *tu*, é evidente que precisamos considerar em nossa atividade enunciativa o *tu* a quem nos dirigimos enquanto professores. Nesse sentido, precisamos, ainda, considerar as realidades sociais, as trajetórias de vida, as experiências subjetivas e únicas que cada indivíduo possui. Portanto, é necessário reconhecer que o professor (*eu*) tem em seu estudante um *tu*: é somente na relação com o aluno que o professor pode se constituir, é apenas por meio da coexistência de dois (ou mais) universos

subjativos que podemos nos relacionar.

Vivemos, hoje, um contexto social singular que, por sua vez, singulariza nossas práticas. E, nesse cenário, somos convocados ao diálogo e ao posicionamento. Dessa forma, o professor, na dimensão ética que propomos – isto é, do *eu* que só existe em plena relação com o *tu*, partilhando os eixos tempo e espaço –, não pode transformar o estudante em *ele*, tirando-lhe o direito à fala, colocando uma ausência no espaço da presença.

As desigualdades sociais apenas tornam esse processo de diálogo e de uma ética relacional ainda mais complexo e difícil. Saber falar e ouvir é, bem mais que um ato puramente linguístico, uma atitude ética de nossa presença no mundo enquanto ser de linguagem. De um lado, temos situações de escolas e estudante devidamente equipados para as possibilidades virtuais de ensino e, de outro, cenários de vulnerabilidades e exclusões, cada vez mais acentuados, considerados os impactos sociais e econômicos implicados pelas próprias medidas de restrição, tais como informalidade e instabilidade laboral.

Embora reconheçamos numerosos aspectos positivos do trabalho remoto, como a própria retomada das atividades pedagógicas e acadêmicas, incluindo os setores de pesquisa e extensão, além de atividades técnico-administrativas, também é necessário pontuar que não vivemos uma cultura escolar plenamente habituada aos espaços virtuais. O ensino básico, hoje, é associado às atividades presenciais, apesar de crescer exponencialmente o uso de ferramentas e recursos tecnológicos que expandem nossas possibilidades de atuação.

Assim, temos um entrave: o retorno remoto às atividades, como vem sendo realizado em diversas instituições de ensino – de todas as esferas – no país, por um lado, marca nossa presença, nossa participação, nossa constituição enquanto sujeitos na linguagem e por meio da linguagem; por outro lado, há ainda um grande número, tanto de instituições quanto de estudantes, que não conseguem acessar e/ou utilizar satisfatoriamente os recursos educacionais virtuais. É evidente que essas ausências não são apenas números/estatísticas: são indivíduos que não puderam se propor como sujeitos na língua, como seres de linguagem, presentes e fazendo presença.

Nesse sentido, a enunciação nos ensina que não podemos ser *eu* sem retermos eticamente a um *tu*, sem nos dirigirmos de maneira responsiva ao outro que *me* constitui e que se constitui, por sua vez, também em *mim*. Não podemos, assim, reproduzir um cenário de desigualdades: a desigualdade social, atrelada à exclusão digital, não pode transformar *tu*

em *ele*: cada estudante precisa ser um sujeito (de linguagem) nessa relação pedagógica e ética. Não há diálogo, não há presença quando silenciarmos e excluímos pessoas que são, de forma sistemática, marginalizadas pela sociedade, sobretudo em um contexto de pandemia universal que afeta todos os setores sociais e econômicos. Esse cenário caótico, de incertezas e insegurança, não deve ser um pretexto para desconsiderarmos de nossa fala e de nossa perspectiva os estudantes menos privilegiados, que não têm acesso à internet.

Considerando-se que a educação é direito de todos e dever do Estado, segundo nossa Constituição Federal, precisamos compreender que nossas palavras e nossos posicionamentos possuem um peso histórico e ético do qual não podemos, nunca, livrar-nos. É certo que as comunidades acadêmica e escolar deverão encontrar formas alternativas na tentativa de recuperar o ano letivo e as atividades de ensino.

Da mesma forma, é inegável que esse cenário só faz evidenciar o abismo social que vivemos em nosso país, com desigualdade de renda e de oportunidades. É preciso tanto considerar as possibilidades de retomada de ensino para o estudante virtual, quanto pensar em alternativas pedagógicas para reincluir o estudante que está, hoje, totalmente atrelado ao ensino presencial.

Nossa trajetória no mundo é, no arcabouço teórico benvenistiano, um momento de encontro, de presença, de partilha de tempo e espaço. Embora Benveniste trate essas categorias como essencialmente linguísticas, é um ser corporificado, materializado, situado no tempo e no espaço que se propõe como sujeito linguístico (*eu*). O locutor que faz sua passagem a sujeito na língua é, antes de tudo, um corpo materializado no mundo.

Assim, não podemos ignorar o tempo e o espaço em que vivemos: um tempo de desencontro, um espaço permeado por ausências. Nosso diálogo presencial está temporariamente suspenso e toda tentativa de retorno às atividades acadêmicas e escolares precisa levar em consideração a ampla desigualdade social existente em nosso país. Ignorar o contexto multifacetado que compõem nossa tessitura social pode acarretar no silenciamento, no apagamento de diversos *tus* que não poderão estar presentes no universo virtual.

A sala de aula, seja ela virtual ou presencial, consiste em um espaço de encontro simultâneo entre *eu* e *tu*: é nosso agir ético considerar as realidades, os desafios e as expectativas desse *tu-estudante*, que é para quem os esforços do *eu-professor* estão voltados. Essa possível conversão de *tu* (presente) em

*ele* (ausente) é um desafio que as diferentes instituições de ensino terão de enfrentar nesse contexto atípico. Valorizar a importância da presença do *tu-estudante* é, em última instância, reconhecer que a interação é um elemento imprescindível nas relações pedagógicas, de forma específica, e nas relações sociais, de forma geral.

## Conclusão

Concluimos, assim, que a enunciação tem seu tempo demarcado: situa-se sempre no presente atualizável e fugaz. Esse tempo, conforme o compreendemos, é o próprio presente do ser, do *eu* que toma a língua toda e de uma vez só, convertendo-se em sujeito na e pela língua. Assim, por um lado, percebemos que o presente consiste na medida temporal por excelência da enunciação – que é sempre atual e contemporânea – e, por outro, que o tempo do ser, assim como o tempo da enunciação, é o presente. Corpo e linguagem implicam-se.

O axioma parece ser simples: se não existimos fora da linguagem, não nos situamos jamais fora das categorias de tempo, pessoa e espaço. Somente no presente, somente no *aqui* e *agora*, existimos: esse é o eixo que separa nossa existência entre o que já foi e o que está por vir. Nada pode estar fora desse presente axial: é do presente que partimos, seja em direção ao passado, seja em direção ao futuro. Em suma, nosso tempo é hoje.

Dessa forma, o deslocamento teórico que propomos consiste em uma perspectiva de análise que busca compreender desafios, expectativas e realidades de nossa sociedade pandêmica, buscando respostas e soluções. Nosso *agora* virtual ainda não é a realidade em muitos *aquis*, geralmente, localidades periféricas e rurais que, estatisticamente, possuem menos acesso à internet e, conseqüentemente, vivenciam um processo sistêmico e igualmente pandêmico de exclusão digital.

Contudo, existem diversas plataformas e numerosos recursos que podem, de maneira segura, oferecer um espaço virtual para que *eu* e *tu* se instanciem novamente, retomando o diálogo e o desenvolvimento das atividades acadêmicas e pedagógicas.

Quando chegará o tempo de tomarmos todos a língua inteira? Que possamos finalmente entender que cada *eu* presente é insubstituível e que, na nossa sociedade, não compartilhamos o mesmo tempo e espaço: enquanto muitas pessoas vivem na sociedade tecnológica e virtual, há inúmeras outras

que não têm acesso à água potável e à rede de esgoto em suas residências.

É nesse cenário complexo que, enquanto linguistas e professores, posicionamo-nos e manifestamo-nos na e pela linguagem. Sempre e cada vez mais, precisamos lembrar e ressignificar uma máxima benvenistiana: “[...] bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver” (BENVENISTE, 2006, p. 222). Este artigo é um manifesto enunciativo pela educação brasileira e está comprometido com cada estudante – ausente e presente – de nossas salas de aula.

Não há como fugir de assumirmos uma posição ética na linguagem – e, portanto, no mundo. Tendo isso em vista, precisamos considerar que mesmo o silêncio e a ausência são significativos, pois mostram questões que precisamos compreender *in absentia*. O fazer ético enunciativo é sempre um ato direcionado a outro ser, a um *tu*; a coexistência e o compartilhamento do tempo-espço são aspectos de uma teoria não apenas linguística, mas também ética *em e de* Émile Benveniste.

## Referências

- BACHELARD, G. **A intuição do instante**. Campinas: Verus, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 2006.
- CIULLA, A. Sobre a definição de dêixis a partir de “A natureza dos pronomes”. **Desenredo**, Passo Fundo, v. 14, n. 3, p. 364-379, set./dez. 2018.
- DUFOUR, D.-R. **Os mistérios da trindade**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
- FENOGLIO, I. La langue et l'écriture: un écart théorique entre Benveniste et Saussure. **Revista do GELNE**, Natal, v. 19, n. especial, p. 211-236, 2017.
- FLORES, V. N. Notas para uma (re)leitura da teoria enunciativa de Émile Benveniste. In: \_\_\_\_\_.; TEIXEIRA, M. (org.). **O sentido na linguagem: uma homenagem à professora Leci Borges Barbisan**. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.
- GINZBURG, C. Sinais – raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, C. (org.). **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo: Companhia

das Letras, 1989. p. 143-275.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/habitacao/17270pnadcontinua.html?edicao=27138&t=downloads>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

NORMAND, C. Leituras de Benveniste: algumas variantes sobre um itinerário demarcado. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 12-19, jan./mar. 2009.

TEIXEIRA, T. L. M. O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem. **Desenredo**, Passo Fundo, v. 8, n. 1, p. 71-83, jan./jun. 2012.

## O TEMPO DOS VERBOS COMO CATEGORIA DE ANÁLISE TEXTUAL

### THE VERBAL TENSE AS A CATEGORY OF TEXTUAL ANALYSIS

Alena Ciulla

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil

*Resumo:* O tempo verbal, tradicionalmente classificado em presente, pretérito e futuro, reveste-se de uma importância capital sob a perspectiva benvenisteana, que salienta o seu papel fundamental na linguagem, na alternância entre dois diferentes planos de enunciação. Com base na proposta do autor de, então, distinguir os tempos dos verbos, de acordo com a relação que estabelecem com a instância do discurso de quem fala, apresentamos, neste trabalho, uma abordagem inicial de análise do sistema de tempos verbais do português, investigando como os planos de enunciação podem estar associados a diferentes modos de conduzir o *processus* textual.

*Palavras-chave:* Modos enunciativos; *Processus* textual; Sistema verbal do Francês; Sistema verbal do português; Tempo verbal.

*Abstract:* The verbal tense, traditionally classified as present, past and future, assumes paramount importance from Benveniste's perspective, which highlights its fundamental role in language, in the alternation between two different enunciation plans. Based on the author's proposal, in order to distinguish verbal tenses according to their relationship with the instance of discourse, we present an initial approach of the Portuguese verbal system, investigating how the enunciation plans can be associated to different ways of conducting the textual *processus*.

*Keywords:* Enunciation plans; French verbal system; Portuguese verbal system; Textual *Processus*; Verbal tense.

### Introdução

Ainda que haja uma grande produção de trabalhos sobre os verbos, tais estudos circunscrevem-se, de modo geral, ao domínio gramatical. Além disso, mesmo em estudos de aspectos mais semânticos sobre o verbo, a maior parte conserva as tradicionais classificações do verbo em tempo, modo e aspecto, desprezando a questão fundamental da atuação dos verbos

no *processus* dos enunciados, conforme apontou, pioneiramente, Benveniste (1966) e será destacado neste trabalho.

Iniciamos esta discussão, buscando compreender como Benveniste (1966) relaciona os tempos verbais com a distinção entre os planos enunciativos *histórico* e *discursivo*. A partir dessa reflexão, que envolve compreender também como os verbos estabelecem um vínculo com a instância do discurso do locutor, reunimos alguns elementos para um estudo do sistema verbal do português. É em Benveniste (1966) mesmo que encontramos respaldo para essa aposta. Explicamos: para sugerir os planos de enunciação, entre o *histórico* e o *discursivo*, com base nos tempos verbais, o autor parte do sistema de verbos do francês, mas dá indicações de que é possível analisar o sistema verbal de outras línguas sob a mesma ótica, ao observar, por exemplo, sobre a questão da importância do aoristo para o *plano histórico*:

Entre os textos que serviriam de testemunha, devemos incluir também as traduções, que nos apontam para as equivalências espontâneas que um autor encontra para fazer passar uma narrativa escrita para uma outra língua no sistema temporal que convém ao francês. (BENVENISTE, 1966, p. 244)

Há pelo menos duas questões que extraímos daqui. Primeiramente, que é interessante verificar, em outras línguas, como o aparato verbal se organiza para distinguir os diferentes modos enunciativos. Uma segunda questão é o fato de que a tradução pode ser um ponto de vista do estudo das línguas, conforme já indicou também Hoff (2018).

Além disso, Benveniste (1966) fornece fundamentos – e chega mesmo a identificar alguns gêneros de texto – que possibilitam propor a marca temporal dos verbos e suas relações com os diferentes planos de enunciação como importante subsídio para a análise de textos. No que diz respeito à análise de textos, encontramos inspiração também em Weinrich (1973), que aprofunda e desenvolve a teoria benvenistiana, alimentando nossa proposta com dois conceitos: um sobre a persistência de tempos verbais em um texto, o que ele chama de “obstinação”, e outro sobre características dos dois planos enunciativos, os quais ele designa como dois diferentes “mundos”.

Partindo, então, desses trabalhos, formulamos a hipótese de que o estudo dos sistemas verbais pode ser profícuo, ajudando a compreender o emprego dos tempos verbais nas diferentes línguas e associando-os aos planos de enunciação. Tais planos de enunciação podem, por sua vez, estar relacionados a diferentes modos de conduzir o *processus* textual. Essas

possibilidades de análise serão exploradas em dois textos em português.

Nosso intuito neste trabalho é o de desenvolver a reflexão em dois aspectos, o primeiro, mais específico, o segundo, mais geral: 1) compreender melhor as dimensões dos dois planos de enunciação e fazer uma primeira abordagem sobre o comportamento dos verbos do português em relação a esses diferentes modos enunciativos, partindo de uma comparação com os achados de Benveniste (1966) e de Weinrich (1964; 1973) para o francês e para o alemão e 2) apontar para a possibilidade de tratar o tempo como categoria de organização textual.

### **As relações do tempo no verbo francês e possibilidades de prospecção**

Em *As relações do tempo no verbo francês*, de 1959, Benveniste (1966) problematiza o sistema de verbos do francês, primeiramente contestando as divisões gramaticais do tempo em *presente*, *passado* e *futuro*. Para o autor, esse paradigma temporal não corresponde à realidade de emprego e não esclarece muito sobre como os verbos podem ser organizados. Por exemplo, questiona Benveniste, qual classificação temporal poderia dar suporte, para que se aceite ou rejeite o paradigma de *sortir* em uma expressão como *il allait sortir?* Ou, e aqui invertemos a questão, por que, em detrimento da forma *sortir*, é *allait*, nessa expressão, que determina o tempo verbal da ação? No caso da tradicional oposição entre formas simples e compostas dos verbos do francês também o critério escapa a uma observação rigorosa:

Se há a necessidade de opor *il courait* e *il avait couru*, não é, em todo o caso, sobre o mesmo eixo de tempo em que *il courait* se opõe a *il court*. E, no entanto, *il a couru* é certamente, de alguma maneira, uma forma temporal, pois pode ser equivalente a *il courut*. Mas *il a couru* serve ao mesmo tempo de parceiro de *il court*. (BENVENISTE, 1966, p. 237)<sup>1</sup>

Como se vê, as relações entre as formas, compostas e simples, e o tempo são ambíguas numa abordagem mais superficial. De acordo com Benveniste (1966), mesmo a explicação tradicional da gramática sobre o aspecto, que poderia ser levada em conta nesses casos, não se configura como um princípio unívoco de correlação entre uma forma e outra e, além disso, permanece a questão de por que algumas formas compostas são efetivamente

---

<sup>1</sup>A tradução desse trecho, bem como de todos os outros, de obras citadas, que foram consultadas nas suas edições nas línguas originais, é de responsabilidade da autora deste artigo.

consideradas como temporais e outras não. A questão inicial do autor, nesse texto de 1959, é, então, sobre quais formas devem ser consideradas como temporais.

E é a partir do que poderia parecer uma “falha” do sistema, que Benveniste encontra uma primeira pista para explicar melhor a natureza das relações do verbo: a expressão temporal do passado é redundante, em francês, e dispõe de duas formas, quais sejam, o passado simples e o passado composto. Por exemplo, para o verbo *faire*, conjugado na terceira pessoa, as formas são *il fit* e *il a fait*, respectivamente. Na interpretação tradicional, seriam duas variantes da mesma forma, entre as quais se escolhe, de acordo com uma situação de escrita (*il fit*) ou de fala (*il a fait*). Conforme uma explicação diacrônica, teríamos, nesse caso, uma fase de transição, em que a forma arcaica *il fit* se manteria na língua escrita, que costuma ser mais conservadora, enquanto que a língua falada, mais dinâmica, avançaria para a forma substituta *il a fait*. Sem assumir a redução desse fenômeno a uma questão de sucessão, contudo, Benveniste (1966) convida à reflexão, em primeiro lugar, questionando sobre o motivo pelo qual a língua escrita e a falada teriam se divorciado no que diz respeito à temporalidade, e não em relação a outras questões. Além disso, questiona também por que esse mesmo divórcio não se aplica a outras formas paralelas, como, por exemplo, *il fera* e *il aura fait*, que permanecem distintas.

Para Benveniste, a distinção do emprego de *il fit* e *il a fait* tem uma outra motivação, que não é exatamente pela alternância entre a escrita e a fala, e muito menos por uma questão de sucessão diacrônica. O tempo de *il fit* é o aoristo, ou passado simples, que além de caracterizar a narrativa de eventos no passado, também tem um efeito de objetividade, isto é, os acontecimentos expressos nessa forma verbal são tratados como se tivessem sido produzidos sem qualquer intervenção do locutor. Com isso, a forma do aoristo assinala a intenção histórica, imprimindo a temporalidade específica para os eventos do passado que se quer relatar como objetivos e excluindo as pessoas (*eu* e *tu*) da narrativa. Já *il a fait*, cuja forma temporal é a do passado composto, tem um emprego diferente, pois ainda que expresse também um acontecimento no passado, implica a referência ao tempo presente de quem enuncia. Trata-se, neste último caso, não mais de um passado histórico e objetivo, mas de um passado, em que o locutor é testemunha. Para o autor, então, é preciso reexaminar a estrutura do verbo por inteiro, sendo que uma descrição das relações de tempo constitui a tarefa mais necessária. E acrescenta:

Os paradigmas das gramáticas levam a crer que todas as formas verbais tiradas de um mesmo tema pertencem todas à mesma conjugação, em virtude unicamente da morfologia. Entretanto, nos propomos mostrar aqui que a organização dos tempos depende de princípios menos evidentes e mais complexos. Os tempos de um verbo francês não se empregam como os membros de um sistema único, distribuem-se em dois sistemas complementares. Cada um deles compreende apenas uma parte dos tempos do verbo; todos os dois estão em uso concorrente e permanecem disponíveis para cada locutor. Esses dois planos manifestam dois planos de enunciação diferentes. (BENVENISTE, 1966, p. 237)

A importância dessa observação de Benveniste é melhor compreendida, levando-se em conta a distinção que o autor faz, entre pessoa e não pessoa, e a fundamental relação que se estabelece nos enunciados, a partir dessa distinção. Isso porque são justamente as funções desempenhadas por *eu/ tu* de um lado, e por *ele/*nomes lexicais de outro, associando-se também aos tempos verbais, como estamos defendendo aqui, que revelam esses dois *planos de enunciação* a que se refere Benveniste.

Por isso, sobre a distinção da categoria de pessoa (que aparece, em especial, no texto *Estrutura das relações de pessoa no verbo*, de 1946) relembramos alguns pontos, em especial a constatação fundamental de que apenas *eu* e *tu* **são as verdadeiras pessoas, pois são os únicos que participam do ato enunciativo, ao passo que ao pronome *ele* e aos nomes lexicais fica reservado o papel de não pessoa, referindo somente um predicado, que é enunciado sempre fora da relação *eu-tu*. Conforme já assinalamos em trabalho anterior:**

O ponto a ressaltar é o de que, quando alguém toma a palavra e enuncia “eu”, estabelece um *tu*, compulsoriamente, a quem se dirige. Assim, essas duas pessoas são sempre implicadas no que é dito. Por outro lado, *ele* será sempre o ausente da relação *eu-tu* e, por isso, o seu enunciado será somente um predicado não imputável a *eu*. (CIULLA, 2020a, no prelo)

É assim, aqui de maneira bastante resumida, que são identificados por Benveniste (1966) dois modos de linguagem, um em que atuam as remissões de pessoa, que não refere coisas, mas somente a própria instância de discurso de *eu*, e outro, em que atua a não pessoa, responsável pela referência a toda e qualquer coisa. Por remeter a coisas do mundo, cuja representação tem base no léxico, categoria (relativamente) estável das línguas, é atribuída à não pessoa um caráter de objetividade. Já *eu* e *tu* são elementos da ordem da subjetividade, pois se circunscrevem à instância de discurso que os contém e

variam, portanto, a cada vez que um locutor toma a palavra.

Isso posto, podemos compreender como Benveniste (1966) distingue os tempos dos verbos, de acordo com a sua solidariedade à instância do discurso de quem fala: a marca de pessoa embutida no tempo verbal, ou a sua ausência, comanda os diferentes modos de linguagem em que o autor situa os planos *discursivo* e *histórico*, respectivamente.

### **A distribuição dos tempos verbais entre os planos *discursivo* e *histórico***

A enunciação histórica está situada no domínio do objetivo, ou seja, quando o verbo no passado reflete uma relação cronológica de anterioridade no próprio enunciado, que, assim, se apresenta na “realidade objetiva”. Pertencem ao *plano histórico*, tipicamente, aquilo que se conta de acontecimentos passados, como acontece em livros de história, em que não aparecem análises explícitas de historiadores, mas apenas o relato impessoal, dos fatos que se produziram em um passado desatrelado do presente de quem os narra. Por isso, são excluídas desse plano, de acordo com Benveniste (1966), todas as formas linguísticas autobiográficas. Para o autor, a intenção histórica constitui uma das grandes funções da língua, imprimindo-lhe uma temporalidade específica, cujas marcas formais devemos observar.

O historiador nunca dirá *eu* nem *tu*, nem *aqui*, nem *agora*, porque ele nunca requisitará o aparelho formal do discurso, que consiste sobretudo na relação de pessoa *eu:tu*. Constataremos, portanto, na narrativa histórica estritamente processada, somente formas de 3ª pessoa. (BENVENISTE, 1966, p. 239)

São as formas de 3ª. pessoa (ou não pessoa) que definem a expressão do campo temporal da enunciação histórica. Para o francês, os tempos que a comportam, conforme Benveniste (1966), são principalmente três: o aoristo, o imperfeito (incluindo o condicional) e o mais que perfeito. Todos eles são pretéritos: para serem considerados como dados, precisam pertencer ao passado.

Os exemplos do autor para esclarecer a “ossatura histórica” do verbo francês são, além de trechos de um livro de história grega, o de um romance de Balzac. A diferença deste último, é que os fatos são ficcionais, mas se mantém, em relação ao livro de história grega, o intuito de afastar tudo que é estranho ao estrito relato dos acontecimentos, como opiniões, comparações e quaisquer comentários pessoais. Benveniste (1966, p.240) observa, em

nota, que a enunciação histórica dos acontecimentos é independente da sua verdade “objetiva”, pois o que analisamos aqui é o propósito “histórico” de quem enuncia.

A seguir um dos trechos do livro de história apresentado por Benveniste (1966, p. 240). Os verbos estão grifados em itálico pelo próprio autor.

Pour devenir les maîtres du marché méditerranéen, les Grecs *déployèrent* une audace et une persévérance incomparables. Depuis la disparition des marines minoenne et mycénienne, l'Égée *était* infestée par des bandes de pirates : il n'y *eut* longtemps que des Sidoniens pour oser s'y aventurer. Les Grecs  *finirent* pourtant par se débarrasser de cette plaie : ils *donnèrent* la chasse aux écumeurs de rivages, qui *durent* transférer le principal théâtre de leurs exploits dans l'Adriatique. Quant aux Phéniciens qui *avaient fait* profiter les Grecs de leur expérience et leur *avaient appris* l'utilité commerciale de l'écriture, ils *furent* évincés des côtes de l'Ionie et chassés des pêcheries de pourpre égéennes; ils *trouvèrent* des concurrents à Cypre et jusque dans leurs propres villes. Ils *portèrent* alors leurs regards vers l'Ouest; mais là encore les Grecs, bientôt installés en Sicile, *séparèrent* de la métropole orientale les colonies phéniciennes d'Espagne et d'Afrique. Entre l'Aryen et le Sémite, la lutte commerciale ne *devait* cesser <sup>2</sup> dans les mers du Couchant qu'à la chute de Carthage.

(G. GLOTZ, *Histoire grecque*, 1925, p. 225.)

E o trecho do romance de Balzac, também em Benveniste (1966, p. 241):

Après un tour de galerie, le jeune homme *regarda* tour à tour le ciel et sa montre, *fit* un geste d'impatience, *entra* dans un bureau de tabac, y *alluma* un cigare, se *posa* devant une glace, et *jeta* un regard sur son costume, un peu plus riche que ne le permettent <sup>1</sup> en France les lois du goût. Il *rajusta* son col et son gilet de velours noir sur lequel *se croisait* plusieurs fois une de ces grosses chaînes d'or fabriquées à Gênes; puis, après avoir jeté par un seul mouvement sur son épaule gauche son manteau doublé de velours en le drapant avec élégance, il *reprit* sa promenade sans se laisser distraire par les œillades bourgeoises qu'il *recevait*. Quand les boutiques *commencèrent* à s'illuminer et que la nuit lui *parut* assez noire, il *se dirigea* vers la place du Palais-Royal en homme qui *craignait* d'être reconnu, car il *côtoya* la place jusqu'à la fontaine, pour gagner à l'abri des fiacres l'entrée de la rue Froidmanteau...

(BALZAC, Études philosophiques : *Gambara*.)

Benveniste (1966) observa, sobre os dois excertos, que se mantém a relação temporal constante do aoristo, do imperfeito e do mais que perfeito, conforme se pode ver pelas formas verbais salientadas em itálico. E acrescenta:

Os acontecimentos são colocados como se fossem produzidos na medida em que aparecessem no horizonte da história. Ninguém fala aqui; os acontecimentos parecem se contar por si próprios. O tempo fundamental é o aoristo, que é o tempo de acontecimento fora da pessoa de um narrador. (BENVENISTE, 1966, p. 241)

A forma do aoristo é bastante peculiar. Talvez para um falante de uma língua que não apresenta esse tempo, como o português, seja difícil de imaginar, pois trata-se de um passado que não se constitui como tal em relação ao presente, que, como sabemos, é sempre o presente de quem fala. O aoristo se caracteriza como uma forma temporal “absoluta” do passado, sem relação com o presente de quem enuncia, e é empregada para representar um fato momentâneo e isolado, em um passado determinado não subjetivamente, portanto, mas historicamente.

Um outro exemplo de uso do aoristo, que acrescenta um traço não explorado nos exemplos de Benveniste (1966), é o que encontramos em uma interpretação da tradução da Bíblia, em um blog intitulado *La traduction du*

*monde nouveau. Sincère?* (2008), do seguinte versículo, atribuído a João:

Jean 3:6 Quiconque demeure en union avec lui ne pratique pas le péché; quiconque pratique le péché ne le vit pas et ne pas non plus parvint à le connaître. (*La traduction du monde nouveau. Sincère?*, 2008)

Neste versículo, conforme a explicação encontrada no blog, João teria utilizado o aoristo<sup>2</sup> (*ne le vit pas - ne pas non plus parvint*) para falar de alguém que teria cometido um pecado isolado, o que pode acontecer com qualquer um de nós em algum momento, em razão de nossa imperfeição. Assim, um cristão, em um momento dado, no passado, pode cometer um pecado, conforme o blog, sem que isso o faça continuar pecando no momento presente: este ensinamento teria sido a motivação de João para o emprego do aoristo. Outra possibilidade de expressão do aoristo nesses casos bíblicos, aponta o blog, é o de uma exortação ou advertência, para que não se faça uma coisa que ainda não se começou a fazer – como se, com essa forma verbal, tal ação pecaminosa ficasse presa em um tempo distante, sem relação com a ação atual dos cristãos no presente, que estariam, assim, livre de atos pecaminosos. Nessa interpretação, o aoristo permanece como uma forma do *plano histórico*, sendo que a ausência da relação com o presente é o que permitiria esse efeito adicional de afastamento do pecado.

Ao *plano histórico* contrapõe-se um outro plano enunciativo, como já mencionado, que é quando a categoria de pessoa, indissociável do tempo do verbo, é marcada ou está implicada no tempo verbal: instaura-se, então, o modo do *discurso*, para Benveniste (1966). Esse plano encampa toda e qualquer enunciação que suponha um locutor e um ouvinte, além da marca de um engajamento, ou do convite ao engajamento, partindo do locutor. Por isso, o autor cita como exemplo os gêneros orais de texto, mas estão aí incluídos todos os gêneros em que o locutor organiza sua fala na categoria de pessoa.

No *plano do discurso*, cabem formas verbais do passado, desde que tenham alguma implicação no tempo atual. É importante observar, ainda, que nesse modo enunciativo são empregadas livremente todas as formas pessoais do verbo, isto é, tanto *eu/tu* quanto *ele*. Benveniste (1966) chama a atenção para o fato de que, mesmo que por vezes mais velada, a relação de pessoa está sempre presente e, por isso, a 3<sup>a</sup>. pessoa não tem o mesmo

<sup>2</sup>Não há menção, no blog, da língua fonte da tradução para o francês, apenas supomos que seja o grego, em parte, pela afirmação de que “João teria utilizado o aoristo”. Contudo, para nós, isso não é relevante, mas, sim, o emprego que se faz do aoristo em francês nesse caso.

valor no *plano discursivo* e no *plano histórico*. Na *narrativa histórica*, como o narrador não intervém, a 3ª. pessoa não se contrapõe a nenhuma outra: há, conforme Benveniste (1966, p. 243) “uma ausência de pessoa”. No *plano discursivo* há uma oposição entre *eultu* e *ele*. Além disso, todos os tempos verbais do francês são possíveis no *plano discursivo*, com exceção do aoristo, que, como explicamos, pertence sempre ao *plano histórico*.

No texto de 1959, Benveniste (1966) faz ainda uma análise das relações entre os verbos simples e compostos, as quais implicam também na configuração dos planos de enunciação. Observa o autor que, de modo geral, as relações entre formas simples e compostas não são temporais. O fato de que estejam em concorrência *il ecrivit* e *il a écrit* não contradiz a afirmação, pois a forma no *passé composé*, como vimos, não concorre com a forma do aoristo: sob o ponto de vista do modo enunciativo, ela tem função diferente. Os tempos compostos, de acordo com Benveniste (1966), tem um duplo estatuto. Em primeiro lugar, essas formas mantêm uma oposição com as formas simples, por lhes fornecerem um correlato no perfeito<sup>3</sup>. É uma relação de temporalidade, portanto, que se estabelece paradigmaticamente. A segunda característica do duplo estatuto dos tempos compostos, segundo Benveniste (1966), é a função de indicar anterioridade, que é determinada sempre em relação ao tempo simples correlativo. Essa relação é, portanto, intralinguística, não uma relação cronológica da realidade objetiva. Assim, em francês, o exemplo de Benveniste (1966, p.248) é “‘Quand il a fait son travail, ‘il part’”, explicando que “o anterior do presente ‘(quand) il a fait’ se opõe ao presente ‘il part’ e deve seu valor a esse contraste. É uma relação sintagmática.”.

Uma última observação sobre os tempos compostos que nos interessa, neste trabalho, particularmente, é a de que “os tempos compostos, quer indiquem o ‘acabado’ ou a anterioridade, tem a mesma repartição que os tempos simples quanto aos dois planos de enunciação. Eles pertencem também, uns ao discurso, outros à narrativa” (BENVENISTE, 1966, p. 247). Todavia, todas essas conclusões sobre as relações entre tempos simples e compostos, que valem para o francês, não podem ser aplicadas diretamente para o sistema do português, sem que antes se faça um estudo específico para cada língua. O que fica para esta nossa primeira abordagem, em que um estudo detalhado de formas simples e compostas foge ao escopo, é o que

---

<sup>3</sup>No francês, “chamamos de ‘perfeito’ a classe inteira das formas compostas (com *avoir* e *être*), cuja função – sumariamente definida, mas de maneira suficiente aqui consiste em apresentar a noção como ‘acabada’ com relação ao momento considerado e à situação ‘atual’, resultante dessa realização temporalizada.” (BENVENISTE, 1966, p. 246)

Benveniste destaca, a seguir:

O essencial era o de fazer aparecer essas grandes divisões, às vezes pouco visíveis, que percorrem o sistema temporal do verbo francês moderno. Algumas delas, como as que distinguem a narrativa histórica e o discurso, criam dois subsistemas de tempo e de pessoas verbais; outra, a do presente e do perfeito, não é da ordem temporal; mas a cada nível temporal, o perfeito comporta duas funções que a sintaxe distingue: a função de ação acabada e a função de anterioridade, simetricamente repartidas, em parte por refacção, entre a narrativa e o discurso. O quadro de uma conjugação de um verbo francês, em que os paradigmas se alinham, completos e uniformes, não deixa nem mesmo suspeitar que um sistema formal do verbo tem uma estrutura dupla (conjugação do presente e conjugação do perfeito), bem como é dupla essa organização temporal, fundada nas relações e nas oposições que são a realidade da língua. (BENVENISTE, 1966, p. 250)

Para cada língua, então, é preciso verificar como o sistema se estrutura e como as formas verbais se distribuem, para dar conta dessa dupla organização temporal, entre a *narrativa* e o *discurso*.

### **As formas verbais e sua atuação no *processus* dos textos**

Em Ciulla (2020a) já observamos que, para além da distinção formal de categorias de pessoas e de tempos verbais, Benveniste (1966) aponta para o funcionamento desses elementos nas línguas. Assim, é ultrapassado o nível meramente gramatical e são alcançadas outras relações, que abarcam a amplitude dos textos, a nosso ver, como no caso das relações de pessoa e tempo verbal, em que se distinguem dois planos de enunciação. Notadamente, a seguinte passagem traz indícios que confirmam essas observações:

Entre *eu* e um nome referente a uma noção lexical, não há somente as diferenças formais, muito variáveis, que a estrutura morfológica e sintática das línguas particulares impõe. Há outras, que se devem ao próprio *processus* de enunciação linguística e que são de uma natureza mais geral e mais profunda. O enunciado que contém *eu* pertence ao nível ou tipo de linguagem que Charles Morris chama de pragmático, que inclui, com os signos, aqueles que os empregam. Podemos imaginar um texto linguístico de grande extensão – um tratado científico, por exemplo – em que *eu* e *tu* não apareceriam uma única vez; inversamente, seria difícil conceber um curto texto falado em que não fossem empregados. Mas os outros signos da língua se repartiriam indiferentemente entre esses dois gêneros de textos.

---

(BENVENISTE, 1966, p. 251-252).

Salientamos, desse trecho, primeiramente, que a instância utilizada pelo autor para explicar a sua proposta, é a do texto: de um lado, os diálogos orais, em que o emprego de *eu* é uma condição praticamente obrigatória, de outro, os tratados científicos, em que essa condição é dispensável e, às vezes, até indesejável. Mas mais importante do que meramente distinguir gêneros de textos e suas adequações, Benveniste aponta, aqui, para a relação que a categoria de pessoa estabelece com o *processus* de enunciação linguística nos textos. Este é o ponto de capital importância para o nosso trabalho.

*Processus*, que lemos aqui, não é o mesmo que *processo*, pois não se trata apenas de sequências de ações na realização de algo, mas trata-se do “conjunto de fenômenos, concebido como ativo e organizado no tempo”, conforme definição de Robert; Rey; Rey-Debove (1987) que, parecidos, casa bem com a proposta de Benveniste (1966). Assim, acrescenta-se à marca de pessoa dos verbos, também o seu aspecto pessoal-temporal, lembrando que o tempo presente é sempre o tempo do *eu* que fala e é este tempo que pode estar implicado ou não nos enunciados. Em conjunto ou isoladamente, essas marcas determinam a instância daquilo que é enunciado, como pertencente à realidade de quem enuncia ou, ao contrário, a uma realidade objetiva e independente da ação ou do julgamento do locutor, do ponto de vista formal. Assim, as formas verbais estabelecem o *processus* textual, organizando as ações que representam no tempo – não o tempo cronológico, mas o tempo relacionado à pessoa do discurso.

Quanto ao nível pragmático, mencionado por Benveniste no trecho da citação acima, há uma importante observação a fazer. Em *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, o autor desenvolve essa definição, emprestada, no trecho acima, de Morris, como “tipo de linguagem que inclui aqueles que o empregam”, e salienta que a inclusão do sujeito em seu discurso acrescenta “uma nova configuração da língua” em relação às configurações promovidas pelas distinções da categoria de pessoa (entre *eu* e *tu* e entre *eutu* e *ele*). Isso porque a consideração pragmática da conversão da língua em discurso implica em colocar “a pessoa na sociedade como participante e que desdobra uma rede complexa de relações espaço-temporais que determinam os modos de enunciação” (BENVENISTE, 1974, p. 99). A passagem de locutor a sujeito tem, então, essa amplitude, a de colocar o homem “em relação com a sociedade e com a natureza” (BENVENISTE, 1974, p. 99). É neste nível pragmático que as ações comandadas por *eu* instauram-se no *processus*. Em

outro nível, as ações que não incluem o tempo de *eu*, e, portanto nem a sua instância, desenvolvem-se fora do “controle” subjetivo (ainda que seja sempre *eu* que os apresenta como tal), num tempo e modo objetivos.

Vimos, então, que as relações das formas dos verbos do francês, demonstradas por Benveniste (1966), apontam para o tempo verbal – ressignificado pela reflexão do autor – como importante marca do estabelecimento do *processus* dos enunciados. O *processus*, a nosso ver, assume um papel crucial como parte da organização referencial dos enunciados, em que o locutor pode escolher, a cada enunciação, a relação de tempo que vai imprimir em seus enunciados, orquestrando, assim, os dois diferentes planos de enunciação: um comandado pelo tempo de *eu*, outro em que os fatos são apartados de seu tempo. O tempo não tem, sob esta perspectiva, a única função de indicar um evento no passado ou no futuro, portanto, mas apresenta uma propriedade textual, de indicar uma certa organização referencial-temporal e uma atitude de locução.

Com o resumo da explicação de Benveniste (1966) sobre o sistema verbal francês que fizemos na seção anterior e com essa formulação que propomos sobre o *processus*, já dispomos de elementos para fundamentar princípios, para um primeiro passo na investigação do funcionamento do sistema verbal do português em instaurar os dois planos enunciativos nos enunciados.

### **A ossatura do sistema verbal no *processus* textual do português**

Como vimos, a questão inicial de Benveniste (1966) foi a de investigar quais formas verbais devem ser consideradas como temporais. Porém, antes de adentrar na discussão dos problemas específicos sobre o verbo francês, o autor cita alguns exemplos de textos, em que predominam ora os tempos verbais da narrativa, ora os do discurso, revelando assim essa função geral do tempo em instaurar modos enunciativos. Weinrich (1964; 1973) nos passos de Benveniste, parte, em sua reflexão, de uma análise da contagem de formas verbais em textos do alemão e do francês, relacionando a distribuição dos tempos e suas funções nos dois modos enunciativos, nas duas línguas. Com isso, ambos os autores inferem uma “ossatura” dos sistemas verbais do francês e do alemão, em que formas do pretérito, que não remetem ao tempo do locutor, associam-se ao plano da narrativa, e em que formas verbais que estabelecem relação com a instância temporal de quem enuncia associam-se ao *plano discursivo* ou do *comentário*, conforme Weinrich (1964;1973).

Assim, neste artigo, exploramos a seguir dois textos em português, para também inferir a ossatura do sistema verbal do português, numa primeira análise, sob esse mesmo viés.

### Texto 1

Na segunda semana de junho, Rodrigo foi convidado para uma reunião na casa do Cel. Alvarino Amaral. Encontrou **lá vários companheiros da Revolução de 23, entre os quais o Juquinha** Macedo, com três de seus irmãos, e mais Chiru e Liroca. Fecharam-se na sala de visitas do palacete, mobiliada com um mau gosto pomposo: poltronas forradas de veludo, cortinas de seda, uma coluna de alabastro a um canto, sustentando um vaso horrendo. Pendia da parede, numa pesada moldura cor de ouro velho, um retrato a óleo de D. Emerenciana. Lá estava a falecida amiga de Rodrigo, com seus olhos empapuçados, seu buço, sua papada e seu jeito matriarcal.

A princípio comentaram o tempo. Liroca trocou com um dos Macedos um pedaço de fumo em rama. Alvarino quis saber da saúde de Flora. Depois entraram no assunto que os congregara. Foi o dono da casa quem falou. Como os amigos sabiam, as eleições para intendente municipal iam realizar-se em breve. O Madruga tinha o seu candidato, mas estava decidido que a oposição se absteria de votar.

- O que eu acho errado - interrompeu-o Juquinha Macedo. - Sei que não temos jeito de ganhar, mas como exemplo, devíamos comparecer às urnas. (VERÍSSIMO, 2001, p. 437).

Benveniste (1966) observa, em seus exemplos de enunciação histórica, o mesmo que podemos ver neste excerto do romance de Érico Veríssimo, que se constrói basicamente entre formas verbais do pretérito: 9 no pretérito simples, 5 no imperfeito, 2 no imperfeito composto, 1 no mais que perfeito, 1 no futuro do pretérito e 3 no presente. E o efeito aqui também é o de intenção histórica, conforme apresentado por Benveniste: a permanência das formas do pretérito faz imaginar “todo o passado do mundo como uma narrativa contínua” (BENVENISTE, 1966, p. 241). Os poucos tempos presentes estão contidos na fala de um personagem, como já havia notado o autor:

Cada vez que no interior de uma narrativa histórica aparece um discurso, quando o historiador, por exemplo, reproduz as falas de um personagem, ou que ele mesmo intervém para julgar os acontecimentos relatados, passa-se a outro sistema temporal, o do discurso. É próprio da linguagem permitir essas transferências instantâneas. (BENVENISTE, 1966, p. 242)

O mesmo acontece no exemplo de Balzac, transcrito acima, em que um emprego de forma do presente (*permettent*) denuncia a reflexão do autor e escapa ao plano da narrativa, conforme Benveniste (1966, p. 241).

Contudo, o tripé da relação pretérita do francês (aoristo, imperfeito e mais que perfeito) não é a mesma para o português, já que não temos o aoristo. Aparece aqui uma primeira distinção que é preciso fazer para o português<sup>4</sup>. Os pretéritos simples e composto, em português, não se opõem, como no francês o *passé simple* (aoristo) e o *passé composé*. As duas formas de pretérito em português podem estar vinculadas à presente instância de *eu* e, assim, constituir o *plano discursivo*. O que permite que uma porção de texto, como o que acabamos de apresentar (texto 1), seja identificada como pertencente ao *plano histórico*, parece-nos, **é a total predominância dos tempos pretéritos e a completa ausência de indicação de primeira pessoa. Assim**, uma primeira hipótese, para o funcionamento do tempo verbal do português, na distribuição dos modos enunciativos seria a de que, para o *plano histórico*, não havendo em português um tempo de passado “absoluto” como o aoristo, as formas verbais em bloco único, no pretérito, podem surtir um certo efeito de *contínuo no passado*. A oposição com formas do presente promoveria uma alternância a ser destacada, como na fala do personagem, acima, ou na “intromissão” eventual do narrador.

Por oportuno, assinalamos um outro aspecto, que diz respeito à “obstinação” das formas temporais de pretérito no trecho de texto em análise, recorrendo a Weinrich (1964). O conceito de *ostinato*, sugerido pelo autor, vem do domínio musical, e denomina um procedimento de repetição persistente do ritmo, da melodia ou da harmonia de uma peça musical<sup>5</sup>. Trata-se não meramente de uma repetição, mas de um determinado padrão recorrente numa obra musical, que contribui para uma unidade ou consolidação métrica dos ritmos. Daí a analogia com a tessitura dos textos.

Para dar um exemplo bastante trivial do fenômeno, Weinrich explica que na carta de Goethe a Schiller, que é o seu exemplo inicial, em alemão, o local que aparece logo na primeira linha, seguido da data, “Weimar, 5.

---

<sup>4</sup>Vale mencionar que há estudos no Brasil, como os de Koch (1984; 2013), em que Benveniste e Weinrich são retomados, no que diz respeito a considerar diferentes planos enunciativos para a análise de textos. Porém, não são aprofundadas as particularidades dos sistemas verbais, para compreender como, diferentemente do francês e do alemão, os verbos do português se relacionam e funcionam, distinguindo modos enunciativos.

<sup>5</sup>Um exemplo bastante memorável de *ostinato* rítmico é o do Bolero de Ravel, marcado principalmente pela percussão. Também no jazz é um recurso rico, em que várias “camadas” de *ostinatos* se sobrepõem, com a entrada progressiva de diferentes instrumentos.

September 1800” **não é preciso repetir, pois para esse gênero, está convencionado que a informação que consta ali vale para todo o texto: isto é, a carta foi escrita pelo remetente**, naquela cidade, naquela data, o que não muda para todo o documento. A pergunta, menos trivial, que propõe Weinrich (1964), é a de como saber que outras indicações de lugar e tempo são suscetíveis de reaparecer, alterando, assim essa orientação. Observando, então, o quanto as indicações de lugar e data são pouco recorrentes (nas cartas, mas também nos textos de modo geral), se comparadas com a frequência das formas temporais dos verbos, é que Weinrich (1964) propõe a noção de “obstinação”. Para este autor, as formas temporais estão entre os primeiros signos mais “obstinados”, o que não acontece por acaso:

A sucessão dos tempos num texto obedece manifestadamente a um certo princípio de ordem. Numerosas são as constelações temporais, verdadeiras nuvens em que se condensam, na vizinhança imediata, as formas de um mesmo tempo. (WEINRICH, 1973, p. 20)

O autor constata que, para além da diversidade de situações ou de gêneros literários há “a clara dominância de um tempo ou de um grupo de tempos. O fenômeno geral da ‘obstinação’ temporal é acompanhado do fenômeno menos específico da *dominância temporal*” (WEINRICH, 1973, p. 20). Com isso, reforçamos nossa hipótese sobre a função crucial da obstinação temporal do pretérito em português, formando “blocos narrativos”, que pode ser decisiva para a manutenção do foco histórico, como no exemplo do texto 1.

Selecionamos da obra de Weinrich (1964; 1973), além do *ostinato*, uma segunda ideia que complementa e subsidia nossa proposta de análise. Trata-se de um deslocamento que o autor faz, ao nomear o *erzählte Welt*, traduzido como *mundo da narrativa*, e o *besprochene Welt*, traduzido como *mundo do comentário*.

O primeiro diz respeito ao *mundo-objeto de narrativa*, e seria um desenvolvimento do que Benveniste propôs como *plano histórico*. Neste mundo está implicado, conforme Weinrich (1973), um convite a entender o que é dito de maneira mais “relaxada” ou distante, já que a intervenção do ouvinte não é imediatamente solicitada. No texto 1, é bem o que observamos: um tempo no passado que é o passado da própria narrativa (“na segunda semana de junho”), uma reunião, personagens que dela participaram, uma descrição detalhada da sala de visitas onde foi realizado o encontro, o teor das conversas, tudo relatado sem que em nenhum momento o leitor seja

solicitado a intervir ou avaliar. A atitude do interlocutor, assim, pode ser qualificada como “relaxada” diante do mundo que está sendo narrado.

O outro plano é do *mundo-objeto de comentário*, em claro paralelo ao *plano discursivo*, de Benveniste. No *mundo comentado*, o que é dito deve ser interpretado como algo a reagir mais imediatamente. Propomos a seguir análise do texto 2, em que, a nosso ver, predomina o *plano discursivo* e vai ao encontro da caracterização do *mundo comentado*.

## Texto 2

### **A liberdade de expressão no inquérito dos antidemocráticos**

Na decisão que autorizou as operações do último dia 27, que investigam a realização de atos antidemocráticos, o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes determinou que as postagens de parlamentares sobre os eventos não fossem apagadas. Hoje, a Procuradoria Geral da República (PGR) listou algumas delas, particularmente as que foram postadas pelos deputados Júnior Amaral, Daniel Silveira, Carla Zambelli e Alê Silva, e pelo senador Arolde Oliveira. Nas mensagens, alusões ao fechamento do Congresso e do STF, intervenção militar e ao AI-5. O material, carregado de apelos autoritários e ultimatos, compõe parte da investigação em curso. Mas em que medida violaram ou não as leis brasileiras e os amplos espaços de liberdade de expressão que um Estado de Direito oferece? A questão é da máxima relevância para um país que pretende batalhar por manter-se em solo democrático.

Só para lembrar, o estopim para a abertura do inquérito dos atos antidemocráticos veio no dia 19 de abril, Dia do Exército, quando milhares de pessoas saíram às ruas para demonstrar apoio ao governo Jair Bolsonaro. Parte delas estendeu faixas pedindo intervenção militar e o retorno do AI-5. Eventos análogos se repetiram no dia 3 de maio e depois disso, com manifestações menores. De acordo com o vice-procurador da República, responsável pela condução das investigações, as ações miram pessoas envolvidas na “execução de ações contra a ordem constitucional e o Estado Democrático e provocação das Forças Armadas ao descumprimento de sua missão constitucional”.

Ainda que as investigações se baseiem em dispositivos previstos no ordenamento jurídico brasileiro, é necessário questionar se não estaríamos diante de um precedente perigoso para a própria vida política nacional, ainda que em alegada defesa da democracia e do Estado Democrático de Direito. No caso do inquérito em tela, os procuradores baseiam as investigações na chamada Lei de Segurança Nacional (LSN). O dispositivo, herança do regime militar, foi constantemente criticado por vários juristas como entulho autoritário, que poderia abrir precedentes perigosos para perseguição política. Como avaliá-lo?

Na verdade, a formulação de muitos dos crimes ali previstos é bastante bem feita e necessária, salvaguardando importantes bens numa democracia. Há,

porém, o aspecto simbólico da lei, o que é especialmente relevante quando estamos no campo da liberdade de expressão. E a lei incrimina certas condutas nesse terreno. De fato, o art. 22 da lei estabelece como crime: “Fazer, em público, propaganda: I - de processos violentos ou ilegais para alteração da ordem política ou social; II - de discriminação racial, de luta pela violência entre as classes sociais, de perseguição religiosa; III - de guerra; IV - de qualquer dos crimes previstos nesta Lei.”

A liberdade de expressão não é absoluta, afirma sempre a melhor doutrina em todos os países civilizados e toda a tradição da nossa jurisprudência. Há inúmeros bens jurídicos, isto é, valores relevantes, previstos na Constituição, que podem justificar uma por assim dizer compressão da liberdade de expressão numa democracia. Entram aí bens como a honra, a privacidade, a igual dignidade de todos os homens (proibição do racismo), o respeito à lei penal (proibição da incitação à prática de crimes), etc. Isso é assim em boa parte dos países livres. Requer-se sempre uma específica e pontual previsão legal.

São poucas, no entanto, as democracias que proíbem diretamente, de forma especial e específica, as expressões contra a segurança nacional. Nesse sentido, causa certo espanto a facilidade com que o referido art. 22 da LSN vem sendo brandido por importantes vozes da sociedade brasileira. De qualquer forma, não é que propriamente a existência dessa previsão legal afronte a democracia, mas sim que tem o potencial de fazê-lo e o mínimo que se requer é uma especial cautela quando se torna necessário recorrer a esse dispositivo. De que cautela estamos falando?

Antes de tudo, a cautela de uma precisa e adequada interpretação de seus dispositivos, em particular do já citado art. 22, ajuda especialmente a entender o que ele não proíbe. Cidadãos estão perfeitamente autorizados no ordenamento jurídico brasileiro a protestar contra decisões do STF, a criticar seus ministros, mesmo com palavras severas, como, por exemplo, a de considerá-los um estorvo para a democracia ou a de compará-los a um vírus; podem igualmente defender o impeachment desses mesmos ministros ou a mudança do critério de nomeação deles; podem ainda batalhar pela realização de uma nova Assembleia Constituinte. Nada disso é ilícito. Até mesmo é lícita a absurda interpretação do art. 142 da Constituição como conferindo às forças armadas um poder de ser o árbitro final em crises institucionais pode ser defendida. Como diz a própria LSN, em seu art. 22, § 3º, “Não constitui propaganda criminosa a exposição, a crítica ou o debate de quaisquer doutrinas”. Esse texto, aliás, vai na esteira de toda a tradição democrática brasileira que não considera criminosa a mera exposição de ideia, salvo pouquíssimos casos (como os de preconceito racial), ou a discussão sobre a oportunidade ou não de uma lei e/ou de sua mudança (a manifestação pela legalização da maconha, por exemplo, é lícita, mas não a apologia ou incitação ao uso dela).

No caso das mensagens de parlamentares que vieram a público nestes dias, é difícil ver na maioria delas algo que vá além de opiniões bastante criticáveis do ponto de vista político e moral, mas de forma alguma criminosas. Considerando ainda a imunidade material ou substantiva dos parlamentares,

é surpreendente que algumas dessas mensagens tenham sido apresentadas na mídia como violadoras da LSN. Assim, por exemplo, a afirmação do senador Arolde de Oliveira em redes sociais de que “Os governadores do Rio e de São Paulo se elegeram nas costas de Jair Bolsonaro e agora são seus maiores detratadores e inimigos do Brasil. Querem o caos, mas, antes que isso ocorra, as Forças Armadas entrarão em cena para Garantia da Lei e da Ordem, segundo a Constituição Federal” não parece representar nada mais do que uma convicção, ainda que mal fundada. Mesmo a mensagem “AI-5 e intervenção militar é o grito de desespero de um povo que quer ver o seu presidente, eleito democraticamente, governar sem as amarras de dois congressistas”, de Alê Silva, em 19 de abril, não caracteriza propaganda ou incitação. É antes uma explicação de por que o povo, na visão dele, defende o AI-5 e a intervenção militar. Pouco importa quão absurdas consideremos essas análises ou mensagens; o que não se pode é pender para uma caça às bruxas em momentos de polarização política.

Há expressões que, sim, são abusivas. Mas não é difícil identificá-las. A injúria, pura e simples (xingamentos aos ministros), a incitação à derrubada do STF ou ao golpe militar, etc... Surpreende, portanto, que manifestações de parlamentares, que não se encaixam neste quadrante, sendo totalmente legais, ainda que reprováveis moral ou politicamente, estejam sendo alvo de inquérito. (*Gazeta do Povo*, 23/junho/2020)

Neste editorial de jornal *on line*, há 63 ocorrências de formas verbais no presente do indicativo, 3 no presente do subjuntivo, 2 no futuro do pretérito, 12 no pretérito simples, 1 no pretérito perfeito composto e 1 no pretérito imperfeito do subjuntivo, perfazendo um total de 82 formas verbais. O *ostinato*, aqui, mostra uma predominância de verbos no presente, o que condiz com o *plano do discurso*, de Benveniste. Somados aos verbos no presente do indicativo, pertencem ao *plano do discurso* também os do presente do subjuntivo e os do futuro do pretérito, como podemos verificar no texto. O locutor, responsável pelo editorial, convoca seus leitores para o debate, e, ao mesmo tempo, revela seu ponto e vista, como comprovam as formas verbais “é necessário se questionar se não estaríamos diante de um precedente perigoso”, “pouco importa o quão absurdas consideremos” e “como avaliá-lo?”, em forma de pergunta direta. É bem o *mundo do comentário* que se configura aqui.

Os verbos nas formas pretéritas, em número bem menor, caracterizam o *mundo narrado* e são empregados, nesse editorial, para munir de “fatos” o locutor, o qual pode, assim, seguir seu posicionamento sobre a questão. Da maneira como aparecem no editorial, o passado dessas ações não é um passado “particular” do locutor, mas um passado cronológico de notícias de acontecimentos políticos, comum a todos os brasileiros. Isso pode ser visto

como estratégia argumentativa, trazendo essas informações-fatos, as quais se revestem de um caráter da ordem do incontestável, pelo modo como são apresentadas. Por exemplo, as afirmações, todas em 3ª. pessoa, no pretérito “o ministro... determinou”, “a Procuradoria... listou”, “parte delas estendeu faixas”, etc. são dadas como fatos. A partir deles é que são emitidas então as opiniões e juízos de valor do locutor: “é difícil ver”, “pouco importa quão absurdas consideremos”, “surpreende...que manifestações sejam alvo de inquérito”, etc. Ressaltamos sobretudo, nessa estratégia, o recurso da passagem de um modo enunciativo a outro, que permite produzir esse efeito entre fatos históricos e comentários e organiza o *processus* do texto.

Por fim, ainda com o texto 2 sob análise, confirmamos que as noções de *mundo-objeto da narrativa* e *mundo-objeto do comentário* evidenciam a ideia de que as formas verbais manifestam atitudes do locutor diante do mundo, ora narrando o mundo, ora comentando o mundo. São diferentes modos de enunciar que se apresentam ao falante e em que o tempo verbal se impõe como uma categoria essencial em jogo.

### Considerações finais

Inspirados pela proposta de Benveniste (1966), alertamos para o fato de que um estudo sistemático das diversas formas verbais do português e seu emprego precisa ser realizado para que se chegue a um panorama mais amplo das suas atuações nos dois planos de enunciação. Nossa proposta para este artigo foi o de realizar uma pequena parte disso. Apresentamos uma análise de dois textos, para observar, numa primeira aproximação, como se comportam os verbos no português, na distinção dos dois diferentes modos enunciativos. Nos dois textos analisados, os verbos no pretérito compuseram o *plano histórico*, ou *mundo narrado*, ao passo que o presente marcou o *plano discursivo*, ou *mundo comentado* - tendência observada também nas línguas estudadas pelos autores de referência, quais sejam, o francês e o alemão.

Além da importância da adequação ao tom que se quer dar aos enunciados, esse recurso pode desempenhar um forte papel argumentativo, na medida em que o falante pode regular, através das formas temporais dos verbos, a sua inserção sobre o que é dito, ora narrando eventos, apresentados como tendo sido produzidos à revelia do seu próprio ponto de vista sobre a questão, ora se engajando e envolvendo o interlocutor.

Finalmente, concluímos, observando que a organização temporal-

pessoal dos eventos enunciados é crucial para a organização textual e para a intercompreensão entre os falantes, pois é nesse *processus* também que os falantes podem inferir de que maneira os textos devem ser interpretados.

Sugerimos, então, que o tempo verbal possa integrar os estudos linguísticos como uma categoria de análise textual, em que se observe a distribuição das formas em *ostinato* e as alternâncias, que marcam a permanência ou a mudança de modo enunciativo, respectivamente.

### Referências bibliográficas

BENVENISTE, Émile. **Problèmes de linguistique générale, I**. Paris: Éditions Gallimard, 1966.

\_\_\_\_\_. **Problèmes de linguistique générale, II**. Paris: Éditions Gallimard, 1974.

CIULLA, Alena. A distinção de pessoa e alguns aspectos da contribuição de Benveniste para o estudo da enunciação. In: CAVALCANTE, Sávio André *et al.* (Orgs.). **Linguística: os conceitos que todos precisam conhecer** São Paulo: Pimenta Cultural, 2020a. (no prelo).

CIULLA, Alena. A referência e a dêixis em Benveniste. In: FERNANDES, Giovane Oliveira; ARESI, Fábio. (Orgs.). **O universo benvenisteano: enunciação, sociedade e semiologia**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020b. (no prelo).

KOCH, Ingedore Villaça. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1984.

KOCH, Ingedore Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2013.

GAZETA DO POVO. Editorial: **A liberdade de expressão no inquérito dos atos antidemocráticos**. Publicado em 23/06/2020. Disponível em: Leia mais em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/editoriais/a-liberdade-de-expressao-no-inquerito-dos-atos-antidemocraticos/>. Acesso em: 30 jun. 2020.

HOFF, Sara Luiza. **A nota “La traduction, la langue et l’intelligence”: o fenômeno tradutório na e a partir da reflexão sobre a linguagem de Benveniste**. 204f. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

**La traduction du monde nouveau. Sincère?** Pormonepeelabile, Centerblog.

---

net, 8/5/2008. Seção: Qu'enseigne réellement la Bible, Études approfondis. Disponível em : <http://monepeelabile.centerblog.net/4860500-La-%E2%80%9CTraduction-du-monde-nouveau%E2%80%9D-Sincere->. Acesso em : 19 jun. 2020.

ROBERT, Paul; REY, Alain; REY-DEBOVE, Josette. **Le Petit Robert**. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1988.

VERÍSSIMO, Érico. **O tempo e o vento. O arquipélago 2**. Porto Alegre: Globo, 2001.

WEINRICH, Harald. **Tempus. Besprochene und erzählte Welt**. Stuttgart: W. Kohlhammer GmbH, 1964.

WEINRICH, Harald. **Le temps: le récit et le commentaire**. Paris : Éditions du Seuil, 1973.

## **O QUE AINDA TEM A NOS DIZER BENVENISTE SOBRE LÍNGUA, LINGUAGEM E LINGUÍSTICA EM VISTA D'OLHOS SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA LINGUÍSTICA?<sup>1</sup>**

### **WHAT DOES BENVENISTE HAVE TO SAY ABOUT LANGUAGE AND LINGUISTICS IN *LOOK AT THE ON THE DEVELOPMENT OF LINGUISTICS?***

Jomson Teixeira da Silva Filho  
Universidade Federal de Alagoas, UFAL, Maceió, AL, Brasil

*É difícil ler Benveniste [...] digo isso porque é tão somente uma constatação óbvia aos olhos de todos os que se dedicam a lê-lo (FLORES, 2013, p. 19).*

*Particularmente sugestivo, até mesmo perturbador, o pensamento de Benveniste se vê frequentemente atenuado e desnaturalizado pela vulgarização de sua teoria linguística reduzida apenas às análises das marcas formais de enunciação, em detrimento das considerações teóricas de ordem mais geral, cujo alcance revela, no entanto, uma concepção forte e original das relações entre a linguagem e o homem (DESSONS, 2006, p. 26).*

**Resumo:** Este texto tem como objetivo central apresentar uma (re)leitura do artigo “Vistas d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística” de Benveniste, publicado originalmente em 1963 – em comparação com outros textos sempre que necessário –, problematizando e discutindo os conceitos presentes neste artigo sobre “língua”, “linguagem” e “linguística”. Para tanto, elegemos como chave de leitura o princípio epistemológico segundo o qual, para Benveniste, há uma relação constitutiva entre homem e linguagem, por isso, “sempre que fazemos linguística, fazemos uma reflexão antropológica” (FLORES, 2013, 2020).

**Palavras-chave:** Benveniste; língua; linguagem; faculdade simbólica; linguística.

**Abstract:** The main objective of this text is to present a (re) reading of Benveniste’s article “Look at the development of linguistics”, originally published in 1963 - in comparison with other texts whenever necessary - problematizing and discussing the present concepts in this article on “language”, and “linguistics”. To this end, we chose the epistemological principle according

---

<sup>1</sup>Destacamos, desde já, que este texto, por vezes, reproduz, revisa e/ou amplia partes da tese de doutorado do autor.

---

to which, for Benveniste, there is a constitutive relationship between man and language, so “whenever we do linguistics, we do an anthropological reflection”. (FLORES, 2013, 2020).

*Keywords:* Benveniste; language; symbolic faculty, linguistics.

## Palavras iniciais

Discorrer acerca de Benveniste é, de certa forma, um desafio. Dizemos isso, haja vista sua grande contribuição aos estudos linguísticos, tanto quanto o fez Saussure. Assim como este, Benveniste é enigmático. Flutua<sup>2</sup> entre termos fundamentais dentro da linguística, como *língua, linguagem, signo, símbolo, falante*, e não chega a constituir um corpo sistemático unitário de estudos a que podemos chamar de “teoria única”, no sentido estrito da expressão. Ainda assim, pelo conjunto de suas discussões, entendemos haver uma “teoria da linguagem” benvenistiana.

Nesse sentido, Dessons (2006) afirma que os estudos de Benveniste podem ser elencados a partir de três esferas principais, a saber, os estudos iranianos, os da gramática comparada das línguas indo-europeias e os de linguística geral. Gostaríamos, desde já, de demarcar nossa filiação nesta discussão, à esfera dos estudos de linguística geral.

Arrivé (1997), por sua vez, afirma que Benveniste é o linguista francês que mais marcou o século XX, não só dentro do campo da linguística, mas também fora dele.<sup>3</sup> Ao organizar suas *Últimas aulas no Collège de France*, Coquet e Fenoglio (2014)<sup>4</sup> também destacam que Benveniste continua sendo uma referência, ainda hoje, tanto para os estudos da linguística quanto para os estudos que se situam fora dela, mas que têm, de certa forma, a linguagem como uma de suas preocupações, corroborando com Arrivé (1997).

---

<sup>2</sup>Sobre essa questão, diz Flores: “Há uma flutuação terminológica em Benveniste. É fácil encontrar, nessa teoria, termos que, apesar de idênticos do ponto de vista da expressão, são completamente distintos quanto a seu significado (uso homonímico). Existem termos com expressões diferentes, mas que têm o mesmo conceito (uso sinonímico). Há ainda termos que adquirem nuances de sentido em diferentes momentos da reflexão do autor (uso polissêmico). Tais relações semântico-terminológicas podem ser encontradas comparando-se alguns textos entre si e dentro de um único texto” (FLORES, 2013, p. 34).

<sup>3</sup>Como destaca Flores (2013), a obra de Benveniste engloba dentro da linguística não “apenas” o campo da enunciação, mas a morfologia, a sintaxe, a lexicologia, além de outras áreas do conhecimento como a filosofia, a psicanálise, a antropologia, a sociologia, dentre outras (p. 20).

<sup>4</sup>Estamos utilizando a tradução brasileira (2014) da obra original, publicada em 2012.

Entendendo e assumindo essa importância benvenistiana no tocante à linguística geral, em nosso caso, especificamente, tomamos a ousadia de, seguindo a instrução de Flores (2013, p. 21), ao dizer que

[...] quando se estuda Benveniste, é necessário precisar qual parte de sua obra está em exame, porque Benveniste tem uma obra que ultrapassa o campo da enunciação. Estudá-la implica fazer recortes e, antes de tudo, constituir um corpus textual de referência a partir do qual uma pesquisa pode ser desenvolvida [...] do conjunto da obra – entendido como um corpus inicial formado por fontes de diferentes naturezas – recorta-se, com base em objetivos específicos, um corpus textual de pesquisa [...].

apresentar como objetivo central uma (re)leitura<sup>5</sup> do artigo *Vistas d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística*, publicado originalmente em 1963, em comparação com outros textos sempre que houver necessidade, apresentando e discutindo os conceitos presentes artigo supracitado sobre “linguística”, “linguagem” e “língua(s)” principalmente.

Para tanto, elegemos como *chave de leitura o princípio epistemológico*, segundo o qual, para Benveniste, há uma relação constitutiva entre homem e linguagem, por isso, “sempre que fazemos linguística, fazemos uma reflexão antropológica” (FLORES, 2013, 2020<sup>6</sup>). Nesse sentido, embora estejamos sendo enfáticos ao afirmar que nossa leitura tem como objeto o artigo referido, não desconsideraremos o conjunto da obra de Benveniste que toca o homem como ser constituído na e pela linguagem.

Flores (2020), em conferência no evento “Abralín on line”, de maneira muito perspicaz, retorna ao tratamento dos termos “linguagem”, “língua” e “sujeito”. Afirma ele que, assim colocados, esses termos parecem ser causa resolvida na área da linguística, subentendendo-se que todos os especialistas do campo “sabem” exatamente seus conteúdos. Entretanto, ele afirma que o sentido desses termos, em linguística, nem é evidente, nem é unânime e que, por isso mesmo, ainda se faz necessário discussões profundas sobre eles. Seguindo essa instrução do autor, nosso artigo apresenta o seguinte percurso argumentativo: na seção que se segue, apresentamos uma síntese dos três momentos sobre os estudos da linguagem, destacados por Benveniste no texto em análise. Discutimos sobre os conceitos de “Língua”, “Linguagem”

<sup>5</sup>Nem de longe buscamos ineditismo neste feito. Essa “leitura” foi realizada, por exemplo, por Neumann (2018), em “A linguagem e a vida: reflexões acerca de língua e literatura”. Destacamos, no entanto, que, como se pode perceber, apresentamos objetivos diferentes.

<sup>6</sup>Conferência da Abralín – Abralín *on line*.

e “Linguística” nas seções subsequentes. Nossas considerações finais são apresentadas em seguida.

## 1 “Vistas d’olhos” sobre três momentos dos estudos da linguagem

Benveniste começa seu texto com uma afirmação muito interessante, segundo nossa interpretação. Diz ele que, a sua época (1963), tornou-se muito “penoso” o acesso aos trabalhos originais dos estudos que se faziam sobre a língua e a linguagem. Dizemos que essa afirmação é interessante porque em Silva Filho (2018) defendemos a necessidade de a linguística se voltar para os “originais”, para a leitura dos fundamentos, assim como parece fazer Benveniste no texto em análise.

Pensando exatamente em dois momentos “redondos”, importantes, vividos no século XXI, relacionados a Saussure, a saber: em 2013, o centenário de sua morte, ocorrida em 1913, e, em 2016, o centenário da publicação póstuma do *Curso de Linguística Geral*<sup>7</sup> (1916), muitos eventos aconteceram e estiveram relacionados ao nome do mestre genebrino que, segundo o próprio Benveniste ([1966] 1976, p. 35), “é, em primeiro lugar e sempre o homem dos fundamentos”. À época, defendemos a necessidade de se pensar o objeto da linguística a partir de uma perspectiva “mais” epistemológica, considerando a disseminação desse objeto em diferentes vertentes das chamadas linguística “strictu senso” e “lato senso”.

Essa necessidade seria suprida a partir da volta à leitura dos clássicos<sup>8</sup>, dos fundadores. Parece-nos que Benveniste, já em 1963 (estamos utilizando a edição de 1976), também compartilhou esse sentimento, já que para ele

[É] inegável: encontra-se grande dificuldade para ler os estudos dos linguistas, mas ainda mais para compreender as suas preocupações. A que visam e que fazem com esse algo que é o patrimônio de todos os homens e não cessa de atrair a sua curiosidade: a língua? (BENVENISTE, [1963] 1976, p. 19)

<sup>7</sup>Por vezes, utilizamos “CLG” ou “Curso” para nos referirmos à obra.

<sup>8</sup>Ressaltamos que ao utilizar o termo “clássicos”, de maneira alguma temos a intenção de menosprezar o trabalho fundamental de linguistas contemporâneos. Na realidade, queremos dizer que é importante se voltar para a leitura daqueles que se constituíram como autores que se colocaram na posição de reunir um conjunto de definições teóricas e epistemológicas fundadoras de nossa área, considerados na atualidade como sendo autores “datados”. Dizemos isso, devemos confessar, com um certo tom de desabafo, uma vez que já tivemos trabalhos recusados por utilizar como base teórica autores como Saussure e Hjelmslev, sob a justificativa de que “há pensadores mais atuais e seus pensamentos já sofreram muitas exegeses”.

Essa insatisfação já está em Saussure. O autor expressa de maneira enfática o desconforto com a prática teórica que se fazia em seu tempo. É o que nos mostra a carta destinada a Antoine Meillet (1894), em que lemos:

Mas estou bastante desgostoso com tudo isso, e com a dificuldade que em geral ocorre quando se escreve somente dez linhas, tendo o senso comum como matéria dos fatos da linguagem. Preocupado sobretudo, já há muito tempo, com a classificação lógica desses fatos, com a classificação de pontos de vista sob os quais nós os tratamos, eu vejo cada vez mais a imensidão do trabalho que **é preciso para mostrar ao linguista o que ele faz**, reduzindo cada operação à sua categoria prevista; e, ao mesmo tempo, a grande variedade de tudo que finalmente se pode fazer em linguística. Sem cessar, esta inépcia da terminologia corrente, a necessidade de reformá-la, e mostrar **para isso que espécie de objeto é a língua em geral**, tudo isso vem estragar meu prazer histórico, ainda que eu só tenha como meu mais caro desejo não ter de me ocupar da língua em geral [...] Isto terminará, apesar de tudo, por um livro onde, sem entusiasmo, eu explicarei por que não há um único termo empregado em linguística em relação ao qual esteja de acordo com o sentido atribuído. E só após isso confesso que poderei retomar meu trabalho no ponto em que o tinha deixado (GODEL, 1969, p. 31, grifos nossos).

Essa enorme citação de Saussure<sup>9</sup> elucidada, de forma categórica, seu desconforto e insatisfação com o que se fazia a partir da nomenclatura da linguística de sua época. Para Saussure, o problema em questão e que inquietava seu espírito erudito era o fato de que não havia na Gramática Comparada uma preocupação com o objeto “língua”, fazendo com que a linguística estivesse ancorada em princípios de outras ciências, como a biologia evolucionista, por exemplo.

Para Schleicher (1873), apenas para ilustrar o que dissemos antes, a linguagem era um organismo natural sujeito à evolução, ou seja, “a um processo de seleção análogo à seleção das espécies proposta por Darwin, o que significa que recursos de linguagem podem se extinguir ou sobreviver” (VITRAL, 2010, p. 57).

Era preciso, então, “mostrar ao linguista o que ele faz”. Flores (2013a, p. 64) sintetiza a tarefa do linguista a partir da leitura de Saussure e Benveniste: “a tarefa do linguista: conhecer as línguas para definir linguagem”. Benveniste, em *Estruturalismo e linguística* ([1968] 2005, p. 14), afirma que Saussure “recusava quase tudo que se fazia em seu tempo”. Nos *Escritos*

---

<sup>9</sup>Como leitor de Saussure, não me senti autorizado a parafrasear suas palavras. Não seria capaz de expressar com tanta beleza o pensamento do autor.

de *Linguística Geral*<sup>10</sup> (2004, p. 150), Saussure nos diz: “Entende-se que o astrônomo observa e calcula, que o crítico critica, que o historiador relata e que o linguista compara. Por que o linguista compararia, ou por que estaria ele condenado, em seu ofício, a comparar?”.

Ao historicizar, ainda que de maneira breve, esse caminho dos estudos da linguagem até chegar a Saussure e sua preocupação tal qual mostramos acima, Benveniste ([1963] 1976) nos elucidava três momentos importantes da história da linguística.

O autor afirma que a linguística ocidental nasce da filosofia grega. Destaca que toda a terminologia linguística está ligada diretamente aos termos gregos ou, ainda, ao latim, que segundo o autor é uma “tradução” do grego. Entretanto, Benveniste nos diz que o interesse dos pensadores gregos pelo objeto “língua” não passou de um interesse filosófico, em especial no que se relaciona à origem da linguagem, como sendo natural ou convencional. Sobre isso, diz Lyons (1979, p. 4, grifos do autor):

Dizer que uma determinada instituição era *natural* equivale a dizer que ela tinha sua origem em princípios eternos e imutáveis fora do próprio homem, e era por isso inviolável; dizer que era *convencional* equivalia a dizer que ela era o mero resultado do costume e da tradição, isto é, de algum acordo tácito, “contrato social”, entre os membros da comunidade - “contrato”, que por ser feito pelos homens, podia ser pelos homens violado.

Das palavras de Lyons, relacionando-as ao que argumenta Benveniste, percebemos a origem filosófica da discussão sobre a linguagem que faziam os gregos, de forma que não se interessavam, de fato, pelo funcionamento da língua.

Benveniste ([1963] 1976, p. 20, grifos nossos) chega a dizer que “durante séculos, dos pré-socráticos aos estoicos e aos alexandrinos, e depois no renascimento aristotélico que estende o pensamento grego até o fim da idade média latina, a língua permaneceu objeto de *especulação*, não de *observação*”.

O século XIX abre, então, um novo momento das histórias dos estudos da linguagem. É a descoberta do sânscrito, uma antiga língua sagrada da Índia. A partir dessa língua, descobriu-se a existência de uma relação de parentesco entre as chamadas línguas indo-europeias. Lyons (1979, p. 21), afirma que “dizer que duas línguas são aparentadas equivale

---

<sup>10</sup>A partir de agora, poderemos utilizar “ELG” ou “Escritos” para nos referirmos à obra.

a dizer que evoluíram de alguma língua precedente comum. É isto, aliás, o que se afirma quando se diz que elas pertencem à mesma família linguística”. É o surgimento da Gramática Comparada.

Benveniste ([1963] 1976) destaca o sucesso desse segundo momento, devido à rigorosidade de seus métodos. Ela, a Gramática Comparada<sup>11</sup>, se desenvolve a partir da relação de dois pontos de vista, acrescidos ao conceito de gramáticas clássicas já existentes, a saber, a comparação de diversas línguas e a história fonológica e gramatical de línguas em particular.

Robins (1967) afirma que a Gramática Comparada carrega o mérito de ter estabelecido um desenvolvimento teórico e metodológico que caracterizou essa disciplina como um campo científico melhor estabelecido do que os estudos linguísticos a antecederam. Nas palavras de Robins (Ibidem, p. 132), “o século XIX assistiu ao desenvolvimento de modernos conceitos, teóricos e metodológicos, no terreno histórico-comparativo e à concentração neste domínio linguístico de maior parte dos esforços e talentos dos linguistas”.

Milner (1989) afirma que a Gramática Comparada pode ser entendida como um dos grandes êxitos da ciência do século XIX, uma vez que ela permitiu acumular dados sistematizados de várias línguas, no que também corrobora Benveniste, tendo em vista o texto em análise. Entretanto, faltava à linguística comparativa responder as questões que, para Benveniste ([1963] 1976, p. 21), estavam “inquietando-se”:

[Q]ual é a natureza do fato linguístico? Qual é a realidade da língua? É verdade que não consiste senão na mudança? Mas como, embora mudando, permanece a mesma? Como então funciona e qual é a relação dos sons com o sentido? A linguística histórica não dava nenhuma resposta a essas questões, pois jamais havia precisado propô-las.

Chega-se, assim, ao terceiro momento que tem por base as discussões propostas por Saussure em seu Curso de Linguística Geral (1916), especialmente pelo conceito de “língua”, trazido pelo mestre genebrino. Benveniste faz aqui uma afirmação importante, relacionada à inquietação

descrita por Saussure em sua carta a Meillet. Agora, a partir da teorização saussuriana,

---

<sup>11</sup>Nestes trechos, reproduzimos e revisamos parte de nossa tese de doutorado (SILVA FILHO, 2018).

Os linguistas tomam consciências da tarefa que lhes cabe; estudar e descrever por meio de uma técnica adequada a realidade linguística atual, não misturar nenhum pressuposto teórico ou histórico na descrição, que deverá ser sincrônica, e analisar a língua nos seus elementos formais próprios (BENVENISTE [1963] 1976, p. 21).

Dessa forma, a linguística não tem por objeto estabelecer uma filosofia da linguagem ou a evolução das formas linguísticas, mas, a partir de seu desejo de se constituir como uma ciência formal, seu objeto deve ser a realidade intrínseca da língua. Seria a principal contribuição de Saussure, como afirmamos em Silva Filho (2018): o grau de abstração do mestre genebrino, capaz de assumir um objeto para a ciência linguística, necessário para garantir a sua legitimidade. Afirma Saussure (2004, p. 115-116):

A primeira escola da linguística não considerou a língua em sua característica de fenômeno. É preciso dizer mais. Ela ignorou o fato de linguagem, e atirou-se diretamente à língua, ou seja, ao idioma (conjunto de manifestações da linguagem de um povo numa época), e só viu o idioma através do véu da escritura. Não há fala, há apenas conjunto de letras.

Um primeiro passo se deu: da letra veio a considerar o som articulado e do papel se passou ao sujeito falante [ ]. Não há ainda linguagem, já há fala.

A conquista destes últimos anos é ter, enfim, colocado não apenas tudo o que é a linguagem e língua em seu verdadeiro nicho exclusivamente no sujeito falante seja como ser humano seja como ser social.

A linguística agora tem um objeto próprio. Mais que isso, agora é possível estabelecer métodos próprios à ciência linguística, como uma ciência formal, sincrônica, descritiva e que deverá se debruçar sobre todas as línguas de igual maneira, em todos os seus aspectos. Mas, ainda é necessário definir esse objeto, ou seja, “trata-se, com efeito, de saber em que consiste e como funciona esse objeto” (SAUSSURE, 2004, p. 22).

## **2 “Vista d’olhos” sobre objeto língua: a prioridade do sistema, a noção de estrutura e as unidades relativas**

Se pudéssemos dividir o texto de Benveniste, diríamos que o autor abre a primeira parte de seu texto que trata da “língua” com a seguinte afirmativa: “a língua forma um *sistema*” (BENVENISTE [1963] 1976, p. 22). Ele é categórico e imperativo: isso vale para qualquer língua, em

qualquer cultura, onde quer que seja falada, “da base ao topo, os sons até as complexas formas de expressão, a língua é um arranjo sistemático de partes” (Ibidem, p. 22).

Benveniste, ainda que indiretamente, parece destacar aqui a virada saussuriana. Dentre as características a que podemos associar ao chamado “corte saussuriano”, a virada de Saussure em relação à Gramática Comparada foi exatamente separar os “pontos de vistas” da análise sobre a língua: o diacrônico e o sincrônico. A diacronia observa a língua no tempo, sua evolução, compara formas linguísticas dotadas de positividade, não considera o sujeito falante no sistema; a diacronia se relaciona à história da língua.

É na sincronia que Saussure pode delimitar a tarefa da linguística a partir do objeto língua: a análise e a descrição da língua de forma imanente a partir da sincronia, de onde podemos afirmar que a sincronia está intimamente ligada à noção de sistema, e, conseqüentemente ao sujeito falante, já que é no sistema e na sincronia que o sujeito falante se encontra, como também defendem Neumann e Anjos (2019).

Vemos, então, como a noção de sistema engloba toda uma trama de primitivos teóricos dentro da teorização saussuriana a que Benveniste ([1963] 1976) faz menção em seu texto, no qual coloca o sistema como um conceito nevrálgico internamente à discussão do mestre genebrino e do mestre sírio. É a partir da noção de sistema que Saussure não só opera um corte epistemológico, como também um corte metodológico, já que a esta noção se associam outros conceitos sem os quais o pensamento de Saussure não pode ser delineado: signo, valor, arbitrariedade, funcionamento em eixos, oposição, e até aquilo de que Saussure foi acusado de exclusão pela leitura estruturalista do *Curso*, o sujeito falante.

À noção de “sistema” Benveniste ([1962] 1976, p. 98, grifos nossos) relaciona a explicação do conceito de “estrutura”. Mas, devemos entender que o mestre sírio faz referência ao fato de que existe uma *estrutura do sistema*, de modo que é o sistema que continua sendo a pedra angular. Faz-se interessante, nesse momento, retomar o que diz Benveniste ([1962] 1976), em outro texto, “*Estrutura em linguística*”. Diz o autor:

Todos concordam em que esse movimento tem a sua origem no ensinamento de Ferdinand de Saussure em Genebra, tal como foi recolhido pelos seus alunos e publicado sob o título de Cours de Linguistique Générale. Chamou-se a Saussure, com razão, o precursor do estruturalismo moderno. Ele o é, seguramente, exceto num ponto. É importante notar, para uma descrição exata desse movimento de ideias que não se deve simplificar, que

---

Saussure jamais empregou<sup>12</sup>, e qualquer sentido, a palavra estrutura. **Aos seus olhos a noção essencial é a de sistema. A novidade da sua doutrina está aí, nessa ideia - rica de implicações e que se levou muito tempo para discernir e desenvolver de que a língua forma um sistema.**

Mesmo tendo sido atribuído a Saussure o título de “pai do estruturalismo”, o que de fato aconteceu é que todos aqueles que se utilizaram de Saussure para se denominarem estruturalistas, na verdade, entenderam por *estrutura* aquilo que Saussure chamava de *sistema*. Conforme podemos depreender das palavras de Benveniste, acima, tanto em *Vistas d'olhos* como em *“Estrutura” em linguística*, é o conceito de *sistema* que abarca a centralidade da teorização saussuriana, já que é a partir dessa noção que podemos falar da relação geradora de valor linguístico, que só pode ser atribuído dentro do sistema linguístico, fora do qual se tem apenas uma “massa amorfa”.

Quando Benveniste ([1963] 1976) trata da estrutura, o que ele quer dizer é que a “língua” é composta por poucos elementos que podem ser agrupados de modo a gerar inúmeras combinações, mas que esses elementos, em si mesmos, nada significam, mas só a partir de suas combinações no *sistema de uma língua* é que eles, por fazer parte de uma *estrutura sistemática*, podem ser definidos. “É o que se entende por estrutura: tipos particulares de relações que articulam as unidades de um certo nível” (BENVENISTE, [1963] 1976, p. 22).

É especificamente nesse ponto que se pode chegar aos conceitos de “relação”, “oposição”, “negatividade” e “diferença”, visto que o mestre sírio afirma que cada uma das unidades do sistema só pode ser definida pela relação que mantém com outras unidades via oposição. Aqui aparece a máxima do signo saussuriano: *um signo é o que os outros não são*.

Não há como considerá-los isoladamente, pois as unidades linguísticas não se deixam considerar a não ser no interior do sistema, como parte de uma estrutura que, por sua vez, só pode ser analisada em relação a esse mesmo sistema, de onde Benveniste ([1963] 1976) afirma que é preciso destacar e descrever o sistema. É a partir disso que Saussure pode elaborar primeiramente um conceito de “língua”, como **um sistema de signos** e depois como um **sistema de valores puros**. Se pudermos ser mais radicais,

---

<sup>12</sup>Na verdade, como destacam Neumamm e Anjos (2019), Dosse (1993) observa que o termo “estrutura” aparece três vezes no Curso. Em busca dessas aparições, os autores encontram o termo em três passagens: nas páginas 151 e 152, na página 207 e na página 217. Nesses casos de aparição “irrisória” do termo, os autores observam que este é usado apenas para se referir à composição das palavras e da frase. Para mais detalhes, conferir texto original.

diremos, com Cunha (2008), que Saussure não teorizava sobre signos, mas sobre valores, operados na relação interna ao sistema, que só abstratamente podem ser lidos como signos (CUNHA, 2008; SILVA FILHO, 2018).

Benveniste ([1963] 1976, p. 23, grifos do autor), considerando a teia conceitual que envolve os conceitos de língua, sistema, estrutura, relação e valores, afirma:

A noção positivista do fato linguístico é substituída pela de relação. Ao invés de considerar cada elemento em si e de procurar-se a sua “causa” num estado mais antigo, encara-se cada elemento como parte de um conjunto sincrônico; o “atomismo” dá lugar ao “estruturalismo”.

Os elementos, então, fazem parte de um sistema, de um conjunto sincrônico em que as relações com outras unidades podem ser estabelecidas, não numa positividade atomística, mas como parte de uma estrutura, entendida como a relação entre as partes. Essa relação, por sua vez, pode se estabelecer através de dois pontos que, primeiramente, Saussure chamou de eixos: o sintagmático e o paradigmático. Quando se encaram as unidades em sua relação de sucessão (*in praesentia*), tem-se o eixo sintagmático. Quando se encara as unidades a partir da possível substituição de unidades por outras, tem-se o eixo paradigmático<sup>13</sup>. Diz Saussure (2003 [1916], p. 142-143, grifos nossos):

As **relações** e as **diferenças** entre os termos linguísticos se desenvolvem em duas esferas distintas, cada uma das quais é **geradora de certa ordem de valores**; [...] ambas indispensáveis para a vida da língua [...] De um lado no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento [...] tais combinações que se apoiam na extensão, podem ser chamadas de sintagmas. **Colocado num sintagma, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que precede ou ao que sucede, ou a ambos**. Por outro lado, fora do discurso, as palavras que oferecem algo em comum se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas [...] elas fazem parte desse tesouro interior que constitui a língua de casa indivíduo. Chamá-las-emos de relações associativas.

Vemos claramente, nesta citação de Saussure, como os eixos operam no sistema da língua, estabelecendo entre as unidades, seja *in praesentia*, seja *in absentia*, relações que geram valores linguísticos indispensáveis à

<sup>13</sup>Estamos usando o termo “paradigmático” para sermos fiéis ao texto de Benveniste. No CLG, no entanto, encontramos o termo “associativo”.

vida da língua. Nesse aspecto, Normand (2009) destaca que não se podem dissociar as esferas associativa e sintagmática do sujeito falante<sup>14</sup>. Todas essas noções estão imbricadas no conceito de “língua”, que caracteriza o terceiro momento dos estudos linguísticos, segundo Benveniste ([1963] 1976).

Assumindo a concepção de Saussure, Benveniste ([1963] 1976) adota seu conceito de língua como um sistema de signos. A guinada deste em relação àquele é ir além do signo, destacando a importância do fato de que sempre que nos comunicamos, fazemos por meio de frases, de diversos tipos, estabelecendo duas instâncias em relação à língua: a forma e o sentido, de onde advêm as noções de semiótico e semântico.

Quando o signo está na esfera do semiótico, assume-se a arbitrariedade radical proposta por Saussure, já que nessa instância não há uma relação natural, necessária entre a língua e o referente, ou seja, o que a língua denota no mundo, nesse sentido, os signos se encontram numa relação estabelecida pelo eixo paradigmático. A língua, então, é um sistema imanente.

A instância de língua concernente à esfera do semântico põe-na no campo da ação do discurso, que coloca o locutor na posição de sujeito, e, nesse caso, a relação entre o signo e o referente não pode ser entendida como radicalmente arbitrária, mas como necessária, uma vez que o sujeito/locutor só pode apreender o signo posto em ação no discurso, na linguagem, no momento de seu emprego. Parece ser nesse sentido que Benveniste afirma ([1963] 1976) que a realidade é produzida por intermédio da linguagem. É por meio da *língua* enquanto instância do semântico que o signo pode chegar à consciência do sujeito falante.

Seguindo essa argumentação, Neumann e Rosário (2016, p. 51) afirmam que

o semântico resulta de uma atividade do locutor que coloca a língua em ação; logo, o sentido da frase implica a referência a uma situação de discurso e à atitude do locutor. A frase é, portanto, um evento diferente a cada vez, existe somente no instante em que é proferida e se apaga nesse mesmo instante. Nela, as palavras se dispõem em cadeia, e seu sentido resulta da maneira como são combinadas e empregadas. A relação entre os signos é, então, de natureza sintagmática.

---

<sup>14</sup>Por vezes, durante o texto, fazemos menção ao sujeito falante sem dar maiores explicações sobre esse conceito que é fundamental. Fazemos isso por falta de espaço e por não ser nosso objetivo tratar do sujeito neste artigo. Para uma visão mais detalhada, recomendamos a leitura de Normand (2009), Flores (2013), assim como Neumann e Anjos (2019) e Silva Filho (2020).

Para Fiorin (2013), a língua é o sistema semiótico principal dentre os outros sistemas. Como defendemos em Silva Filho (2020), segundo o mestre sírio, isso é possível à língua devido ao seu caráter único de significação, já que a língua é o único “sistema semiótico capaz de interpretar os outros sistemas e o seu próprio, assim como também a realidade através de sua característica de dupla significância por meio de seus dois modos de significação, semiótico e semântico” (SILVA FILHO, 2020, p. 16).

### 3 “Vista d’olhos” sobre o objeto linguagem: a faculdade de simbolizar

Ainda que nosso recorte de leitura seja o texto, ao qual já nos referimos, desde o título, consideramos que se faz necessário recorrer a outros textos de Benveniste para que se tenha uma melhor compreensão daquilo que se propõe a entender desse autor. Nesse sentido, em *Da subjetividade na linguagem* (1976[1958]), Benveniste discorre sobre o conceito de “linguagem”, destacando a assunção segundo a qual esta é um instrumento de comunicação.

Para Benveniste ([1958] 1976, p. 285), no entanto, há um equívoco nesse conceito, uma vez que este nos leva a uma pressuposição de que, se a linguagem é um instrumento, pode ser criada conscientemente pelo homem que a usa, pois

[A] picareta, a flecha, a roda não estão na natureza. São fabricações. A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou. Inclinamo-nos sempre para a imaginação ingênua de um período original, em que um homem completo descobriria um semelhante igualmente completo e, entre eles, pouco a pouco, se elaboraria a linguagem. Isso é pura ficção.

Daí que para Benveniste (1976[1963]), em *Vista d’olhos*, a linguagem é uma faculdade inerente ao homem, ou seja, faz parte de sua natureza, de modo que o homem não pode fabricá-la como fez com a flecha ou a roda, por exemplo. Não há uma origem da linguagem anterior ao homem ou uma origem do homem sem a linguagem. Aquele constitui a linguagem e é por ela constituído “é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem” (BENVENISTE, (1976[1958]), p. 285).

Assim, conforme destacam Neumann e Rosário (2016), Benveniste vai de encontro à concepção de linguagem como instrumento de comunicação,

ao passo que “subverte a oposição entre natureza e cultura, ao afirmar que a linguagem está na natureza do homem” (NEUMANN; ROSÁRIO, 2016, p. 49).

Sobre isso nos diz Dessons (2006, p.99):

Benveniste submete a noção de natureza a uma mudança contextual que implica sua reinterpretação fora do par natureza-cultura, no sentido de uma especificidade antropológica. Há uma natureza do homem que pode ser pensada em uma relação de necessidade definitiva com a linguagem. A linguagem define o homem, como o homem, a linguagem.

Em *Vistas d'olhos*, na segunda parte, entendemos que Benveniste começa a tratar especificamente do conceito de linguagem, afirmando que é preciso considerar “paralelamente sua *função*” (p. 26, grifo do autor). O mestre sírio argumenta que a linguagem reproduz a realidade, ou em outras palavras, que a realidade é produzida por intermédio da linguagem, de forma que, como bem entendeu Dessons (2006), o homem é definido pela linguagem, e a linguagem, por sua vez, é definida pelo homem, numa relação ontológica. Diz Benveniste ([1963] 1976, p. 26):

Aquele que ouve apreende primeiro o discurso e através desse discurso, o acontecimento. Assim a situação inerente ao exercício da linguagem que é a da troca e do diálogo, confere ao ato de discurso dupla função: para o locutor, representa a realidade; para o ouvinte, recria a realidade. Isso faz da linguagem o próprio instrumento da comunicação intersubjetiva.

Mas, devemos ressaltar que ao tratar da relação entre a linguagem e a realidade, o autor, por tabela, toca diretamente na relação entre pensamento e língua, já que é o próprio autor quem afirma que ao reproduzir o mundo, a linguagem o submete à sua organização, à organização linguística, uma vez que o pensamento é transmitido, ou nas palavras do autor, “decomposto segundo um esquema linguístico”.

Tratando da relação entre linguagem/língua e pensamento, Saussure, por sua vez, no *Curso*, atribui à língua a função de organizar o pensamento que, sem ela, é apenas algo sem forma. Desse modo, para o mestre genebrino, o “pensamento não passa de uma massa amorfa e indistinta” (SAUSSURE, [1916] 2004, p. 130), sendo a língua responsável por sua organização. Sendo assim, a língua tem a função de intermediar a relação entre pensamento e o som/signo, visto que “a ‘forma’ do pensamento é configurada pela estrutura

da língua. E a língua por vez revela dentro do sistema das suas categorias a sua função mediadora” (BENVENISTE, [1963] 1976, p. 26-27, grifo do autor).

Em relação a isso, Benveniste ([1958] 1976) ainda é mais enfático no texto *Categorias de pensamento e categorias de língua*<sup>15</sup>. Ao argumentar sobre a relação entre pensamento e língua, o autor faz algumas afirmações que não deixam dúvidas acerca de sua concepção. Diz ele:

O pensamento só recebe forma quando é enunciado pela língua, ou seja, recebe forma da língua e na língua [...] É a estrutura da língua que dá forma ao pensamento. Para que o pensamento se torne transmissível deve tomara a forma da língua, deve passar pela língua. Só a partir da forma que a língua confere ao pensamento é que é possível a ele não se reduzir a nada ou perder seu conteúdo [...] A forma linguística é a condição primeira da possibilidade de transmissão do pensamento. O pensamento não pode dispensar a língua [...] O pensamento não pode se manifestar a não ser pela língua e a língua não tem outra função de ser a não ser significar (BENVENISTE, [1958] 1976, p. 69).

Parafraseando Benveniste, Severo (2013) destaca que o papel da língua é garantir a transmissibilidade do pensamento a partir de seu recorte e de sua organização, já que sem a língua o pensamento “pode ser reduzido a nada ou a algo ‘tão vago’ (Benveniste), tão ‘indeterminado’ (Saussure) que sua apreensão será impossível. Sem a língua como organizadora, restará a ‘massa amorfa’(Saussure), a ‘volição obscura’ (Benveniste)”. Percebe-se assim, que se faz necessário ao pensamento ser organizado pela língua e receber dela uma *forma* (SEVERO, 2013, p. 20).

Benveniste ([1963] 1976, p. 27), assim, questiona-se; “Qual é então a fonte desse poder misterioso que reside na língua?”. Ao mesmo passo em que responde:

A linguagem representa a mais alta forma de uma faculdade que é inerente à condição humana, a faculdade de *simbolizar* [...] Entendamos por aí, muito amplamente, a faculdade de representar o real por um “signo” e de compreender o “signo” como representante do real, de estabelecer, pois, uma relação de “significação” entre algo e algo diferente.

---

<sup>15</sup>Referimo-nos a este texto, neste momento, por entender a intertextualidade explícita entre ele e o texto que nos propomos a analisar neste artigo. Entretanto, entendemos que seria necessário outro trabalho para dar conta das especificidades de “Categorias...”.

Para o autor, é essa faculdade que permite ao ser humano a capacidade de entender o conceito como algo diferente do objeto, que é por esse conceito nomeado, ou seja, essa faculdade é, por essência, simbólica, e só o homem é capaz de desenvolvê-la, como se comprova, segundo Benveniste ([1963] 1976), pela observação da criança que desenvolve a capacidade de linguagem através dessa faculdade, de maneira bem distinta dos animais, que não a tem.

À semelhança do que afirma Benveniste, conforme supracitado, Saussure, nos *Escritos* (2004, p. 115, grifos nosso), nos ensina que

a linguagem é um fenômeno; **é o exercício de uma faculdade que existe no homem**. A língua é o conjunto de formas concordantes que esse fenômeno assume numa coletividade de indivíduos e numa época determinada [...] A escola de Bopp teria dito que a linguagem é uma aplicação da língua ou que esta é a condição necessária da linguagem, considerando a língua como instituída, delimitada. Hoje vê-se que há reciprocidade permanente e que, no ato de linguagem, a língua tem, ao mesmo tempo, sua aplicação e sua fonte única e contínua, e que a linguagem, é ao mesmo tempo, a aplicação e o gerador contínuo da língua....

Saussure, ainda no *Curso*, ao tratar dos conceitos de língua e sua relação com essa faculdade, afirma que é a língua que deve ser tomada como objeto da ciência linguística, em detrimento da linguagem, uma vez que somente assumindo o terreno da língua é possível a formulação de uma definição “autônoma”, língua essa que não se confunde com a linguagem, mas é apenas parte dela, como já dissemos anteriormente. Benveniste, no entanto, não exclui a linguagem como objeto da linguística, mas, ao contrário, afirma que esta tem objeto duplo.

Para Saussure ([1916] 2004, p. 21), a linguagem é uma faculdade humana, no sentido de que é uma capacidade que os seres humanos têm para desenvolver uma língua e outras manifestações *simbólicas*, mas ressalta que a faculdade da linguagem não diz respeito ao conceito mesmo de língua, uma vez que para ele a língua é o produto social dessa faculdade, a qual “desempenha o principal papel na organização da língua enquanto sistema” (p. 21). Diz Saussure([1916] 2004, p. 17, grifos nossos):

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da **faculdade de linguagem** e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir

o exercício **dessa faculdade nos indivíduos.**

Para Benveniste ([1963] 1976), essa faculdade simbólica só se realiza de fato na linguagem, sendo essa a expressão simbólica por excelência, tendo em vista que está atrelada, de forma inseparável, ao indivíduo e à sociedade. Assim, língua e sociedade não podem ser concebidas uma sem a outra, de forma que a linguagem, simbólica por excelência, se realiza na língua, por meio do sujeito falante, inserido numa sociedade que compartilha com ele essa língua.

Fazendo um “balanço” sobre a cronologia dos estudos da linguagem que vinham acontecendo desde a Gramática Comparada, passando pelos Neogramáticos até a virada do século XIX, Saussure ([1916] 2004, p. 115-116) nos diz:

A primeira escola da linguística não considerou a língua em sua característica de fenômeno. É preciso dizer mais. Ela ignorou o fato de linguagem, e atirou-se diretamente à língua, ou seja, ao idioma (conjunto de manifestações da linguagem de um povo numa época), e só viu o idioma através do véu da escritura. Não há fala, há apenas conjunto de letras.

Um primeiro passo se deu: da letra veio a considerar o som articulado e do papel se passou ao sujeito falante [ ]. Não há ainda linguagem, já há fala.

A conquista destes últimos anos é ter, enfim, colocado não apenas tudo o que é a linguagem e língua em seu verdadeiro nicho exclusivamente no sujeito falante seja como ser humano seja como ser social.

Consideramos esse longo trecho como uma síntese essencial da discussão feita nesta seção. Saussure demarca de forma muito singular a distinção entre língua e linguagem, e, ainda, estabelece de vez a relação entre esses conceitos, tomando-os como objetos da linguística.

A linguagem é entendida como uma faculdade (simbólica, nas palavras de Benveniste). A língua, por sua vez, permite o exercício dessa faculdade dando forma ao pensamento. Saussure continua dizendo que o exercício da linguagem repousa numa faculdade que nos é dada pela Natureza, ao passo que a língua constitui algo adquirido e convencional.

Vemos, então, que tanto para Saussure, quanto Benveniste, a linguagem é uma faculdade dada ao homem pela natureza. Por isso, Benveniste argumenta que só os seres humanos são capazes de transformar sinais em símbolos<sup>16</sup> (signo?), diferente dos animais que apenas obedecem a sinais,

<sup>16</sup>Neste texto, estamos deixando aspectos muitos importantes de lado, como a discussão sobre a

por não possuírem a faculdade essencialmente simbólica de linguagem, de onde o autor conclui que não se pode falar em linguagem animal, mas em comunicação animal, já que só o homem possui linguagem articulada.

Parece-nos que Benveniste se apresenta como um leitor atento de Saussure, que mesmo sem ter acesso aos *Escritos*, entendeu o que Saussure quis dizer quando afirmou que o mérito dos últimos tempos foi colocar a linguagem em seu verdadeiro nicho, o sujeito falante, visto que, como afirma Benveniste ([1958] 1976), a linguagem se realiza na língua, no sujeito, no locutor, na intersubjetividade da relação eu:tu. Daí que para Flores (2020), Benveniste está atrelado a uma linguística como reflexão antropológica que tem por base a linguagem, a(s) língua(s) e o sujeito falante, posição que também assumimos.

#### 4 “Vista d’olhos” sobre a Linguística afinal<sup>17</sup>

Gostaríamos de encerrar esse texto tratando da ciência linguística a partir de seu(s) objeto(s). Com a virada operada por Saussure em relação aos estudos da Gramática Comparada, a linguística, então, passa a ser concebida como uma ciência. Normand (2009) chega mesmo a dizer que a questão que movia Saussure era exatamente esta: “O que é língua?” (NORMAND, 2009, p. 34). Assim, apesar de já haver um estudo sistematizado e produtivo de comparação linguística, Saussure, nas palavras de Normand (2009, p. 35-36), decepciona-se ao perceber que:

a evidência para os linguistas é de que eles se ocupam com a linguagem e com as línguas; assim o afirmam, sem estabelecer uma relação clara entre esses dois termos, e sem que jamais se saiba se o termo linguagem representa o conjunto de línguas, uma língua qualquer que se estime valer por todas as línguas, uma faculdade (social e/ou natural) comum a todos os homens, nem qual estatuto possui uma língua concreta em relação a essa generalização.

---

aquisição/aprendizagem de linguagem, o conceito de cultura, a discussão em relação aos sinais e aos símbolos, o conceito de intersubjetividade (eu:tu). Esses gestos de “esquecimento” não se dão devido a considerarmos esses aspectos menos importantes, mas demarca a complexidade do texto de Benveniste que demandaria um tempo e um espaço de discussão maior do que temos. Ressaltamos que, de modo algum, esse gesto sinaliza uma menor importância para esses temas, mas ao contrário, sinaliza a não possibilidade de tomarmos esses conceitos como eles merecem neste momento.

<sup>17</sup>Assinalamos que nesta seção também reproduzimos e revisamos argumentos operados em Silva Filho (2018).

Há, evidentemente, uma preocupação de Saussure em relação à linguística, ou melhor, ao fazer do linguista, preocupação essa também demonstrada por Benveniste, fazendo, inclusive Flores (2013), afirmar que Benveniste é o linguista que Saussure sonhou. Por isso, percebemos constantemente a intenção de definir “língua”, “linguagem” em ambos os autores.

Saussure ([1916] 2004) coloca a linguística frente a dois caminhos, sincronia e diacronia e, ainda, estabelece o que caracterizaria essas duas rotas, sistematizando o fazer da linguística, mas escolhe, como já dissemos, o ponto de vista da sincronia, produzindo uma nova teorização para a noção de signo, uma teorização linguística.

Saussure começa por comparar a ciência linguística com outras ciências e afirma que estas trabalham com objetos previamente dados, diferente daquela, quando afirma que “[B]em longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que precede o objeto; aliás, nada nos diz de antemão que uma dessas maneiras de considerar o fato em questão seja anterior ou superior às outras” (SAUSSURE, [1916] 2004, p. 15).

Saussure então se questiona: “de que maneira se deve representar esse produto social para que a língua apareça perfeitamente desembaraçada do restante?” (SAUSSURE, [1916] 2004, p. 18), ao mesmo tempo em que responde: “Se pudéssemos abarcar a totalidade das imagens verbais armazenadas em todos os indivíduos, atingiríamos o liame social que constitui a língua” (SAUSSURE, [1916] 2004, p. 21).

Diz ainda Saussure ([1916] 2004, p. 21):

Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, num sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo.

Como se percebe, a língua não pode ser confundida com a linguagem, mas é apenas parte dela e deve ocupar “o primeiro lugar no estudo da linguagem” (p. 18). Saussure chega mesmo a dizer que é a língua a responsável pela unidade da linguagem.

Benveniste ([1963] 1976), por sua vez, de forma muito perspicaz, afirma como já destacamos acima, que a linguística não tem apenas um

objeto, mas dois. Diz o autor:

Começemos por observar que a linguística tem duplo objeto: é ciência da linguagem e ciência das línguas. Essa distinção, que nem sempre se faz, é necessária: a linguagem, faculdade humana, característica universal e imutável do homem, não é a mesma coisa que as línguas, sempre particulares e variáveis, nas quais se realiza. É das línguas que se ocupa o linguista e a linguística é em primeiro lugar a teoria das línguas. Dentro da perspectiva em que nos aqui colocamos, veremos que essas vias diferentes se entrelaçam com frequência e finalmente se confundem, pois os problemas infinitamente diversos das línguas têm em comum o fato de que, a um certo grau de generalidade, põem sempre em questão a linguagem (BENVENISTE, [1963] 1976, p. 20).

Parece, então, não haver dúvidas para Benveniste em relação ao objeto da ciência linguística. Esse objeto é duplo: a linguagem e a(s) língua(s). Mas, como destaca Flores (2020), o mestre sírio faz outro recorte que, à primeira vista, parece contraditório, já que mesmo ao afirmar que a linguística tem duplo objeto, ele destaca que o linguista deve se ocupar apenas das línguas. É o próprio Flores (2020) quem responde a essas indagações. Diz ele: “Não penso assim (não há contradição em Benveniste). Para Benveniste a linguagem se realiza nas línguas. Logo, as línguas contém a linguagem. Portanto, o duplo objeto a que se referia Benveniste, se apresenta ao linguista na análise que ele faz das línguas” (FLORES, 2020, em conferência).

Então, entendemos que, quando Benveniste ([1963] 1976) afirma que o linguista deve se ocupar das línguas, ele está reafirmando o fato de que se a linguagem se realiza na língua, ao estudar as línguas, portanto, pode-se chegar à linguagem, “esse cavaleiro de vários domínios”, o que de certa forma também já está em Saussure, no *Curso*, pois o mestre genebrino afirma que o linguista está obrigado a conhecer o maior número possível de línguas para que através da observação e da comparação entre elas, se possa chegar àquilo que há de universal entre as línguas, ou seja, à linguagem.

Esta parece ser também a interpretação de Fiorin (2013), quando o autor afirma que Saussure, ao eleger a língua como objeto, separando-a da linguagem, acaba por estabelecer dois objetos para a ciência linguística: um empírico (a linguagem) e um teórico (a língua). Diz o autor:

O primeiro gesto de Saussure, no *Curso*, foi definir o objeto teórico da linguística. A linguagem é a capacidade que os homens têm de comunicar-se com seus semelhantes por meio de signos (Saussure, 1969:18). No entanto, esse é o objeto empírico da linguística, não pode ser seu objeto teórico [...]

O objeto teórico é diferente do objeto empírico. Aquele é estabelecido a partir de um objeto observacional, que é a “região” do objeto empírico que será objeto de estudo [...] O objeto observacional concerte-se, então, em objeto teórico. O objeto observacional recortado por Saussure é a langue. É a partir desse objeto que todos os outros conceitos desenvolvidos pelo mestre genebrino ganham sentido (FIORIN, 2013, p. 99-100).

Entretanto, como afirma Flores (2013), a distinção entre o que é posto por Saussure como uma “recomendação” e o que é defendido por Benveniste, é que naquele a linguagem não aparece textualmente como o objeto da linguística, sendo apenas a língua eleita como tal, influenciado pelo contexto positivista do início do século XX. Para Benveniste, como vimos, o objeto é duplo. Essa distinção de Benveniste nos leva a uma redefinição do próprio campo da linguística pelo deslocamento de seu(s) objeto(s), a saber, a língua e a linguagem. Daí a síntese magistral de Flores (2013, p. 68): “O objeto da linguística benvenistiana é a linguagem tomada em toda a sua amplitude, na relação com as línguas e, obviamente, com a língua”.

### **À guisa de uma conclusão**

Neste texto, objetivamos uma discussão acerca do artigo *Vistas d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística* de Benveniste ([1963] 1976). Mais especificamente, nossa intenção foi fazer uma leitura de Benveniste que não estivesse atrelada diretamente a este autor, no que toca a sua Teoria da Enunciação, mas apresentar, como, no texto em análise, Benveniste trata de conceitos considerados como primitivos teóricos, relacionados à linguística geral.

Para tanto, discorreremos, na primeira parte, sobre os três momentos nos estudos da linguagem, destacados por Benveniste ([1963] 1976), desde os gregos até Saussure. Posteriormente, como em uma tentativa de sintetizar a complexidade do texto benvenistiano, trouxemos nossa leitura do texto de Benveniste sobre os conceitos de “língua”, “linguagem” e “linguística”, sempre o relacionando ao mestre genebrino, ao qual consideramos estar Benveniste atrelado epistemologicamente.

Obviamente, o leitor minimamente conhecedor das discussões em torno do nome de Benveniste, percebeu que não buscamos, aqui, ineditismo na discussão, visto que já há discussões em torno do aparato teórico do mestre sírio, no que concerne aos seus principais conceitos. No entanto,

mais uma vez, estamos seguindo uma orientação, ou apelo de Flores (2013), quando do encerramento de sua obra aqui por vezes citada, *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*: “É tempo de ler Benveniste” (FLORES, 2013, p. 180), já que a teoria da linguagem por ele elaborada, embora inclua a teoria da enunciação, não se restringe a ela”, mas de fato, podemos encontrar uma “teoria da linguagem de Benveniste” (FLORES, 2013, p. 190).

É nessa direção que, neste texto, buscamos trazer os conceitos que, segundo Flores (2020), parecem óbvios internamente à ciência linguística, mas que mesmo assim, são especialmente difíceis de se apreender, principalmente quando pensamos no termo “linguagem”, visto que o termo “língua” parece se apresentar como mais “claro”. Passamos, então, para concluirmos, a apresentar como forma de execução de nosso principal objetivo, uma síntese dos conceitos de “Língua”, “Linguagem” e “Linguística”, que consideramos estarem presentes em Benveniste ([1963] 1976).

Entendemos que a teorização sobre o conceito epistemológico de “língua”, em Benveniste, tem por base a definição de “língua” proposta por Saussure, como um sistema de signos, mas que Benveniste acrescenta a esse conceito – semiótico – a relação do signo com o mundo, de forma que a língua, por meio de sua função de simbolizar, pode recriar a realidade por meio do sentido, já que o próprio da língua é significar.

Nesse sentido, à língua como um sistema semiótico Benveniste acrescenta o conceito de semântico, que leva a uma análise da língua a partir da relação desta com o locutor/sujeito falante, da língua com o discurso, no seio de uma sociedade composta por sujeitos que se relacionam intersubjetivamente por meio da língua, de forma que não há como separar homem e linguagem, ontologicamente constitutivos.

Essa concepção de “língua” está diretamente ligada ao conceito de “linguagem”, elaborado por Benveniste. Como vimos, segundo o mestre sírio, a linguagem não pode ser entendida como um instrumento de comunicação a ser utilizado pelo homem que a constrói. O conceito de linguagem defendido pelo autor, antes, é aquele que permite ao homem ser tomado como um ser de linguagem, como um sujeito que se enuncia na língua e pela linguagem, que toma forma nas línguas, que por sua vez, dá sua forma ao pensamento, sem a qual seria apenas uma nebulosa, uma massa amorfa e uma volição obscura. Daí que a definição de homem implica a definição de linguagem e vice-versa.

Para Benveniste, no texto em análise e nos que aqui foram citados, a linguagem é o lugar no qual o ser humano pode se constituir como sujeito falante, que carrega em sua natureza uma faculdade simbólica por excelência, capaz de transformar sinais em signos, ou seja, a linguagem encontra seu lugar no sujeito que fala uma língua, num homem que fala com outro homem. Benveniste, assim como Saussure, coloca a linguagem em seu verdadeiro nicho, o sujeito falante.

Segundo nosso entendimento, é por isso que, para Benveniste, o objeto da linguística não pode se apresentar como a língua saussuriana nos moldes apresentados pela leitura reducionista de Saussure como o “pai do estruturalismo”, mas como a linguagem em todas as suas dimensões, como um sistema semiótico capaz de interpretar outros sistemas semióticos e como a instância do sentido capaz de significar/simbolizar o mundo e o pensamento.

A tarefa do linguista não se resume a estudar a língua imanentemente para descrever “apenas” sua estrutura, mas, a partir do sistema em que está inserida, considerar também o sujeito falante e o modo como operam os eixos sintagmáticos e associativos, que geram valores linguísticos através da relação de oposição e negatividade. Por isso, o linguista deve conhecer as línguas para se chegar à linguagem, sendo a linguística uma ciência que tem objeto duplo.

Gostaríamos de encerrar dando a palavra a Flores (2013, p. 65, grifos nossos), mais uma vez: “Benveniste assume para si, a incumbência do fazer do linguista pensado por Ferdinand de Saussure. Ou ainda de maneira mais utópica: *Benveniste é o linguista que Saussure sonhou para a linguística*”.

## Referências

- ARRIVÉ, M. Préface. Linx (**Émile Benveniste. Vingt ans après**), Nanterre, n. 9, p. 15-21, 1997.
- BENVENISTE, É. Da subjetividade na linguagem. In.: **Problemas de Linguística Geral I**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [1958] 1976.
- \_\_\_\_\_. “Estrutura” em linguística. In.: **Problemas de linguística geral I**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [1962] 1976.
- \_\_\_\_\_. Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística. In.: **Problemas de linguística geral I**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [1963] 1976.

\_\_\_\_\_. Categorias de pensamento e categorias de língua. *In.*: **Problemas de Linguística Geral I**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [1966] 1976.

\_\_\_\_\_. Estruturalismo e linguística. *In.*: **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas, SP: Pontes, [1968] 2006.

COQUET, J. C; FENOGLIO, I. Introdução. *In.*: BENVENISTE, Émile. **Últimas aulas no Collège de France**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

CUNHA, R. B. **A relação Significado e Significante em Saussure**. ReVEL. Edição especial n. 2, 2008.

DESSONS, G. **Émile Benveniste: l'invention du discours**. Éditions in Press, Paris, 2006.

FIORIN, J. L. O projeto semiológico. *In.*: **Saussure: a invenção da linguística / José Luiz Fiorin, Valdir Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan (orgs)**. – São Paulo: Contexto, 2013.

FLORES, V. N. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013<sup>a</sup>.

\_\_\_\_\_. **Linguística como reflexão antropológica: a linguagem, as línguas e o falante**. Conferência apresentada por Valdir Flores do Nascimento [s.l., s.n], 2020. 1 vídeo (2h 45min 14s). Publicado pelo canal da Associação Brasileira de Linguística. Disponível em: <<https://youtu.be/bIPRQHdSAZw>>. Acesso em: 1 jun. 2020.

\_\_\_\_\_; TEIXEIRA, M. **Introdução à Linguística da Enunciação**, 2. ed., São Paulo: Contexto, 2013.

GODEL, R. **Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de F de Saussure**. Genebra: Librairie Droz, 1969.

LYONS, J. **Introdução à linguística teórica**. Trad. De Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo: Nacional, 1979.

MILNER, J. C. **Introduction à une science du langage**. Paris: Seuil, 1989.

NEUMANN, D; ROSÁRIO, H. M. A relação entre língua/linguagem e cultura em Benveniste: uma contribuição para as ciências humanas. **Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS**, Porto Alegre, v. 9, n. esp. (supl.), s47-s57, nov. 2016. Disponível em: < <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/22367>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

\_\_\_\_\_; ANJOS, A. G. Dos limites da redução do pensamento saussuriano ao movimento estruturalista. *In.* **Novo Retorno a Saussure**. Leitura,

Maceió, v.1, n. 62, jan/jun. 2019.

NORMAND, C. **Saussure**. Trad. Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

ROBINS, R. H. **Pequena história da linguística**. Tradução de Luiz Martins Monteiro. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução Antônio Chelini et al. 26a edição. São Paulo: Cultrix, 2004[1916].

\_\_\_\_\_. **Escritos de Linguística Geral**. BOUQUET, S.; ENGLER, R. (Orgs. e Eds.). São Paulo: Cultrix, 2004.

SEVERO, R. T. Língua e linguagem como organizadoras do pensamento em Saussure e Benveniste. **Entretextos**, Londrina, v. 13, n. 1, p. 80-96, jan./jun. 2013. Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/viewFile/14495/13156>>. Acesso em: 02 mai. 2020.

SILVA FILHO, J. T. da. **Linearização e hierarquia: retomando o paradoxo posicional a partir do programa minimalista**. 2018. 146 f. Tese (doutorado em Letras e Linguística: Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Maceió, 2018.

\_\_\_\_\_. O signo linguístico entre Saussure e Benveniste: ainda de sua natureza “arbitrária” e “necessária” e sua relação com o sujeito falante/locutor. **Revista Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 23, n. 3, jul-set 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/index>>. Acesso em: 02 mai. 2020.

VITRAL, L. A antinomia sincronia/diacronia: formulação, recepção e atualidade. **Revista GEL**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 53-94, 2010. Disponível em: < <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/63>>. Acesso em: 28 jun.2020.

## LITERATURA E ENUNCIÇÃO: O EU E O DUPLO, ENTRE NARRADOR-PROTAGONISTA E INTERLOCUTOR, EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

### LITERATURE AND ENUNCIATION: THE SELF AND THE DOUBLE, BETWEEN NARRATOR- PROTAGONIST AND INTERLOCUTOR, IN *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

Fabrcio Magalhães de Souza

Secretaria de Estado de Educação e Desporto, Seduc, Manaus, AM, Brasil

Juciane dos Santos Cavalheiro

Universidade do Estado do Amazonas, UEA, Manaus, AM, Brasil

*Resumo:* Da leitura de *Grande sertão: veredas*, este trabalho faz uma análise do duplo a partir do narrador-protagonista e o seu interlocutor. Tem como sustentaco teórica o estudo realizado por Nicole Bravo (1998), que analisa o duplo como um mito literário característico da literatura ocidental e defende seu surgimento atrelado  experiência subjetiva; assim como o estudo do sistema pronominal de Émile Benveniste (1989; 1991): verificaremos como a presença do duplo no *um*  a sustentaco para configurao da subjetividade do *eu*-protagonista a partir de sua relao intersubjetiva com os outros personagens inseridos no ambiente narrativo/enunciativo.

*Palavras-chave:* GS:V; Duplo; Enunциаo.

*Abstract:* From reading *Grande sertão: veredas*, this work analyzes the double from the narrator-protagonist and his interlocutor. It has as theoretical support the study carried out by Nicole Bravo (1998), which analyzes the double as a literary myth characteristic of western literature and defends its appearance linked to subjective experience; as well as the study of the pronominal system of Émile Benveniste (1989; 1991): we will check how the presence of the double in the *one* is the support for configuring the subjectivity of the self-protagonist from its intersubjective relationship with the other characters inserted in the narrative environment / enunciative.

*Keywords:* GS: V; Double; Enunciation.

Lançado em 1956, *Grande Sertão: Veredas*<sup>1</sup>, do escritor mineiro

---

<sup>1</sup>Doravante GS:V. As citaes utilizadas foram retiradas da 19<sup>o</sup> edio publicada pela editora Nova Fronteira, em 2001.

João Guimarães Rosa, é um romance narrado em primeira pessoa pelo ex-jagunço, Riobaldo, a um ouvinte letrado da cidade, a quem chama sempre de “senhor”, cuja presença é perceptível pelas marcas que deixa em seu discurso (direto livre). O assunto norteador do diálogo é a guerra entre dois grupos de jagunços: os *joca ramiros* e os *hermógenes*. Ao contar sua história, Riobaldo faz parecer que o problema central dela gira em torno de ter-se ele mesmo tornado parte desse sistema, e que a guerra ocupa lugar de destaque em boa parte de sua narrativa. A disputa foi gerada por uma traição acontecida dentro do próprio grupo, quando o chefe Joca Ramiro é morto pelos jagunços de Hermógenes e Ricardão, antes seus aliados nas batalhas do sertão, e que fazem o bando se dividir.

Mas Riobaldo envereda por outros casos do sertão e, principalmente, nas reflexões que faz, demonstra um “tom narrativo de perplexidade e de reflexão”, seja sobre um pacto com o demônio, que teria feito ou não (a imprecisão e a dúvida fazem parte dessas memórias) seja, ainda, “pelo sentido de uma frustração amorosa”: sua amizade com um dos companheiros de jagunçagem, Diadorim, o Reinaldo, a quem, em tom confessional, diz ter amado (MORAIS, s. d., p. 5).

A partir da leitura de *GS:V*, este trabalho faz uma análise do duplo a partir do *eu*-protagonista/narrador e o *tu* (o “senhor”), e a presença de um terceiro elemento a substanciar a narrativa, Reinaldo-Diadorim. Como suporte teórico-conceitual, utilizamos: a) a tríade benvenistiana: o *eu*, o *tu* e o *ele* – o “eu” está conectado à presença (ao aqui e agora da enunciação), e implica um interlocutor (o “tu”), pois “para ser um [eu], é preciso ser dois [eu e tu], mas quando se é dois, de imediato se é três [eu, tu e ele]”, porque, para além da presença (manifesta pelo eu e tu), é preciso que a ausência [o ele] se faça presente, na medida em que “representa a todos os instantes a única perspectiva do homem” (DUFOUR, 2000, p. 55); e b) o duplo como uma experiência subjetiva, de acordo com os estudos realizados por Nicole Bravo (1998).

\*\*\*

No momento de proferir *eu*, “o locutor” sempre “implanta o *outro* diante de si, qualquer que seja o grau de presença que atribua a este outro” (BENVENISTE, 1989, p. 84), porque toda alocação<sup>2</sup> postula um

<sup>2</sup>a alocação é o tempo durante o qual um alocutório dado assume a forma “eu” diante de um “tu” (DUFOUR, 2000, p. 75).

alocutório. Todavia, quando se analisa a constituição da subjetividade de um narrador intradieético que dialoga sem interrupções, como ocorre em *GS:V*, o interlocutor, o senhor que anota o relato, descaracteriza-se, ou seja, não tem direito a tornar-se um *eu* que possa enunciar, posto que permanece sem emitir resposta explícita durante toda a narrativa. Assim, onde se localizaria, no espaço enunciativo, o interlocutor? Quem é ele?

Bravo (1998), ao tratar do mito ancestral do duplo, mostra obras onde aparecem pistas linguísticas dele: “eu-outro-ele”, “eu-dois em um”, “eu-eu mesmo” (BRAVO, 1998, p. 261). O mito do duplo até certo tempo representava uma tendência à unidade [do *eu*]. Com o término do século XVI, escreve a ensaísta, “o duplo começa a representar o heterogêneo, com a divisão do eu chegando à quebra da unidade (século XIX) e permitindo até mesmo um fracionamento ao infinito (século XX)” (BRAVO, 1998, p. 264).

A explicação a essa evolução estaria na nova concepção do homem na natureza: “com a afirmação da independência do *ego* de Deus no século XVII”, “o sujeito como centro do mundo [...] resultará na sua hipertrofia” (BRAVO, 1998, p. 264). Prossegue observando ainda que a “abertura para o espaço interior do ser, perspectiva que se inaugura no século XVII, força o abandono progressivo do postulado da unidade da consciência, da identidade de um sujeito, única e transparente” (BRAVO, 1998, p. 267). Bravo mostra que é “um conflito psíquico que cria o duplo”, como “projeção da desordem íntima” (BRAVO, 1998, p. 263); “o eu soberano que se expressava no *cogito* dá lugar ao “quem fala por mim? [...] O sujeito descobriu sua brecha.” (BRAVO, 1998, p. 279).

Ao narrar sua história, tendo o “senhor” como seu ouvinte, a quem continuamente se dirige: “o senhor ouviu”; “o senhor tolere”; “o senhor entenda”; “o senhor pergunte”; “o senhor não é como eu?” (ROSA, 2001, p. 25) – a categórica afirmação de Riobaldo

O senhor saiba: eu toda a minha vida pensei por mim mesmo, forro, sou nascido diferente. **Eu sou é eu mesmo.** Divérjo de todo mundo... Eu quase que nada sei. Mas desconfio de muita coisa (ROSA, 2001, p. 31, grifo nosso).

mostrar-se-á problemática justamente pela própria presença desse interlocutor, uma vez que todas as possibilidades “de respostas, observações, complementações, perguntas” “são pressupostas” somente pelo narrador (MORAIS, s.d., p. 5). Seria o interlocutor de Riobaldo, de fato, outra

pessoa ou o seu duplo?

Cleuza Passos (2008, p. 67) aponta que uma das causas do conflito interior de Riobaldo é o de não perceber que Diadorim era, afinal, uma mulher, o que conferiria coerência ao seu amor, contudo interdito, e o “(não)saber, nó da trajetória e sina a ser *desenredada* somente com a morte do objeto desejado, provoca o impulso de contar e ser escutado”. Cleonice Mourão (2000) também observa que “o personagem Reinaldo, enquanto Diadorim, constitui um ponto de imantação que marca o texto, expandindo-o muito além da narrativa”; assim, *GS:V* “é um espaço textual de uma excessiva dispersão” e “Diadorim atua como princípio de desestabilização, produzindo a multiplicidade e a errância de uma história que poderia ser narrada em poucas páginas” (MOURÃO, 2000, p. 158-159).

Se Riobaldo se vê sozinho tentando entender seus conflitos, pode ter criado um “outro imaginário”. Nesses seus conflitos do *alter-ego*, configurar-se-ia, então, em uma *multiplicação de eus* que garantiria a enunciação. O “senhor”, deixando de descaracterizar-se, isto é, deixando de ser um interlocutor silencioso e diferente do narrador-protagonista, passa então a ser compreendido como um duplo do próprio narrador. Na fala de Riobaldo, sua enunciação só é possível pela *presença* desse outro. A todo momento é contado ao “senhor” o relato, mas a ele está interdito, pelo narrador, o direito à fala – e isso o caracteriza como um *tu* imaginário.

Se se encarar que a narração de Riobaldo é a problematização de um *ego* bifurcado, então está o leitor diante de um caso particular de confissão, em que o interlocutor/ouvinte, longe de ser um hóspede culto, ou a providência para a adoção de “uma longa fala em primeira pessoa que, mesmo presumindo a presença de um interlocutor, coloca-o em absoluto segundo plano ao dar voz ao protagonista” (COUTINHO, 2008, p. 381), estar-se-ia antes diante de um “dizador/falador, como um aedo grego, que inscreve o que diz nos movimentos do que diz, [e] falando a partir de “nada”, o narrador é alguém em luta com a linguagem, na travessia dos signos” (HANSEN, 2000, p. 45). Esse *dizador* seria a enunciação de um sujeito (*eu*) que diz *eu* apropriando-se da língua e a enunciando a partir da posição de *eu*. Benveniste (1991, p. 286; 293), contudo, ao ancorar a subjetividade à língua, diz que, ao enunciar, o locutor instaura um interlocutor, o *tu*, e assim se estabelece a intersubjetividade na língua: “Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*” e “é a língua enquanto assumida pelo homem que fala, e sob a condição de

intersubjetividade, única que torna possível a comunicação lingüística”. Mas locutor e interlocutor se revezam no ato de enunciar, o que não acontece na narração de Riobaldo.

\*\*\*

A primeira observação a ser notada na narrativa é que o narrador pronuncia enunciados unários<sup>3</sup> (“eu sou é eu mesmo”, “eu sou Riobaldo (eu)”) enquanto fala ao seu ouvinte, de um *eu* que a todo momento afirma-se *dono* de toda a linguagem<sup>4</sup> – e a recupera, a joga, briga com as palavras, com o sertão, com os *judas*, com o-que-não-existe (o demônio), com seu amor interdito por Diadorim. Acontece que os enunciados unários por si só não se bastam, eles se instalam aí, na sua afirmação, como uma dobra sobre si mesma, um predicado que retorna ao sujeito que enuncia.<sup>5</sup>

A primeira “saída” adotada é imaginar Riobaldo num processo de fala interior, um diálogo contínuo consigo mesmo<sup>6</sup>, ou como a fala de monólogo, “resultante da cisão do *ego*” (BENVENISTE, 1989, p. 88). Ao falar do quadro figurativo da enunciação, Benveniste entende o monólogo como procedente à enunciação e que, “o que em geral caracteriza a enunciação é a acentuação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo” e, “não obstante a aparência, [o monólogo] como uma variedade de diálogo”<sup>7</sup> (BENVENISTE, 1989, p. 87).

Todavia, o *diálogo interior* como diálogo entre *eu*-falante e *eu*-ouvinte

---

<sup>3</sup>Dufour (2000, p. 35, 36) escreve que o enunciado unário “dá a escutar, de modo geral, algo como uma ‘gagueira’ (...sou...sou)” e que “Benveniste [...] definiu o sujeito falante por esta fórmula: ‘é *eu* quem diz *eu*’”.

<sup>4</sup>Hansen (2000) chama atenção para este fato escrevendo que Riobaldo “impondo sua versão do que narra [...], obriga, ironicamente, o ouvinte a uma situação de silêncio cúmplice [...] ele é o sujeito absoluto de sua própria ação narrada” (p. 49).

<sup>5</sup>“A forma unária ignora a negação, desconhece a diferença entre o sim e o não, o verdadeiro e o falso: ela funciona na *denegação*, a qual conserva o termo que exclui!” (DUFOUR, p. 38).

<sup>6</sup>“O “monólogo” é um diálogo internalizado, formulado em “linguagem interior, entre um eu locutor e um eu ouvinte. Às vezes, o eu locutor é o único a falar; o eu ouvinte permanece entretanto presente; sua presença é necessária e suficiente para tornar significativa a enunciação do eu locutor” (BENVENISTE, 1989, p. 87-88).

<sup>7</sup>Fantini (2003, p. 75), analisando a estrutura formal enunciativa em que só se ouvem as palavras do entrevistado/narrador, cria o neologismo *monodialogo*, característica, na sua observação, do diálogo pela metade de Riobaldo.

não se configura em Riobaldo<sup>8</sup>, posto que tem um destinatário a quem nomeia como “senhor”, que o *ouve* (ou seja, aquele que seria o *eu-ouvinte* de Riobaldo é, antes, um *tu-ouvinte*; logo, o que seria um *diálogo interior* é um diálogo com um *tu-imaginário*). Pois, ao enunciar como *eu*, o narrador já interdita a voz desse seu ouvinte. Como efeito de linguagem produzido “na e pela enunciação” (BENVENISTE, 1989, p. 84) de *eu-Riobaldo-narrador*, o “senhor” não poderia também ser um “ele”<sup>9</sup> só por não haver reversibilidade (troca entre locutor e interlocutor no ato enunciativo), mas sim ser um *tu* que é interditado de se tornar *eu*. E a necessidade de ser ouvido faz Riobaldo instalar à frente de si esse outro como o *tu-interlocutor*; o seu duplo, que será responsável por registrar sua própria fala<sup>10</sup>. Esse interlocutor de Riobaldo é traço/resultante de sua consciência.

\*\*\*

Ter em *GS:V* a preocupação em descobrir precisamente de quem se trata o ouvinte a quem o narrador-protagonista (Riobaldo) dirige-se (“o senhor”, de “suma doutoração”), pode levar ao seguinte questionamento: qual a importância em saber de quem se trata esse personagem, se seria realmente imprescindível fixá-lo no espaço enunciativo do testemunhador, uma vez que é levado em consideração que, “por trás dos panos”, Riobaldo está mais preocupado em entender(-se n) o sertão, assim como seu amor interditado por Diadorim e a existência do demo, do mal em si e sua negação a um mundo a que ele era contrário, na sua essência?

<sup>8</sup>Morais (s.d., p. 5) observa que Riobaldo instaura um “semi-diálogo formalizado”, que “finge um diálogo interior.” Rosenfield (2006, p. 363), por outro lado, escreve também que “falar consigo pressupõe, no mínimo, uma distância em relação a si, o espaço ou intervalo do “ser-outro”, que é o reconhecimento da alteridade”. Antes de tudo, a ensaísta mostra que é possível uma dupla leitura dessa fórmula (o diálogo interior): 1) o estranho (distanciamento em relação a si) vem a significar o reconhecimento da distância que separa o sujeito (*persona*, máscara) do seu ser-imediatos; 2) o diálogo pressupõe, também o *adiamento da fala do outro*. Acreditamos que esse adiantamento de fala em um diálogo não correspondido remete, justamente, a um interlocutor imaginário (o *tu*) que se trata do próprio desdobramento de Riobaldo, conforme falaremos mais adiante.

<sup>9</sup>Na definição do *Dicionário de Linguística da enunciação* (2009), organizado por Valdir N. Flores, Leci B. Barbisan; Maria José B. Finatto e Marlene Teixeira, o *ele* é a “face objetiva da língua” e “modo de enunciação possível para instâncias não pessoais” e que “na língua, tudo o que não é do domínio de eu-tu, pertence ao domínio do ele, da não pessoa.” (2009, p. 174).

<sup>10</sup>Luis Oliveira (2008, p. 16) escreve que o interlocutor “é um fiador da verossimilhança do romance” e será assim responsável pela transcrição do mesmo.

Kathrin Rosenfield (2006, p. 362) aponta que o “discurso direto dirigido ao senhor é permanentemente reatualizado pelas perguntas e suposições do narrador” e que ele “configura assim uma situação dialógica cuja particularidade consiste apenas na ausência de atualização da segunda voz, pelo silêncio do senhor”. Assim, é a não resposta direta do “senhor” que vai modulando o discurso do narrador, uma vez que ele dá continuidade ao diálogo fazendo ele mesmo essa atualização dentro da sua própria enunciação, o que poderia soar, num primeiro instante, como um *diálogo interior* entre “eu falante” e “eu ouvinte”, e assim supor que o “eu falante” interpela seu “eu ouvinte” usando a segunda pessoa – o *tu*<sup>11</sup>; contudo, o uso desse índice é apenas um simulacro do *eu*, mas não de um *eu* vindo do *diálogo interior*, mas de um duplo do narrador, um *eu* duplicado: eu-eu mesmo (Riobaldo), eu (Riobaldo)-tu (“senhor”), pois esse interlocutor está presente como um diferente de si mesmo (o narrador).

É assim que, pelas pistas dadas por Riobaldo, o interlocutor/ouvinte é caracterizado por certas particularidades: ele conhecia o comerciante Wulpes, amigo de Riobaldo: “[...] Ah, o senhor conheceu ele? Ô tiquinha de mundo! E como é mesmo que o senhor frasêia? *Wusp?*” (ROSA, 2001, p. 87); “interrompe” a narrativa para indagar algo que não entendera do relato (todavia, o leitor não “ouve” voz nenhuma): “Estradas vão para as *Veredas Tortas* – veredas mortas. Eu disse, o senhor não ouviu. Nem torne a falar nesse nome, não. É o que ao senhor lhe peço.” (ROSA, 2001, p. 113); tem até um bom meio de transporte para adentrar o sertão: “[...] Ao mais que, no carro-de-bois, levam muitos dias, para vencer o que em horas o senhor em seu jipe resolve [...]” (ROSA, 2001, p. 118); e o narrador pede até que ele trace mapas: “[...] os lados do lugar, definir para o senhor? Só se a uso de papel, com grande debuxo. O senhor forme uma cruz, traceje. Que tenha os quatro braços, e a ponta de cada braço: cada uma é uma...” (ROSA, 2001, p. 563).

Mesmo interdito em sua fala (tornar-se *eu*), Rosenfield (2006, p. 363) mostra que “a posição do senhor está assegurada ao longo do texto, ele está ficcionalmente presente até o final do romance” e que “embora não adquira a plasticidade de um caráter individualizado”, não pode ser negligenciado. Nesse sentido, a ensaísta mostra que “o silêncio

---

<sup>11</sup>Benveniste (1989, p. 88) observa que, no diálogo interior, ora “o eu ouvinte substitui o eu locutor e se enuncia como “primeira pessoa”, ora “o eu ouvinte interpela na “segunda pessoa” o eu locutor”. Ele mostra também que em línguas como o alemão e o russo, o eu ouvinte pode pôr-se como parceiro de diálogo e empregando *tu*, quando se tratar da transposição de diálogo em monólogo.

não é ausência, mas *presença negativa*". Sua interpretação aproxima-se da observação feita por João Adolfo Hansen (2000, p. 48-49) que, ao analisar o início da narrativa

- Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de homem não. Deus esteja. Alvejei mira em árvore, no quintal, no baixo do córrego. Por meu acerto. Todo dia isso faço, gosto; desde mal em minha mocidade (ROSA, 2001, p. 23).

mostra que a fala de Riobaldo "faz como esforço de vencer o outro, incorporando-o, neutralizando-o: ágon, fala agônica" e que "esse "nonada" inicial [...]" é marca da negatividade e da denegação do texto, e "indicia o discurso agônico que, em todos os seus movimentos, tem nítida consciência da fala e também das representações do outro e, por isso, cala-o" (HANSEN, 2000, p. 48-49).

O que ocorre anteriormente a esse acontecimento enunciativo – em que tudo é falado a partir de uma negação à indagação do interlocutor (nonada pode significar "não nada", "nada disso") – não é dado a conhecer ao leitor, esse já é *pego de surpresa*, confia-se, tão somente, no testemunho do narrador-protagonista, que não deixa outro falar, a não ser ele mesmo.

O "senhor", como é *de fora* – da cidade, dá a Riobaldo o conforto de que, assim que terminar de ouvir o relato-confissão, irá embora, de modo que se afigura como "um segundo proveito: faz do jeito que eu falasse mais mesmo comigo" (ROSA, 2001, p. 55). Também confessa que "o que é ruim, dentro da gente, a gente perverte sempre por arredar mais de si. Para isso é que muito se fala?" (ROSA, 2001, p. 55). A fala de Riobaldo *contracena*, logo, como uma fala de "contradições", que vão se entretecendo continuamente.

Riobaldo continua a narração a fim de expor as indagações que o ouvinte anterior – o compadre Quelemém, que *emprestara* os ouvidos a ele, antes do ilustre visitante – ainda não o haviam aquietado: "Compadre meu Quelemém me hospedou, deixou meu contar minha história inteira" (ROSA, p. 623).

Do começo ao fim, uma coisa fica confirmada: a viagem do "senhor" pelo sertão é feita via relato: ele ouve, ele viaja, ele conhece o sertão, e o sertão está na palavra, o sertão é a palavra, que enche o cômodo no lugar em que está Riobaldo, "sentado na sua cadeira grandalhona de espreguiçar, entre um gole e outro de café, uma pitada de cigarro, onde vai reforçando seus

dias, repensando” (ROSA, p. 325). É interessante que Rosenfield (2006, p. 359-360) amplia essa existência ou vivência *via discurso* ao escrever que, na “matriz formal da narrativa” é o discurso “que atribui posições nas quais os personagens surgem progressivamente” e, na instância da *persona* autoral, “Riobaldo é nada mais do que a ficção resultante de um jogo discursivo” e, por isso, nem Riobaldo e o “senhor” existem, mas *surgem* “como projeção de um discurso que lhe[s] é atribuído pelo autor.”

Marli Fantini (2003, p. 275-276) mostra também outra faceta desse narrador: a par de seu interlocutor ser letrado (o “senhor” com “suma doutoração”), “a fala” de Riobaldo trata-se “de um logro, visto Riobaldo fazer-se insciente e fazer indagações acerca de aporias existenciais e metafísicas sobre as quais ele paradoxalmente [...] se mostra dotado de profunda sabedoria”, em contrapartida à sua afirmação de “ser pobre coitado” (ROSA, 2001, p. 30).

A interdição feita ao “senhor” (seja a neutralização de sua fala feita pelo narrador já de início, seja a não reatualização de sua voz) não representa apenas um recurso para o outro não falar, mas porque esse outro é um desdobramento da consciência fragmentada do próprio Riobaldo. Esse “senhor” constitui-se, assim, como um efeito de linguagem do narrador que, ao iniciar seu relato, se recolhe do mundo, pois gostava de estar sozinho, “sempre nas estreitas horas” (ROSA, 2001, p. 169).

\*\*\*

A grande problemática que se descortina ao longo da narrativa de Riobaldo envolve a própria constituição de sua subjetividade<sup>12</sup> na sua relação com os demais personagens do seu relato. Se, conforme Passos (2008, p. 77), Riobaldo conta “um passado ainda em reelaboração”, certo é também que ele, como sujeito, está em processo de “construção”<sup>13</sup> de si, fato este reiterado pelo próprio narrador em alguns fragmentos de sua narração:

---

<sup>12</sup>O termo a ser considerado aqui é o apontado pela teoria benvenistiana: “A subjetividade é a passagem de locutor a sujeito e essa passagem se apresenta na língua através de marcas específicas que estão no campo da categoria de pessoa” (FLORES; BARBISAN; FINATTO; TEIXEIRA, 2009, p. 219-220).

<sup>13</sup>Deise Pimentel (2003, p. 136) observa, ao analisar as transformações de Riobaldo ligadas aos seus nomes (Baldo, Professor, Cezidor, Tatarana, Urutu-Branco) que a “problemática do “homem em construção” é sempre retomada na obra de Guimarães Rosa”.

O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou (ROSA, 2001, p. 39).

Ou: “Ser dono definitivo de mim, era o que eu queria, queria. Mas Diadorim sabia disso, parece que não deixava [...]” (ROSA, 2001, p. 54) e: “O jagunço Riobaldo. Fui eu? Fui e não fui. Não fui! – porque não sou, não quero ser. Deus esteja!” (ROSA, 2001, p. 232).

É importante, nesse sentido, tomar como ponto de reflexão o caráter de sujeito<sup>14</sup> na teoria da enunciação de Émile Benveniste: ele “ancorou” a subjetividade à língua: *eu* propondo-se como locutor que mobiliza, a partir de si, uma ressignificação da língua, ao se configurar como sujeito de determinada enunciação, mais que, ao enunciar, instaura um interlocutor, o *tu*, e assim se estabelece a intersubjetividade<sup>15</sup> na língua. O mecanismo de emprego da língua afeta a língua inteira, e a subjetividade só é possível a partir da relação do *eu* com o *tu* a propósito d’*ele*. “O conjunto trinitário [eu-tu/ele] regula as relações subjetivas e intersubjetivas do homem<sup>16</sup>” (CAVALHEIRO, 2010, p. 41).

A construção, ou a busca de sua própria compreensão como sujeito, passa por um processo de tensão notável em toda sua narrativa. Mas esse processo de tensão está justamente, como já antes dito, diretamente relacionado ao seu interlocutor – o “senhor”, a propósito de um terceiro, Reinaldo-Diadorim.

\*\*\*

Agora, verificar-se-á a posição que Reinaldo-Diadorim desempenha para Riobaldo saber de si. Passos (2008) escreve que “a lembrança de Diadorim começa às margens do Rio São Francisco”, e que, “Menina, ela surge travestida no primeiro encontro com Riobaldo, criando-se o enigma que, paralelamente ao pacto com o demônio, ancorará a trama do romance

<sup>14</sup>Na teoria benvenistiana, o sujeito pode ser caracterizado não como “uma visão egocêntrica, idealista, psicologizante do sujeito [...]”, ou seja, “não comporta o estudo do sujeito como entidade [...]” mas “as marcas da enunciação do sujeito no enunciado” (FLORES; SILVA; LICHTENBERG; WEIGERT, 2008, p. 25-27). Nessa mesma interpretação, Cavalheiro aponta não o sujeito, mas sua representação na língua (2010, p. 52).

<sup>15</sup>“Inter-relação constitutiva da enunciação que pressupõe o eu e o outro mutuamente implicados” (FLORES; BARBISAN; FINATTO; TEIXEIRA, 2009, p. 146)

<sup>16</sup>Sentido antropológico.

e as incertezas do narrador” (ROSA, 2001, p. 65). É por causa de Diadorim que Riobaldo narra toda a trama, como que a costurando ao redor desse enigma. O tom confessional (de revelar, aos poucos, seu amor) já aparece em algumas partes da narrativa, em princípio como “coisas divagadas”, “contadas fora” do que seria a narrativa principal – a guerra – como faz crer Riobaldo:

Arfei. Concebi que vinham, me matavam. Nem fazia mal, me importei não. Assim, uns momentos, ao menos eu guardava a licença de prazo para me descansar. Conforme pensei em Diadorim. Só pensava era nele. Um João-gongo cantou. Eu queria morrer pensando em meu amigo Diadorim, mano-oh-mano, que estava na Serra do Pau d’Arco, quase na divisa baiana, com nossa outra metade dos sô-candelários...Com meu amigo Diadorim me abraçava, sentimento meu ia-voava reto para ele...Ai arre, mas: que esta minha boca não tem ordem nenhuma. Estou contando fora, coisas divagadas! No senhor me fio? (ROSA, 2001, p. 37).

O nome *Diadorim* permanece como significante que o designa somente quando estivesse junto com Riobaldo, já que, para o bando, ele é Reinaldo: “- “Pois então: o meu nome verdadeiro, é *Diadorim*... guarda este meu segredo. Sempre, quando sozinhos a gente estiver, é de Diadorim que você deve de me chamar, digo e peço, Riobaldo...” (ROSA, 2001, p. 172). Esse enigma vai criar o jogo de revelar/esconder<sup>17</sup> do corpo (e, logo, da identidade feminina do jagunço Reinaldo), levando Riobaldo aos seus tormentos: “Mas o mal de mim, doendo e vindo, é que eu tive de compensar, numa mão e noutra, amor com amor. Se pode? Vem horas, digo: se um aquele amor veio de Deus, como veio então – o outro?...Todo tormento” (ROSA, 2001, p. 156).

Esse é o ponto de desestabilização, que faz com que a narração de Riobaldo prolongue-se, e a *roupagem* (vestimenta e comportamento) de Diadorim não aparece como disfarce, ou usurpação, mas a constituição de uma identidade – a de *Diadorim*, faces de um mesmo (Reinaldo, Deodorina) que são várias. A identidade desse personagem também aparece fragmentada, estilhada, ou melhor, diluída em toda a narração, formando pontos obscuros, passagens incompreensivas, que irão se esclarecendo ao final da narrativa, até a morte que, por fim, em desfecho, revelará o enigma então encoberto, descoberto na nudez do jagunço – “corpo de uma mulher,

<sup>17</sup>Kathrin Rosenfield escreve que “o esconde-esconde do gênero Diadorim-Deodorina apresenta ao leitor uma charada homo-heterossexual” e que o “que vemos nesse amor depende inteiramente da amplitude ou estreiteza imaginativa de cada leitor” (2008, p. 229).

moça perfeita...” (ROSA, 2001, p. 615).

Na luta interior por denegar esse amor e querê-lo, Riobaldo vai iniciar sua narração convocando seu ouvinte. Para Passos (2008, p. 67), ao reconstituir seu passado, “desfazer laços e fios que se desdobram no presente impelem Riobaldo a rememorar”, há “a história pessoal, sustentada por uma cegueira que agora se evidencia” e “produz sua reelaboração [...] e, nela, a inserção da singularidade de Diadorim”. Também é por causa de Diadorim que Riobaldo permanece no bando como jagunço, mesmo esclarecendo: “a verdade que diga, eu achava que não tinha nascido para aquilo, de ser sempre jagunço não gostava” (ROSA, 2001, p. 82). É por meio de Reinaldo/Diadorim que Riobaldo conhece outras facetas de si, tais como a de ser jagunço e ter sensibilidade em “apreciar essas belezas sem dono do sertão” (ROSA, 2001, p. 42).

Há, ainda, uma relação metonímica entre o *corpo da narrativa* e o corpo de Diadorim<sup>18</sup>. A morte de Diadorim é convertida em narração, que vai perfazendo e costurando/trançando os pontos obscuros, e por isso só com o desenrolar, a continuação e insistência no contar, é que o sertão pela palavra vai sendo cruzado novamente por Riobaldo.

O *ele* da narrativa, a não pessoa, fantasma e mal a ser expurgado, é a morte de Diadorim, a matéria vertente em que se converte, por fim, toda a narrativa, uma vez que é ela quem motiva Riobaldo a contar e revelar o fato: a morte e descoberta do corpo de mulher debaixo da figura do jagunço. Assim, a descoberta de si ocorre a partir da revelação de que Diadorim é mulher, utilizando para tanto a estratégia do duplo (*tu*-o “senhor”) de si (*eu*-Riobaldo) no decorrer do relato, ou seja, o seu *duplo* será aquele que desconhece os fatos e, logo, não sabe ainda, ao início da narração, que Diadorim trata-se de uma mulher: “Diadorim desconversou, e se sumiu, por lá, por aí, consoante a esquisitice dele, de sempre às vezes desaparecer e tornar a aparecer, sem menos” (ROSA, 2001, p. 78), e:

---

<sup>18</sup>Essa indicação interpretativa está em Cleusa Passos (2003, p. 66-67), ao escrever que a donzelice de Diadorim é “algo inscrito em passagens textuais dispersas”, e o não-saber, nó da narrativa, “trajetória e sina a ser desenredada [...] com a morte do objeto desejado” é o que provoca o “impulso de contar e ser escutado”. Cleonice Mourão (2000) observa também que a outra face do personagem Reinaldo (Diadorim) funciona como “catalizadora da ode” que “não desaparece como função encantatória” que produziu a narração. Kathrin Rosenfield aponta para este mesmo sentido na obra ao mostrar que a surpresa e a dor do espectador Riobaldo ao assistir a morte de Diadorim levam-no a representá-la narrativamente, o que, numa análise da dimensão trágica do romance, corresponde, para o leitor, “ao conceito de *katharsis* aristotélica” (2006, p. 342).

O senhor mesmo, o senhor pode imaginar de ver um corpo claro e virgem de moça, morto à mão, esfaqueado, tinto todo do seu sangue, e os lábios e a boca descorados no branquiço, os olhos dum terminado estilo, meio abertos meio fechados? E essa moça de quem o senhor gostou, que era um destino e uma surda esperança em sua vida?! Ah, Diadorim...E tantos anos já se passaram (ROSA, 2001, p. 207).

Através desse *duplo*, Riobaldo encena em sua fala todo o processo de descoberta de Diadorim, revisitando, enquanto narra, as pistas obscuras dessa identidade dispersa no seu passado. Também, como um processo de expurgar os *fantasmas* desse passado (seu tormento), representados na morte de Diadorim e na não-realização, portanto, do seu objeto de amor, ele revive, via narração, esse acontecimento. Por isso, para poder revivê-lo, tentando recapitular/captar cada ponto disperso, ele se reinventa num *interlocutor* que desconhece, como ele, Riobaldo, no começo, o que no passado o Riobaldo personagem desconhecia.

Desse modo, assim como ele passou a conhecer por inteiro aquilo que era fragmento<sup>19</sup>, ele refaz esse mesmo *leitmotiv* no seu *duplo* – o “senhor” – e igualmente experimenta, outra vez, a descoberta, feita ao fim; os elementos dispersos do corpo também disperso se contornam, vão ganhando forma, à medida que a narração aproxima-se do fim, e a morte revela o enigma: “Ah, e a Mulher rogava: - Que trouxessem o corpo daquele rapaz moço, vistoso, o dos olhos muito verdes...Eu desguisei.” (ROSA, 2001, p. 614), e:

Eu conheci! Como em todo tempo antes eu não contei ao senhor – e mercê peço: - mas para o senhor divulgar comigo, a par, justo o travo de tanto segredo, sabendo somente no ítimo em que eu também só soube...Que Diadorim era corpo de mulher, moça perfeita...Estarreci. A dor não pode mais que a surpresa. A coice d’arma, de coronha... (ROSA, 2001, p. 615)

O fechamento se dá com o registro de batismo (o significante real), que revela o nome verdadeiro de Diadorim:

Da matriz de Itacambira, onde tem tantos mortos enterrados. Lá ela foi levada à pia. Lá registrada, assim. Em um 11 de setembro de 1800 e tantos...O senhor lê. De *Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins* – que nasceu para o dever de guerrear e nunca ter medo, sem gozo de amor...Reze o

<sup>19</sup>Para Kathrin Rosenfield (2006, p. 349-350), “é o relato – o enredamento poético (o *mythos* trágico de Aristóteles) – que instala Riobaldo na posição dupla e dúbia de ator e espectador. Esse último vê o que o primeiro não conseguia enxergar, distinguindo nas “neblinas de Siruiz” e nas “vertentes do viver” formas paradigmáticas da finitude humana”.

senhor, por essa minha alma. O senhor acha que a vida é tristonha? (ROSA, 2001, p. 620-621).

Uma vez revelado/des-coberto/desatado o “nó” da narrativa, então ela pode ser concluída, a travessia dolorosa pelo passado está feita. Riobaldo narrador *cala* as vozes antigas, e termina o corpo da narrativa, já concluído/já revelado: “Cerro. O senhor me vê. Conteí tudo. [...] Amável o senhor me ouviu [...] Amigos somos. Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia” (ROSA, 2001, p. 624).

\*\*\*

Para finalizar, a criação de um *tu*-imaginário (o “senhor”), que se caracteriza como o *duplo* do narrador, nesta proposta de leitura, torna-se verossímil por dois pontos particulares analisados: 1) o interlocutor é interditado de sua fala (sua presença é reiterada, por conseguinte, pelo sujeito-narrador, e dela dependente); 2) o narrador-protagonista está em processo de um monólogo (ou monodialogo, para Fantini [2003, p. 75]), com um ouvinte imaginado como um outro diferente de si, mas com *pontos de contato*. Esse interlocutor, como igualmente já foi visto, possibilitará Riobaldo enunciar, mesmo sendo esse *tu* um imaginário.

Mostramos ainda como, sendo resultado de “um conflito psíquico que cria o duplo” e “projeção da desordem íntima” (BRAVO, 1998, p. 263), o duplo de Riobaldo – o “senhor”, também caracterizado aqui como (tu)-destinatário, (tu)-interlocutor, surge dentro da narrativa interditado de tornar-se *eu* (no jogo de reversibilidade dos pronomes eu-tu), uma vez que apenas o narrador-protagonista fala e modula toda sua narração enunciando no lugar do seu alocutório.

Vimos que, numa primeira leitura, o “senhor” poderia ser considerado como resultado/resultante da “cisão do ego” (BENVENISTE, 1989, p. 88) de Riobaldo e, por isso, admitir esse ouvinte como um diálogo interior entre *eu ouvinte* e *eu interlocutor*. Pudemos verificar que, se assim se configurasse esse diálogo, o tu-“senhor” seria apenas um simulacro do *eu*, e mesmo um monólogo, conforme Benveniste, instaura a enunciação *dalna* língua. Observamos também que, se à primeira análise essa leitura tornava-se viável, a percepção de que, mesmo que não houvesse reversibilidade, do *tu* tornar-se *eu*, também não poderia caracterizar esse “senhor” como *ele*, a não pessoa benvenistiana, e apresentá-lo como um ausente/presente da fala do narrador.

A questão que ia perfazendo nossa análise observou, entretanto, que caracterizar o senhor como *fala interior* (*eu ouvinte*) fazia ignorar, conforme pontuou Kathrin Rosenfield (2003, p. 363), que, mesmo que não adquira a plasticidade de um caráter individualizado, ele está ficcionalmente presente até o final do romance e não pode ser negligenciado. Bem como João Adolfo Hansen (2000, p. 48-49) mostra que na sua fala agônica Riobaldo neutraliza seu interlocutor, ou Márcia Morais (s.d., p. 5) que observou que Riobaldo instaura um “semi-diálogo formalizado”, que “finge um diálogo interior.”

Ao utilizarmos a tríade pronominal benvenistiana para realizar uma análise enunciativa do duplo na obra eleita, analisamos narrador e interlocutor dentro desse quadro enunciativo. O quadro formal da enunciação fixa, ou melhor, mostra as posições ocupadas pelos personagens: o narrador/protagonista, o “senhor”, duplo de Riobaldo, levando em conta o grau de presença que aquele atribui a este, e a presença de Reinaldo-Diadorim. Pudemos perceber, assim, que o eu e o duplo, entre narrador-protagonista e interlocutor, visto a partir da análise enunciativa, nos deu subsídios para caracterizar esse “senhor” como duplo de Riobaldo (eu-eu mesmo, tu-eu).

## Referências

BRAVO, Nicole Fernandez. Duplo. In: BRUNEL, Pierre (Org.). **Dicionário de mitos literários**. 2. ed. Trad. Carlos Sussekind et al. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1998. p. 261-287.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: **Problemas de linguística geral I**. Trad. Maria da Gloria Novak e Maria Luiza Neri. Campinas: Pontes, 1991. p. 284-293.

\_\_\_\_\_. O aparelho formal da enunciação. In: \_\_\_\_\_. **Problemas de Linguística Geral II**. Trad.: Eduardo Guimarães et. al. Campinas: Pontes, 1989. p. 81-90.

CAVALHEIRO, Juciane. **Literatura e Enunciação**. Manaus: UEA Edições, 2010.

COUTINHO, Eduardo F. Discursos, fronteiras e limites na obra de Guimarães Rosa. In: FANTINI SCARPELLI, Marli de Oliveira (Org.). **A poética migrante de Guimarães Rosa**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 365-378.

DUFOUR, Dany-Robert. **Os mistérios da trindade**. Trad. Dulce Duque

- Estrada. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
- FANTINI SCARPELLI, Marli de Oliveira. Grande sertão: fronteiras. In: \_\_\_\_\_. **Guimarães Rosa: fronteiras, margens, passagens**. Cotia: Ateliê Editorial; São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2003. p. 269-282.
- FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges; FINATTO, Maria José B.; TEIXEIRA, Marlene. **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.
- FLORES, Valdir do Nascimento; SILVA, Silvana; LICHTENBERG, Sônia; WEIGERT, Thaís. **Enunciação e gramática**. São Paulo: Contexto, 2008.
- GUIMARÃES ROSA, João. **Grande sertão: veredas**. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- HANSEN, João Adolfo. **O O: a ficção da literatura em Grande Sertão: Veredas**. 1. ed. São Paulo: Hedra, 2000.
- MORAIS, Márcia Marques de. **Sujeito e Discurso: algumas considerações sobre a análise do discurso do narrador em “Grande Sertão: Veredas”**. Portal Puc-Minas. [s.d.]. Disponível em: <[http://portal.pucminas.br/imaggedb/documento/DOC\\_DSC\\_NOME\\_ARQUI20120903161941.pdf](http://portal.pucminas.br/imaggedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20120903161941.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2010.
- MOURÃO, Cleonice Paes Barreto. Diadorim: o corpo nu da narração. In: DUARTE, Lélia Parreira et al. (Orgs.). **Veredas de Rosa**. Cátedra Jorge de Sena: Belo Horizonte, 2000. p. 158-163.
- OLIVEIRA, Luiz Cláudio Vieira de. Palavras do sertão. **Revista Discutindo literatura especial**, São Paulo, Escala, ano 1, n. 4, p. 15-20, 2008.
- PASSOS, Cleusa Rios Pinheiro. Diadorim: dia da lua. In: FANTINI SCARPELLI, Marli de Oliveira (Org.). **A poética migrante de Guimarães Rosa**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 64-88.
- ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. **Desenveredando Rosa: J. G. Rosa e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.
- \_\_\_\_\_. Do “volúvel” Machado ao Rosa “romântico”: reflexões sobre o uso da(s) ironia(s) no Brasil. In: FANTINI SCARPELLI, Marli de Oliveira (Org.). **A poética migrante de Guimarães Rosa**. Belo Horizonte: UFMG, 2008. p. 64-88.

## A TEORIA DA LINGUAGEM DE ÉMILE BENVENISTE: UMA ABERTURA PARA OS ESTUDOS EM AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

### ÉMILE BENVENISTE'S THEORY OF LANGUAGE: AN OPENING TO LANGUAGE ACQUISITION STUDIES

Carmem Luci da Costa Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil

Giovane Fernandes Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil

Marlete Sandra Diedrich

Universidade de Passo Fundo, UPF, Passo Fundo, RS, Brasil

*Resumo:* Este artigo defende que a teoria da linguagem de Émile Benveniste abre possibilidades para os estudos em aquisição da linguagem. Para tanto, realiza-se um duplo movimento: *retrospectivo*, com o retorno às reflexões benvenistianas sobre a relação da criança com sua língua materna e a escrita dessa língua; *prospectivo*, com a análise de recortes enunciativos de experiências da criança na linguagem. Em ambos os movimentos, salienta-se a questão do simbolismo da linguagem como fundamento da abstração e princípio da imaginação criadora e, consequentemente, como condição da constituição da criança enquanto falante e escrevente em sua língua materna.

*Palavras-chave:* abstração; aquisição da linguagem; imaginação criadora; simbolismo.

*Abstract:* This article argues that Émile Benveniste's theory of language opens up for possibilities of language acquisition studies. For this purpose, a double movement is performed: a *retrospective* one, with a review in the Benvenistian reflections about the relation between the child and his/her mother tongue and the writing of this language; and a *prospective* one, with the analysis of enunciative clippings of the child's experiences in language. In both movements, language symbolism is highlighted as the basis of abstraction and the principle of creative imagination and, consequently, as a condition for the constitution of the child as a speaker and writer in his/her mother tongue.

*Keywords:* abstraction; language acquisition; creative imagination; symbolism.

## 1 Introdução

O livro **Dernières leçons: Collège de France (1968 et 1969)** – originalmente publicado na França em 2012, sob a direção de Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio, e, posteriormente, traduzido no Brasil em 2014, com o título **Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)**<sup>1</sup> – incorpora, ao cenário da teorização de Émile Benveniste, o problema da escrita como ligado ao humano na linguagem. Tal fato permite associar essa publicação póstuma aos temas tratados nas obras **Problemas de Linguística Geral I** e **Problemas de Linguística Geral II**<sup>2</sup>, pois, nas **Últimas aulas**, o tema da relação inicial da criança com a escrita comparece de modo análogo ao tema da relação inicial da criança com a língua materna em alguns capítulos dos PLG. Nesses capítulos, Benveniste aborda justamente a fundação humana na língua, vinculada ao simbolismo da linguagem como fundamento da abstração.

No presente artigo, temos por objetivo mostrar como a ideia benvenistiana de que a criança encontra, na faculdade simbólica da linguagem, a base da abstração viabiliza o desenvolvimento de estudos aquisicionais centrados em realizações vocais/fônicas e gráficas<sup>3</sup>, realizações essas que colocam a criança em relação constante e necessária com a língua. Assim, a discussão que ora iniciamos busca defender que a teoria da linguagem de Benveniste<sup>4</sup> abre possibilidades a estudos sobre a aquisição da língua materna e de sua escrita.

---

<sup>1</sup>Doravante, **Últimas aulas**.

<sup>2</sup>Doravante, PLG I, PLG II e PLG para referência às duas obras.

<sup>3</sup>O termo *realização vocall/fônica da língua* é utilizado, aqui, com inspiração no texto “O aparelho formal da enunciação”, em que Benveniste trata dos aspectos da enunciação: “O mais imediatamente perceptível e o mais direto [...] é a **realização vocal da língua**. [...] Na prática científica procura-se eliminar ou atenuar os traços individuais da **enunciação fônica** [...]. Mas cada um sabe que, para o mesmo sujeito, os mesmos sons não são jamais reproduzidos exatamente” (BENVENISTE, 1989, p. 82, negritos nossos). Já o termo *realização gráfica da língua* é aqui empregado com inspiração na “Aula 12” das **Últimas aulas**, na qual Benveniste formula o princípio fundamental da escrita: “No princípio, queremos transmitir ou conservar uma *mensagem*. Queremos, então, veicular *à distância* um enunciado, queremos **realizar graficamente o semiótico**” (BENVENISTE, 2014, p. 156, itálicos do original, negritos nossos).

<sup>4</sup>A ideia de uma teoria da linguagem em Benveniste, conforme Flores (2013), está relacionada à consideração, na obra benvenistiana, da proposta enunciativa como uma parte dessa reflexão, talvez uma parte de grande importância, mas não a única, visto haver, em seu trabalho, sempre a preocupação pelos diferentes modos de presença do humano na linguagem.

Para tanto, inspirados pela proposta deste número temático da Revista *Fragmentum*, adotamos um duplo viés de leitura da teoria benvenistiana, a um só tempo retrospectivo e prospectivo: *retrospectivo*, pois revisitamos tanto os PLG quanto as **Últimas Aulas**, a fim de resgatarmos as reflexões de Benveniste sobre a relação da criança com sua língua materna e a escrita dessa língua, focalizando, em tais reflexões, a questão da abstração; *prospectivo*, pois mobilizamos, neste artigo, recortes enunciativos de experiências da criança na linguagem, a fim de ilustrarmos a abertura que a teoria benvenistiana representa para os estudos aquisicionais.

Esse duplo viés de leitura direciona nossa incursão pelos textos que elegemos como integrantes de nosso *corpus* teórico: dos PLG I, os artigos *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística* e *Os níveis da análise linguística*; dos PLG II, a entrevista *Estruturalismo e linguística*; das **Últimas aulas**, a *Aula 8*. Além desses textos principais, recorremos a outros que, embora não nucleares em nossa investigação, subsidiam-na em momentos pontuais, caso de *Categorias de língua e categorias de pensamento*, *A forma e o sentido na linguagem*, *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, *O aparelho formal da enunciação*, *Aula 10*, *Aula 11* e *Aula 12*.

Contudo, advertimos o leitor de que não encontrará, nas páginas seguintes, uma teorização acerca de algum fenômeno específico ou mesmo acerca de mudanças na aquisição da língua materna e de sua escrita, abordagem adotada em outros estudos aquisicionais inspirados na reflexão benvenistiana, já publicados ou em andamento<sup>5</sup>. Trata-se, antes, de uma investigação cujo interesse primeiro “é *ouvir* Benveniste” (COQUET; FENOGLIO, 2014, p. 85, itálico dos autores), mais precisamente *ouvir* suas formulações sobre a constituição da criança como falante e escrevente em sua língua materna.

Essa escuta conduz a primeira parte deste texto, mais retrospectiva, na qual retomamos a ideia, central nas elaborações benvenistianas sobre a aquisição, da abstração como articulada ao simbolismo linguístico (cf. seção 2). Na segunda parte, mais prospectiva, à voz do mestre, somamos as nossas próprias vozes enquanto estudiosos que, *com* Benveniste e *a partir de* Benveniste, buscam produzir o novo em matéria de aquisição da linguagem,

---

<sup>5</sup>Silva (2007; 2009) propõe uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem, inspirada em Benveniste (1995; 1989). Ao estudo da autora, seguem-se outros que investigam *corpora* de enunciações faladas e enunciações escritas/lidas de crianças. Dentre tais estudos relacionados à língua materna em enunciações faladas, citamos o de Stumpf (2010) e o de Diedrich (2015); relacionados a enunciações escritas, há o estudo de Soares (2018) acerca da aquisição da leitura e o estudo em desenvolvimento de Oliveira (no prelo) sobre a aquisição da escrita.

enfocando a relação da criança com a língua via realizações vocais/fônicas (cf. seção 3) e via realizações gráficas (cf. seção 4).

## 2 O simbolismo linguístico e a criança na linguagem

Pensar a linguagem no humano e o humano na linguagem é pensar o simbolismo que articula essa interdependência homem-linguagem. Ao tratar do poder simbólico da linguagem no humano, Benveniste volta-se para a criança e argumenta que a faculdade simbólica é “inerente à condição humana” (BENVENISTE, 1995, p. 27). É nessa faculdade simbolizante que reside o “fundamento da abstração ao mesmo tempo que o princípio da imaginação criadora” (BENVENISTE, 1995, p. 28).

O linguista salienta que tal capacidade simbólica humana está atrelada ao nascimento das funções conceituais: “Ora, essa capacidade representativa de essência simbólica que está na base das funções conceituais só aparece no homem. Desperta muito cedo na criança [...] na aurora de sua vida consciente” (BENVENISTE, 1995, p. 28). É pelo simbólico, fundamento da abstração, que o autor distingue o homem do animal, pois “não é possível nos meios de expressão empregados pelos animais um começo ou uma aproximação da linguagem. Entre a função sensório-motora e a função representativa, há um limiar que só a humanidade transpôs” (BENVENISTE, 1995, p. 28). Nessa linha de raciocínio, Benveniste defende que a “ascensão de Homo na série animal pode haver sido favorecida pela sua estrutura corporal ou pela sua organização nervosa; [mas] deve-se antes de tudo à sua faculdade de representação simbólica, fonte comum do pensamento, da linguagem e da sociedade” (BENVENISTE, 1995, p. 29).

Para Benveniste, a faculdade simbólica é a fonte da linguagem e do pensamento, na medida em que a linguagem é a expressão simbólica por excelência e que não existe pensamento sem linguagem, sendo o próprio conhecimento do mundo determinado linguisticamente. Tal determinação do cognoscível pelo linguístico deve-se ao fato de que “a linguagem reproduz o mundo mas submetendo-o à sua própria organização” enquanto “linguagem articulada [língua], consistindo de um arranjo orgânico de partes, de uma classificação formal dos objetos e dos processos” (BENVENISTE, 1995, p. 26, acréscimo nosso).

Essa classificação formal consiste na configuração da forma do pensamento pela organização articulada da língua, ou seja, a partir da

decomposição do conteúdo do pensar em categorias linguísticas que fornecem expressão a esse conteúdo. É a língua em sua “função mediadora”: “cada locutor não pode propor-se como sujeito sem implicar o outro, o parceiro que, dotado da mesma língua, tem em comum o mesmo repertório de formas, a mesma sintaxe da enunciação e igual maneira de organizar o conteúdo”, de modo que, “a partir da função linguística, e em virtude da polaridade *eu : tu*, indivíduo e sociedade não são mais termos contraditórios, mas complementares” (BENVENISTE, 1995, p. 26, itálicos do autor).

Segundo Benveniste, além da linguagem e do pensamento, a faculdade simbólica é ainda a fonte da sociedade, pois a linguagem é uma entidade *mediatizante*, por meio da qual o símbolo linguístico realiza-se em uma expressão articulada em determinada língua, própria de uma sociedade particular, emissão essa nunca comum à espécie inteira, mas sempre socialmente situada. Por essa via, o autor sustenta ser a capacidade simbólica a capacidade mais específica do humano e a condição de ele constituir relações com outros e com a própria natureza no estabelecimento da sociedade. A aquisição da língua, com a sociedade dessa língua, é concebida a partir de um duplo axioma: (1) língua e sociedade são *dadas*; (2) língua e sociedade são *aprendidas*.

Esse duplo axioma pode receber a formulação interpretativa de que a criança é constituída pela língua, com os valores da sociedade dessa língua, ao mesmo tempo em que a constitui. Tal formulação encontra base nestas instigantes palavras do linguista:

Língua e sociedade não se concebem uma sem a outra. Uma e outra são *dadas*. Mas também uma e outra são *aprendidas* pelo ser humano, que não lhes possui um conhecimento inato. A criança nasce e desenvolve-se na sociedade dos homens. São homens adultos, seus pais, que lhe inculcam o uso da palavra. **A aquisição da língua é uma experiência que vai a par, na criança, com a formação do símbolo e a construção do objeto.** Ela descobre as coisas pelo seu nome; descobre que tudo tem um nome e que aprender o nome lhe dá a disposição das coisas. Mas descobre também que ela mesma tem um nome e que por meio dele se comunica com os que a cercam. Assim desperta nela a consciência do meio social onde está mergulhada e que moldará pouco a pouco o seu espírito por intermédio da linguagem. (BENVENISTE, 1995, p. 31, itálicos do autor, negritos nossos).

A propriedade simbólica da linguagem, atrelada ao poder significativo das línguas, é o que possibilita, no manejo humano destas, a produção de

sentidos, visto que, para uma língua ter existência, precisa estar em uso e significar nas relações entre, pelo menos, dois indivíduos:

Qualquer pessoa pode fabricar uma língua, mas ela não existe, no sentido o mais literal, desde que não haja dois indivíduos que possam **manejá-la** como nativos. Uma língua é primeiro um consenso coletivo. Como ele se dá? A criança nasce em uma comunidade linguística, ela aprende a sua língua, processo que parece instintivo, tão natural quanto o crescimento físico dos seres ou dos vegetais, mas o que ela aprende, na verdade, não é o exercício de uma faculdade “natural”, é o mundo do homem. A apropriação da linguagem pelo homem é a apropriação da linguagem pelo conjunto de dados que se considera que ela traduz, a apropriação da língua por todas as conquistas intelectuais que o **manejo da língua** permite. (BENVENISTE, 1989, p. 20-21, aspas do autor, negritos nossos).

Se o poder simbólico garante que as línguas signifiquem, a existência de uma língua depende que seu manejo produza sentido entre os que a usam. Eis aqui um importante aspecto para a constituição humana na língua: o *manejo* da língua e um *outro* para que esse manejo seja constituído como significante. Por isso, Benveniste argumenta em favor da ideia de nascimento da criança na cultura, não na natureza, uma vez que é na relação com outros que o *infans* apreende “necessariamente com a língua os rudimentos de uma cultura” (BENVENISTE, 1989, p. 23). Essa passagem é complementada pelo linguista da seguinte maneira: “[...] o que a criança adquire, aprendendo, como se diz, a falar, é o mundo no qual ela vive na realidade, que a linguagem lhe dá e sobre o qual ela aprende a agir” (BENVENISTE, 1989, p. 24).

A importância do exercício do discurso – isto é, do *manejo* da língua – é enfatizada por Benveniste no texto *Os níveis da análise linguística*, justamente quando argumenta que “é no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura” (BENVENISTE, 1995, p. 140). Isso, porque, para o linguista, o reconhecimento de unidades/signos da língua pelo locutor, no início da aquisição, ocorre em sua incessante atividade de linguagem em todas as situações. É por aí que a criança pode reconhecer/abstrair as formas como constituidoras de sentidos no sistema. Assim, os sentidos discursivos, constituídos nas relações com outros, tornam possível à criança entrar nos sentidos sistêmicos. É, portanto, via ato de enunciação, com a implantação de locutor e alocutário (aspecto da intersubjetividade) e com o estabelecimento da relação discursiva destes com o mundo (aspecto da referência), que a língua, com seus instrumentos formais, passa a ter

existência. A “inserção do discurso no mundo” (BENVENISTE, 1989, p. 85) é o que dá acesso à língua para a criança e lhe possibilita nascer nas formas e nos sentidos dessa língua-discurso.

Os **Problemas de Linguística Geral** tematizam a entrada da criança na língua com a consideração, principalmente, do *manejo* e da *mediação* dessa língua por intermédio do “aparelho vocal para produzir-se e do aparelho auditivo para ser percebida” (BENVENISTE, 1995, p. 30). Por essa relação intersubjetiva é que uma língua pode ser “abstraída” pela criança como um sistema de unidades significativas que viabiliza uma infinidade de *manejos* singulares. A criança é constituída e constitui-se, pois, nos dois modos de ser língua: língua-sistema e língua-discurso. A reflexão sobre o processo de aquisição centrada nos manejos vocais da língua, com ilustração de recortes enunciativos de crianças, terá lugar na terceira seção; no momento, visitaremos as **Últimas aulas** para pensarmos a criança em manejos gráficos da língua.

É na *Aula 8*, a primeira das oito lições que integram o capítulo 2 desse livro póstumo<sup>6</sup>, que Benveniste volta-se para a relação criança-escrita, tornando a abordar a questão da abstração. Nessa aula, o linguista parte da asserção de que “vivemos na civilização do livro, do livro lido, do livro escrito, da escrita e da leitura. Nosso pensamento está, em qualquer nível, constantemente informado pela escrita” (BENVENISTE, 2014, p. 127). Essa *constante informação* do pensamento pela escrita é definida em termos de uma *relação íntima* da “escrita com a língua toda, a fala e o próprio pensamento” (BENVENISTE, 2014, p. 127). Como entender tal citação? Seriam os termos *língua, fala e pensamento* itens de uma enumeração? Ou seria a formulação “a fala e o próprio pensamento” uma glosa explicativa da expressão “língua toda”? Passagens seguintes da *Aula 8* autorizam-nos a responder afirmativamente à terceira questão; antes, porém, de chegarmos a

---

<sup>6</sup>Devido à natureza editorial das **Últimas aulas** – que, como se sabe, é uma obra estabelecida geneticamente a partir de notas de Benveniste e de alunos que assistiram aos seus derradeiros cursos no Collège de France –, assinalaremos, nas referências entre parênteses, anotações de alunos com a expressão *nota de ouvinte*. Isso é possível, porque os editores do livro tiveram o cuidado de distinguir, no corpo do texto, as notas dos ouvintes (em caracteres menores) das notas do professor (em caracteres maiores). Também devido à natureza editorial dessa obra, em citações com destaques, não informaremos “itálicos/aspas do autor”, como fazemos em citações dos PLG, mas sim “itálicos/aspas do original”; com tal decisão, não estamos afirmando que esses destaques não são do punho do próprio Benveniste ou de seus ouvintes – estamos apenas resguardando o estatuto de autoria aos PLG enquanto obras que reúnem textos publicados em vida pelo linguista.

elas, precisamos passar pela definição de *escrita* elaborada na lição em pauta e pelas abstrações que a escrita impõe à criança que a adquire.

Benveniste propõe-se a tratar da língua e da escrita em sua *relação primordial*. Essa última expressão parece dialogar com a expressão *nível fundamental*, que, em *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, o linguista associa à noção de *língua* como sistema de formas significantes, condição da comunicação, e à noção de *sociedade* como coletividade humana, condição da existência dos homens. Com efeito, logo na sequência, o professor enuncia uma definição didática de escrita, que põe em relevo sua natureza sistêmica e abstrata: “a escrita é um sistema que supõe uma abstração de alto grau: abstrai-se do aspecto sonoro – fônico – da linguagem, com toda sua gama de entonação, de expressão, de modulação” (BENVENISTE, 2014, p. 128).

Tal *abstração de alto grau* estende-se à entrada da criança na escrita<sup>7</sup>, pois “Toda aquisição da escrita supõe uma série de abstrações” (BENVENISTE, 2014, p. 30, nota de ouvinte):

- 1) Uma primeira grande abstração reside, assim, no fato de que **a língua se torna uma realidade distinta**. De fato, instintivamente, falamos quando temos necessidade ou vontade de falar, em determinadas circunstâncias para obter determinado resultado, com uma pessoa que tem determinada voz, em determinada relação de idade, de amizade etc. Sempre há situações em que o locutor exerce seu falar. [...]
- 2) A abstração consiste, então, em **se desprender dessa riqueza contextual**, que, para o falante, é essencial.
- 3) Ele deve falar de coisas fora das circunstâncias que fazem com que tenhamos **necessidade de falar** delas, enquanto, para ele, são realidades vivas. [...]
- 4) O **processo** de aquisição da escrita. (BENVENISTE, 2014, p. 130-131, notas de ouvintes, negritos nossos).

Embora, nas notas dos ouvintes, essas quatro abstrações constem separadas e enumeradas, nas notas de Benveniste, a explicação dada a tais abstrações permite reorganizá-las em duas grandes *tomadas de consciência* da língua pelo locutor na aquisição da escrita.

A primeira tomada de consciência envolve as abstrações (1), (2) e (3): “Com a escrita, o locutor deve se desprender da representação que tem

<sup>7</sup>A esse respeito, é importante pontuar que Fenoglio (2013) também destaca a presença da noção de *abstração* na obra *Últimas aulas*, justamente quando Benveniste observa a aquisição da escrita pela criança.

instintivamente do falar enquanto atividade, enquanto exteriorização de seus pensamentos, enquanto comunicação viva”, devendo “tomar consciência da língua como realidade distinta do uso que dela faz: isso já é uma operação muito trabalhosa – como bem sabem, por experiência, aqueles que ensinam os rudimentos da escrita às crianças” (BENVENISTE, 2014, p. 129). Trata-se da *conversão da língua em uma imagem da língua*, em que todos os fatores contextuais e interlocutivos que alimentam essa *manifestação individual e coletiva* que é o exercício do falar são substituídos pelo traçado manual de signos. Conforme Benveniste, “a criança deve se abstrair da necessidade que a faz falar, ir brincar com um amigo ou comer uma maçã, para ‘objetivar’<sup>8</sup> o dado linguístico /brincar/ ou /maçã/”, sendo arremessada em “uma língua que não se dirige nem a seus amigos nem a seus pais, uma língua da qual não se sabe quem a fala nem quem a ouve” (BENVENISTE, 2014, p. 131, aspas do original).

Por certo, poder-se-ia argumentar que o exercício do escrever também implica os termos que Benveniste associa ao exercício do falar: *atividade, exteriorização de pensamentos, comunicação viva*. Afinal, ao escrevermos, igualmente estamos em *situação de diálogo* e somos movidos por uma *necessidade de escrever*. Como pode, então, o linguista caracterizar a escrita enquanto uma língua que figura, para a criança, como destituída de relações com o outro e com o mundo? Ora, o que Benveniste problematiza, aqui, não é a inexistência de intersubjetividade e referência na escrita enquanto comunicação, e sim algo anterior a isso: a suspensão temporária desses fatores em um momento muito inicial da relação da criança com a escrita, no qual ela deve *apreender* a escrita não como comunicação, mas como objetivação da língua, o que demanda considerar essa no âmbito de uma *realidade distinta* do uso que dela faz na fala.

Se a apreensão dessa realidade distinta vincula-se à primeira grande tomada de consciência da língua pelo locutor na aquisição da escrita – as abstrações (1), (2) e (3) –, a constituição propriamente dita da criança como escrevente atrela-se à segunda grande tomada de consciência – a abstração (4). Trata-se, aqui, não mais da condição da aquisição da escrita (o desprendimento do contexto de fala), mas do seu processo mesmo:

---

<sup>8</sup>Tal objetivação será definida, nas lições seguintes, em termos de *autossemiotização da língua*, nas quais a noção de escrita como *sistema semiótico* (semiológico) cede lugar, primeiro, à noção de escrita como *instrumento da autossemiotização da língua* e, em seguida, à noção de escrita como *forma secundária da fala*. Todavia, não é nosso propósito, aqui, problematizar essas diferentes concepções de escrita presentes nas **Últimas aulas**, de maneira que nos restringimos à *Aula 8*, que discute mais detidamente a aquisição da escrita pela criança.

“Outro nível de abstração é imposto a quem tem acesso à escrita, a saber: não somente a consciência – ainda que fraca<sup>9</sup> – do falar transferido à língua, **isto é**, ao pensamento”, como também “a consciência da língua **ou** do pensamento – **na verdade** das *palavras* – representada em imagens materiais. Da **palavra** ao desenho da palavra realiza-se um salto imenso, do **falar** à imagem simbólica do falar” (BENVENISTE, 2014, p. 131, itálico do original, negritos nossos). A partir dessa citação, fazemos duas observações.

Primeira observação: as três primeiras expressões parafrásticas grifadas em negrito no parágrafo anterior – *isto é*, *ou* e *na verdade* – instituem uma equivalência entre *língua*, *pensamento* e *palavras* que autoriza a interpretação que fizemos anteriormente do seguinte trecho que abre a *Aula 8*: “isso [a constante informação do pensamento pela escrita] relaciona de maneira cada vez mais íntima, extremamente íntima, a escrita com a língua toda, a fala e o próprio pensamento” (BENVENISTE, 2014, p. 127). Em ambas as passagens, os termos *língua* e *pensamento* são empregados como sinônimos, porém, enquanto na primeira passagem o terceiro termo a eles alinhado é *fala*, na segunda passagem, o terceiro termo é *palavras*. Seriam os termos *fala* e *palavras* sinônimos nessas ocorrências? Pensamos que sim e que tal relação sinonímica é corroborada pela própria citação do parágrafo anterior, a qual aproxima os termos *palavra* e *falar*, nela também destacados em negrito.

Segunda observação: o salto da palavra/do falar ao desenho da palavra/à imagem simbólica do falar, ao contrário do que o termo *salto* possa sugerir, não é imediato nem pacífico, pois “a passagem à escrita é uma reviravolta total, muito demorada para se realizar” (BENVENISTE, 2014, p. 130, nota de ouvinte). Tal *reviravolta total* coloca em cena um outro nível de abstração e simbolização, mais profundo do que o primeiro nível (a primeira tomada de consciência), visto que “o ato de escrever não procede da fala pronunciada, da linguagem em ação, mas da linguagem interior,

---

<sup>9</sup>Ressalvas de Benveniste como essa do trecho “não somente a consciência – **ainda que fraca** – do falar transferido à língua” (BENVENISTE, 2014, p. 131, negritos nossos), bem como a de trecho anterior – “Eis uma abstração que ele [o locutor, principalmente a criança na aquisição da escrita] deve – **ainda que com dificuldade** – realizar” (BENVENISTE, 2014, p. 130, negritos nossos) são de extrema importância e nos obrigam a ter cautela no uso da expressão *tomada de consciência da língua pelo locutor* e de expressões correlatas. Não se trata de atribuir, ao sujeito da aquisição da escrita, uma intencionalidade psicológica que faria dele um indivíduo plenamente consciente e controlador do seu comportamento linguístico. Como adverte Benveniste (1995, p. 68, negritos nossos), em *Categorias de pensamento e categorias de língua*, “a realidade da língua permanece, via de regra, **inconsciente**; excetuado o caso de estudo propriamente lingüístico, não temos senão uma **consciência fraca e fugidia** das operações que efetuamos para falar” e, acrescentaríamos nós, também das operações que efetuamos para escrever.

memorizada”. A escrita não é uma representação direta e transparente da *fala pronunciada*, mas “uma transposição da linguagem interior, e é preciso primeiramente aceder a essa consciência da linguagem interior **ou** da ‘língua’ para assimilar o mecanismo da conversão em escrito” (BENVENISTE, 2014, p. 132, aspas do original, negrito nosso). Aqui, a expressão *ou* ressurge, sobrepondo, dessa vez, os termos *linguagem interior* e “língua” (com aspas). Seria apenas a reiteração da sinonímia estabelecida anteriormente entre *pensamento* e *língua* (sem aspas)? Nesse caso, a *linguagem interior* estaria para o *pensamento* como a “língua” estaria para a *língua*? Cremos que não seja isso por duas razões: (a) Benveniste (2014, p. 132) mesmo afirma, apesar de não nos conceder maiores explicações, que “transferir essa linguagem interior [...] em uma forma inteligível a outros [...] exige uma atitude inteiramente diferente da que adquirimos por meio do hábito de transferir o pensamento à escrita” – *linguagem interior* e *pensamento*, então, não se recobrem; (b) o leitor experiente de Benveniste bem sabe que os recursos tipográficos se revestem de função crítica em seus escritos – “língua” e *língua*, portanto, também não se recobrem.

Como se vê, as páginas finais da *Aula 8* introduzem uma noção, a de *linguagem interior*, que opacifica ainda mais a já nebulosa teorização benvenistiana acerca da escrita nas **Últimas aulas**. Sem condições de nos determos aqui sobre tal noção, gostaríamos apenas de sublinhar que não se pode ignorá-la quando se aventura a estudar o vir a ser escrevente a partir dessa teorização: “Tornar inteligível a linguagem interior é uma operação de conversão que acompanha a elaboração da fala e a aquisição da escrita” (BENVENISTE, 2014, p. 132, nota de ouvinte).

Produto da faculdade humana de simbolizar, que consiste em “representar o real por um ‘signo’ e de compreender o ‘signo’ como representante do real, de estabelecer, pois, uma relação de ‘significação’ entre algo e algo diferente” (BENVENISTE, 1995, p. 27, itálico e aspas do autor), a abstração é uma característica do homem como ser simbólico e racional. De acordo com Benveniste, tais simbolismo e racionalidade permitem ao humano construir representações das coisas e operar sobre elas, classificando a realidade e transformando simbolicamente os elementos da experiência em conceitos distintos dos objetos concretos que representam, em um processo revelador do *poder racionalizante do espírito* – o termo é do linguista. Esse processo é igualmente revelador do *poder estruturante do simbólico* – o termo é nosso –, uma vez que é a faculdade simbolizante que está na base da organização da língua em suas realizações vocais/fônicas e gráficas e, pela língua, da organização da sociedade, do pensamento e da

realidade. O simbólico é, pois, é o traço mais definidor da humanidade.

### 3 A criança em realizações vocais/fônicas da língua

Na seção anterior, destacamos que, para Benveniste (1995, 1989), o fundamento da *abstração* está ligado ao poder *simbólico* da linguagem e é base das funções conceituais no humano. Com efeito, para o linguísta, “a faculdade simbólica no homem atinge sua realização suprema na linguagem, que é expressão simbólica por excelência; todos os outros sistemas de comunicações, gráficos, gestuais, visuais, etc. derivam dela e a supõem” (BENVENISTE, 1995, p. 30). Por isso, nesta seção, procuraremos responder à seguinte questão: como, por meio de *manejos vocais* de formas fônicas, na relação com o outro e com o mundo, a língua materna é “inculcada” na criança ao mesmo tempo em que a criança reconhece e abstrai unidades em sua entrada no sistema de sua língua materna?

Os recortes enunciativos 1<sup>10</sup> e 2, pertencentes a diferentes *corpora* de estudo em aquisição de língua materna, podem nos ajudar a responder à questão desta seção sobre o *manejo vocal da língua* por crianças em suas atividades discursivas com outros.

#### Recorte enunciativo 1<sup>11</sup>

**Participantes:** G (criança investigada), P (pai) e I (investigadora).

**Idade da criança:** 2;0.

**Situação:** G e seu pai estão na sala assistindo televisão e brincando com cartas de baralho em atividades de nomeação/identificação dos nomes das gravuras.

P: olha cada jipão

<sup>10</sup>O *corpus* de G pertence ao acervo do grupo de pesquisa interinstitucional NALíngua (Núcleo de Estudos em Aquisição da Linguagem), coordenado pelas Profas. Dras. Alessandra Del Ré (Unesp) e Márcia Romero Lopes (Unifesp).

<sup>11</sup>Na transcrição, adotamos a seguinte convenção: um cabeçalho informando os participantes da situação de enunciação, indicados por suas iniciais, as quais introduzem também os turnos de diálogo. Os comentários do transcritor sobre aspectos da situação da enunciação são indicados com a expressão “Com”. Entre colchetes [ ], são indicadas ações paralelas à fala, como risos, além de observações sobre o modo de enunciação.

- Com: a criança vira-se para a TV
- P: olha esse aqui é o caRRÃO [= o pai alonga os segmentos finais da palavra com pronúncia em tom ascendente, enfatizando a sonoridade]
- G: caRRÃO [= a criança alonga os segmentos finais e enfatiza a sonoridade da vibrante]
- G: caRRÃO [= o pai alonga os segmentos finais da palavra em tom ascendente com ênfase na sonoridade da vibrante]
- P: caRRÃO [= o pai alonga os segmentos finais da palavra em tom ascendente com ênfase na sonoridade da vibrante, evocando a relação da pronúncia desse segmento com o barulho do carro]
- G: e ipe
- P: jipe de novo, outro jipe
- G: oto jipe?
- P: e esse aqui?
- G: daDÔ? [= a criança pronuncia com entonação ascendente de dúvida]

Nessa brincadeira de nomeação entre a criança e seu pai, vemos o estabelecimento de relações entre nomes e gravuras. No entanto, mais do que esse jogo com a língua, vemos o pai e a criança numa relação humana de integração necessária entre a língua e a cultura, pois o manejo do sufixo “-ão” com entonação ascendente e com ênfase na sonoridade do fonema /r/ enlaça o sentido das unidades no sistema com um sentido particular de *manejo* dessas formas nas relações enunciativas de G com seu pai.

A criança *retoma* os modos de vocalização do pai para *reproduzir* as formas com ênfase na sonoridade da vibrante, na altura e no alongamento do sufixo “-ão”. Nessa inversibilidade enunciativa em que comparece no discurso a forma “carrão”, atribuem-se sentidos particulares às formas dessa palavra que se instauram na relação *eu-tu*. Aqui, além do sentido intralinguístico das formas enquanto unidades (signos) da língua, ganham saliência, na comunicação intersubjetiva, os sentidos singulares que as formas adquirem pelo modo particular como são enunciadas: é um sentido que enlaça um discurso no outro (o do pai e o da criança) para evocar o barulho do carro, sua beleza e sua potência. Tais valores culturais estão integrados nos modos de enunciar do pai e de G. Para além do que é emitido, a referência do discurso atualiza-se no fato de ambos mobilizarem o vocal

com determinados caracteres linguísticos que marcam valores particulares ao que nomeiam.

Nesse caso, o manejo do sufixo “-ão”, aliado aos elementos vocais da enunciação, atesta valores culturais assumidos pelo pai e partilhados pela criança. É a intersubjetividade constituindo uma história de enunciações da criança por meio de elementos vocais com sentidos que emergem em formas que estão para além da repetição de fonemas e sufixos. Esses manejos vocais ilustram o modo como fonemas, sufixos e nomes (palavras lexicais) são reconhecidos/abstraídos pela criança, enquanto unidades da língua, via atividades na linguagem em determinadas situações de discurso, e como, nesses exercícios de discurso, a criança nasce nos sentidos culturais inscritos nas formas presentes nas relações de interlocução.

O recorte enunciativo 2 nos ajuda a ilustrar como a criança, no exercício do discurso, em circunstâncias particulares, vivencia uma maneira própria de manejar unidades da mesma língua partilhada com o outro, numa manifestação que é, ao mesmo tempo, individual e coletiva. Este recorte enunciativo faz parte do *corpus* de pesquisa de Diedrich (2015) e é aqui revisitado para, a partir dele, pensarmos como, por meio de manejos vocais, na relação com o outro e com o mundo, a língua é “inculcada” na criança, ao mesmo tempo em que esta reconhece e abstrai unidades da língua no exercício do discurso.

#### Recorte enunciativo 2<sup>12</sup>

**Participantes:** D (criança investigada), B (criança de 9 anos), T (tio), I (investigadora).

**Idade da criança:** 2;7;18.

**Situação:** Todos os participantes estão reunidos na sala, enquanto as crianças brincam com um teclado de brinquedo com um microfone acoplado.

B: gooooooolll... ... vai o internacional vvaaii forlann

<sup>12</sup>Usamos as seguintes normas de transcrição: um cabeçalho contextualiza o dado, as iniciais B, I, D e T identificam as trilhas com enunciados dos participantes, a expressão “com” é usada para identificar a trilha com comentários do transcritor, os alongamentos vocálicos são marcados com a repetição da vogal alongada, as entonações ascendentes são marcadas com letras maiúsculas, o sinal [ indica sobreposição dos enunciados, dentro dos colchetes são indicadas ações paralelas à fala, como o riso.

- Com: B simula narração de futebol ao microfone de brinquedo do teclado, enquanto ri com as mãos nos olhos.
- I: cuiDAado Ber... LARGA esse microfone
- Com: D tenta tirar o microfone das mãos de B e quase derruba o teclado de brinquedo.
- D: nnãããuuu
- Com: D procura impedir Ber de usar o brinquedo.
- B: deixa eu cantá! deixa eu cantá!
- T: desliga agora bê chegachegachega
- I: agora chega [= ri]
- Com: D puxa a cadeira de B e segue brincando com outros objetos sobre uma mesinha próxima.
- B: vai internacional vai bater vai fazer o gol GOOOOOL  
[
- D: eeeeeeee caaaaaaaaaaaaa
- Com: D, cantarolando, mexe nos objetos.
- B: é DOO IINTER  
[
- D: **ÉUIIII**

O recorte enunciativo 2 apresenta uma situação enunciativa na qual a criança mais velha, B, de 9 anos, evoca em sua emissão uma experiência anterior: a narração de um jogo de futebol, como mostram os alongamentos vocálicos e os tons ascendentes que revestem as formas lexicais advindas do universo futebolístico. D, uma criança de 2 anos e 7 meses, procura interromper a brincadeira do outro, tirando-lhe o microfone de brinquedo das mãos, uma vez que este parece ser o elemento lúdico que desencadeia a simulação do evento projetado por B naquele momento, evento do qual D não está conseguindo participar. Frente à insistência do outro em continuar construindo o simulacro da narração do futebol, D procura se inserir no projeto enunciativo do outro, embora lhe faltem as formas lexicais completas para tanto.

Essa inserção dá-se pelo manejo de alguns fonemas destacados da fala do outro e revestidos de arranjos vocais que integralizam os fonemas em formas verbais aproximadas às formas usadas pelo outro: “eeeeeeee caaaaaaaaaaaaa”. Essas relações intersubjetivas, por meio de procedimentos vocais, garantem à criança ocupar seu lugar enunciativo no simulacro da narração de futebol

criado por B, o que ocorre, principalmente, via alongamentos vocálicos, assim como em “ÉUIIII”. Certamente, não é possível ainda reconhecer uma forma lexical da língua nesses arranjos, mas percebemos a língua sendo “inculcada” na criança, porque, via manejos vocais dos interlocutores, a língua – com suas relações distintivas (significativas) – comparece.

Como heranças humanas, língua e sociedade são instituições dadas e, no exercício do discurso, chegam para a criança. É por manejar a língua com o outro que a criança, imersa em formas e valores sociais, tem tais formas e valores “inculcados” ao mesmo tempo em que ela própria abstrai/reconhece formas com sentidos discursivos e sistêmicos. Nesse manejo, dois aspectos se destacam. Ocupamo-nos deles na sequência.

O primeiro aspecto diz respeito ao fato de a linguagem (a língua), segundo Benveniste (1995, p. 30, aspas do autor), ser um sistema simbólico especial, organizado em dois planos: “de um lado é um fato físico: utiliza a mediação do aparelho vocal para produzir-se, do aparelho auditivo para ser percebida. Sob esse aspecto material presta-se à observação, à descrição e ao registro”; de outro lado, “é uma estrutura imaterial, comunicação de significados, substituindo os acontecimentos ou as experiências pela sua ‘evocação’”. O recorte enunciativo 2 ilustra a vivência desses dois planos: no manejo vocal/fônico das formas da língua, B, a criança mais velha, substitui os acontecimentos pela sua evocação no discurso: tanto o jogo de futebol em si quanto a narração do jogo tornam-se acessíveis ao outro por se encontrarem organizados em formas particulares atualizadas em modos de enunciação específicos. É essa experiência que D, a criança mais nova, quer acessar, acesso possível somente por meio de expressões articuladas de uma determinada língua, o que nos leva ao segundo aspecto.

O segundo aspecto diz respeito à aprendizagem que o locutor faz do discurso quando aprende a falar, referida por Benveniste em *Os níveis da análise linguística*: “O que se torna mais ou menos sensível para ele [o locutor] é a diversidade infinita dos conteúdos transmitidos, em contraste com o pequeno número de elementos empregados” (BENVENISTE, 1995, p. 140). No recorte enunciativo 2, a criança de 2 anos e 7 meses vê-se frente a um novo conteúdo e a uma nova maneira de enunciar: o conteúdo do mundo do futebol, revelado no léxico mobilizado pela criança mais velha; e o modo de enunciar da narração de futebol explicitado nos alongamentos vocálicos e nos tons ascendentes que revestem as formas lexicais usadas. Frente ao novo, é no sistema da língua que a criança busca elementos para organizar seu discurso, manejando, à sua maneira individual, fonemas

vocálicos num arranjo que busca integralizar formas dadas a fim de que o outro reconheça, em seu enunciar, a mesma língua. Trata-se da vivência, no exercício do discurso, de uma certa familiaridade com o sistema linguístico, a qual só é possível em função do poder simbólico da língua, uma vez que “nada pode ser compreendido que não tenha sido reduzido à língua” (BENVENISTE, 1989, p. 99).

Nesta seção, a análise dos dois recortes enunciativos permite entendermos como a língua materna é “inculcada” na criança por meio de *manejos vocais* de formas fônicas, o que acontece sempre na relação com o outro e com o mundo. As análises evidenciam flagrantes da criança movendo-se no simbólico da linguagem, pois a criança é constituída por unidades da língua ao mesmo tempo em que as constitui em relações intersubjetivas e referenciais. A criança, assim, fundamenta-se como sujeito na linguagem em movimentos singulares de apreensão da língua em seus dois modos de existir: como sistema e como discurso. Concebemos, com Benveniste (1995), que é nos discursos atualizados em frases que as unidades linguísticas formam-se e configuram-se. Portanto, é nas relações discursivas com outros que a criança pode nascer em sua língua materna, a qual está impregnada dos valores da cultura de sua sociedade.

#### 4 A criança em realizações gráficas da língua

Não menos do que na relação inicial da criança com a língua em realizações vocais/fônicas, sua relação inicial com a língua em realizações gráficas é também fundada no simbolismo da linguagem. A julgar pela reflexão de Benveniste na *Aula 8*, consideramos não ser precipitado declarar que, na aquisição da escrita, a aptidão humana à abstração é impulsionada a patamares ainda mais elevados. Vejamos um episódio dessa renovada relação com a faculdade simbólica que é desencadeada pela inscrição da criança na escrita<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup>Em um estudo de aquisição da escrita à luz da teoria da linguagem benvenistiana, a noção de *recorte enunciativo*, que constitui a unidade de análise em estudos aquisicionais filiados a essa perspectiva teórica (SILVA, 2009; DIEDRICH, 2015), precisa ser redimensionada. Afinal, não se trata mais, como em estudos de aquisição da língua em sua realização vocal/fônica, somente de um recorte da alocação falada entre a criança e o outro: é preciso também dar conta do enunciado escrito nessa alocação. Por isso, o recorte enunciativo seguinte é uma unidade de análise desdobrada em dois planos enunciativos: (a) um *plano situacional*, ligado à situação de enunciação em que a criança, na relação com o outro da alocação falada e com o outro do enunciado escrito (intersubjetividade), produz escrita e leitura sobre um assunto

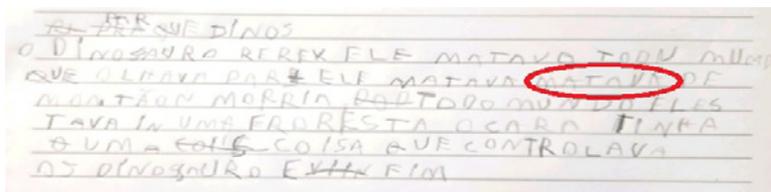
**Recorte enunciativo 3a – Alocução falada<sup>14</sup>**

<b>Participantes:</b>	E. (criança); I. (investigador).
<b>Idade da criança:</b>	8;01.01.
<b>Situação:</b>	E e I estão na sala da casa de E, sentados a uma mesa, e E escreve uma estorinha sobre um parque de dinossauros.
E:	tu qué lê?
I:	<b>não quem vai lê pra mim é tu</b>
E:	tá
I:	desde o título da historinha [...]
E:	o dinossauro rex é ele @ ele matava todo todo que olhava pra ele @ <b>ele matava matava</b>
I:	matava matava? [= ri] repetiu a palavra?
E:	é @ não porque eu repeti porque ele matava muito né?
Com:	o investigador ri alto
I:	tu repetiu por que ele matava matava?
E:	<b>árrá</b> ele matava muito
Com:	o investigador e a criança riem
I:	<b>daí tu botô a ênfase? matava e matava de novo?</b>
E:	é

específico (referência); (b) um *plano discursivo*, relativo ao discurso escrito pela criança no plano situacional. Nessa direção, o plano situacional envolve uma esfera “contextual” de análise (o *aqui-agora* da alocução falada), enquanto o plano discursivo envolve uma esfera “textual” de análise (o enunciado escrito pela criança nessa alocução). Contemplam-se, dessa maneira, tanto o ato de enunciação – o processo intersubjetivo e referencial – quanto o discurso enunciado – o produto material de forma e sentido resultante desse processo (OLIVEIRA, no prelo).

<sup>14</sup>Na transcrição deste recorte 3, oriundo do *corpus* da pesquisa em andamento de Oliveira (no prelo), são adotadas as mesmas convenções do recorte 1, com o acréscimo das seguintes marcas: “@” para indicar pausa curta e negrito para destacar trechos analiticamente relevantes.

## Recorte enunciativo 3b – Enunciado escrito



No recorte enunciativo 3a (da alocação falada), a criança (E) é inicialmente convocada pelo outro (I) a deslocar-se do lugar enunciativo de escrevente, preenchido ao escrever a estorinha que constitui o recorte enunciativo 3b (do enunciado escrito), para o lugar enunciativo de leitor, que preenche ao atender a convocação do alocutário e ler em voz alta a estória recém-escrita. Tanto na produção escrita quanto na leitura, há manejos gráficos ainda não inteiramente de acordo com a escrita constituída, como a reduplicação silábica em “rerex”. Porém, uma das características que mais chama a atenção, no enunciado escrito, é a completa ausência de sinais de pontuação na contenção do fluxo gráfico.

Ao fim da *Aula 11*, Benveniste (2014, p. 152) observa que “a fala primária é um fluxo de palavras, um contínuo. A fala secundária (a escrita) também é, em muitos casos, um contínuo [...]. Ela também pode ser afetada por separações”, sendo “a pontuação [...] a expressão em linguagem secundária das divisões e entonações sintáticas da linguagem primária”. O que o recorte 3b dá a ver é um escrevente ainda não sensível aos sinais de pontuação como *procedimentos acessórios* (BENVENISTE, 1989) da enunciação escrita, vale dizer, como instrumentos linguísticos que organizam a totalidade do escrito e os segmentos que integram tal totalidade. Essa não apreensão da função organizacional da pontuação parece sinalizar que a segunda tomada de consciência da língua pelo locutor na aquisição da escrita (a quarta abstração, vinculada à percepção das palavras representadas em imagens materiais e à produção dessas materialidades imagéticas na transposição da linguagem interior em uma forma inteligível) ainda é, para ele, um desafio.

Entretanto, um obstáculo que parece ter já sido superado pelo escrevente é a primeira grande tomada de consciência (as três abstrações iniciais, atreladas ao desprendimento do contexto de fala e de todos as variáveis situacionais que o enriquecem). Isso porque E já demonstra não só um distanciamento da situação de diálogo em que a língua é realizada vocalmente/fonicamente, como também a projeção de uma nova situação

enunciativa, a qual vai sendo desenhada no ato mesmo em que o linguístico é realizado graficamente e que assume sua configuração final no produto desse ato, o enunciado escrito. Que nova situação é essa? A da narrativa escrita. E é bem um recurso narrativo que emerge como principal procedimento acessório da enunciação escrita nos recortes 3a e 3b: trata-se da repetição “matava **matava**”. Diante dessa repetição, o outro, que acompanha a leitura em voz alta pela criança, interroga-lhe: “matava matava? [= ri] repetiu a palavra?”, ao que o menino lhe responde: “**é @ não porque eu repeti porque ele matava muito né?**”.

Se essa foi ou não uma intenção prévia da criança no planejamento de seu enunciado escrito, estamos impossibilitados de saber, pois não temos acesso ao que ela quis dizer, só ao que efetivamente disse, só ao seu *querer dizer* enquanto pensamento já atualizado linguisticamente (BENVENISTE, 1989). Esse pensamento já atualizado em discurso gráfico é, a partir da interpelação do alocutário, interpretado (significado) pela criança via discurso falado, em um movimento de retorno sobre o signo linguístico em que ela se mostra “capaz de interpretá-lo na sua função significativa e não mais, apenas, de percebê-lo como impressão sensorial” (BENVENISTE, 1995, p. 29), impressão sensorial essa que poderia justificar a repetição da forma verbal somente como um descuido de visão, a exemplo da reduplicação silábica em “**rerex**”. A repetição da unidade, então, irrompe no agenciamento sintagmático enquanto recurso expressivo de constituição do narrado, dando testemunho do “poder fundador da linguagem, que instaura uma realidade imaginária”, tornada possível pelo simbólico como “fundamento da abstração ao mesmo tempo que o princípio da imaginação criadora” (BENVENISTE, 1995, p. 27-28). Nesses deslocamentos entre os lugares enunciativos de falante e escrevente, a criança dá mostras de ser já sujeito na escrita de sua língua materna.

## 5 Conclusão

Este artigo partiu do pressuposto de que o tema da aquisição da linguagem nos autoriza a executar dois movimentos: passar da tematização desse fenômeno em Benveniste (movimento retrospectivo) para estudos aquisicionais que consideram os manejos vocais e gráficos numa relação constante e necessária da criança com a língua em situações de interlocução (movimento prospectivo). Destacamos o fato de que, nos PLG I e II, encontramos a tematização da aquisição da língua materna no alvorecer

da vida humana e, nas **Últimas aulas**, encontramos a tematização da aquisição da escrita. Com base nessas tematizações desenvolvidas pelo autor, as quais se vinculam ao simbolismo da linguagem como fundamento da abstração e princípio da imaginação criadora, bem como na análise de recortes enunciativos de experiências de crianças na linguagem, chegamos às seguintes constatações:

(1) Na aquisição da língua em sua realização vocal/fônica, a criança, em relações com o outro e com o mundo, vivencia o simbólico da linguagem, o que lhe permite fazer abstrações, via manejos vocais das formas fônicas, acerca da configuração do sistema linguístico a partir do reconhecimento do signo sob a espécie da palavra, unidade da língua-discurso que carrega os valores partilhados tanto sistêmica quanto socialmente pela comunidade em que a criança nasce e cresce. É a constituição da criança como falante no simbólico da língua e da cultura, como preconiza Benveniste nos **PLG**.

(2) Na aquisição da língua em sua realização gráfica, a criança, também em relações intersubjetivas e referenciais, enfrenta duas grandes abstrações, uma ligada ao desprendimento do contexto da fala e outra atrelada à imersão no contexto de escrita, a qual se dá via manejos gráficos. Esses manejos possibilitam movimentos como a constituição da narrativa escrita por meio de recursos expressivos que testemunham o poder fundador da linguagem na instauração de realidades imaginárias. Trata-se, aqui, da constituição da criança como escrevente e da renovação de sua relação com o simbolismo linguístico e cultural, ao apreender os rudimentos do escrito e, por intermédio destes, os rudimentos da civilização do livro, da escrita e da leitura, conforme postula Benveniste nas **Últimas aulas**.

Evidenciamos, assim, que a obra benvenistiana não somente possibilita a teorização sobre o fenômeno da aquisição da língua materna e de sua escrita, como também fornece princípios à análise dos fatos de linguagem que marcam a trajetória da criança na sua experiência de aquisição. Nesse sentido, acreditamos que a abordagem proposta neste artigo viabiliza um retorno renovado à teoria da linguagem de Émile Benveniste a partir de movimentos teóricos e analíticos sobre a aquisição da linguagem, sustentados por leituras retrospectivas e prospectivas da obra do linguista.

## Referências

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas, SP:

---

Pontes Editores, 1989. Original publicado em 1974.

\_\_\_\_\_. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas, SP: Pontes Editores, 1995. Original publicado em 1966.

\_\_\_\_\_. **Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)**. 1.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014. Organização de Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio. Original publicado em 2012.

DIEDRICH, Marlete Sandra. **Aquisição da linguagem: o aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

FENOGLIO, Irène. Les Dernières leçons d'Émile Benveniste au Collège de France. Nouveau regard sur l'écriture. **Letras**, Santa Maria. v. 23, n. 46, p. 67-81, jan./jun., 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.

OLIVEIRA, Giovane Fernandes. A relação teoria-empíria e o problema do dado na pesquisa em aquisição da escrita: um olhar enunciativo. In: \_\_\_\_\_; ARESI, Fábio. **O universo benvenistiano: enunciação, sociedade, semiologia**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020, no prelo.

SILVA, Carmem Luci da Costa. **A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem**. Tese (Doutorado Estudos da Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

\_\_\_\_\_. **A criança na linguagem: enunciação e aquisição**. Campinas: Pontes Editores, 2009.

SOARES, Isadora Laguna. **No mundo de sof: um estudo sobre a aquisição da leitura pela criança a partir da teoria da linguagem de Émile Benveniste**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

STUMPF, Elisa Marchioro. **Uma proposta enunciativa para o tratamento da metalinguagem na aquisição da linguagem**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

## EPISTEMOLOGIA ENUNCIATIVA NA CLÍNICA FONOAUDIOLÓGICA DO AUTISMO

### ENUNCIATIVE EPISTEMOLOGY IN THE PHONOAUDIOLOGICAL CLINIC OF AUTISM

Isabela Barbosa do Rêgo Barros

Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP, Boa Vista, PE, Brasil

Lorena Grace Alves do Vale

Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP, PE, Brasil

*Resumo:* Propomos discutir os princípios epistemológicos da teoria enunciativa de Benveniste presentes na clínica fonoaudiológica que trata o autismo, a partir de recortes enunciativos oriundos da clínica. As máximas benvenistianas põem o homem no centro da língua/linguagem e permite-nos perceber o movimento linguístico singular do sujeito diagnosticado com o transtorno, embora o autor não tenha dedicado seus estudos à fala desviante. A clínica, influenciada pelos preceitos teóricos da linguística enunciativa benvenistiana, retoma seu objeto de estudo, a linguagem, pelo viés daquele que fala, não apenas e tão somente, pelo sintoma.

*Palavras-chave:* Enunciação; língua; linguagem; autismo.

*Abstract:* We propose to discuss the epistemological principles of Benveniste's enunciative theory present in the speech therapy clinic that deals with autism, based on enunciative clippings from the clinic. The benvenist maxims put man at the center of the language / language and allow us to perceive the singular linguistic movement of the subject diagnosed with the disorder, although the author has not dedicated his studies to deviant speech. The clinic, influenced by the theoretical precepts of benvenistian enunciative linguistics, resumes its object of study, language, through the viability of the one who speaks, not only and only, by the symptom.

*Keywords:* Enunciation; language; autism.

### Introdução

No prefácio não datado da quinta edição da obra **Problemas de Linguística Geral I (PLG I)**, publicada em 2005 no Brasil, é possível ver, em um autor que assina simplesmente com suas iniciais E. B., o reconhecimento de que o estudo e análise da linguagem faz-se por árduos caminhos e que as reflexões sobre o objeto apenas se mostram eficazes quando apoiadas sobre

as línguas reais. A simplicidade na assinatura parece se opor à complexidade da leitura da obra benvenistiana. Destacamos no prefácio de Benveniste a referência sobre as línguas reais, para interpretá-la como uma alusão do autor ao terreno da língua(gem) em uso, a fim de justificarmos a maneira singular de enunciação do autista, o que poderia modificar o olhar do fonoaudiólogo sobre o sujeito.

Fundamentamos este artigo na quinta parte do PLG I e do PLG II, segunda edição publicada no Brasil em 2006, ambas grafadas no sumário como *O homem na língua*, mas tratada por Benveniste em seu prefácio no PLG I como *O homem na linguagem* e definida, por ele mesmo, pelas formas linguísticas da subjetividade e pelas categorias da pessoa, dos pronomes e do tempo. Elegemos os textos *A Natureza dos pronomes* (1956), *Da subjetividade na linguagem* (1958) e *A forma e o sentido na linguagem* (1966) por apresentarem um autor dedicado à definição de linguagem com destaque dado ao sujeito.

Nosso objetivo aqui é propor discussões em torno dos princípios epistemológicos da teoria enunciativa de Benveniste presentes na clínica fonoaudiológica que trata o autismo, sustentadas em três grandes temas, a saber: pessoa/não pessoa, semiótico/semântico e aparelho formal da enunciação. Desse modo, defendemos que, a partir das leituras da obra benvenistiana, é possível estabelecer uma clínica que tem seu lugar original na medicina, mas pode ser amparada pela linguagem em seu caráter enunciativo. Então, na primeira parte deste estudo procuramos apresentar aspectos teóricos da enunciação que poderão desaguar em um olhar enunciativo da clínica fonoaudiológica voltada para o atendimento de sujeitos diagnosticados com autismo, a qual se refere a nossa segunda parte.

## O legado benvenisteano

Herdeiro do estruturalismo, Benveniste ressoou as ideias saussureanas, partindo de uma leitura atenta do **Curso de Linguística Geral** (CLG). O pesquisador resgata de Ferdinand de Saussure (2006) uma linguística da significação, faz referência direta às contribuições saussureanas e trata do problema linguístico inserindo novos conceitos, modificando métodos descritivos, noção de referência e seus consequentes desdobramentos nas dimensões semióticas e semânticas (NORMAND, 1996; 1997; STUMPE, 2010; NUNES, 2011).

Em *Saussure após meio século*, conferência proferida em 1963 na Universidade de Genebra, para marcar as comemorações do cinquentenário da morte de Ferdinand de Saussure e publicada no PLG I, o próprio Benveniste reverencia os feitos de Saussure, dizendo “Saussure é em primeiro lugar e sempre o homem dos fundamentos” (BENVENISTE, 2005, p. 35). Além de um breve apanhado histórico, mencionando o papel fundamental de Saussure nas transformações da ciência linguística em sua época, o autor costura em seus estudos as suas próprias contribuições às considerações do precursor do estruturalismo.

Abarcando com o olhar esse meio século decorrido, podemos dizer que Saussure cumpriu bem o seu destino. Além da sua vida terrena, as suas ideias brilham mais longe do que ele teria podido imaginar, e esse destino póstumo se tornou como **uma segunda vida, que se confunde para sempre com a nossa** (BENVENISTE, 2005, p. 49, grifo nosso).

Trois (2004) destaca que Benveniste busca romper a barreira dos estudos da significação trazendo a subjetividade na língua, que preenche, de forma única, o vazio no interior saussuriano, conservando seus fundamentos e ultrapassando-os. Assim sendo, percebemos que Benveniste não refuta as conjecturas de Saussure, outrossim, propositadamente propõe um incremento alicerçado nela.

Benveniste inicia o texto *Da subjetividade na linguagem*, publicado em 1958, com um questionamento: “Se a linguagem é, como se diz, instrumento de comunicação, a que deve a ela essa propriedade?” (BENVENISTE, 2005, p. 284). Sem dúvida o autor reconhece que comunicar é inerente à linguagem, porém, faz uma crítica aos estudos behavioristas comentados mais adiante no próprio texto, quando menciona o destaque dado ao caráter comportamental e instrumental da linguagem. Parece que, ao iniciar seu texto com uma reflexão, Benveniste quer nos dizer, e diz, que a linguagem é algo mais além que um instrumento de comunicação. Não é a linguagem que se encontra subordinada à comunicação. No dizer de Benveniste, o inverso torna-se verdadeiro quando percebemos que a realidade da comunicação dá-se por meio da palavra habilitada pela linguagem.

Em uma perspectiva antropológica da linguagem, vide o excerto “não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. [...] A linguagem ensina a própria definição do homem” (BENVENISTE, 2005, p. 285), o autor segue seu texto tentando destituir a linguagem do papel de ferramenta utilizada para comunicar,

colocando-a na natureza humana, no papel constituinte do sujeito. A perspectiva da linguagem como lugar constituinte do sujeito alicerça nosso olhar ao interrogar a clínica fonoaudiológica do autismo: se a linguagem é um instrumento de comunicação, o que dizer sobre o objeto de estudo da Fonoaudiologia quando está em jogo um sujeito que pode apresentar mutismo, neologismos e ecolalias que dificultariam a comunicação? Seria esse sujeito destituído de linguagem e conseqüentemente não assumiria seu lugar de partícipe da herança da língua?

Quando nos aproximamos dos textos de Benveniste, principalmente esse de 1958, é possível encontrar no autismo um sujeito linguístico que se constitui de modo singular, posto que a subjetividade na linguagem trata do eu que se constitui na linguagem e pela linguagem; não é, simplesmente, o homem, nem o locutor. Nessas circunstâncias, não estamos nos reportando a um falante, mas a uma condição de existência como sujeito:

A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da *pessoa*, pois implica em reciprocidade – que eu me torne *tu* na alocação daquele que por sua vez se designa por *eu*. [...] A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso. Por isso, *eu* propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a “mim”, torna-se o meu eco – ao qual digo *tu* e que me diz *tu* (BENVENISTE, 2005, p. 286).

O sujeito não se faz no reconhecimento de si como indivíduo, mas na troca de experiências vividas por contraste e complementaridade entre o ‘eu’ e o ‘tu’ no exercício da língua e que fundamenta a subjetividade. Benveniste retoma no texto de 1958, *Da subjetividade na linguagem*, discussões iniciadas em 1956, no texto *A natureza dos pronomes*. Nesse, Benveniste destaca os pronomes como fato de linguagem característico da instância do discurso, ou seja, ‘eu’ e ‘tu’ resultam da atualização da língua a cada instante único e singular em que ela é posta em ação por um locutor. “[...] A forma ‘*eu*’ só tem existência linguística no ato de palavras que a profere” (BENVENISTE, 2005, p. 279). Conseqüentemente, o ‘tu’ surge de modo semelhante no discurso como indivíduo alocutado cada vez que há referência ao ‘tu’.

Em Benveniste, é possível encontrar destaque aos pronomes ‘eu’ e ‘tu’ como formas que não remetem a posições definidas e preestabelecidas no tempo e no espaço, as quais não precisam estar sempre marcadas no discurso quando não se faz regra no sistema linguístico, a exemplo do português, que

admite enunciados com sujeito oculto, para que ocorram os movimentos intersubjetivos. Contudo, é preciso que os locutores **apresentem-se** como ‘eu’ ou como ‘tu’ no discurso. Ao lado dos indicadores de tempo e espaço, os pronomes pessoais ‘eu’ e ‘tu’ compõem a categoria da dêixis representativa da subjetividade na linguagem.

No entanto, a presença do ‘eu’ só é permitida pela cessão do lugar do ‘eu’ do interlocutor em um movimento de troca de posição dos sujeitos na linguagem. Ou melhor, é preciso que o ‘tu’ reconheça a posição subjetiva de falante do seu interlocutor e ceda seu lugar outrora de locutor, caracterizando a atualização da língua no discurso, a cada nova tomada de posição durante a **enunciação**.

Ao tratar da enunciação, as discussões epistemológicas de Benveniste provocam uma cisão do que já era conhecido na linguística como sistema linguístico, enquanto instância intralinguística. Isso traz para o campo da linguística o sujeito, no momento em que destaca a fala suscitando as categorias de pessoa, espaço e tempo, as quais Benveniste atribuirá o aparelho formal da enunciação, abrindo a possibilidade ao extralinguístico.

[...] este ato de discurso que enuncia eu aparecerá, cada vez que ele é reproduzido, como o mesmo ato para aquele que o entende, mas para aquele que enuncia, é cada vez um ato novo, ainda que repetido mil vezes, porque ele realiza a cada vez a inserção do locutor num momento novo do tempo e numa textura diferente de circunstâncias e de discursos (BENVENISTE, [1965] 2006, p. 68).

Normand (2019) atribui a Benveniste a passagem da noção não questionada na linguística do sujeito falante (o homem) à noção explicitamente problemática de sujeito da enunciação ou de enunciação, termo, no entanto, ignorado por Benveniste. É o deslocamento do objeto linguístico que em Saussure centrava-se na língua para um destaque dado à linguagem dentro da linguística, que possibilita os estudos sobre o sujeito na linguística. De acordo com Ferreira Júnior e Cavalcante (2009),

o estudo desenvolvido por Benveniste, que trouxe no escopo da sua teoria (se é que é possível tomá-lo no singular) concepções tão caras à Linguística, como o modo de representação do sujeito na estrutura da língua e o processo de enunciação pode revelar sobre o sujeito (JUNIOR; CAVALCANTE, 2009, p. 302).

A noção de enunciação permite a emergência do falante nas línguas e o lugar ao ato de dizer, pois não há língua sem enunciação. A enunciação é

a única categoria que preenche todas as condições para ser simultaneamente geral e específica, para ser de todas as línguas e de cada uma em particular, para ser de toda humanidade e de cada indivíduo especificamente, uma vez que “a linguagem está de tal forma organizada que permite a cada locutor *apropriar-se* da língua toda designando-se como *eu* (BENVENISTE, 2005, p. 288). Neste momento nos deparamos com o universal antropológico, no sentido de conhecimento geral do homem, na medida em que a enunciação está inscrita na condição de todo e qualquer falante, ela é própria do homem (FLORES, 2019).

No texto de 1966, *A forma e o sentido na linguagem*, dirigido a filósofos, Benveniste inicia criticando o Estruturalismo norte-americano, trazendo Bloomfield como exemplo de desinteresse dos linguistas pelas questões que envolvem o sentido. Opondo-se a isso, afirma que o caráter primordial da linguagem é significar. E significar é ter um sentido. Para esse autor “o sentido é a noção implicada pelo termo mesmo da língua como conjunto de procedimentos de **comunicação** identicamente compreendidos por um conjunto de locutores” (BENVENISTE 2006, p. 222, grifo nosso). Ou seja: o critério para determinar se algo significa ou não é estabelecido pelos sujeitos, ‘eu’ e ‘tu’ no discurso, em referência a algo no presente da cena enunciativa.

Mais adiante no texto, Benveniste retorna às explicações sobre a significação como vocação original da linguagem em consonâncias com as funções da linguagem. O autor menciona que essas seriam inúmeras e para resumi-las conclui: “[...] bem antes de servir para **comunicar**, a linguagem serve para viver” (BENVENISTE, 2006, p. 222, grifo nosso). Note o retorno de Benveniste ao tema comunicação, inicialmente apresentado por nós neste artigo no texto *Da subjetividade na linguagem* publicado em 1958. Parece que, ao lado das considerações sobre a enunciação e a subjetividade na linguagem, o autor marca sua crítica à definição primeira da linguagem como comunicação.

Esse achado nos é importante, porque algumas considerações ligadas ao autismo tratam o sujeito como desprovido de linguagem, baseado na definição de linguagem como comunicação resultante dos achados de Leo Kanner (1943), psiquiatra infantil que diagnosticou o autismo no ano de 1943 nos EUA. Na ocasião, o contexto linguístico americano era dominado pelos trabalhos de Leonard Bloomfield, teórico do Estruturalismo em sua vertente norte-americana, fortemente influenciada pelo Behaviorismo.

À forma cabe a estrutura ou o arranjo linguístico presente no

enunciado. É possível pensar quão imprevisível podem ser as manifestações de sentido na língua enquanto definidos podem ser os aspectos da forma, ou seja, os aspectos da significação são fugidios na linguagem.

### **Por uma clínica enunciativa no autismo**

Embora venham sendo estudados há décadas, desde quando o autismo foi descrito pela primeira vez pelo médico Leo Kanner (1943), os esclarecimentos sobre a linguagem, a língua e a fala do ponto de vista linguístico no autismo parecem ainda não terem findado. Ainda enraizada em um discurso que toma a linguagem como comunicação, a língua como um código e a fala como um veículo, a clínica fonoaudiológica, de um modo geral, segue na expectativa de “normalizar” a fala do autista, muitas vezes sem considerar a singularidade da linguagem e do sujeito submetido ao programa terapêutico. Transformar o singular em regular parece ser o propósito clínico.

Em posição contrária, Surreaux (2006) evidencia que, na clínica, precisamos considerar as manifestações languageiras como algo inerente ao sujeito e instaurar um ponto de vista singular sob o sintoma da linguagem. A autora propõe instaurar uma concepção de linguagem própria à clínica das patologias da linguagem baseada nas reflexões saussureanas quanto à língua em uso.

Seguindo as orientações de Surreaux, Barros (2011) sugere, fundamentada nas considerações saussureanas, que, no autismo, a língua comporta-se em um movimento de retorno entre os eixos sintagmático e paradigmático: ora a língua estaria presa ao eixo sintagmático na figura de um discurso ecolálico<sup>1</sup>, ora livre no paradigmático por meio de neologismos ou vocalizações aleatórias. Essa fixação em um dos eixos, segundo a autora, representaria o comportamento autístico de aversão às mudanças sendo exposto na linguagem, uma vez que o autista estaria seguro no discurso já proferido por outro.

Ademais, a autora, fundamentada nas considerações benvenisteanas, procura responder às considerações sobre a linguagem no autismo, apontando que há uma relação enunciativa do sujeito, posto que o autista está na linguagem e faz-se efeito através do uso singular do sistema linguístico.

<sup>1</sup>A ecolalia são repetições do discurso ou de partes de um discurso proferido por outrem, efetuadas pelo autista imediatamente após serem ouvidos ou após um certo tempo, aparentando uma ausência de contexto.

É necessário, completa Barros (2011), que o ‘tu’, no lugar de interlocutor do autista, reconheça nas produções linguísticas desviantes um movimento subjetivo do ‘eu’ na linguagem.

A partir das considerações das autoras procuramos atestar as bases epistemológicas da teoria enunciativa de Benveniste que norteiam a clínica do autismo, apresentando uma metodologia restrita à promoção do uso da linguagem submetido à gramática da língua no atendimento clínico fonoaudiológico. Pensar no que acontece com a linguagem, a língua e o falante, leva-nos a refletir sobre os fundamentos que comportam reflexões oriundas da interlocução entre a Fonoaudiologia e a Linguística, quando o que está em jogo é a linguagem e o sujeito que sofre pelo efeito de uma condição sintomática. Afinal, deveria ser óbvio o lugar da ciência da linguagem, a Linguística, na clínica cujo objeto é a linguagem.

Na seção anterior, apresentamos três grandes temas tratados por Benveniste (2005; 2006), nas obras *Problemas de Linguística Geral*, volumes I e II, que, em nossa concepção, sustentam a clínica fonoaudiológica: *peessoa/não pessoa, semiótico/semântico e aparelho formal da enunciação*. Aqui, pretendemos, apresentá-los em meio às análises de dois cortes de cenas enunciativas oriundas da clínica e pertencentes a um mesmo *corpora* de estudos sobre a linguagem no autismo para responder a questão: como os dados epistemológicos da teoria enunciativa de Émile Benveniste circulam na clínica fonoaudiológica do autismo?

Nosso objetivo aqui é propor discussões em torno dos princípios epistemológicos da teoria enunciativa, defendendo que, a partir das leituras da obra benvenistiana, é possível estabelecer uma clínica que tem seu lugar original na medicina, mas pode ser amparada pela linguagem em seu caráter enunciativo.

Concordamos com Cardoso (2010), quando discute, em sua tese de doutorado, o problema de que as áreas que se dedicam às questões da linguagem na instância clínica dos distúrbios da linguagem não possuem conhecimento integral da linguagem, tampouco pauta sua intervenção levando em consideração os aspectos da condição de enunciador do paciente. Isso posto, acreditamos que a concepção de linguagem do fonoaudiólogo seja tal que possibilite subsidiar uma clínica que evidencie o sintoma como possibilidade de o sujeito enunciar-se.

Uma clínica de base enunciativa, então, constrói-se a partir dos cortes epistemológicos herdeiros da tradição benvenistiana, destacando o papel constitutivo da linguagem ao considerar a importância do sujeito e a sua

relação com a linguagem. Benveniste (2005), é categórico ao afirmar que o sujeito constitui-se na e pela linguagem. Isso nos deixa seguros para pensar que não importa em que condição estrutural faz-se linguagem – ou seja, se há ou não a obediência do sujeito às regras linguísticas –, mas o exercício da linguagem, a colocação da língua em funcionamento definidora da enunciação é o que deve ser considerado em nome de um sujeito que se faz presente no sintoma.

A clínica atravessada pelo estatuto de pessoa é um espaço onde falar é sempre falar para o outro em uma troca de posição entre o ‘eu’ e o ‘tu’ e onde o sujeito refaz-se, tornando-se efeito a cada novo uso da língua. Percebem-se os fundamentos epistemológicos da enunciação norteando a clínica no instante em que os falantes põem-se em uma posição de interlocução. Vejamos as cenas enunciativas a seguir, na qual Estênio<sup>2</sup>, uma criança com 7 anos de idade e com diagnóstico de autismo, está diante de sua fonoaudióloga:

	Fonoaudióloga	Criança	Cena enunciativa
1		Eu vi o sapo na beira do rio de camisa verde	A criança senta na mesa infantil, pega o dominó, retira as peças, separa-as sem uma aparente categorização e as empilha, em um movimento ritmado e estereotipado, acompanhado da canção tipicamente infantil.
2		Posso guardar? Posso guardar?	Continua com a atividade ritmada sem olhar para a fonoaudióloga.
3	Pode. Tu queres guardar o quê?		
4		Pichu, pichu, pichu, pichu	A criança fala baixo.
5	Que foi? Tu tá feliz é?		
6		UUUUUUUUUU	3 segundos após o enunciado da interlocutora, a criança vocaliza gritando.
7	Que foi Estênio?		

<sup>2</sup>Nome fictício utilizado para preservar a identidade da criança.

	Fonoaudióloga	Criança	Cena enunciativa
8		(tchili) AEEE	Bate com uma peça de dominó sobre a mesa

Quadro 1: Ecolalia, neologismos e vocalizações

Fonte: BARROS, 2006, p. 59.

Para uma clínica enunciativa no autismo existir é preciso um entendimento da relação entre sujeitos e linguagem.

### AUTISTA - LINGUAGEM - INTERLOCUTOR

Não foi por acaso que colocamos a linguagem entre sujeitos, uma vez que é na relação intersubjetiva proporcionada pela linguagem que os sujeitos movimentar-se-ão. Nesse ambiente não se desconsideram quaisquer produções linguageiras já que todas comportam a enunciação do sujeito, conforme observamos no discurso da interlocutora da criança em aceitar as produções singulares como próprias ao sujeito, em uma tentativa de provocar a circulação da linguagem.

As ecolalias (linhas 1 e 2), o neologismo (linha 4) e as vocalizações (linhas 6 e 8) representam a ação do sujeito que atualiza a língua a cada uso e, desse modo, enuncia-se. Nestes recortes enunciativos observamos o reconhecimento do interlocutor do uso do signo linguístico pelo falante, apesar das combinações singulares efetivadas pela criança não apontarem para um sentido intrínseco a forma linguística utilizada. Ter na clínica fonoaudiológica um espaço para a construção e não para a imposição de sentidos possibilita que entre os sujeitos haja uma relação de parceria para o estabelecimento da linguagem. Nesse aspecto, a comunicação é uma consequência da emergência do sujeito.

Pelo viés enunciativo, encontramos na clínica lugar para firmar a posição de falante do autista. Ou seja, quando a fonoaudióloga se coloca no papel do 'tu' percebe que nas desconstruções sintagmáticas há uma ação individual em colocar o sistema linguístico em funcionamento de modo particular e, consequentemente, enunciar-se. Não estamos falando em entendimento do discurso, mas da condição de sujeito na clínica fonoaudiológica, a partir da qual será possível acreditar em uma saída do isolamento autístico na linguagem, o que já indicará uma evolução do

quadro clínico. A cada turno discursivo, os locutores apresentam-se ora como ‘eu’, ora como ‘tu’, marcando, assim, os movimentos intersubjetivos.

Como afirmou Benveniste (2005, p. 289), “a linguagem é, pois, a possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as formas linguísticas apropriadas à sua expressão; e o discurso provoca a emergência da subjetividade, pelo fato de consistir de instâncias discretas”. A afirmação permite-nos concluir que uma análise linguística-fonoaudiológica pautada apenas no ‘erro’ e ‘acerto’ não possibilita a aceitação de uma apropriação da língua pelo locutor quando esta não ocorre de acordo com o padrão linguístico esperado. Perde-se, assim, o reconhecimento de que os efêmeros e discretos deslizes da linguagem que poderão vir a existir comportariam o funcionamento do sujeito.

Ainda sobre o Quadro 1, enfatizamos aqui a cena enunciativa descrita na linha 1, que apresenta melodia e conversação ritmada. De acordo com Thevarthen e Gratier (2005 *apud* LAZINIK; COHEN, 2011), as vocalizações são rearranjadas em turnos de falas verbais e elas carregam consigo uma musicalidade única que é tão significativa quanto qualquer palavra. Ora, toda troca intersubjetiva, seja por gestos, olhares, emissão vocal, expressões faciais ou postura corporal do locutor ao interlocutor, prioriza o conteúdo do que se deseja expressar. Marca-se aí, portanto, a condição de presença da criança na linguagem.

No Quadro 2, a seguir, teremos a oportunidade de observar o papel colaborativo da criança autista ao trazermos uma situação de discurso em que é possível perceber o deslize na linguagem da criança que passa de vocalizações a produções espontâneas.

	Fonoaudióloga	Criança	Cena Enunciativa
1	quer o vento só para você é Estênio? (40s)		Na sala de atendimento fonoaudiológico, a criança posiciona o ventilador de mesa colocando a base voltada para si.
2		uuuUUUUIII (vá embora) fique aí	
3	você quer que o ventilador fique aqui parado? fique aqui parado venti-lador (3s) mexa não!		

## Quadro 2: A linguagem ao som do vento

Fonte: Barros (2006, p. 103).

O contexto enunciativo, caracterizado pelos indicadores dêiticos de tempo, espaço e pessoa permite que o interlocutor certifique o papel de locutor de Estênio. Vemos no recorte acima as marcas da linguagem que, mesmo apresentando rigidez da enunciação, podem ser contornadas quando é respeitada a idiosincrasia da criança e seu modo peculiar de constituir-se na/pela língua. A vocalização presente na linha 2 aparentemente não se refere à onomatopeia do som do vento produzido pelo ventilador, mas ao movimento gestual de vai e vem das hélices, marcando o lugar do sujeito de forma singular. Lembremos que a fixação por movimento rotatório é uma característica comum ao autismo.

Destacamos da cena enunciativa o papel do interlocutor, que significa o enunciado da criança, trazendo-a à cena, significando suas vocalizações. “[...] Não se pode esquecer que se o locutor, que ascende a sujeito, integra o fenômeno linguístico é também porque há, do outro lado, um interlocutor que participa deste processo” (CARDOSO, 2011, p. 344). Então, admitimos que não há um distanciamento do sujeito autista da linguagem, desde que haja um interlocutor que lhe seja próximo.

Para Surreaux (2006), a clínica da linguagem deve considerar qualquer formação languageira como possível, sendo essa escuta diferenciada um potencializador da produção criativa do sujeito. “Se o sujeito é sempre feito de seu próprio dizer, é necessário analisar quais as particularidades dos efeitos que causam uma fala sintomática no dizer daquele que enuncia” (p. 176). Em uma clínica sustentada pela enunciação, um dos primeiros efeitos deveria ser não adjetivar a linguagem: patológica, sintomática, normal, desviante, não-desviante, típica, atípica, mas, sim, verificar a qualidade das relações originadas quando a linguagem é posta em uso.

Barros (2011, p. 56), apoiando-se nos estudos de Benveniste, considera que “o sujeito se constitui pela linguagem, se impõe e se expõe ao fazer uso da língua por meio da fala ou ao fazer uso de outros sinais (gestos, expressões corporais, figuras...) e firma sua presença, habita a linguagem, tornando-se efeito dela”. Portanto, podemos afirmar que somente o sujeito torna real a linguagem.

Assim como as palavras que voam no vento, uma vez posta em uso, as construções linguísticas jamais serão as mesmas, ou seja: a enunciação é

irrepetível. É assim que uma vocalização, como tantas que podem surgir no discurso de um sujeito autista, a exemplo da que ocorre na linha 2, pode ser tomada como o ‘som do vento’ e ser inserida no contexto enunciativo, compondo um fantasioso diálogo com o ventilador presente no discurso da fonoaudióloga, a partir da observação do movimento de vai e vem do ventilador de mesa presente no discurso da criança: vá embora, fique aí. Concordamos com Deissler (2014) que,

Há, então, uma urgência de se dar à fala estereotipada uma dimensão que a atribua significado e privilegie a escuta às outras marcas (entonações vocais, gestos e outros) que se apresentam simultaneamente a estereotipia e que acabam sendo apagadas pelos efeitos que a fala sintomática produz no ouvinte (DEISSLER, 2014, p. 27).

Toda relação traz consigo um sentido, de modo que a linguagem no autismo pode ter um sentido de não-linguagem ou de linguagem sintomática de acordo com a perspectiva epistemológica que ronda o processo terapêutico. Esse é elemento essencial para pensarmos a relação entre um sujeito, que é autista, a linguagem e a clínica.

Que a linguagem significa quer dizer que a significação não é qualquer coisa que lhe seja dada por acréscimo ou, numa medida mais ampla, por uma outra atividade; é de sua própria natureza; se ela não fosse assim, não seria nada (BENVENISTE, 2006, p. 223).

Da mesma forma como foi apresentado no Quadro 1, a linguagem da criança autista na clínica fonoaudiológica de base enunciativa significa algo quando o interlocutor procura construir amarras discursivas que comporão uma possível cadeia dialógica. Os sentidos errantes comportam a história dos sujeitos. As produções linguísticas no autismo inovam, marcam, representam e acima de tudo, significam. Os fatos enunciativos evidenciam a emergência do falante, que, por um processo de significação, é responsável

pela operação discursiva. O conceito de linguagem para Benveniste afirma, então, o surgimento da pessoa e sua constituição subjetiva.

Consideramos, em face do exposto, que não conseguimos perceber a fala do autista noutra lugar, que não seja dentro da linguagem. Afinal, os conceitos e as representações dos signos linguísticos encontram-se presentes na fala do autista através das desconstruções linguísticas singulares.

## Considerações finais

Consideramos que a epistemologia científica que subjaz a teoria da linguagem benvenistiana proporciona-nos, dentre várias possibilidades nos desdobramentos da pesquisa em sintoma da linguagem, refletir sobre o sujeito autista numa perspectiva para além do positivismo do fato linguístico em si, mas do conhecimento da origem da experiência linguística do falante. A grande inovação do pensamento de Benveniste particulariza o uso da linguagem como algo típico do humano, além de abrir grande leque de possibilidades para constituir objetos de investigação.

Portanto, dentro de uma gama de perspectivas e linhas distintas de estudo da linguagem enquanto ciência, acreditamos achar no viés enunciativo um norte para a clínica fonoaudiológica do autismo, que oferece condição de possibilidade para fundamentar metodologicamente e teoricamente a nossa prática, compreendendo que o autista organiza sua própria experiência humana de forma singular na linguagem, sendo atravessado socialmente e biologicamente, justificando pois sua natureza humana existencial.

Concluimos que a tentativa de restaurar a homogeneidade ameaçada ou de “normalizar” a fala desviante é um caminho percorrido por muitos fonoaudiólogos, contudo, reiteramos que o compromisso do mesmo deve ser o de buscar fidelidade e compromisso com a singularidade da fala da criança, mesmo que o estranhamento afete ao locutor e o impossibilite, por vezes, de realizar interpretação afetando o circuito enunciativo.

A linguagem dentro de uma clínica, que tem como objeto uma forma singular de organização do sistema linguístico, comporta a enunciação. Trata-se de olhar para a clínica a partir do que falta ou excede na linguagem representada na inscrição de cada sujeito em particular.

## Referências

BARROS, Isabela Barbosa do Rêgo Barros. **Os ecos da fala na clínica fonoaudiológica**. Dissertação de mestrado em Ciências da Linguagem. Recife: UNICAP/PPGCL, 2006.

\_\_\_\_\_. **Da língua e sua relação com o autismo: um estudo linguístico**

**saussureano e benvenistiano sobre a posição do autista na linguagem.**

Tese de doutorado. João Pessoa: UFPB/CCHLA, 2011.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral II**. 2 ed. Campinas: Pontes, 2006.

CARDOSO, Jefferson Lopes. Princípios de análise enunciativa na clínica dos distúrbios de linguagem. Tese de doutorado em teorias do texto e do discurso. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

\_\_\_\_\_. O distúrbio de linguagem sob uma perspectiva enunciativa. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n. 42, p. 339-347, jun. 2011.

DEISSLER, Lorena Grace do Vale. **Multilinguismo e Síndrome do X Frágil: uma relação de identificação na/pela língua**. Dissertação de mestrado em Ciências da Linguagem. Recife: UNICAP/PPGCL, 2014.

FERREIRA JÚNIOR, José Temístocles; CAVALCANTE, Marianne Carvalho B.; Subjetividade e aquisição da linguagem: por uma abordagem enunciativa. **Graphos**, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 301-309, 2009.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Problemas gerais de linguística**. Petrópolis: Vozes, 2019.

KANNER, Leo. Autistic Disturbances of Affective Contact. **Nervous Child**, n. 2, p. 217-250, 1943.

NUNES, Paula Ávila. Émile Benveniste, leitor de Saussure. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n. 42, p. 51-63, jun. 2011.

NORMAND, Claudine. Os termos da enunciação em Benveniste. In: OLIVEIRA, Sergio Lopes; PARLATO, Erika Maria; RABELLO, Silvana. **O falar da linguagem**. São Paulo: Lovise, 1996. p. 127-152.

NORMAND, Claudine. Lectures de Benveniste: quelques variantes sur un itinéraire balisé. **Linx. Revue des linguistes de l'université Paris X Nanterre**, v. 9, p. 25-37, 1997. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/linx/964misenlignele03juillet2012>>. Acesso em: 19 abr. 2019.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

STUMPF, Elisa Marchioro. Saussure e Benveniste: Ultrapassagem ou rompimento? **ReVEL**, v. 8, n. 14, p. 01-12, 2010.

SURREAUX, Luiza. Milano. **Linguagem, sintoma e clínica em clínica de linguagem**. Tese de doutorado em Letras. Porto Alegre: PPGL/UFRGS, 2006.

TROIS, João Fernando de Moraes. O “retorno a Saussure” de Benveniste: a língua como um sistema de enunciação. **Letras hoje**, Porto Alegre, v. 39, n. 4, p. 33-43, 2004.

## ÉMILE BENVENISTE: “O HOMEM NA LÍNGUA”, LINGUÍSTICA, LITERATURA E ANTROPOLOGIA – UMA REVISÃO INTEGRATIVA EM PESQUISAS NA PÓS-GRADUAÇÃO DO BRASIL

## ÉMILE BENVENISTE: “THE MAN IN THE LANGUAGE”, LINGUISTICS LITERATURE AND ANTHROPOLOGY - AN INTEGRATIVE REVIEW IN BRAZIL'S POSTGRADUATION RESEARCHES

Lilian Castelo Branco de Lima

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, UEMASUL, Imperatriz, MA, Brasil

Emanoel César Pires de Assis

Universidade Estadual do Maranhão, UEMA, Caxias, MA, Brasil

Wemylla de Jesus Almeida

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, UEMASUL, Imperatriz, MA, Brasil

*Resumo:* Este trabalho dedica-se a fazer uma revisão integrativa da literatura em dissertações e teses que abordem as ideias de Émile Benveniste e identificar a quais programas de pós-graduação no Brasil elas são vinculadas. Tem-se como objetivo investigar a incidência com que as obras do autor serviram de fundamentação para as análises desenvolvidas por pesquisadores brasileiros e os diálogos estabelecidos para dar suporte aos estudos dos objetos de pesquisa. Para isso, utilizou-se dois bancos de dados: Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

*Palavras-chave:* Émile Benveniste; Teoria da Linguagem; Antropologia; Pesquisas no Brasil.

*Abstract:* This work is dedicated to an integrative review of the literature in dissertations and theses that address the ideas of Émile Benveniste and to identify to which graduate programs in Brazil they are linked to. In order to investigate the incidence that the author's works served as a basis for the analyzes developed by Brazilian researchers and the dialogues established to support the studies of the research objects. For this, two databases were used: Capes' Theses and Dissertations Catalog and the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations.

*Keywords:* Émile Benveniste; Theory of Language; Anthropology; Research in Brazil.

## Introdução

O sírio, naturalizado francês, Émile Benveniste, apresenta uma trajetória marcada por rejeições e aclamações. Pois ao iniciar sua vida como docente, e ocupar a cátedra de Gramática Comparada na *École Pratique des Hautes Études* no *Collège de France*, não foi bem aceito entre seus pares, o que foi superado ao ganhar visibilidade com a Teoria da Enunciação, despertando respeito e o interesse de diversos estudiosos, que se interessaram em conhecer sua abordagem linguística, entre eles Jacques Lacan.

Com uma visão antropológica da linguagem, ele acreditava que “bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver” (BENVENISTE, 2006, p. 222). E nessa perspectiva, é possível perceber em sua obra um diálogo da linguística com a psicanálise, a filosofia e outras áreas das ciências que pensam a inter-relação entre o sujeito, a linguagem e a cultura, motivando uma série de discussões que até a década de 1970 não eram feitas no campo da Linguística, como subjetividade/intersubjetividade, referência, significação, relação universal/particular (FLORES et al., 2009).

Nesse sentido, Flores e Teixeira (2013, p. 6), ao analisarem a atualidade de Benveniste, assinalam que por tematizar “aspectos complexos do discurso que incluem fenômenos limite cuja repercussão social é inegável”, o pensamento benvenistiano aponta para a necessidade de ao mesmo tempo que se deve partir de um quadro formal de enunciação, não pode se “manter no interior desse quadro, dada a complexidade que têm”. Assim, podemos dizer que as ideias do linguista propõem uma compreensão da linguagem como rizomática que está a serviço da vida e dela se retroalimenta, dá/recebe significação.

Flores e Teixeira (2013) ainda chamam atenção para a notoriedade como a literatura alimenta o saber de Benveniste, constatando que é possível observar na escrita do linguista referências a Aristóteles, Platão, Heródoto, Homero. E enfatizam que, em *Semiologia da Língua*, há a proposição de um “projeto que coloca a literatura como objeto da metassemântica” (FLORES; TEIXEIRA, 2013, p. 9). Portanto, a leitura de Benveniste aponta para um caleidoscópio de possibilidades para a interpretação da expressão “o homem na língua”, quer seja numa perspectiva linguística, literária, antropológica ou em outros possíveis diálogos que dão conta da “interação com áreas conexas aos estudos da linguagem (filosofia, psicanálise, sociologia, antropologia, teorias da cultura, da lógica)” (FLORES, 2016, p. 7).

Assim, partindo dos apontamentos de Flores *et al.* (2009) acerca

das perspectivas sobre a notabilidade da teorização de Benveniste, a interdisciplinaridade de seus estudos e o fato de ser um dos linguistas mais estudados no Brasil, este texto objetiva investigar a incidência com que as ideias desse teórico são acionadas em pesquisas realizadas nos programas de pós-graduação brasileiros. Da mesma forma que se dedica a identificar as outras áreas do conhecimento, além da Linguística, que se valem das ideias de Benveniste em seus estudos.

### **Caminhos Metodológicos**

Para alcançar aos objetivos a que este estudo se propôs, adotamos a abordagem metodológica da Revisão Integrativa de Literatura (RIL), pois “[...] é um método que tem como finalidade sintetizar resultados obtidos em pesquisas sobre um tema ou questão, de maneira sistemática, ordenada e abrangente” (ERCOLE; MELO; ALCOFORADO, 2014, p. 9). Assim, decidindo como tema *Émile Benveniste* e optando pela pesquisa quantitativa, seguimos as etapas da RIL propostas por Botelho, Cunha e Macedo (2011):

I – Elaboração das perguntas norteadoras: A) Qual a incidência da citação de Émile Benveniste em pesquisas realizadas em programas de pós-graduação no Brasil; B) Quantitativo de dissertações e teses; C) Distribuição das pesquisas por Nomes (Área) dos programas de pós-graduação; D) Distribuição das pesquisas por regiões geográficas brasileiras;

II – Estabelecimento dos critérios de inclusão: A) Citar Émile Benveniste no título ou no corpo do trabalho; B) Apresentar o descritor “Émile Benveniste”, em concomitância com pelo menos um desses outros descritores: “linguística”; “literatura”; “linguagem”; “antropologia”;

III - Estabelecimento dos critérios de exclusão: A) Trabalhos que não estivessem disponíveis, nem mesmo em forma de resumo;

IV – Leitura do material selecionado;

V – Categorização dos estudos, que seguiu a ordem das questões norteadoras;

VI – Análise e interpretação dos dados;

VII – Apresentação da revisão de forma resumida e descritiva.

Para a construção do corpus desta RIL, elegemos como banco de dados a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), cuja

amostra correspondeu a 111 (cento e onze) trabalhos e o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes (CTDC), com uma amostra de 380 (trezentos e oitenta trabalhos), pois era nosso interesse investigar pesquisas no âmbito da pós-graduação no Brasil. Esses dois bancos são mais abrangentes e condensam as pesquisas de forma mais sistemática. Importante dizer que em ambos foram utilizados os mesmos descritores, no entanto, como tivemos resultados diferentes, acreditamos que isso possivelmente pode ser porque o CTDC está diretamente ligado aos programas de pós-graduações, que obrigatoriamente necessitam comunicar à Capes sobre as pesquisas realizadas pelos seus estudantes.

Ressaltamos ainda que os trabalhos se repetiram, em sua maioria, em ambos os bancos de dados, no entanto, também detectamos trabalhos que apareciam em um e não em outro. Assim, optamos por trazer os dados dos dois repositórios, de forma separada, o que nos serviu para responder a questões específicas desta RIL, pois, em especial, a BDTD apresenta um refinamento na busca pelas instituições e por orientadores, o que era imprescindível para a sistematização de nossa análise, que buscou situar geograficamente onde se concentravam no Brasil as pesquisas sobre o pensamento benvenistiano.

### **Émile Benveniste em Revista**

Nesta seção iremos nos dedicar a apresentar os dados da pesquisa e discutir os resultados, sendo que iniciaremos com uma demonstração quantitativa dos dois bancos de dados, para situar o leitor sobre a incidência da influência desse linguista para os estudos brasileiros.

De acordo com o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, quando se faz a busca exclusivamente pelo nome do teórico Émile Benveniste, tem-se um total de 759 aparições. No entanto, após refinarmos as buscas e analisarmos as aparições, apenas 380 correspondem de fato ao linguista. Sendo que o primeiro registro é de 1987, de autoria de Maria Cristina Lírio Gurgel, na pesquisa de Mestrado em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. E os últimos de 2019, uma dissertação desenvolvida por Leni Rejane da Costa no Mestrado em Ciências da Linguagem, da Universidade Católica de Pernambuco e a outra por Jefferson Ubiratan de Araújo, no programa de Mestrado em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. A seguir, apresentamos o gráfico 1 com os demais resultados organizados por ano de defesa.

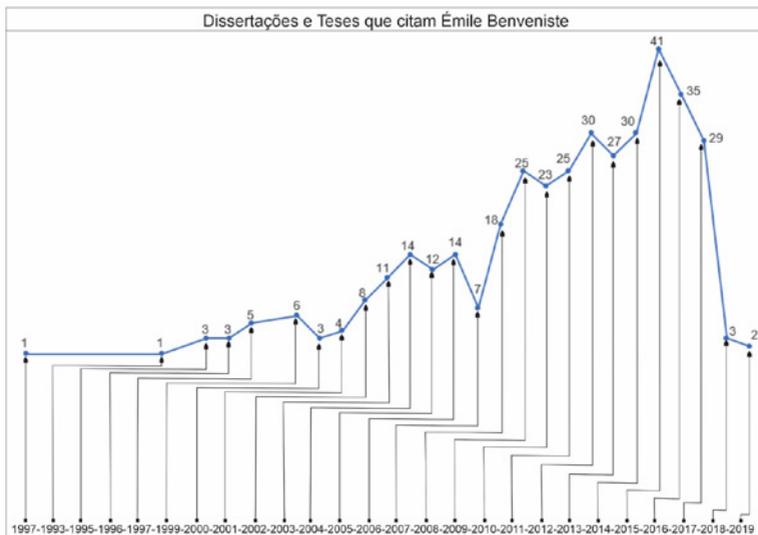


Gráfico 1: Dissertações e Teses que citam Émile Benveniste

Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações da Capes.

Como se pode observar, é a partir dos anos 2000 que há uma crescente no uso das ideias do teórico para a fundamentação de pesquisas no Brasil, em especial, entre os anos de 2011 e 2017, muito embora tenha havido uma queda considerável nos dois últimos anos. Esses dados confirmam o que dizem Cláudia Stumpf Toldo Oudeste e Valdir do Nascimento Flores (2018, p. 360): “É verdade que lemos Benveniste, em português, desde os anos 1970 [...] mas não se pode afirmar com tranquilidade que produzimos um saber em torno da obra de Benveniste desde essa época”. Isso, em particular, em se tratando de pesquisas com vínculos acadêmicos e desenvolvidas na pós-graduação, que são os objetos de nossa análise.

Ainda corroborando o que dizem Oudeste e Flores (2018, p. 360), o que se verificou ao analisar o corpus desta revisão foi a forma como Benveniste é chamado aos textos, “[...] por intermédio de outras teorias, exteriores ao pensamento benvenistiano, em especial, a Linguística do Texto, a Análise do Discurso e a Pragmática”. Predominando os temas: Teoria da Enunciação e a Análise do Discurso, e das 380 pesquisas do CTDC apenas 24 apresentavam o nome do linguista no título, fazendo menção que o estudo se dedicaria a analisar a obra de Benveniste em si, seja apenas dele ou em comparativo com

outros teóricos como Saussure, Jakobson, Lacan, Wittgenstein, Damourette e Pichon.

Outro ponto importante a ser ressaltado é a amplitude da obra de Benveniste, assim como a possibilidade de diálogos interdisciplinares com as áreas da Educação, da Psicologia, da Filosofia e da Psicanálise, como constatamos em nossa revisão, cujos dados apontaram que além da grande maioria das pesquisas terem sido desenvolvidas em Programas de Letras/Linguística/Estudos da Linguagem/Literatura, também há um número considerável de trabalhos desenvolvidos em Programas de Mestrado e Doutorado em Educação, como pode ser visualizado na Tabela 1.

NOME (ÁREA) DO PROGRAMA	QUANTIDADE
LETRAS E ÁREAS AFINS .....	355
EDUCAÇÃO.....	17
EDUCAÇÃO DAS CIÊNCIAS .....	01
PSICOLOGIA COGNITIVA .....	02
CIÊNCIAS CRIMINAIS .....	01
DISTÚRBIOS DA COMUNICAÇÃO ...	02
TEOLOGIA .....	01
MEST. EM ENSINO DE HISTÓRIA ...	01
<b>TOTAL .....</b>	<b>380</b>

Tabela 1: Dissertações e Teses que citam Émile Benveniste por nome (área) do programa de pós-graduação

Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações da Capes.

Para se ter uma noção da interdisciplinaridade e da abertura para o uso das discussões benvenistianas, vale ressaltar, entre os estudos que lançam mão da teoria desse linguista, os seguintes trabalhos:

1) Escutar o tempo: um estudo sobre Aquela Vez de Samuel Beckett, defendida em 2008 por Vicente Carlos Pereira Junior, vinculada ao Mestrado em Teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro;

2) (Re) Pensando a Natureza Jurídica do Processo penal: Pela Superação da Concepção de Processo como Relação Jurídica, desenvolvida por Maurício Santana Dos Reis, em 2012, vinculada ao Mestrado em Ciências Criminais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul;

3) A face amável do deus terrível: uma hermenêutica do confronto a partir do imaginário bíblico, de autoria de Eduardo Sales de Lima, defendida

em 2013 no Mestrado Profissional em Teologia da Escola Superior de Teologia de São Leopoldo;

4) Análise dos manuais utilizados no programa de tratamento do tabagismo, de Claudia Tereza Pinheiro, publicada em 2014 e vinculada ao Mestrado em Ciências do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, da FIOCRUZ.

5) O amadurecimento do bebê e a linguagem: uma leitura a partir de Winnicott e Benveniste, apresentada em 2015 por Cristina Saling Kruehl, no Doutorado em Distúrbios da Comunicação Humana da Universidade Federal de Santa Maria;

6) Sinais do tempo: construção de significados de tempo histórico para alunos surdos em uma perspectiva de letramento histórico em libras, apresentada por Camilla Oliveira Mattos em 2016 no Mestrado Profissional em Ensino de História Instituição de Ensino da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Os dados acima confirmam a perspectiva de Flores *et al.* (2009) sobre as possibilidades de diálogos interdisciplinares com a obra de Émile Benveniste. Importante dizer que esses trabalhos coincidem com o período considerado por Flores (2017) como a segunda recepção da obra de Benveniste no Brasil, impulsionada, entre outros fatores, pelas disciplinas em Mestrado e Doutorado, em que os textos do autor vêm sendo discutidos, pelo interesse na leitura de suas obras ao invés das de seus debatedores e pelo interesse de estudiosos de outras áreas como Antropologia, Filosofia, Fonoaudiologia, História e Psicanálise.

Assim, para explicitar melhor esses diálogos, os estudos citados são abordados no quadro 1, a seguir:

TÍTULO	AUTOR(A)	OBJETIVOS	ESTUDIOSOS CITADOS	PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO	ANO
<b>ESCUTAR O TEMPO:</b> um estudo sobre Aquela Vez de Samuel Beckett	Vicente Carlos Pereira Júnior	Investigar a abordagem do elemento tempo na obra de Samuel Beckett;  Examinar o tempo e a enunciação subjetiva em alguns de seus romances e peças;  Analisar a peça Aquela vez, em sua relação com a forma sonata, estrutura musical que inspirou sua composição.	ÉMILE BENVENISTE (Teoria da Enunciação); Roland Barthes (As modalidades da escuta); Aldo Tagliaferri; Fábio de Souza Andrade; Enoch Brater; Theodor Adorno; James Knowlson; Paul Lawley (Recepção da obra do autor); Wolfgang Iser (Abordagem antropológica da obra literária/Estética da recepção); Friedrich Nietzsche (Abordagem filosófica das obras). Teóricos sobre o teatro e a performance.	Mestrado em Teatro/UFRJ	2008
<b>(RE)PENSANDO A NATUREZA JURÍDICA DO PROCESSO PENAL:</b> para além da concepção de processo como relação jurídica, por meio da linguística	Maurício Sant'anna dos Reis	Analisar a viabilidade da teoria processual de Elio Fazzalari ao processo penal;  Delinear as concepções clássicas acerca da natureza jurídica do processo;  Explicar a teoria do processo como relação jurídica;  Explicar a teoria do processo como situação jurídica;  Explicar a teoria do processo como procedimento em contraditório e analisar sua adequação ao processo penal.	ÉMILE BENVENISTE (Teoria da Enunciação); Mikhail Bakhtin (Dialogismo); Elio Fazzalari (Teoria do Processo [Penal]); James Goldschmidt (Teoria da Situação Jurídica processual penal); Oskar Von Bülow (Teoria da Relação Jurídica).	Mestrado em Ciências Criminais/PUC-RS	2012
<b>A FACE AMÁVEL DO DEUS TERRÍVEL:</b> uma hermenêutica do confronto a partir do imaginário bíblico	Eduardo Sales De Lima	Reconhecer as estruturas que usam o imaginário divino para legitimar a perpetuação do poder	ÉMILE BENVENISTE (Teoria da Enunciação); Mikhail Bakhtin (Dialogismo); Louis Althusser (Filosofia – Aparelhamento do poder); Jan Assmann (Epitologia – Teoria da cultura); Ferdinand Braudel; Lynn Hunt; Jacques Le Gooff (História cultural); Wolfgang Iser (Teoria da recepção); Michel Foucault (Arqueologia do saber); Clifford Geertz; Claude Lévi-Strauss (Teorias antropológicas – Mito e interpretações da cultura).	Mestrado em Teologia da Escola Superior de Teologia/São Leopoldo/RS	2013

TÍTULO	AUTOR(A)	OBJETIVOS	ESTUDIOSOS CITADOS	PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO	ANO
<b>ANÁLISE DOS MANUAIS UTILIZADOS NO PROGRAMA DE TRATAMENTO DO TABAGISMO</b>	Claudia Tereza Pinheiro	Analisar as narrativas do tabagismo presentes nestes manuais, que são utilizados como suporte comunicacional no tratamento do fumante, no SUS.	ÉMILE BENVENISTE (Teoria da Enunciação); Mikhail Bakhtin (Polifonia e Dialogismo); Helena Brandão (Análise do discurso); Fairclough (Análise do discurso); Fiorin (Análise do discurso); Ministério da Saúde do Brasil (Educação em Saúde/Tabagismo); Organização Pan-Americana da Saúde (Educação em Saúde/Tabagismo); José Rosemberg (Tabagismo).	Mestrado em Informação e Comunicação em Saúde FIOCRUZ/RJ	2014
<b>O AMADURECIMENTO DO BEBÊ E A LINGUAGEM:</b> uma leitura a partir de Winnicott e Benveniste	Cristina Saling Kruehl	Aprofundar o conceito de experiência mãe-bebê de mutualidade, demonstrando como ele se expressa em sistemas semióticos, sejam eles verbais ou não verbais, de modo a favorecer a emergência do simbolismo e sustentar o processo de apropriação linguística pelo bebê, partindo da aproximação entre a teoria do Amadurecimento Pessoal de Winnicott e princípios semióticos encontrados na teoria enunciativa de Benveniste.	ÉMILE BENVENISTE (Teoria da Enunciação); Valdir Flores (Relação da linguística com a psicanálise/Leitura da obra de Benveniste); Donald Winnicott (Teoria do Amadurecimento Pessoal); Colwyn Trevarthen (Intersubjetividade infantil); Marie-Christine Laznik (Linguagem e comunicação do bebê).	Doutorado em Distúrbios da comunicação da Universidade Federal de Santa Maria/RS	2015
<b>SINAIS DO TEMPO:</b> construção de significados de tempo histórico em libras para alunos surdos em uma perspectiva de letramento em história	Camilla Oliveira Mattos	Construir um material didático (sequência didática) voltado para o ensino de tempo histórico para surdos	ÉMILE BENVENISTE (Teoria da Enunciação); Mikhail Bakhtin (Dialogismo); Reinhardt Koselleck (Tempo e sujeito nas categorias meta-históricas); Paul Ricoeur (Articulação entre tempo e narrativa); Ana Cláudia Lodi e Cristina Lacerda (Campo discursivo da educação de surdos); Patricia Azevedo (Letramento em História).	Mestrado Profissional em Ensino de História Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/ RJ	2016

Quadro 1: Estudos que se fundamentam nas ideias de Émile Benveniste

Fonte: autores.

Nesse contexto, ao analisar a qualidade e a amplitude das obras do linguista, Teixeira (2012) afirma que muitos pensadores, entre eles, Paul Ricoeur, Roland Barthes e Jacques Lacan, “perceberam desde sempre que Benveniste não se ocupa apenas de aspectos avulsos de morfologia e sintaxe. Sob a descrição linguística miúda e pormenorizada, estão colocadas questões de interesse muito amplo” (TEIXEIRA, 2012, p. 72). Por isso, foi possível fundamentar análises no campo do teatro, dos distúrbios da comunicação humana e das ciências criminais, como as que exemplificamos anteriormente.

Como dito na abordagem metodológica, fizemos a escolha por dois bancos de dados, feita a exposição da amostra do CTDC, apresentaremos o gráfico 2 com a sistematização da amostra dos trabalhos selecionados na BDTD.

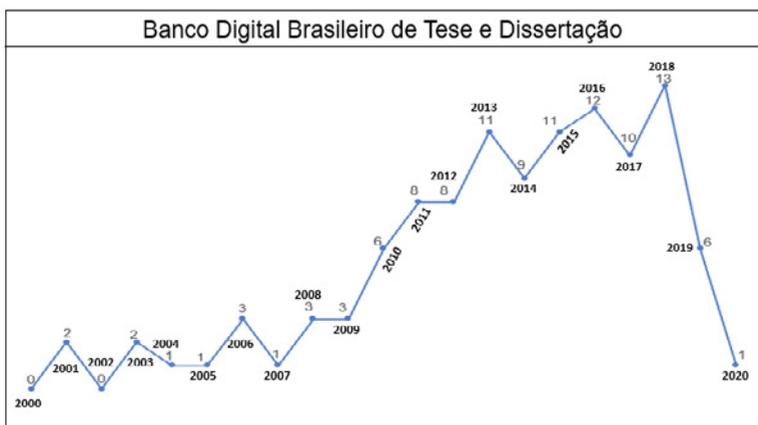


Gráfico 2: Dissertações e Teses que citam Émile Benveniste

Fonte: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

A busca na BDTD seguiu um recorte temporal de 2000 a 2020, contudo não encontramos trabalhos publicados nos anos de 2000 e 2002 nesse banco de dados. No entanto, é importante mencionar que coincidem os períodos de maior incidência, 2011 a 2017, tanto no CTDC, quanto na BDTD. Um outro aspecto que chamou atenção é a queda exponencial nas pesquisas nos últimos dois anos, o que nos motivou a buscar em outras pesquisas futuras os motivos para esses números. Muito embora, em uma busca na Plataforma Lattes no currículo do professor Valdir do Nascimento

Flores<sup>1</sup>, encontramos 3 orientações de doutorado em andamento. Ou seja, a discussão e o estudo de Benveniste encontram-se constantes na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), insituição com maior número de trabalhos encontrados na BDTD: 63 (sessenta e três), sendo 34 dissertações e 29 teses.

Essa frequência maior na UFRGS também foi constatada nos dados do CTDC, o que nos levou a buscar a distribuição geográfica das pesquisas com base em/sobre Émile Beneviste no Brasil, cujos resultados apresentamos na Figura 1.

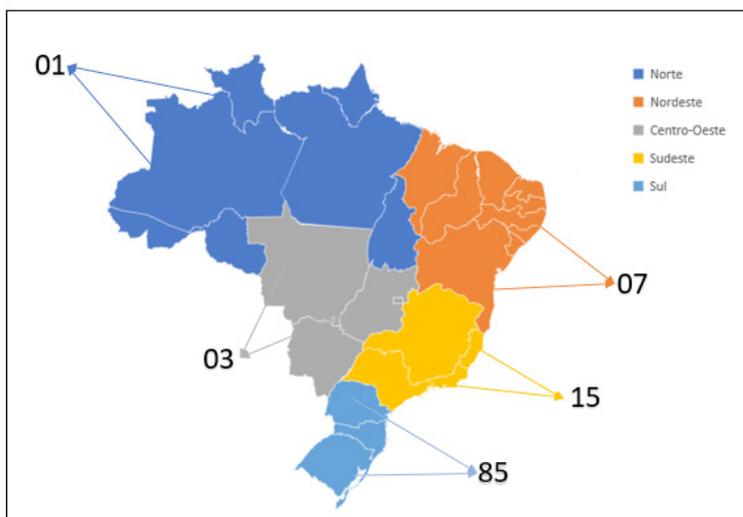


Figura 1: Distribuição de Dissertações e Teses que citam Émile Benveniste por regiões geográficas

Fonte: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

O que se observa na Figura 1 acima, de acordo com os números apresentados pela BDTD, é uma concentração das pesquisas no eixo Sul-Sudeste, com maior incidência no Sul, liderada pela UFRGS, seguida da UNISINOS. No Sudeste, a USP lidera as pesquisa. No Nordeste se destaca a UNICAP, sob a orientação da professora Isabela Barbosa do Rêgo Barros. No Centro-Oeste foram encontradas na BDTD apenas 3 (três) pesquisas e

<sup>1</sup>Professor com maior número de orientações de trabalhos com fundamentação teórica nas ideias de Benveniste.

no Norte 1(uma), realizada na UFAM.

Esses números merecem uma discussão pois, apesar de termos uma amostra de 380 (262 dissertações e 118 teses) no CTDC e 111 (64 dissertações e 47 teses) na BDTD, o que demonstra efetivamente que no Brasil se lê os estudos de Émile Benveniste, essa leitura não é realizada com a mesma frequência em todos os programas de pós-graduação, em especial, os de Letras e áreas afins. A esse respeito, Flores (2012, p. 151), ao analisar as dificuldades na leitura e compreensão da obra do linguista, afirma que “não é fácil ler Benveniste. Para lê-lo, não basta abrir os *Problemas* e dar início a uma leitura linear. É preciso, antes, assumir um ponto de vista epistemológico”.

E essa perspectiva epistemológica foi percebida, com maior ênfase, em nossa análise, nos trabalhos desenvolvidos na UFGRS e nas demais universidades com as quais ela mantém diálogos mais próximos. Ressaltamos o fato de também ser do professor Valdir Flores o maior número de publicações que encontramos sobre a discussão epistemológica das obras de Benveniste e, apesar de não fazer parte do *corpus* deste trabalho, chamamos atenção para o Dossiê *Leituras de Émile Benveniste*, organizado por Cláudia Stumpf Toldo Oudeste e Valdir do Nascimento Flores, publicado na Revista Desenredo do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo.

Ainda merecem destaque para compreendermos a concentração maior dessas pesquisas na região Sul os dois Colóquios *Leituras de Émile Benveniste*, ocorridos em 2004 e 2018. Enquanto o primeiro foi um evento fechado para a PUC do Rio Grande do Sul, o segundo já foi uma ação conjunta do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF) e o Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no âmbito do Acordo de Cooperação entre a UFRGS e a UPF, configurando-se em um espaço de discussão e aprendizagem, o que tem feito com que avancem em os estudos benvenistianos.

Finalizando esta revisão dos dados das pesquisas, o que constatamos quanto às análises dos objetos de estudo é que há uma predominância para a enunciação e para a noção do sujeito do discurso, seja a partir da abordagem semântica, pragmática ou sintática. Há um foco para a pessoa em interação com a sociedade, influenciada e influenciando as práticas culturais e a linguagem, em especial a literária. E em diálogo com as áreas de conhecimento das ciências da saúde há uma predominância dos estudos sobre a relação da linguagem com o autismo e sobre os distúrbios de

linguagem, em destaque para aqueles que apresentam problemas de fala e/ou surdez.

### Considerações Finais

Ao buscar as pesquisas de pós-graduação que citavam Émile Benveniste, foi possível constatar o que ele mesmo assinala: “O estado da sociedade numa época dada não aparece sempre refletido nas designações de que ela faz uso, pois as designações podem muitas vezes subsistir quando os referentes, as realidades designadas já mudaram” (BENVENISTE, 2006, p. 100).

Dessa forma, o que observamos é que não há uma uniformidade na interpretação da teoria de Benveniste, e que suas ideias têm servido para dar suporte a estudos que apresentam como foco o sujeito e sua inter-relação com a linguagem, ampliando-se visões e fortalecendo diálogos interdisciplinares, muito embora, predominem estudos na área da Linguística, seguidos da Literatura e da abordagem antropológica da linguagem.

No cenário dos estudos de/sobre Benveniste, que abordam a Teoria da Enunciação e Teoria da Linguagem, já se entende que a sua teoria não é um modelo acabado e que deve ser interpretado como caminhos que se pode seguir e não fórmulas prontas e que não possam ser (re)pensadas de acordo com os referentes e as realidades designadas.

Logo, o que se observou é que no Brasil já existe um número considerável de estudiosos que aplicam nas suas pesquisas o entendimento “que é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito, e essa condição está na dependência da existência do outro” (FLORES *et al.*, 2009, p. 146). Assim, os caminhos foram abertos, alguns servem ainda, outros precisarão ser deixados para trás, sob pena do comprometimento do próprio caráter de *interpretância*, o que resultará certamente em novas formas de caminhar com Émile Benveniste, deixando franqueada a palavras para diálogos possíveis.

### Referências

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 2006.

BOTELHO, Louise Lira Roedel; CUNHA, Cristiano Castro de Almeida; MACEDO, Marcelo. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade, Belo Horizonte**, v. 5, n. 11, p. 121-136, mai./ago. 2011.

ERCOLE, Flávia Falci; MELO, Laís Samara de; ALCOFORADO, Carla Lúcia Goulart Constant. Revisão Integrativa versus Revisão Sistemática. **Rev Min Enferm.** n. 18, v. 1, p. 1-260, jan./mar. 2014. Disponível em: <<http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/904>>. Acesso em: 21 fev. 2020.

FLORES, Valdir do Nascimento. As teorias enunciativas e a linguística no Brasil: o lugar de Émile Benveniste. **ANTARES**, v. 8, n. 15, p. 2-14, jan./jun. 2016. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/download/4395/2529>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

\_\_\_\_\_. **Saussure e Benveniste no Brasil: quatro aulas na École Normale Supérieure**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

\_\_\_\_\_. Notas para uma (re)leitura da teoria enunciativa de Émile Benveniste. In: TEIXEIRA, Marlene; FLORES, Valdir do Nascimento. **O sentido na linguagem: uma homenagem à professora Leci Borges Barbisan**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. p. 395-417.

\_\_\_\_\_; TEIXEIRA, Marlene. As perspectivas para o estudo das formas complexas do discurso: atualidades de Émile Benveniste. **Revel**, edição especial n. 7, p. 01-14, 2013. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/104923/000939074.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

\_\_\_\_\_. et al. **Dicionário da Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

KRUEL, Cristina Saling. **O amadurecimento do bebê e a linguagem: uma leitura a partir de Winnicott e Benveniste**. 2015. Tese (Doutorado em Distúrbio da Comunicação Humana) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

LIMA, Eduardo Sales de. **A face amável do deus terrível: uma hermenêutica do confronto a partir do imaginário bíblico**. Orientador: Verner Hoefelmann. 2013. Dissertação (Mestrado Profissional em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo - RS, 2013.

MATTOS, Camilla Oliveira. **Sinais do tempo: construção de significados de tempo histórico em libras para alunos surdos em uma perspectiva de letramento em história**. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/RJ, 2016.

OUDESTE, Cláudia Stumpf Toldo; FLORES, Valdir do Nascimento. Editorial. **Revista Desenredo** v. 14, n. 3, p. 360-363. 2018. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/8640/114114353>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

PEREIRA JÚNIOR, Vicente Carlos. **Escutar o tempo**: um estudo sobre aquela vez de Samuel Beckett. 2008. Dissertação (Mestrado em Teatro) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

PINHEIRO, Claudia Tereza. **Análise dos manuais utilizados no Programa de tratamento do tabagismo**. 2014. Dissertação (Mestrado em Informação e Comunicação em Saúde) - FIOCRUZ/RJ, 2014.

REIS, Maurício Sant’Anna dos. **(Re) pensando a natureza jurídica do processo penal**: para além da concepção de processo como relação jurídica, por meio da linguística. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências Criminais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

TEIXEIRA, Marlene. O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem. **Revista Desenredo**, v. 8, n. 1, p. 71-83, 2012. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/2639>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

## O TRADUTOR BENVENISTE: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE “LA TRADUCTION, LA LANGUE ET L’INTELLIGENCE”

### BENVENISTE, THE TRANSLATOR: A REFLECTION ON “LA TRADUCTION, LA LANGUE ET L’INTELLIGENCE”

Sara Luiza Hoff

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, RS, Brasil

Valdir do Nascimento Flores

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, RS, Brasil

*Resumo:* Este artigo discorre sobre a relação de Émile Benveniste com a tradução, tanto enquanto objeto teórico quanto como prática. Para isso, primeiramente, apresentamos e avaliamos o manuscrito inédito “La traduction, la langue et l’intelligence”, publicado em 2016, em que a tradução tem papel de destaque. Em seguida, consideramos as escolhas feitas por Benveniste em uma tradução de um trecho de *Moby Dick* no texto “L’eau virile”, de 1945. Demonstramos, assim, a função de operador desempenhado pelo fenômeno tradutório na reflexão sobre a linguagem de Benveniste.

*Palavras-chave:* Benveniste; tradução; valor de designação; linguagem.

*Abstract:* This article discusses Émile Benveniste’s relationship with translation, both as a theoretical object and as a practice. In order to do that, initially, we present and assess the manuscript “La traduction, la langue et l’intelligence”, first published in 2016, in which translation plays a prominent role. Subsequently, we consider the choices made by Benveniste in a translation of an excerpt of *Moby Dick* in the text “L’eau virile”, from 1945. Thereby, we demonstrate the role as operator that the translation phenomenon takes within Benveniste’s reflection on language.

*Keywords:* Benveniste; translation; value of designation; language.

## Introdução<sup>1</sup>

Em seu livro *Quase a mesma coisa – Experiências de tradução*, Umberto Eco (2011) propõe que a elaboração de uma teoria da tradução deveria ter como condição necessária a experiência de controlar traduções de terceiros, de traduzir e/ou de ter sido traduzido. Desse ponto de vista, Benveniste estaria autorizado a ser um teórico do ramo, posto que a análise de sua obra torna evidente que muitas de suas teorizações sobre a linguagem surgem quando ele coloca línguas em contato, traduzindo-as (cf. HOFF, 2018).

Entretanto, ao considerar a obra publicada de Benveniste, não é possível afirmar que ele foi um teórico da tradução, ao menos não se entendermos que um teórico deve ter escrito diretamente sobre o assunto, dedicado textos exclusivamente ao tema, enfim, elaborado o que se chama uma “teoria” sobre a questão tradutória. Embora a prática tradutória seja uma presença constante em seus artigos e livros, o assunto não parece ter sido abordado com frequência de um ponto de vista teórico, salvo algumas menções, como um parágrafo no final de “A forma e o sentido na linguagem” (BENVENISTE, 2006, p. 233) e a inclusão de textos traduzidos como formas de testemunhar a função e relevância do aoristo no sistema verbal francês (BENVENISTE, 1995).

Em 2016, entretanto, houve uma mudança nesse cenário com a publicação do livro *Autour d'Émile Benveniste sur l'écriture*, organizado por Irène Fenoglio. Nele, consta um manuscrito inédito do linguista em que a tradução é um tema de reflexão e tem papel de destaque, como o título já indica: “La traduction, la langue et l'intelligence” [A tradução, a língua e a inteligência].

Considerando essa nossa configuração do que conhecemos sobre Benveniste, este artigo tem, de um lado, o objetivo de apresentar esse manuscrito ao público brasileiro de linguistas (cf. seção 1) e, de outro lado, o de avaliar seu conteúdo para, então, identificar as linhas de reflexão que Benveniste nele desenvolve, articulando-as à parte da teorização do autor desenvolvida em alguns outros trabalhos (cf. seção 2). Finalmente, buscamos contrapor o que é dito sobre tradução no manuscrito a um exemplo da prática tradutória de Benveniste, disponibilizado no texto “L'eau virile” (cf. seção 3), em que ele traduz um trecho de *Moby Dick*, do escritor norte-

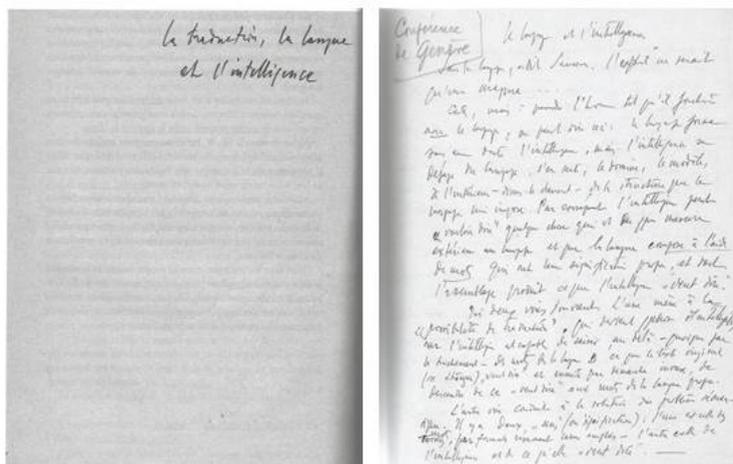
<sup>1</sup>O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup>Doravante também referido como “A forma e o sentido”.

americano Herman Melville (1819-1891). Esperamos, com este trabalho, enfim, lançar algumas bases de uma interpretação mais geral que temos, segundo a qual a tradução comparece na obra benvenistiana – do linguista das línguas – como um operador de sua teoria.

### “La traduction, la langue et l’intelligence”: a nota sobre tradução

Como mencionado anteriormente, o manuscrito “La traduction, la langue et l’intelligence” – aqui também referido como “nota sobre tradução” –, foi publicado em 2016, no livro *Autour d’Émile Benveniste sur l’écriture*, organizado por Irène Fenoglio, tanto sob forma de transcrição digitada do conteúdo como de um fac-símile de cinco páginas escritas à mão por Benveniste (Figura 1, a seguir).



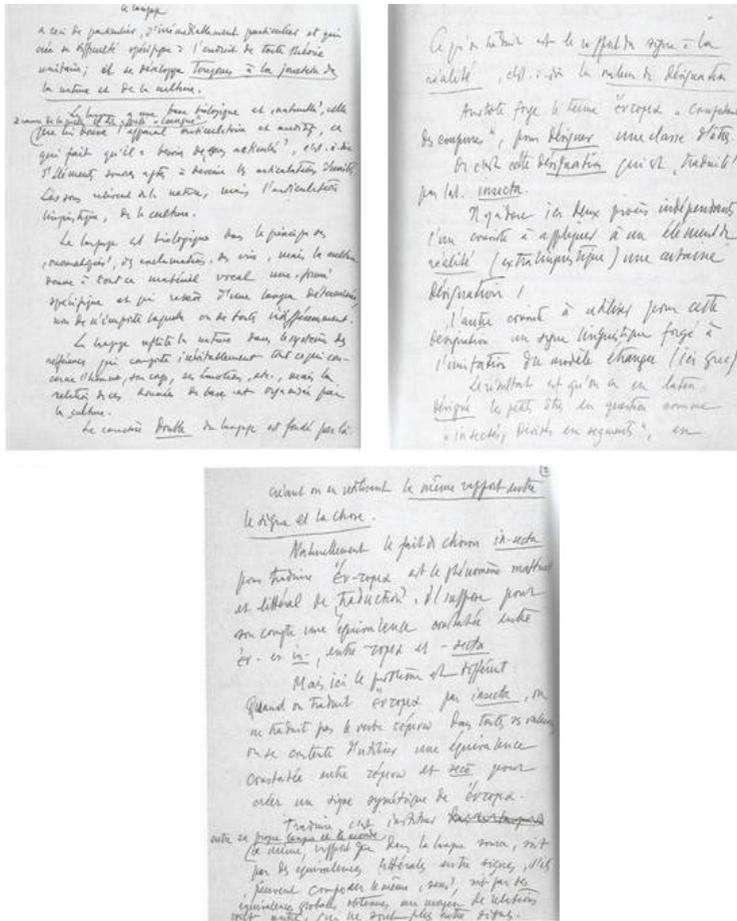


Figura 1 – Fac-símile de “La traduction, la langue et l’intelligence”

Fonte: Benveniste (2016, p. 40-44).

As informações contextuais sobre esse manuscrito são escassas. Sabemos, basicamente, que ele faz parte dos documentos armazenados no Collège de France, catalogado com o código 28 CDF 17 (que se insere na categoria “Travaux” e, mais especificamente, em “Cours et conférences”); tal código compreende, além da nota, o manuscrito “Singulier et pluriel”, também publicado em 2016, e outros cinco materiais, referentes a cursos

de gramática comparada e conferências diversas<sup>3</sup>. A data atribuída a esse conjunto de papéis é 1949-1953, embora nem todos os documentos agrupados tenham uma data específica definida (o que é o caso da nota sobre tradução) (SALAMANDRE, 2007).

Irène Fenoglio, em sua apresentação ao livro em que a nota é publicada, indica que o texto se destinava a uma conferência (não especificada) em Genebra (o que pode ser compreendido através da inscrição “Conférence de Genève [sic]”, presente no fac-símile) e destaca o caráter inacabado do manuscrito, caracterizado como “[...] muito provavelmente um pedaço de texto [...]”<sup>4</sup>, ao mesmo tempo em que enfatiza o fato de que, na nota, é possível encontrar “[...] o caráter cintilante do pensamento, aqui muito sintético, do linguista”<sup>5</sup> (FENOGLIO, 2016, p. 18, tradução nossa).

Percebemos, então, que há um certo mistério em relação a “La traduction, la langue et l’intelligence”. Ignora-se a data em que o manuscrito foi escrito e não há informações precisas sobre a sua finalidade específica. Não há registros de sua apresentação ou publicação. Além disso, trata-se de um material caracterizado pela incompletude e pela síntese. Ou seja, ao analisar o manuscrito, é fundamental levar em conta a incompletude e a embrionariedade das noções nele apresentadas. Isso, no entanto, não significa que a nota não tenha relevância teórica ou que deva ser ignorada. Pelo contrário, como Fenoglio (2019) indica, o estudo dos manuscritos se justifica porque as notas de Benveniste cumprem diferentes papéis nos seus esforços teóricos: são suportes de interrogações metodológicas e de memória, caracterizam espaços em que o linguista põe noções à prova e consistem em lugares em que o pensamento teórico se forma. Segundo ela, “nas notas, Benveniste pensa-escreve: ele cria, inova ou se documenta, abre seu ‘problema’ para o mundo e apresenta suas observações e surpresas. [...]”. Em outras palavras, nas notas, ele pensa e ruma para circunscrever seu objeto e encontrar a expressão de seus conceitos [...]” (FENOGLIO, 2019, p. 51). Há, então, no mínimo, uma semente de pensamento nos manuscritos do linguista, o que autoriza a reflexão sobre eles.

Além disso, a nota sobre tradução também é digna de estudo por

<sup>3</sup>A saber: “Cours de Grammaire comparée de Hittite : cahier de notes prises par V. [Kirehenlul ?] (1952-1953)”; “Cours de Grammaire comparée de Hittite : cahier de notes (s. d.)”; “Langue Sangleci : cahier de notes et vocabulaire”; “Conférence à Philadelphie et Londres. ‘Vocabulaire indo-européen’ : diverses notes”; e “L’Iran et l’Afghanistan, conférences radiodiffusées : plan des interventions, programmes des émissions (1949)”.

<sup>4</sup>No original: “[...] vraisemblablement une partie de texte [...]”.

<sup>5</sup>No original: “[...] le caractère étincelant de la pensée, ici très synthétique, du linguiste.”

abordar um tema que tem pouco destaque na obra de Benveniste, como mencionado anteriormente. Apesar de ser uma prática amplamente utilizada nos mais variados artigos e obras do linguista, a tradução é um fenômeno ao qual ele raramente concede espaço como objeto em suas reflexões teóricas. Assim, a existência de uma nota em que a tradução tem lugar de destaque – aparecendo até mesmo no início do título – é ao menos intrigante, tornando-a merecedora de uma análise detalhada.

Com efeito, já o título do manuscrito é um ponto interessante a destacar. O título “La traduction, la langue et l’intelligence” figura tanto no topo da versão transcrita quanto no canto superior direito da primeira folha do fac-símile do manuscrito. Entretanto, é curioso observar a presença de um outro título – ou de um subtítulo – na segunda página do manuscrito. Este é grafado em negrito na transcrição: “Le langage et l’intelligence” [A linguagem e a inteligência]. Já podemos observar, portanto, que a nota possivelmente não trata exclusivamente da questão da tradução. Somos obrigados a constatar que a tradução está aí, no mínimo, articulada aos temas da “linguagem” e da “inteligência”, o que se revela no próprio título dado por Benveniste.

Outro aspecto importante em relação à apresentação da nota é o fato de ela aparentemente se dividir em três partes distintas. A primeira aparece na segunda página do fac-símile e compreende quatro parágrafos, além do subtítulo mencionado anteriormente; a segunda consiste em cinco parágrafos que constam na terceira página do fac-símile; e a terceira parte – que tem oito parágrafos – é a única que engloba duas páginas do manuscrito (na segunda página, aparece o número 2 no canto superior direito). Na versão transcrita da nota, a separação entre as partes é indicada por uma linha em branco.

Tal divisão não se dá somente em função do modo de apresentação do manuscrito, mas, como veremos, também devido ao conteúdo. Ao ler todo o texto do manuscrito – apresentado a seguir em versão por nós traduzida para o português em trabalho prévio (cf. HOFF, 2018)<sup>6</sup> –, essa segmentação temática é facilmente identificada:

A tradução, a língua e a inteligência

A linguagem e a inteligência

---

<sup>6</sup>O manuscrito original e a versão transcrita em francês podem ser consultados em Benveniste (2016).

Sem a linguagem, disse Saussure, o espírito seria somente um magma...

Certamente, mas para tomar o homem como ele funciona com a linguagem, podemos dizer isso: a linguagem forma sem nenhuma dúvida a inteligência, mas a inteligência emerge da linguagem, se serve dela, a domina, a modela, no interior – sejamos claros – da estrutura que a linguagem impõe a ela. Portanto, a inteligência pode “querer dizer” algo que é, de algum modo, exterior à linguagem e que a língua compõe com o auxílio de palavras que têm a sua significação própria, e cujo arranjo produz aquilo que a inteligência “quer dizer”.

Aqui duas vias se abrem. Uma leva à “possibilidade de tradução” que se torna algo inteligível porque a inteligência é capaz de apreender além – ainda que por intermédio – das palavras da língua B o que o texto original (ou seja, estrangeiro) “quer dizer” e, em seguida, pela abordagem inversa, de descer desse “quer dizer” às palavras da própria língua.

A outra via conduz à solução de um problema semântico. Há dois “sentidos” (ou significações): um é aquele das palavras, por fórmulas que sumarizam seus empregos – o outro, aquele da inteligência e do que ela “quer dizer”.

A linguagem tem isso de particular, de irremediavelmente particular e que cria a sua dificuldade específica no que diz respeito a toda teoria unitária; ela se desenvolve sempre na junção da natureza e da cultura.

A linguagem tem uma base biológica e ‘natural’, aquela por causa de que ela se chama “língua” que lhe dá o aparelho articulatório e auditivo, o que faz com que ela necessite ‘sons articulados’, ou seja, elementos sonoros aptos a se tornarem as articulações de unidades. Os sons dependem da natureza, mas a articulação linguística, da cultura.

A linguagem é biológica no princípio das ‘onomatopeias’, das exclamações, dos gritos, mas a cultura dá a todo esse material vocal uma ‘forma’ específica e que depende de uma língua determinada, não de qualquer uma ou de todas indiscriminadamente.

A linguagem reflete a natureza nos sistemas de referências que inevitavelmente inclui tudo sobre o homem, seu corpo, suas emoções etc., mas a relação desses dados de base é dinamizada pela cultura.

O caractere duplo da linguagem é fundado através disso.

O que traduzimos é a relação do signo com a realidade, ou seja, o valor de designação.

Aristóteles cunha o termo ἔντομα [éntoma] “contendo cortes”, para designar uma classe de seres.

Ora, é esta designação que é ‘traduzida’ pelo latim *insecta*.

Há, então, aqui, dois processos independentes, um consiste em aplicar a um elemento de realidade (extralinguística) uma certa designação, o outro consiste em utilizar para essa designação um signo linguístico cunhado à imitação do modelo estrangeiro (aqui grego).

O resultado é que designamos em latim os pequenos seres em questão como “insetos, divididos em segmentos”, criando ou utilizando a mesma relação entre o signo e a coisa.

Naturalmente, o fato de escolher *in-secta* para traduzir *ἔν-τομα* [én-toma] é o fenômeno material e literal de ‘tradução’. Ele presume, por sua conta, uma equivalência constatada entre *ἔν* [*en*] e *in*, entre *τομα* [*toma*] e *-secta*.

Mas aqui o problema é diferente: quando traduzimos *ἔντομα* [éntoma] por *insecta*, não traduzimos o verbo *τέμνω* [témnō] em todos os seus valores, nos limitamos a usar uma equivalência constatada entre *τέμνω* e *secō* para criar um signo simétrico de *ἔντομα* [éntoma].

Traduzir é instituir, entre sua própria língua e o mundo, a mesma relação que na língua-fonte, seja por equivalências literais entre signos, se eles podem compor o mesmo ‘sentido’, seja por equivalências globais obtidas por meio de relações completamente diferentes, não mais entre signos (BENVENISTE, 2016, p. 37-39, grifos do autor, tradução nossa).

Poderíamos, ao menos de um ponto de vista espacial, ver que há três grandes blocos na nota: o primeiro – constituído pelos quatro primeiros parágrafos da transcrição –, em que vemos uma formulação, digamos, mais geral sobre “a linguagem” articulada à “inteligência” e à “tradução”; o segundo – constituído pelos cinco parágrafos subsequentes –, em que vemos uma tomada mais específica de “linguagem” em sua relação com a “natureza” e com a “cultura”; e o terceiro – constituído pelos demais parágrafos –, em que vemos a “tradução” ser retomada em detalhe.

Tendo apresentado “La traduction, la langue et l’intelligence” em seus aspectos de manuscrito, é tempo de refletirmos um pouco sobre as palavras utilizadas por Benveniste na nota. Isso, evidentemente, exigiria, além de um movimento imanente de interpretação da nota, também um longo percurso transcendente ao conjunto da obra do linguista. A seguir, fazemos apenas algumas indicações a respeito dos termos pelos quais pensamos que essa reflexão pode ser feita.

### **Alguns elementos de leitura da nota**

A leitura de “La traduction, la langue et l’intelligence” em sua totalidade permite entrever a sua diversidade temática. Em outras palavras, talvez referenciar esse manuscrito tão somente como “nota sobre tradução” seja, de certa forma, redutor. A tradução aparece em destaque em alguns pontos, mas é uma evidência que Benveniste não se limita a esse assunto no

manuscrito.

Na primeira parte da nota, o linguista faz uma alusão inicial a Saussure que denota a importância da linguagem para os seres humanos: sem ela, “o espírito seria somente um magma” (BENVENISTE, 2016, p. 37). A partir daí, o linguista realiza o seu movimento habitual de encontro com Saussure, como apontado por Flores (2013, p. 50): “[ele] toma Saussure como ponto de partida, mas não se encerra nele”. A menção ao linguista genebrino, na verdade, é utilizada como base do seu próprio modo de pensamento, que é exposto na sequência da nota, em que Benveniste (2016, p. 37) propõe uma relação circular entre linguagem e inteligência, afirmando que “[...] a linguagem forma sem nenhuma dúvida a inteligência, mas a inteligência emerge da linguagem, se serve dela, a domina, a modela, no interior – sejamos claros – da estrutura que a linguagem impõe a ela”. Ou seja, a linguagem é essencial para a inteligência, que, por sua vez, depende da linguagem, que lhe dá forma.

Esse tema não é estranho à obra benvenistiana. O texto “Categorias de língua e categorias de pensamento” (BENVENISTE, 1995, p. 68-80), por exemplo – principalmente a discussão das páginas iniciais, em que Benveniste dá ênfase à relação solidária e mutuamente necessária entre pensamento e língua – testemunha o interesse do linguista pelo assunto. Flores (2019), em capítulo intitulado “Língua e pensamento”, recorre exatamente a esse artigo de Benveniste para defender que é possível fazer uma prospecção da teoria benvenistiana que implica a linguagem, as línguas e o pensamento. A tradução tem aí papel de base. Leia-se Benveniste:

O pensamento chinês pode muito bem haver inventado categorias tão específicas como o *tao*, o *yin* e o *yan*: nem por isso é menos capaz de assimilar os conceitos da dialética materialista ou da mecânica quântica sem que a estrutura da língua chinesa a isso se oponha. Nenhum tipo de língua pode por si mesmo e por si só favorecer ou impedir a atividade do espírito. [...]. A possibilidade do pensamento liga-se à faculdade de linguagem, pois a língua é uma estrutura informada de significação e pensar é manejar os símbolos da língua (BENVENISTE, 1995, p. 80, grifos do autor).

Ora, vale repetir: o mesmo chinês que inventou o *tao* compreende a dialética materialista. Isso quer dizer que, sendo a língua “uma estrutura informada de significação” em que a função simbólica da linguagem opera,

---

<sup>7</sup>Como indicado anteriormente, todas as traduções dos trechos de “La traduction, la langue et l’intelligence” citados no restante deste trabalho são de nossa autoria.

o homem, como animal simbólico que é, está sempre sob o império das línguas. Nos termos de Benveniste: pode-se expressar a dialética materialista em qualquer língua, mas é mister que se atente para o modo como isso deve ser feito em cada língua (cf. FLORES, 2019, p. 166).

Na continuação da nota, Benveniste (2016, p. 37, grifos do autor) assevera que “portanto, a inteligência pode ‘querer dizer’ algo que é, de algum modo, exterior à linguagem e que a língua compõe com o auxílio de palavras que têm a sua significação própria, e cujo arranjo produz aquilo que a inteligência ‘quer dizer’”. Nesse trecho, é importante notarmos que há uma primeira menção a um elemento exterior à linguagem, tema que será retomado posteriormente no manuscrito. Também é possível entender que há, aqui, uma alusão ao processo de produção de discurso – ou seja, ao domínio semântico –, posto que as palavras são agrupadas para transmitir algo que se quer dizer<sup>8</sup>, remetendo, então, ao intencionado mencionado em “A forma e o sentido na linguagem” (BENVENISTE, 2006, p. 229).

Após essa explicação inicial, Benveniste encerra a primeira parte da nota vislumbrando dois caminhos possíveis: o primeiro é o da possibilidade de tradução e se relaciona à compreensão da mensagem do texto original por intermédio das unidades da língua-alvo ou do percurso inverso, que parte do que o texto quer dizer e leva às palavras da língua-fonte; o segundo indica o problema semântico da existência de dois sentidos/duas significações: “[...] um é aquele das palavras, por fórmulas que sumarizam seus empregos – o outro, aquele da inteligência e do que ela ‘quer dizer’” (BENVENISTE, 2016, p. 38). Entretanto, o linguista não se detém mais nessa questão, deixando em aberto em que contextos ou de que maneira seria possível conceber essas duas significações.

Naturalmente, ao ouvir falar em dois sentidos, porém, somos conduzidos ao semiótico e semântico de “A forma e o sentido”. Isso, no entanto, leva a uma dificuldade: no segundo volume de *Problemas de linguística geral*, Benveniste (2006, p. 227-231) fala no sentido dos signos no domínio semiótico e no sentido da frase (cuja unidade é a palavra), no semântico; na nota, por sua vez, os dois sentidos dizem respeito, respectivamente, à palavra e ao “querer dizer” da inteligência (que, como

---

<sup>8</sup>Um ponto importante a considerar – que provavelmente corrobora essa interpretação – é que as diversas menções de “*vouloir dire*” e “*veut dire*” nessa parte da nota aparecem entre aspas, o que talvez possa indicar o desejo de atenuar o sentido da expressão, ou seja, “querer dizer” não remetaria a uma intenção deliberada de comunicar algo específico, de transmitir um determinado conteúdo, mas mais ao simples fato de produzir um enunciado, ou seja, ao intencionado.

visto acima, pode ser associado ao intencionado). Assim, por um lado, os dois sentidos mencionados na nota, na superfície, diriam respeito ao semântico de “A forma e o sentido”. Por outro lado, no entanto, há uma outra interpretação plausível: trata-se de entrever uma equivalência entre o signo de “A forma e o sentido” e as palavras da nota justamente devido à glosa que acompanha estas últimas, que menciona “[...] fórmulas que sumarizam seus empregos [...]” (BENVENISTE, 2016, p. 38). Nesse caso, é essencial considerarmos que o domínio semiótico – que corresponde, grosso modo, ao sistema da língua – **não implica a eliminação do uso** – portanto, do emprego – da língua, já que é aquilo que é utilizado pelos falantes que acaba sendo incorporado ao sistema linguístico.

A segunda parte do manuscrito, por sua vez, inicia mencionando a especificidade da linguagem: “[...] ela se desenvolve sempre na junção da natureza e da cultura” (BENVENISTE, 2016, p. 38, grifo do autor). A partir daí, Benveniste (2016, p. 38) detalha as bases da linguagem: “uma base biológica e ‘natural’, [...] o que faz com que ela necessite ‘sons articulados’, ou seja, elementos sonoros aptos a se tornarem as articulações de unidades. Os sons dependem da natureza, mas a articulação linguística, da cultura”.

Na sequência, esse trecho é detalhado. O linguista relaciona o aspecto biológico da linguagem às onomatopeias, às exclamações e aos gritos, enquanto a cultura é responsável por dar “[...] a todo esse material vocal uma ‘forma’ específica e que depende de uma língua determinada, não de qualquer uma ou de todas indiscriminadamente” (BENVENISTE, 2016, p. 38). No parágrafo seguinte, observamos um movimento semelhante: nele, Benveniste considera que tudo que se relaciona aos seres humanos – corpo, emoções etc. – integra um sistema de referências que é refletido na linguagem. Porém, é a cultura que dinamiza as relações entre esses elementos. Mais uma vez, então, podemos perceber que o aspecto biológico forma a base sobre a qual a cultura age, tornando as relações significativas.

Essa segunda parte da nota se encerra com um parágrafo que consiste em uma única frase: “O caractere duplo da linguagem é fundado através disso” (BENVENISTE, 2016, p. 38, grifo do autor). O natural e o cultural, portanto, são duas partes igualmente necessárias e determinantes da linguagem.

A noção de caráter duplo da linguagem não é inédita no pensamento benvenistiano. Ela aparece, por exemplo, em “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística”, em que Benveniste (1995, p. 30) afirma que a linguagem é uma “[...] entidade de dupla face”, um fato físico e uma

estrutura imaterial, e também em “A forma e o sentido”, em que o duplo aspecto inerente à linguagem é explicado por termos bem semelhantes aos da nota: a língua tem “[...] o caráter de se realizar por meios vocais, de consistir praticamente num conjunto de sons emitidos e percebidos, que se organizam em palavras dotadas de sentido” (BENVENISTE, 2006, p. 224).

Por fim, a terceira parte da nota marca um retorno à questão da tradução. Ela se inicia com uma declaração bastante direta: “O que traduzimos é a relação do signo com a realidade, ou seja, o valor de designação” (BENVENISTE, 2016, p. 38, grifos do autor). Nessa perspectiva, portanto, o tradutor deve concentrar seus esforços para determinar o valor de designação, que tem a ver com a relação entre a língua e o “mundo”, na língua-fonte.

Benveniste dedica praticamente todo o restante da nota para exemplificar esse ponto a partir da análise da tradução do termo grego “ἔντομα”, que Aristóteles teria escolhido “[...] para designar uma classe de seres” (BENVENISTE, 2016, p. 38, grifo do autor). Para o linguista (2016, p. 39, grifo do autor), essa designação, por sua vez, “[...] é ‘traduzida’ pelo latim *insecta*”. É importante observarmos, aqui, que o que se traduz não é a palavra ou o termo isolados, mas sim o valor de designação, que está contido na designação<sup>9</sup>.

Na continuação do texto, o autor dissecar os dois processos – independentes – que resultam na tradução citada nos parágrafos precedentes. O primeiro é a prescrição de uma determinada designação a um dado elemento da realidade (uma “coisa”), na língua-fonte (no caso, o grego). É importante notar que esse processo ocorre somente em uma língua, e diz respeito à tradução da relação com a realidade extralinguística na língua-fonte. O segundo processo, por sua vez, é a utilização, “[...] para essa designação[, de] um signo linguístico cunhado à imitação do modelo estrangeiro [...]” (BENVENISTE, 2016, p. 39). Trata-se, portanto, do próprio processo tradutório interlinguístico, da transposição entre línguas. A combinação dos dois processos resulta no fato de que os mesmos seres são designados em latim (a língua do texto traduzido) como *insecta*, “insetos”, “[...] criando ou utilizando a mesma relação entre o signo e a coisa” da língua-fonte (BENVENISTE, 2016, p. 39, grifo do autor). Ou seja, a escolha de um novo termo na língua-alvo, por meio da tradução, permite

<sup>9</sup>“Designação”, aqui, parece referir-se ao termo utilizado para nomear ou denominar algo. O uso de “designação” por Benveniste, nesse sentido, é um dos valores identificados por Barboza (2018) em sua tese de doutorado, que busca identificar o papel desempenhado pelo par designação-significação na obra de Émile Benveniste.

replicar o mesmo valor de designação da língua-fonte nessa língua.

Em seguida, Benveniste parte para uma discussão em torno da ideia de equivalência, afirmando que “[...] o fato de escolher *in-secta* para traduzir ἔν-τομα [én-toma] é o fenômeno material e literal de ‘tradução’. Ele presume, por sua conta, uma equivalência constatada entre ἔν [*en*] e *in*, entre τομα [*toma*] e *-secta*” (BENVENISTE, 2016, p. 39, grifos do autor). Portanto, observamos que a equivalência não é suposta somente entre os próprios termos e entre os termos e a realidade, mas também entre as partes que compõem os termos.

No parágrafo seguinte, porém, o linguista afirma que o problema, quando se trata da equivalência entre as partes de um termo, é diferente, já que, ao traduzirmos o termo inteiro, não traduzimos cada uma de suas partes em todos os seus valores, mas “[...] nos limitamos a usar uma equivalência constatada [...]” entre as partes “[...] para criar um signo simétrico [...]” (BENVENISTE, 2016, p. 39). O exemplo utilizado para ilustrar esse ponto é novamente o caso de ἔντομα. Para Benveniste, o verbo τέμνω [*témnō*] (cortar, em português) não é traduzido em todos os seus valores quando ἔντομα é transposto para o latim *insecta*.

No fim da nota, o autor apresenta uma definição de tradução:

Traduzir é instituir, entre sua própria língua e o mundo, a mesma relação que na língua-fonte, seja por equivalências literais entre signos, se eles podem compor o mesmo ‘sentido’, seja por equivalências globais obtidas por meio de relações completamente diferentes, não mais entre signos (BENVENISTE, 2016, p. 39).

Nessa passagem, novamente, o inacabamento da nota implica dificuldades na interpretação do conteúdo. A princípio, é fácil compreender o que Benveniste entende por tradução, já que ele retoma o que havia afirmado previamente: traduz-se, na língua-alvo, a relação entre o signo e a realidade da língua-fonte. Essa mesma relação entre signo e realidade pode ser estabelecida através de dois procedimentos: as equivalências literais ou as equivalências globais. Subentendemos que a diferença entre os dois tipos de equivalência tem relação com a unidade: as primeiras ocorrem entre os signos, as segundas, com algo que não é signo; no entanto, não se especifica o que esse “algo” é. Portanto, a falta de detalhamento na explicação somente leva a incertezas.

É importante relembrarmos, neste ponto, o ineditismo e o

inacabamento de “La traduction, la langue et l’intelligence”. Até onde sabemos, o apanhado de anotações nunca resultou em uma publicação ou comunicação. Ou seja, ao considerar o processo habitual de escrita de Benveniste, descrito por Fenoglio (2019, p. 119-120) – que se inicia com notas manuscritas diversas, convertidas em um rascunho manuscrito com páginas numeradas que, depois, é passado a limpo, ainda escrito à mão, e finalmente datilografado e transformado em conjunto de provas antes de se transformar em um texto impresso –, percebemos que a nota sobre tradução não corresponde senão à primeira etapa do processo. Portanto, não é possível atribuir a esse manuscrito qualquer valor de completude e de conclusão. Desse modo, ao invés de entender o parágrafo final do manuscrito como um fechamento, cria-se a possibilidade de tomá-lo como uma abertura, como a proposição de uma questão que ainda careceria de desenvolvimento. Nesse caso, as equivalências literais poderiam corresponder ao que Benveniste discutiu previamente na terceira parte da nota, ou seja, elas dizem respeito a uma determinada designação (isto é, um termo específico que nomeia um determinado objeto extralinguístico) que é transposta para uma outra designação, em uma língua diferente, buscando reestabelecer um valor de designação semelhante ao da língua original. As equivalências globais, por sua vez, que envolvem outras relações não especificadas, provavelmente, seriam explicadas pelo linguista na continuação do material, ou seja, é impossível saber a que ele se referia. Só é possível formular hipóteses: talvez as equivalências formais correspondam ao que Benveniste (2006, p. 233) propõe em “A forma e o sentido” quando diz que a possibilidade de tradução equivale à transposição do “[...] semantismo<sup>10</sup> de uma língua para outra [...]”, por exemplo.

Ao chegar ao fim da nota, torna-se possível confirmar que cada uma de suas partes se dedica a uma temática diferente. O primeiro trecho aborda essencialmente a relação entre a linguagem e o pensamento, discorrendo sobre o que a inteligência “quer dizer”, sobre a possibilidade de traduzir esse “querer dizer” e sobre o problema semântico da existência de duas significações distintas (das palavras e da inteligência). Já a segunda parte discute o caractere duplo da linguagem, que tem uma face biológica/natural e uma face cultural, sem nem ao mesmo mencionar a tradução. O terceiro

---

<sup>10</sup>Aqui, chama a atenção o uso de “semantismo” ao invés de “semântico” – que aparece no restante do texto “A forma e o sentido”. Entendemos que essa mudança terminológica não é accidental. Uma explicação possível para a sua realização passa pela ideia de que não é o próprio domínio semântico que é traduzido, mas sim um determinado estado do semântico, isto é, uma instância particular de apropriação da língua, de produção de discurso (cf. HOFF, 2018).

fragmento, por sua vez, centra-se na questão do valor da designação, que diz respeito à relação do signo com a realidade; é isso que efetivamente deve ser considerado no processo tradutório, como demonstrado no exemplo fornecido por Benveniste nessa parte do manuscrito.

Vemos, então, que Benveniste desenvolve três linhas de reflexão distintas em “La traduction, la langue et l’intelligence”: a relação entre linguagem e pensamento, a relação entre as duas bases – natural e cultural – da linguagem e a relação entre a língua e a realidade. Trata-se, então, essencialmente, de uma discussão sobre a natureza da linguagem, em que o fenômeno tradutório, ao invés de ser o objeto principal da teorização, constitui o meio de refletir e de demonstrar certos aspectos da natureza da linguagem.

### 3 Benveniste, tradutor de Melville

Em um texto em que se dedica a analisar o lugar e o papel de textos literários nas teorizações de Ferdinand de Saussure e de Émile Benveniste, intitulado “Saussure, Benveniste et la littérature”, Daniel Delas (2005) se dedica a pensar a relação da linguística saussuriana e benvenistiana e a literatura. Entre os pontos por ele analisado, está o artigo “L’eau virile” [A água viril], de Benveniste.

O texto “L’eau virile” foi republicado recentemente, em 2015, em *Langues, cultures, religions*, uma coletânea de artigos de Benveniste organizada por Chloé Laplantine e Georges-Jean Pinault. Porém, a sua publicação original data de 1945, em um volume único de uma revista organizada por Jacques Kober e Jacques Gardies, intitulada *Pierre à feu - Provence noire*. Tal revista reúne 28 textos de vários estudiosos, como D.H. Lawrence, Raymond Queneau e Gaston Bachelard, além de apresentar 50 litografias de André Marchand. Os textos tratam de assuntos diversos: a Provence, a Grécia, os mitos, o mar, o Mediterrâneo, a África e a guerra estão entre os temas abordados pelos autores, conforme Bader (1999). O ponto em comum, ainda segundo Bader (1999, p. 11, tradução nossa), é que todos “os textos estão em conformidade com a vida do autor [...]”<sup>11</sup>. Para a autora, “[...] em *L’eau virile*, utilizando [...] uma codificação literária, E. Benveniste registra uma parte de autobiografia: as circunstâncias (seu exílio) levam, de

---

<sup>11</sup>No original: “Les textes sont conformes à la vie de l’auteur de l’exergue [...]”

sua parte, a uma anamnese que o faz retornar a sua infância<sup>12</sup>” (BADER, 1999, p. 12, grifo da autora, tradução nossa).

No entanto, o objeto manifesto do texto é, como o título evidencia, a água. Benveniste se dedica a analisar as diferentes figurações e o imaginário poético em torno do tema, embora não se limite a isso, já que, segundo Laplantine e Pinault (2015, p. XVII, tradução nossa), “ao constituir uma reflexão sobre o vocabulário da água e do mar, ele vai além do quadro comparativo e histórico para se situar no cruzamento da poética, da fenomenologia e da antropologia<sup>13</sup>”.

Um dos pontos a que Delas (2005) chama a atenção, em uma nota de rodapé de seu artigo, é o fato de Benveniste, em “L'eau virile”, de um lado, conservar a tradução da editora Gallimard de *Moby Dick* na primeira citação que faz ao texto de Melville e, de outro lado, modificar a tradução do segundo trecho da obra por ele citado. Explica Delas (2005, p. 71, tradução nossa): “[...] Benveniste não está satisfeito com a tradução feita em 1941 por Lucien Jacques, Joan Smith e Jean Giono, tradução que, no entanto, ele havia utilizado para a primeira citação de Melville<sup>14</sup>”.

Delas, além disso, fornece os excertos da tradução da Gallimard e da tradução de Benveniste, que apresentamos no Quadro 1, a seguir, juntamente com o trecho do texto original em inglês e de uma tradução em português brasileiro.

Original em inglês	Tradução em português - Cosac Naify	Tradução em francês - Gallimard	Tradução em francês – Benveniste
It was a clear steel-blue day.	O dia era claro, azul de aço.	C'était une claire journée d'un bleu d'acier.	C'était un jour clair, d'un bleu d'acier.

<sup>12</sup>No original: “Je vais essayer de montrer que dans *L'eau virile*, utilisant, comme P. Chantraine – l'un des cinq amis de Benveniste qui ont contribué aux *Entremes...* Benveniste – un codage littéraire, E. Benveniste inscrit une part d'autobiographie: les circonstances (son exil) entraînent de sa part une anamnèse qui le fait remonter jusqu'à son enfance.”

<sup>13</sup>No original: “Tout en constituant une réflexion sur le vocabulaire de l'eau et de la mer, il dépasse le cadre comparatif et historique pour se situer au carrefour de la poétique, de la phénoménologie et de l'anthropologie”.

<sup>14</sup>No original: “[...] Benveniste ne se satisfait pas de la traduction donnée en 1941 par Lucien Jacques, Joan Smith et Jean Giono, traduction qu'il avait pourtant utilisée pour la première citation de Melville.”

Original em inglês	Tradução em português - Cosac Naify	Tradução em francês - Gallimard	Tradução em francês – Benveniste
The firmaments of air and sea were hardly separable in that all-pervading azure;	Ar e mar, os firmamentos mal se podiam distinguir em meio ao tom cerúleo,	Les espaces de l’air et de la mer étaient tout pénétrés d’azur.	L’air et la mer, ces deux firmaments, se séparaient à peine, dans cet azur qui s’étendait partout.
only, the pensive air was transparently pure and soft, with a woman’s look, and the robust and man-like with long, strong, lingering swells, as Samson’s chest in his sleep.	que tudo impregnava; apenas a brisa, meditativa, era transparentemente pura e suave, como um semblante de mulher, enquanto o oceano viril, masculino, se erguia em longas ondulações, largas e lentas, como o peito de Sansão durante o sono.	Mais le ciel, doucement clair et pur avait quelque chose de féminin, tandis que la mer robuste était un mâle dont la poitrine se soulève en de puissants et lents halètements, comme Samson endormi.	Tout au plus l’air pensif avait-il une transparence pure et douce, avec un regard de femme, tandis que la mer robuste comme un homme se soulevait en longues houles puissantes qui s’attardaient, comme la poitrine de Samson dans son sommeil.
Hither, and thither, on high, glided the snow-white wings of small, unspeckled birds;	De lá, de cá, pelas alturas, deslizavam névas as asas de pequenos pássaros imaculados;	De-ci, de-là, très haut, voguaient les ailes blanches comme de la neige de petits oiseaux immaculés.	Ici et là, bien haut, glissaient les ailes de neige des petits oiseaux sans tache.
these were the gentle thoughts of the feminine air;	eram doces pensamentos da brisa feminina;	Ils semblaient être les douces pensées féminines du ciel,	C’étaient les suaves pensées de l’air féminin ;
but to and fro in the deeps, far down in the bottomless blue, rushed mighty leviathans, sword-fish, and sharks;	mas, de um lado, de outro, pelas profundezas de um azul sem fundo, corriam os gigantesco Leviatãs, os peixes-espada e os tubarões;	tandis que, rôdant au sein des profondeurs, très bas, sous l’insondable bleu, les puissants léviathans, les espadons et les requins, mêlaient leurs nages,	mais en tout sens dans l’abîme, bien loin dans l’insondable bleu, se ruiaient de redoutables léviathans, des espadons et des requins :

Original em inglês	Tradução em português - Cosac Naify	Tradução em francês - Gallimard	Tradução em francês – Benveniste
and these were the strong, troubled, murderous thinkings of the masculine sea.	e tais eram os pensamentos vigorosos, tensos e mortíferos do másculo oceano.	et ils étaient les pensées fortes, meurtrières et troubles de la mer virile .	c'étaient les pensées troublées, criminelles, de la mer virile .

Quadro 1 – Moby Dick e suas traduções

Fonte: Adaptado de Delas (2005, p. 71) e Melville (1993, p. 442; 2013, p. 562)

Quanto às escolhas do tradutor Benveniste (assinaladas em sublinhado no Quadro 1), contentamo-nos em citar o que diz a seu respeito Delas (2005, p. 71, grifos do autor, tradução nossa):

A tradução Gallimard dessa passagem de Melville, essencial à sua demonstração, é inadmissível para Benveniste em muitos aspectos. Vamos apenas apontar a tradução nebulosa de *firmaments* [firmamentos] por *espace* [espaço], depois de (*pensive*) [meditativa] ou (*feminine*) [feminina] *air* [ar/brisa] por *ciel* [céu] (enquanto o *air* [ar/brisa] é um elemento bachelardiano fundamental), sublinhar a metaforização poética (*voguaient, immaculés*) [deslizavam, imaculados] dos tradutores Gallimard para *the snow-white wings of small, unspeckled birds* [as asas brancas como a neve de pequenos pássaros imaculados] que Benveniste apresenta em sua forte simplicidade, o enfraquecimento de *rushed* [se apressavam] em *mêlaient leurs nages* [misturavam seus nados], e, enfim – por último, mas não menos importante! –, a recuperação de *masculine sea* [ másculo oceano] em *mer virile* [mar viril]<sup>15</sup>.

No entanto, o que chama a atenção aqui é menos as escolhas específicas feitas pelo tradutor Benveniste – em comparação com o que já havia sido estabelecido pelos tradutores franceses – e mais o fato de Benveniste ter, inicialmente, mantido uma parte da tradução publicada pela Gallimard e, em seguida, ter optado por fazer uma tradução própria. A que se deve essa atitude, essa oscilação do linguista? Por enquanto, conseguimos apenas vislumbrar uma resposta inicial possível: o falante.

<sup>15</sup>No original: “La traduction Gallimard de ce passage de Melville, essentiel à sa démonstration, est irrecevable pour Benveniste à bien des titres. Contentons-nous de signaler la traduction floue de *firmaments* par *espace*, puis de (*pensive*) ou (*feminine*) *air* par *ciel* (alors que l’air est un élément bachelardien fondamental), de souligner la métaphorisation poétisante (*voguaient, immaculés*) des traducteurs Gallimard pour *the snow-white wings of small, unspeckled birds* que Benveniste rend dans sa forte simplicité, de l’affaiblissement de *rushed* en *mêlaient leurs nages* et enfin, last but not least !, le redressement de *masculine sea* en *mer virile*.”

É como falante – que exerce, nesse caso, a função de tradutor – que Benveniste, de um lado, mantém uma tradução já feita e, de outro lado, opta por refazê-la. Isso fica mais bem compreendido com a noção de “comentário” – entendido aqui como a capacidade de o falante colocar no centro do seu dizer a sua experiência de falante –, no âmbito de uma antropologia da enunciação (cf. FLORES, 2019) aplicada à tradução.

Flores e Hoff (2017) já falaram sobre o tema, ao abordarem a questão do tempo como fator de opacidade na tradução. Dizem os autores:

[a] tradução é uma interpretação, mas ela não é um comentário explicativo, o que seria próprio a uma interpretação hermenêutica. Um comentário é, claramente, algo diferente daquilo que é objeto do comentário. [...] O comentário reúne notas que revelam hipóteses, pontos de vista, críticas etc. do comentador acerca de um texto. Nada disso se passa com a tradução. Para nós, o que faz da tradução um “caso limite” [...] não é o fato de ela *ser* um comentário, mas de ela *conter* um comentário que poderíamos chamar de descontínuo. Quer dizer: as decisões tomadas pelo tradutor constituem a tradução como se fossem um comentário interpretativo, mas, na verdade, elas são descontinuamente integradas ao texto alvo (FLORES; HOFF, 2017, p. 5-6, grifos dos autores).

E como opera o “comentário” na situação específica da atitude de Benveniste em “L’eau virile”? Certamente, a resposta exigiria maior articulação a uma teoria da linguagem – e insistimos no fato de ser “à teoria da linguagem” e não “à linguística” –, pois o fenômeno tradutório, para além de suas técnicas, é, para nós, fenômeno de linguagem, articulado ao campo dos estudos do *Homo loquens* (cf. FLORES, 2019). Por ora, podemos apenas dizer que é na condição de falante, experienciador do fenômeno tradutório, que o linguista aceita algumas relações entre signo e realidade na língua-fonte e sua *tradução* na língua-alvo, mas não aceita outras.

Seria por se tratar de um texto literário – embora não seja literário *stricto sensu*? Seria por haver uma “língua de Melville”, assim como haveria uma “língua de Baudelaire”? (cf. BENVENISTE, 2011). Se sim, quais os limites do que o homem pode fazer com a sua língua? De que natureza seriam esses limites?

### Considerações finais

Em termos de conclusão, gostaríamos de dizer algumas poucas

palavras acerca da tradução como fenômeno abrigado nos estudos de uma antropologia da enunciação, entendida aqui como o estudo que mostra como opera a *língua no homem*, ou seja, uma antropologia – no sentido amplo de “conhecimento do homem” e não em algum sentido específico ou aplicado a um domínio qualquer – que toma como objeto de estudo para si o fato de o homem ser falante *Homo loquens*.

Nesse sentido, a enunciação passa a ser entendida como uma *função* que caracteriza o *Homo loquens* e que identifica o caráter fundamentalmente verbal da condição humana. O ato de dizer algo, a enunciação, coloca em cena um saber sobre a natureza *loquens* do homem. Essa função constitui um objeto antropológico na justa medida em que dá a conhecer os efeitos da presença da *língua no homem*. A antropologia da enunciação visa, então, esse saber sobre o homem que advém de sua natureza de falante.

E como a situação, flagrada por Delas (2005) acerca da tradução de Melville, testemunha um dado da antropologia da enunciação?

É, antes de responder, necessário situar a tradução como um fenômeno que diz algo da natureza humana, uma vez que, de um lado, ela condensa a relação do homem com a sua língua e com a língua do outro; de outro lado, ela reserva um lugar de destaque – que concentra algo de possível e algo de impossível – para o que se poderia chamar de uma incompreensão natural, própria da interação humana.

Retomando os termos de “La traduction, la langue et l’intelligence”, podemos dizer que, se *traduzir é instituir, entre sua própria língua e o mundo, a mesma relação que na língua-fonte*, isso somente pode ser feito a partir do momento em que o falante produz estas ou aquelas *equivalências literais entre signos*, estas ou aquelas *equivalências globais*. Ou seja, é sempre uma situação em que o falante tematiza a sua posição de falante em um fenômeno em que ele é implicado na condição de falante (cf. FLORES, no prelo).

Assim, é justamente isso que observamos quando Benveniste decide modificar a tradução da Gallimard, ao apresentar a sua própria versão do trecho de *Moby Dick*: ele demonstra a sua percepção da relação entre as línguas – nesse caso, o inglês e o francês – e o mundo e, ao fazer isso, evidencia-se como falante, como *Homo loquens*, possibilitando a emergência de um saber antropológico.

---

## Referências

BADER, Françoise. Une anamnèse littéraire d’Émile Benveniste. **Incontri linguistici**, Pisa/Roma, n. 22, p. 11-55. 1999.

BARBOZA, Gabriela. **Entre designar e significar, o que há?** Em busca de uma semântica em Benveniste. 2018. 140 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. 4. ed. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes/Editora da Unicamp, 1995.

\_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral II**. 2. ed. Tradução de Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **Baudelaire**. Limoges: Malbert-Lucas, 2011.

\_\_\_\_\_. L’eau virile. In: BENVENISTE, Émile. **Langues, cultures, religions**. Organização de Chloé Laplantine e Georges-Jean Pinault. Limoges: Lambert-Lucas, 2015. p. 167-169.

\_\_\_\_\_. La traduction, la langue et l’intelligence. In: FENOGLIO, Irène et al. **Autour d’Émile Benveniste sur l’écriture**. Paris: Seuil, 2016. p. 37-44.

DELAS, Daniel. Saussure, Benveniste et la littérature. **Langages**, Paris, v. 3, n. 159, p. 56-73. 2005. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-langages-2005-3-page-56.htm>. Acesso em: 01 jul. 2020.

ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa**: experiências de tradução. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

FENOGLIO, Irène. Traces. Langue. Écriture. In: FENOGLIO, Irène (org.) et al. **Autour d’Émile Benveniste sur l’écriture**. Paris: Éditions du Seuil, 2016. p. 11–34.

\_\_\_\_\_. Émile **Benveniste**: a gênese de um pensamento. Organização de Valdir do Nascimento Flores, Verónica Galindez e Heloisa Monteiro Rosário. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2019.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.

\_\_\_\_\_. **Problemas gerais de linguística**. Petrópolis: Vozes, 2019.

\_\_\_\_\_. **Saussure e a tradução**. Brasília: Editora UnB, [2020]. No prelo.

\_\_\_\_\_; HOFF, Sara Luiza. O tempo como fator de opacidade da tradução. **Translatio**: revista do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva,

---

Porto Alegre, n. 14, p. 2-23, dez. 2017.

HOFF, Sara Luiza. **A nota “La traduction, la langue et l’intelligence”**: o fenômeno tradutório na e a partir da reflexão sobre a linguagem de Benveniste. 2018. 210 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

LAPLANTINE, Chloé; PINAULT; Georges-Jean. Introduction. In: BENVENISTE, Émile. **Langues, cultures, religions**. Organização de Chloé Laplantine e Georges-Jean Pinault. Limoges: Lambert-Lucas, 2015. p. XI-XLIII.

MELVILLE, Herman. **Moby Dick or The Whale**. Hertfordshire: Wordsworth Editions, 1993.

\_\_\_\_\_. **Moby Dick, ou, A baleia**. Tradução de Irene Hirsch e Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

SALAMANDRE. Fonds Émile Benveniste, Paris, 2007. Disponível em: [https://salamandre.college-de-france.fr/archives-en-ligne/ead.html?id=FR075CDF\\_00CDF0028-1&c=FR075CDF\\_00CDF0028-1\\_e0000018](https://salamandre.college-de-france.fr/archives-en-ligne/ead.html?id=FR075CDF_00CDF0028-1&c=FR075CDF_00CDF0028-1_e0000018). Acesso em: 25 out. 2017.

## ÉCHOS D'UNE PENSÉE CRÉATRICE : UN COMPTE-RENDU D' « ÉMILE BENVENISTE, 50 ANS APRÈS LES *PROBLÈMES DE LINGUISTIQUE GÉNÉRALE* »

D'OTTAVI, Giuseppe; FENOGLIO, Irène. **Émile Benveniste, 50 ans après les Problèmes de linguistique générale**. Paris: Éditions Rue d'Ulm, 2019.

Giovane Fernandes Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil

*C'est que Benveniste est non seulement un linguiste, non seulement un anthropologue du langage, mais aussi un créateur – ce créateur dont il disait à propos de Saussure : « Il y a chez tout créateur une certaine exigence, cachée, permanente, qui le soutient et le dévore, qui guide ses pensées, lui désigne la tâche, stimule ses défaillances et ne lui fait pas trêve quand parfois il tente de lui échapper ».*

Irène Fenoglio

Un créateur. Avec ce mot, Irène Fenoglio dit d'Émile Benveniste ce qu'il a même dit à propos de Ferdinand de Saussure. En fait, la créativité benvenistienne est mise en évidence par de différents lecteurs du linguiste, qui l'associent à l'inventivité artistique assez souvent. C'est le cas d'Antoine Culioli (1984, p. 78): « Chaque article [des *Problèmes de linguistique générale*] est comme une œuvre d'art »; de Gérard Dessons (2006, p. 15): « l'écriture de Benveniste n'est pas une pose, mais une aventure heuristique, une façon d'explorer poétiquement l'inconnu de la théorie »; de Tzvetan Todorov (2012, p. 186): « Le savant enivré de travail tien de l'artiste, du créateur ».

On écoute des échos de cette pensée créatrice de « le linguiste français le plus célèbre » (p. 10)<sup>1</sup> dans l'ouvrage *Émile Benveniste, 50 ans après les Problèmes de linguistique générale*, dont l'introduction a été retirée

---

<sup>1</sup>Afin de rendre la lecture plus courante, les citations directes présentes dans ce compte-rendu qui appartiennent à l'ouvrage révisé seront accompagnées seulement de la pagination.

de l'épigraphe de ce compte-rendu<sup>22</sup>. Publié par *Éditions Rue d'Ulm*, en 2019, le volume organisé par Giuseppe D'Ottavi et Irène Fenoglio réunit des communications présentées en 2016, par l'occasion de la célébration des cinquante ans de la publication de **Problèmes de linguistique générale** et des quarante ans de la mort d'Émile Benveniste. Ces communications-là, réalisées dans une journée d'études promue par l'équipe « Génétique du texte et théories linguistiques », de l'Institut de textes et manuscrits modernes, en France, sont signées par des spécialistes de l'œuvre benvenistienne de plusieurs nationalités.

Le livre est organisé en deux parties: dans la première, la portée théorique de la pensée benvenistienne est abordée; dans la seconde, un panorama de la diffusion des travaux de l'auteur dans d'autres pays, comme la Chine, le Japon et le Brésil est tracé. L'ouvrage compte aussi avec l'introduction de Fenoglio déjà référée, un postface de Pierre Norra et deux annexes, l'un contenant une liste des interviews de Benveniste conservées dans l'Institut national de l'audiovisuel (archives sonores très rares qui contiennent la voix du linguiste) et l'autre contenant la transcription d'une interview qu'il a donnée à Norra.

La première partie de la collection, intitulée *L'amplitude conceptuelle et théorique d'Émile Benveniste*, inclut les six premiers chapitres.

Dans le premier, *La linguistique générale d'Émile Benveniste. Une épistémologie méthodique et continue*, Irène Fenoglio interroge la linguistique générale benvenistienne dans une discussion intéressante, dont je souligne deux questions. La première concerne le statut de cette linguistique générale, laquelle, selon Fenoglio, caractérise « le rapport entre *les* langues et *la* langue ou, dit autrement, entre les langues et le linguistique ; elle constitue l'essence même de l'activité linguistique » (p. 18, italiques de l'auteur), ce qui promet une réflexion qui, à partir de la diversité des langues (idiomes), cherche à comprendre la nature et le fonctionnement de la langue (système). La deuxième question concerne la vision anthropologique de la linguistique générale benvenistienne, définie par Fenoglio comme « une quasi-anthropologie du langage » (p. 20) qui, d'après l'auteur, se compose non seulement d'une *vision anthropologique du langage*, mais aussi une *vision linguistique de la société*. De cette inclination aux sciences de l'homme, une note manuscrite donne un témoignage sans précédent, mise à la disposition du public par la chercheuse, dans laquelle Benveniste prévoyait : « Penser à

<sup>22</sup> Une version en portugais de ce compte-rendu a été publiée dans la Revista Virtual de Estudos da Linguagem en 2020.

faire un livre qui s'intitulerait : La linguistique dans les sciences humaines » (p. 47). Cette note, en même temps réaffirme son ouverture au dialogue interdisciplinaire déjà connue et nous fait lamenter le fait de ce que ce linguiste unique n'a pas exécuté le projet d'un tel livre.

Dans le deuxième chapitre, *Benveniste et le concept d'induction. Les relations d'interprétation et d'intégration*, Jean Claude-Coquet argumente que Benveniste ne privilégie pas dans ses études la méthode déductive – des faits les plus abstraits, généraux et simples à ceux qui sont plus concrets, particuliers et complexes –, mais la méthode inductive – qui parcourt la direction contraire. Pour soutenir cette thèse, l'auteur invoque les notions benvenistiennes de *rapport d'interprétation* et *rapport d'intégration*, dont, à cause de la limite d'espace, j'aborderai ici seulement la première. D'après Coquet, la réflexion sémiologique de Benveniste se centre dans le fonctionnement de la langue comme système signifiant interprétant de tous les autres: « un double fonctionnement, le fonctionnement 'sémiotique' et le fonctionnement 'sémantique' de la langue. Le sémiotique est alors l'interprétant et le sémantique, l'interprété » (p. 58, guillemets de l'auteur). Cette affirmation, sans doute, provoque l'étrangeté, une fois que Benveniste est claire quand il explique que la langue est le système sémiologique qui interprète tous les autres systèmes y compris soi-même, pas à cause de la possession d'un fonctionnement sémiotique, mais parce qu'il a un fonctionnement à la fois sémiotique et sémantique. Cela caractérise sa double signification (celle du système et celle du discours), vu que les autres systèmes ont une signification unidimensionnelle, ou seulement sémiotique – comme les gestes de politesse – ou seulement sémantique – comme les expressions artistiques. L'affirmation de Coquet à propos du sémiotique comme interprétant et du sémantique comme l'interprété reste donc étrange : les deux sont responsables par la capacité (auto)interprétante de la langue.

Dans le troisième chapitre, *Benveniste et les études indo-européennes*, Georges-Jean Pinault observe le rapport de Benveniste avec les études indo-européennes dans une réflexion dans laquelle on souligne deux aspects. Le premier concerne les affinités intellectuelles de Benveniste, que Pinault se souvient d'appartenir – à côté de Bréal et surtout Saussure et Meillet – à une lignée institutionnelle prestigieuse, l'école linguistique de Paris, caractérisée, d'une part, par les *dimensions systémique* et *sociologique* de la langue et, d'autre part, par les *dimensions théorique* et *générale* de la linguistique. Le deuxième aspect implique le travail sur le terrain de Benveniste, considéré *anthropologique* par Pinault, qui mentionne les recherches benvenistiennes qui ont été réalisées en Iran, en Afghanistan et en Amérique du Nord. À

propos, encore, de la présence du social dans les études de Benveniste, Pinault cite les études indo-européennes du linguiste et il commente que, dans ces travaux, « Benveniste révèle une homologie entre discours et organisation sociale », soulignant « la forme des énoncés, la ritualisation du discours » par « des acteurs de discours, qui sont en même temps des acteurs sociaux » (p. 76).

Dans le quatrième chapitre, *Penser le nombre comme catégorie linguistique. Une recherche inédite d'Émile Benveniste*, Mariarosaria Zinzi essaye de reconstituer les idées benvenistiennes – qui étaient jusqu'à ce moment-là méconnues – sur la question du nombre, et elle le fait en analysant des notes du linguiste écrites pour un cours qu'il a donné en 1939, au Collège de France. Selon Zinzi, en abordant le nombre comme catégorie linguistique, Benveniste part de la « définition traditionnelle du nombre grammatical », mais « innove et, parfois même, bouleverse la tradition », en s'appuyant sur des « considérations de nature linguistique, anthropologique et cognitive » (p. 90). Lors d'une puissante incursion par cette réflexion originale benvenistienne, Zinzi problématise, parmi d'autres, les rapports linguistiques entre le singulier et le pluriel, redimensionnés par Benveniste. À son avis, le singulier ne serait pas le signe de l'*unité* ni le pluriel, le signe de la *multiplicité* : lorsque le singulier attribuerait une notion d'objet individuel, réalisée lors du passage d'un nom de l'*abstrait* au *concret*, du *virtuel* à l'*actuel*, ce qui lui soumettrait aux déterminations contextuelles et restreindrait ses limites, le pluriel ne représenterait pas une multiplication, mais une *façon d'élargissement* du concept mis à jour par le singulier et qui effacerait les limites par celui-ci imposées à ce concept.

Dans le cinquième chapitre, *Pour une théorie benvenistienne de l'écriture. Petite enquête philologico-historique*, Giuseppe D'Ottavi parcourt un chemin qui part de la production benvenistienne sur l'écriture antérieure à 1969 (une production centrée sur l'épigraphie et donc plus historique que théorique), passe brièvement par un panorama des études portant sur l'écriture de Benveniste (études qui se situent dans des courants anthropologiques, sémiologiques ou anthroposémiologiques) et finalement arrive à ce que l'auteur appelle *premières réponses aux dernières questions* de Benveniste. Je souligne deux points de ce parcours, étant le premier l'intérêt historique qui ne fait pas partie de la théorisation benvenistienne : « la position de Benveniste par rapport à l'écriture découle plutôt de la considération de la nature *sémiologique* du système de la langue » (p. 140, italique de l'auteur). Le deuxième point fait référence à l'expression *théorie benvenistienne de l'écriture*, présente dans le titre du chapitre et renforcée tout

au long du texte. À cet égard, nous pourrions nous poser la question : est-ce que Benveniste voulait formuler une théorie de l'écriture ? Si je suis d'accord avec D'Ottavi sur le fait de ce que Benveniste avait une « conception forte, inédite et assez originale de l'écriture » (p. 140), je suis aussi d'accord avec lui quand il montre que l'étude benvenistienne sur l'écriture est « naturellement liée à la sémiologie : elle en est l'extension ou, plus précisément, elle n'est qu'un cas d'application de l'aptitude particulière de la langue envisagée comme système sémiologique *tout puissant* » (p. 125, italiques de l'auteur). À partir de cette dernière citation, nous pourrions ajouter une question à l'antérieure : la pensée benvenistienne sur l'écriture, au lieu d'une théorie du *phénomène scripturaire*, ne serait-elle pas la composante d'une théorisation plus large, à savoir, sa théorisation sémiologique ?

Dans le sixième chapitre, *Questions d'art – terrae incognitae*, Chloé Laplantine réalise un survol aussi bref qu'instigateur sur la réflexion benvenistienne inachevée à l'égard du langage poétique de Baudelaire, duquel je souligne deux idées. La première, de nature théorique, met en scène la question des unités signifiantes et de sa façon de signification dans la *langue de Baudelaire*, dont les mots « ne sont pas des *signes*, mais des *symboles*, des *icônes*, des *images* » (p. 148, italiques de l'auteur), qui ne décrivent pas le réel, mais évoquent correspondances pour le *locuteur-auditeur*. Selon Laplantine, Benveniste a pris connaissance de l'établissement de ces correspondances, dans les poèmes de Baudelaire, par intermédiaire de « processus d'associations signifiantes » (p. 148) qui révèlent qu'il n'y a pas d'objet dans cette poésie, des choses qui existent en elles-mêmes, mais des sentiments suscités chez l'homme. La seconde idée, de nature méthodologique, met en évidence la nécessaire conversion de point de vue que le langage poétique impose au linguiste, dont le regard analytique doit être renouvelé, ainsi que les catégories d'analyse mobilisées dans l'investigation du langage ordinaire.

La deuxième partie du livre, intitulée *Benveniste aujourd'hui dans le monde*, rassemble les cinq derniers chapitres.

Dans le septième chapitre, *Benveniste inconnu ? Petite histoire d'une non-réception américaine*, Émile Fromet de Rosnay critique le silence, par les Américains, de la voix singulière de Benveniste et des « développements qu'il a consacrés à la sémiotique et à la conceptualisation du discours » (p. 156). Selon l'auteur, l'effacement de la présence benvenistienne dans les études anglophones étonne, encore plus si on considère leur utilisation d'auteurs très influencés par le linguiste, tels que Barthes et Kristeva, et le prestige dans ces études d'autres noms français contemporains de Benveniste,

comme Foucault, Derrida et Deleuze. Un point peut-être brumeux de l'argumentation de Rosnay réside dans l'extrait suivant : « Cette lacune est étonnante puisque c'est Benveniste qui a modifié la distinction saussurienne entre langue et parole et celle entre sémiotique et sémantique » (p. 158). Or, si nous nous souvenons que, dans le texte *La forme et le sens dans le langage*, Benveniste (1966/2006, p. 229) cherche à instaurer « dans la langue une division fondamentale, toute différente de celle que Saussure a tentée entre langue et parole », c'est difficile de ne pas trouver étrange la citation antérieure de Rosnay. Après tout, la distinction saussurienne *langue/parole* et la distinction benvenistienne *sémiotique/sémantique* ne sont pas recouvertes théoriquement : lorsque la première est une division que Saussure réalise au cœur du langage, la seconde est une coupure que Benveniste réalise à l'intérieur de la langue. Alors, Benveniste ne semble pas avoir modifié les distinctions *langue/parole* et *sémiotique/sémantique*, comme le veut Rosnay, mais proposé originalement la dernière paire, qui n'existait pas avant lui et qui ne se réduit pas à un avatar de la paire saussurienne.

Dans le huitième chapitre, *Émile Benveniste et le Cercle linguistique de Praga*, Tomáš Koblížek et Eva Krásová explorent les rapports entre Benveniste et le Cercle Linguistique de Prague (CLP), plus précisément les rapports entre le linguiste syro-français et deux membres du CLP. Le premier est Vladimír Skalička, dont la notion de phrase, selon Koblížek et Krásová, est différente de celle de Benveniste, puisque, alors que celui-ci postule un hiatus entre langue et discours et l'impossibilité de la transition directe d'un domaine à l'autre, reconnaissant la phrase comme unité discursive extérieure au système linguistique ; celui-là la voit comme unité discursive intermédiaire entre le mot et le discours, étant tous – mot, phrase et discours – des niveaux d'un seul et unique domaine (la langue), des niveaux distincts les uns des autres en raison d'un degré plus ou moins élevé de restriction et de liberté lors de l'utilisation du système. Le deuxième membre du CLP dont la pensée est comparée à la benvenistienne est Jan Mukařovský, dont le point de vue sur la relation langue-discours se distingue également de celui de Benveniste : selon Koblížek et Krásová, alors que pour Benveniste, la langue détient en elle-même le potentiel de toutes les formes et de tous les sens qui peuvent être mis à jour dans le discours, de sorte que l'utilisation du système linguistique est définie en termes d'*appropriation* ou de *particularisation* du *général* de la langue, pour Mukařovský, cette utilisation est définie en termes de *transgression*, puisque la langue est comprise par lui comme *norme* dont les applications concrètes dans la parole impliquent des modifications constantes dans le système normatif.

Dans le neuvième chapitre, *De la réception à l'actualité d'Émile Benveniste au Brésil. Aspects anthropologiques d'une théorie de l'énonciation*, Valdir do Nascimento Flores organise son exposition en deux parties. La première, plus chronologique, jette un regard rétrospectif sur la lecture des idées de Benveniste par la linguistique brésilienne, dans laquelle Flores signale deux réceptions benvenistiennes dans le pays : une *première réception* (entre les années 1970 et 1990), marquée par une lecture *partielle, dispersée et fragmentée*, sans aperçu du travail du linguiste ; et une *seconde réception* (à partir de la fin des années 1990 et début des années 2000), dans laquelle Benveniste « a cessé d'être cité de seconde main et devient le centre de l'intérêt » (p. 202), étant celui-ci un intérêt qui surpasse sa théorie de l'énonciation pour contempler sa théorie du langage, laquelle subsume la théorie énonciative sans y être réduite. La deuxième partie du chapitre, plutôt théorique, jette une perspective souhaitée sur les idées de Benveniste en contexte brésilien, dans laquelle Flores est d'accord avec d'autres interprètes de la pensée benvenistienne et souligne le caractère anthropologique de celui-ci, en défendant la possibilité de percevoir l'anthropologique chez Benveniste à partir de deux axiomes, l'un étant général (*l'homme dans le langage*) et l'autre spécifique (*l'homme dans la langue*), étant le passage de l'un à l'autre opérationnalisés par Benveniste, lors de ses études, par moyen de la notion de *signifiante*. Pour Flores, Benveniste nous montre que *l'homme dans le langage* se présente *dans la langue* à travers la *signifiante* des formes linguistiques, parmi lesquelles les catégories de personne, non-personne et temps, les études de lexique et culture, la sémiologie de la langue, l'écriture et les structures complexes.

Dans le dixième chapitre, *La réception japonaise de « De la subjectivité dans le langage » d'Émile Benveniste*, Aya Ono thématise les effets de la lecture du célèbre texte benvenistien *De la subjectivité dans le langage* autant chez d'autres auteurs japonais que chez elle-même. En ce qui concerne plus spécifiquement sa relation avec la *problématique de la subjectivité langagière*, qui l'occupe depuis le début de ses lectures de Benveniste, l'auteur se questionne à propos du statut du sujet benvenistien : « S'agit-il d'un sujet ontologique, grammatical, logique ou psychologique ? Ou bien un agglomérat de tout cela ? » (p. 232). Un tel questionnement, si isolément n'ajoute aucune nouveauté aux études autour de Benveniste – dont les exégètes se heurtent souvent à la notion benvenistienne de *sujet* –, est accompagné de bonnes nouvelles offertes par Ono : d'une part, une autre note manuscrite non publiée du linguiste, dans laquelle Benveniste réfléchit à la notion de *l'auteur* ; de l'autre, des citations – recueillies par lui dans des

revues de philosophie – portant sur des questions comme la possession, l'existence et la conscience. Ono décrit ces documents comme précieux « pour ceux qui s'intéressent à la genèse de la problématique du 'sujet parlant' dans la pensée benvenistienne » (p. 228) et conclut son texte de façon provocante : « Mélangées avec des notes sur des questions purement linguistiques, ces citations philosophiques ne nous invitent-elles pas, nous les lecteurs de ce grand linguiste, à saisir de manière plus fine l'articulation entre ses analyses linguistiques et ses conceptions philosophiques ? » (p.232).

Au dernier chapitre du volume, *La réception d'Émile Benveniste en Chine*, Zhaohua Gong distingue trois périodes de réception chinoise des idées benvenistiennes. Selon l'auteur, la première période s'étend de 1954 à 1965 et ne compte que quelques mentions de Benveniste dans les œuvres chinoises, toutes limitées à ses études plus techniques, comme celles destinées à l'indo-européen. La deuxième période – qui, selon Gong, est plus étendue, ayant sa durée de 1978 à 2007 – est caractérisée par le retour en Chine de chercheurs formés en Occident et désireux de diffuser les penseurs occidentaux dans le pays, tels que Benveniste, dont les textes portant sur la linguistique générale commencent à être traduits pendant cette période, bien qu'il y ait peu de personnes connues de l'intellectualité chinoise et qu'ils soient restreints aux articles où il commente la linguistique de Saussure. Enfin, la troisième période, selon Gong, commence en 2008 et se poursuit jusqu'à aujourd'hui, ayant comme point de repère inaugural la traduction des PLG I, à partir de laquelle augmente non seulement le nombre d'articles qui se réfèrent à Benveniste ainsi que l'intérêt pour sa linguistique elle-même, en mettant l'accent sur des questions telles que la relation langue-société, la distinction *sémiotique/sémantique* et même les réflexions récemment connues sur l'écriture et le langage poétique.

Hommage aux cinquante ans des PLG I et aux quarante ans du départ de son remarquable auteur, cet *Émile Benveniste, 50 ans après les* Problèmes de linguistique générale est un formidable ajout à la fortune critique qui, il y a déjà un demi-siècle, se consolide à partir du robuste et de plus en plus surprenant (comme l'attestent les nouveaux manuscrits publiés dans ce volume) héritage théorique benvenistien. Au dépit de ses distinctes et singulières approches – riches en informations et interprétations rétrospectives et prospectives des idées linguistiques de Benveniste –, à toutes et chacune des contributions qui intègrent la collection semblent d'être transversales trois fondements qui, interreliés, pulsent dans le cœur-même de la théorie du langage benvenistienne : a) la *primauté de la subjectivité* ; b) la *primauté de la société* ; c) la *primauté de la signification*.

Ces trois principes, selon l'illustrent de plusieurs façons les textes qui composent l'ouvrage organisé par M. D'Ottavi et Mme Fenoglio, créent une théorisation sans précédent dans le domaine de la linguistique mondiale. Théorisation dont la beauté et la puissance se produisent dans des différentes manifestations de l'homme dans le langage et dans les langues, *dans* et *par* lesquelles il se constitue comme l'être subjectif, social et symbolique qu'il est. Il s'agit, alors, d'une lecture incontournable à tous ceux qui sont intéressés par l'approfondissement de ses connaissances sur l'héritage intellectuel d'Émile Benveniste.

Claudine Normand, dans la préface exquise de son **Saussure**, se réfère au **Cours de linguistique générale** de cette façon : « plutôt que texte posthume on devrait parler de 'paroles' posthumes, écho diffracté dans plusieurs cahiers de notes d'une voix qui, paraît-il, fascinait les auditeurs » (NORMAND, 2009, p. 20, guillemets de l'auteur). Si la voix du maître syro-libanais – retenue, tel que la décrivent ceux qui ont eu l'honneur et le privilège de l'écouter – ne fascinait pas les auditeurs comme celle du maître suisse, certainement fascine ceux qui, dans l'actualité, ont du contact avec elle par intermédiaire de ce qui d'elle demeure : des écrits publiés quand il était encore vivant, des textes établis à titre posthume, des notes manuscrites parfois devenues publiques et même des transcriptions de rares enregistrements phoniques qui préservent cette voix unique dans les études du langage, comme les transcriptions présentes dans le livre commenté ici. Une telle voix résonne dans des œuvres comme celles qui composent ce volume, en écho avec la force créatrice d'une pensée qui reste plus vivante que jamais, inspirant des créations nouvelles et renouvelées.

## RÉFÉRENCES

BENVENISTE, Émile. La forme et le sens dans le langage. In : BENVENISTE, É. **Problèmes de linguistique générale 2**. Paris : Éditions Gallimard, [1966] 1974, p. 215-238.

\_\_\_\_\_. La sémiologie de la langue. In : BENVENISTE, É. **Problèmes de linguistique générale 2**. Paris : Éditions Gallimard, [1966] 1974, p. 43-66.

DESSONS, Gérard. **Émile Benveniste, l'invention du discours**. Paris : Éditions in Press, 2006.

CULIOLI, Antoine. Théorie du langage et théorie des langues. In: SERBAT, G. et all (Orgs.). **Émile Benveniste aujourd'hui I**. Louvain: Peeters, 1984.

NORMAND, Claudine. **Saussure**. Paris: Les Belles Lettres, 2000.

TODOROV, Todorov. Émile Benveniste, le destin d'un savant. In : BENVENISTE, É. **Dernières leçons au Collège de France (1968 et 1969)**. Paris : Seuil/Gallimard, 2012, p. 181-195.

## REMERCIEMENTS

Je remercie au Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores, pour la confiance en m'ordonner le compte-rendu de cet ouvrage important pour la fortune critique benvenistienne et pour m'avoir présenté un exemplaire de ce beau livre.

Je remercie aussi l'amie Rossana Saute Kolodny, par la compétente version en français de ce compte-rendu écrit à l'origine en portugais.